

BLAKE PIERCE

UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE—LIVRO 13

SEM
SAÍDA



SEM SAÍDA

(UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE—LIVRO 13)

B L A K E P I E R C E

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright© 2018 Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto como permitido sob o Copyright Act dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meios, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação sem a autorização prévia do autor. Este ebook está licenciado apenas para seu usufruto pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se gostava de partilhar este ebook com outra pessoa, por favor compre uma cópia para cada recipiente. Se está a ler este livro e não o comprou ou não foi comprado apenas para seu uso, por favor devolva-o e compre a sua cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação do autor ou usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é uma coincidência. Jacket image Copyright Photographee.eu i, usado sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZASSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZANOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)

PRÓLOGO

Morgan Farrell não tinha ideia de onde estava ou de onde acabara de vir. Ela sentia como se estivesse saindo de um nevoeiro profundo e espesso. Algo ou alguém estava bem ali na frente dela.

Ela se inclinou para a frente e viu o rosto de uma mulher olhando para ela. A mulher parecia tão perdida e confusa quanto Morgan.

“Quem é você?” Perguntou à mulher.

O rosto murmurou as palavras em uníssono com ela, e então Morgan percebeu...

Meu reflexo.

Estava olhando para o próprio rosto em um espelho.

Ela se sentiu estúpida por não se reconhecer imediatamente, mas não completamente surpresa.

Meu reflexo.

Ela sabia que estava olhando para o próprio rosto no espelho, mas parecia star olhando uma estranha. Esse era o rosto que ela sempre tivera, o rosto que as pessoas descreviam como elegante e bonito. Agora lhe parecia artificial.

O rosto no espelho não parecia muito... vivo.

Por alguns instantes, Morgan se perguntou se havia morrido. Mas podia sentir sua respiração ligeiramente irregular. Sentiu seu coração batendo um pouco rápido.

Não, ela não estava morta. Mas parecia estar perdida.

Tentou raciocinar.

Onde estou?

O que estava fazendo antes de chegar aqui?

Por estranho que parecesse, era um problema familiar. Essa não era a primeira vez que se encontrava em alguma parte da enorme casa sem saber como tinha chegado lá. Seus ataques de sonambulismo eram causados pelos múltiplos tranquilizantes prescritos pelo médico, além de muito whiskey.

Morgan só sabia de uma coisa - era melhor que Andrew não a visse como estava naquele momento. Não tinha maquiagem e seu cabelo estava desalinhado. Ergueu a mão para retirar uma mecha de cabelo da testa, e então viu...

Minha mão.

Está vermelha.

Está coberta de sangue.

Observou o espanto no rosto refletido.

Depois levantou a outra mão.
Também estava vermelha com sangue.
Com um tremor de repulsa, impulsivamente enxugou as mãos na frente de sua roupa.
Então seu horror aumentou. Tinha acabado de espalhar sangue em sua camisola de seda extremamente cara.
Andrew ficaria furioso se descobrisse.
Mas como iria se limpar?
Olhou ao redor, então apressadamente pegou uma toalha de mão pendurada ao lado do espelho. Enquanto tentava limpar as mãos, viu o monograma...

AF

Essa era a toalha do marido.
Fez um esforço para se concentrar no que a rodeava... as toalhas com monograma... as paredes cintilantes douradas.
Ela estava no banheiro do marido.
Morgan suspirou com desespero.
Suas andanças noturnas já antes a tinham levado ao quarto do marido. Quando o acordava, ficava sempre furioso com ela por violar sua privacidade. E agora percorrera o quarto até o banheiro adjacente.
Estremeceu. Os castigos do marido sempre eram cruéis.
O que ele vai fazer comigo dessa vez? Pensou.
Morgan sacudiu a cabeça, tentando se libertar da névoa mental. Sua cabeça estava doendo e sentiu náuseas. Obviamente, tinha bebido muito e tomado muitos tranquilizantes. E agora, não só tinha sujado de sangue uma das preciosas toalhas de Andrew, como viu que tinha deixado impressões em todo o balcão do banheiro branco. Havia até sangue no chão de mármore.
De onde veio todo esse sangue? Perguntou a si mesma.
Uma possibilidade estranha lhe ocorreu...
Eu tentei me matar?
Não se lembrava de fazer isso, mas parecia possível. Pensara em suicídio mais de uma vez desde que se casara com Andrew. E se alguma vez morresse por sua própria mão, não seria a primeira a fazê-lo naquela casa.
Mimi, a esposa de Andrew antes de Morgan, havia cometido suicídio.
E também seu filho Kirk, em novembro passado.

Quase sorriu com amarga ironia...

Terei tentado continuar a tradição da família?

Deu um passo para trás para se ver melhor a si mesma.

Todo esse sangue...

Mas não parecia estar ferida em lugar algum.

Então de onde viera o sangue?

Ela se virou e viu que a porta que dava para o quarto de Andrew estava aberta.

Ele está lá? Perguntou-se.

Não acordara com o sucedido?

Ficou mais tranquila com essa possibilidade. Se ele estivesse dormindo tão profundamente, talvez ela pudesse fugir sem que ele percebesse a sua presença.

Mas então sufocou um gemido quando percebeu que não ia ser tão fácil. Ainda tinha que limpar todo aquele sangue.

Se Andrew entrasse em seu banheiro e encontrasse aquela bagunça terrível, é claro que ele saberia que ela era de alguma forma culpada.

Sempre era culpada de tudo na opinião dele.

Com o pânico aumentando, começou a limpar o balcão com a toalha. Mas isso não resultou. Tudo o que estava fazendo era espalhar o sangue por todo o lado. Precisava de água para limpar as coisas.

Quase ligou a torneira quando percebeu que o som de água corrente certamente acordaria Andrew. Pensou que talvez pudesse fechar a porta do banheiro suavemente e ligar a água o mais silenciosamente possível.

Ela se arrastou na ponta dos pés pelo enorme banheiro em direção à porta. Quando chegou lá, cautelosamente espreitou para o quarto.

E ficou surpresa com o que viu.

As luzes estavam baixas, mas não havia dúvida de que Andrew estava deitado na cama.

Estava coberto de sangue. Os lençóis estavam cobertos de sangue. Havia até sangue no chão.

Morgan correu para a cama.

Os olhos do marido estavam abertos com uma expressão de terror imóvel.

Ele está morto, Percebeu. Ela não tinha morrido, mas Andrew tinha.

Ele tinha cometido suicídio?

Não, isso era impossível. Andrew não tinha nada além de desprezo por pessoas que tiravam suas próprias vidas - incluindo sua esposa e filho.

"Pessoas não sérias" Costumava ele dizer sobre elas.

E Andrew sempre se orgulhara de ser uma pessoa séria.

E sempre levantara essa questão com Morgan...

"Você é uma pessoa séria?"

Ao olhar mais atentamente, pode ver que Andrew tinha sangrado de muitas feridas diferentes por todo o corpo. E aninhada entre os lençóis encharcados de sangue ao lado de seu corpo, viu uma grande faca de cozinha.

Quem poderia ter feito isso? Morgan se perguntou.

Então, uma estranha e eufórica calma se abateu sobre ela quando percebeu...

Eu finalmente fiz isso.

Eu o matei.

Ela fizera isso em seus sonhos muitas vezes.

E agora, finalmente, ela o fizera de verdade.

Sorriu e disse em voz alta para o cadáver...

"Quem é uma pessoa séria agora?"

Mas ela sabia que não devia aproveitar essa sensação calorosa e agradável. Assassinato era assassinato e ela sabia que tinha que aceitar as consequências.

Mas em vez de medo ou culpa, sentiu uma profunda satisfação.

Ele era um homem horrível. E estava morto. O que quer que tivesse acontecido, valera a pena.

Pegou no telefone ao lado de sua cama com a mão pegajosa e quase discou o 112 antes de pensar...

Não.

Há outra pessoa a quem quero contar primeiro.

Era uma mulher gentil que demonstrara preocupação com seu bem-estar há algum tempo.

Antes de fazer qualquer outra coisa, precisava ligar para aquela mulher e dizer-lhe que não precisava mais se preocupar com a Morgan.

Finalmente, tudo estava bem.

CAPÍTULO UM

Riley notou que Jilly estava se contraindo um pouco em seu sono. A garota de quatorze anos estava no assento ao lado, com a cabeça apoiada no ombro de Riley. O avião já estava no ar há cerca de três horas e demoraria mais algumas horas até que pousassemem Phoenix.

Ela está sonhando? Riley se perguntou.

Se assim fosse, Riley esperava que os sonhos não fossem ruins.

Jilly vivera experiências horríveis durante sua curta vida e ainda tinha muitos pesadelos. Parecia especialmente ansiosa desde que a carta dos serviços sociais de Phoenix tinha chegado, informando que o pai de Jilly queria sua filha de volta. Agora estavam indo para Phoenix para uma audiência que resolveria o assunto de uma vez por todas.

Riley não podia deixar de se preocupar também. O que seria de Jilly se o juiz não permitisse que ela ficasse com Riley?

A assistente social dissera que não esperava que isso acontecesse.

Mas e se ela estivesse errada? Riley se perguntou.

Todo o corpo de Jilly começou a se contrair mais agudamente. Começou a gemer baixinho.

Riley a sacudiu suavemente e disse, “Acorde, querida. Você está tendo um pesadelo.”

Jilly se sentou direita e olhou em frente por um momento. Então começou a chorar.

Riley colocou o braço em volta de Jilly e procurou em sua bolsa por um lenço de papel.

Perguntou, “O que é isso? Com o que você estava sonhando?”

Jilly soluçou por alguns instantes. Então disse, “Não foi nada. Não se preocupe.”

Riley suspirou. Ela sabia que Jilly guardava segredos sobre os quais não gostava de falar.

Acariciou o cabelo escuro da menina e disse, “Você pode me dizer tudo, Jilly. Você sabe disso.”

Jilly enxugou os olhos e assoou o nariz.

Finalmente disse, “Estava sonhando com algo que realmente aconteceu. Alguns anos atrás. Meu pai estava bêbado e estava me culpando como sempre - por minha mãe ir embora, por ele não conseguir manter um emprego. Por tudo. Ele me disse que me queria fora de sua vida. Ele me arrastou pelo braço para um

armário e me jogou para dentro e trancou a porta e..."

Jilly ficou em silêncio e fechou os olhos.

"Por favor, me diga" Disse Riley.

Jilly se sacudiu um pouco e disse, "Eu estava com medo de gritar no início, porque achei que ele me arrastaria de volta e me batia. Ele apenas me deixou lá, como se tivesse esquecido de mim. E depois..."

Jilly reprimiu um soluço.

"Eu não sei quantas horas se passaram, mas tudo ficou bem silencioso. Pensei que talvez ele tivesse acabado por desmaiar ou ido para a cama ou algo assim. Mas ficou assim por muito, muito tempo, e tudo ficou tão silencioso. Finalmente, percebi que ele devia ter saído de casa. Ele fazia isso às vezes. Desaparecia durante dias e eu nunca sabia quando ele voltava ou se voltava."

Riley estremeceu quando tentou imaginar o horror da pobre garota.

Jilly continuou, "Finalmente comecei a gritar e bater na porta, mas é claro que ninguém podia me ouvir e eu não consegui sair. Estava sozinha naquele armário por... Eu ainda não sei quanto tempo. Vários dias, provavelmente. Eu não tinha nada para comer e não conseguia dormir, estava com muita fome e medo. Tive que fazer minhas necessidades ali e depois tive que limpar isso. Comecei a ver e ouvir coisas estranhas no escuro - acho que devem ter sido alucinações. Acho que meio que perdi a cabeça."

Não admira, Pensou Riley com horror.

Jilly disse, "Quando ouvi ruídos na casa de novo, pensei que talvez estivesse apenas ouvindo coisas. Eu gritei e papai veio até o armário e o destrancou. Ele estava completamente sóbrio naquele momento e pareceu surpreso em me ver. "Como você ficou aí?" Disse ele. Ficou aborrecido por me ter metido naquela bagunça e me tratou bem por um tempo depois disso."

A voz de Jilly era quase sussurro, e acrescentou, "Você acha que ele vai ficar com a minha custódia?"

Riley engoliu um nó de ansiedade. Ela deveria compartilhar seus próprios medos com a garota que ela ainda esperava adotar como sua própria filha?

Não conseguia fazer isso.

Em vez disso disse...

"Tenho certeza que não vai."

"É melhor que não" Disse Jilly. "Porque se isso acontecer, eu vou fugir para sempre. Ninguém nunca vai me encontrar."

Riley sentiu um arrepio profundo quando percebeu...

Ela está falando a sério.

Jilly tinha um histórico de fugir de lugares de que não gostava. Riley lembrou muito bem como fora seu primeiro encontro com Jilly. Riley estava trabalhando em um caso envolvendo prostitutas mortas em Phoenix, e encontrou Jilly na cabine de um caminhão em um estacionamento onde prostitutas trabalhavam. Jilly decidira se tornar uma prostituta e vender seu corpo para o dono do caminhão.

Será que ela faria algo tão desesperado de novo? Riley se perguntou.

Riley ficou horrorizada com a ideia.

Enquanto isso, Jilly se acalmara e voltara a adormecer. Riley aninhou a cabeça da menina contra seu ombro novamente. Tentou parar de se preocupar com a data da próxima audiência. Mas não conseguia se livrar do medo de perder Jilly.

Será que Jilly sobreviveria se isso acontecesse?

E se ela sobrevivesse, que tipo de vida teria?

*

Quando o avião aterrou, quatro pessoas esperavam para cumprimentar Riley e Jilly. Uma era um rosto familiar - Brenda Fitch, a assistente social que colocara Jilly ao cuidado de Riley. Brenda era uma mulher esbelta e nervosa com um sorriso caloroso e carinhoso.

Riley não reconheceu as outras três pessoas. Brenda abraçou Riley e Jilly e fez apresentações, começando com um casal de meia-idade, ambos fortes e sorridentes.

Brenda disse, “Riley, penso que não conheça Bonnie e Arnold Flaxman. Eles foram os pais adotivos de Jilly por um curto período depois que você a resgatou.”

Riley assentiu, lembrando como Jilly fugira do casal bem intencionado. Jilly estava determinada a viver somente com Riley. Riley esperava que os Flaxman não tivessem ressentimentos. Mas pareciam gentis e acolhedores.

Brenda então apresentou Riley a um homem alto com uma cabeça longa e de formato estranho, e um sorriso um tanto vazio.

Brenda disse, “Este é Delbert Kaul, nosso advogado. Vamos lá, vamos a algum lugar onde nos possamos sentar e conversar.”

O grupo dirigiu-se então até o café mais próximo. Os adultos tomaram café e Jilly pediu um refrigerante. Quando todos se sentaram, Riley lembrou que o irmão de Bonnie Flaxman era Garret Holbrook, um agente do FBI em Phoenix.

Riley perguntou, "Como está Garrett?"

Bonnie encolheu os ombros e sorriu. "Ah. Garrett é Garrett."

Riley assentiu. Ela se lembrou do agente como um homem bastante taciturno com um comportamento frio. Mas nessa altura estava investigando o assassinato da meia-irmã de Garrett. Ele ficara grato quando ela resolveu o crime e ajudou a colocar Jilly em uma casa de acolhimento com os Flaxman. Riley sabia que ele era um bom homem apesar de aparentar frieza.

Brenda disse a Riley, "Fico feliz que você e Jilly tenham chegado aqui em tão pouco tempo. Eu realmente esperava que estivéssemos finalizando a adoção até agora, mas como escrevi para você em minha carta, nos deparamos com um problema. O pai de Jilly afirma que tomou a decisão de desistir de Jilly sob coação. Não só está contestando a adoção, como está ameaçando acusá-la de sequestro - e a mim como cúmplice."

Examinando alguns documentos legais, Delbert Kaul acrescentou, "O caso dele é bem frágil. Mas não se preocupe com isso. Tenho a certeza de que podemos resolver tudo isso amanhã."

De alguma forma, o sorriso de Kaul não era muito reconfortante para Riley. Havia algo fraco e incerto nele. Deu por si a pensar como ele havia sido designado para o caso.

Riley notou que Brenda e Kaul pareciam ter um relacionamento fácil. Não pareciam ser um casal romântico, mas antes bons amigos. Talvez tivesse sido por isso que Brenda o contratara.

Não necessariamente uma boa razão, Pensou Riley.

"Quem é o juiz?" Riley perguntou.

O sorriso de Kaul desapareceu um pouco quando disse, "Owen Heller. Não seria exatamente a minha primeira escolha, mas foi o melhor que conseguimos dadas as circunstâncias."

Riley reprimiu um suspiro. Ela estava se sentindo cada vez menos segura. Esperava que Jilly não estivesse sentindo o mesmo.

Kaul então discutiu o que o grupo deveria esperar na audiência. Bonnie e Arnold Flaxman iam testemunhar sobre sua própria experiência com Jilly. Eles enfatizariam a necessidade da garota ter um ambiente doméstico estável, que não poderia ter com o pai.

Kaul disse que gostaria que o irmão mais velho de Jilly testemunhasse, mas ele havia desaparecido há muito tempo e Kaul não conseguiu localizá-lo.

Riley deveria testemunhar sobre o tipo de vida que ofereceu a Jilly. Viera para Phoenix armada com todo o tipo de documentação para basear suas

reivindicações, incluindo informações financeiras.

Kaul bateu com o lápis na mesa e acrescentou, “Agora, Jilly, você não precisa testemunhar...”

Jilly interrompeu. "Eu quero. Eu vou."

Kaul pareceu um pouco surpreso com a nota de determinação na voz de Jilly. Riley desejou que o advogado parecesse tão determinado quanto Jilly.

"Bem" Disse Kaul, "vamos considerar isso resolvido".

Quando a reunião terminou, Brenda, Kaul e os Flaxman foram embora juntos. Riley e Jilly alugaram um carro, e depois foram para um hotel próximo onde fizeram o check-in.

*

Assim que se acomodaram no quarto de hotel, Riley e Jilly pediram uma pizza. A TV passava um filme que elas já tinham visto e não prestaram muita atenção. Para alívio de Riley, Jilly não parecia nem um pouco ansiosa agora. Conversaram agradavelmente sobre pequenas coisas, como o próximo ano letivo de Jilly, roupas e sapatos, e celebridades nas notícias.

Riley achava difícil acreditar que Jilly estava em sua vida há tão pouco tempo. As coisas pareciam tão naturais e fáceis entre elas.

Como se sempre tivesse sido minha filha, Pensou Riley. Percebeu que era exatamente como se sentia, mas isso provocou uma renovada explosão de ansiedade.

Terminaria tudo amanhã?

Riley não conseguia pensar em como isso seria.

Elas estavam quase terminando sua pizza quando foram interrompidas por um toque alto do laptop de Riley.

"Oh, deve ser April!" Disse Jilly. "Ela prometeu que falaríamos".

Riley sorriu e deixou Jilly atender a ligação de sua filha mais velha. Riley ouvia as duas garotas conversando como irmãs em que se tinham transformado.

Quando as garotas terminaram de falar, Riley falou com April enquanto Jilly se sentou na cama para assistir TV. O rosto de April parecia sério e preocupado.

Ela perguntou, "Como estão as coisas para amanhã, mamãe?"

Olhando por toda a sala, Riley viu que Jilly se interessara pelo filme novamente. Riley não achava que ela estava ouvindo o que ela e April estavam falando, mas queria ter cuidado.

"Vamos ver" Disse Riley.

April falou em voz baixa para que Jilly não pudesse ouvir.

"Você parece preocupado, mamãe."

"Estou sim" Disse Riley, falando em voz baixa.

"Você vai conseguir, mamãe. Eu sei que você consegue."

Riley engoliu em seco.

"Espero que sim" Disse ela.

Ainda falando baixinho, a voz de April tremia de emoção.

"Nós não podemos perdê-la, mamãe. Ela não pode voltar a esse tipo de vida."

"Eu sei" Disse Riley. "Não se preocupe."

Riley e April se entreolharam em silêncio por alguns instantes. De repente, Riley sentiu-se profundamente comovida com a maturidade que sua filha de quinze anos demonstrava naquele momento.

Ela está realmente crescendo, Riley pensou orgulhosamente.

April finalmente disse, "Bem, eu vou deixar você ir. Ligue para mim assim que souber de alguma coisa."

"Eu vou fazer isso" Disse Riley.

Ela terminou a videochamada e voltou a se sentar na cama com Jilly. O filme estava terminando quando o telefone tocou. Riley sentiu outra onda de preocupação.

Ultimamente, os telefonemas não traziam boas notícias.

Pegou no telefone e ouviu a voz de uma mulher.

"Agente Paige, estou ligando da central telefônica de Quantico.

Recebemos uma ligação de uma mulher em Atlanta e... bem, não sei como lidar com isso, mas ela quer falar diretamente com você."

"Atlanta?" Riley perguntou. "Quem é?"

"O nome dela é Morgan Farrell."

Riley sentiu um calafrio de alarme.

Ela se lembrou da mulher de um caso em que trabalhara em fevereiro. O marido rico de Morgan, Andrew, havia sido suspeito em um caso de assassinato. Riley e seu parceiro, Bill Jeffreys, entrevistaram Andrew Farrell em casa e determinaram que ele não era o assassino que estavam procurando. No entanto, Riley tinha visto sinais de que o homem estava abusando de sua esposa.

Ela silenciosamente havia deixado para Morgan um cartão do FBI, mas nunca lhe tinha ligado.

Eu acho que ela finalmente quer ajuda, Riley pensou, imaginando a

mulher magra, elegante, mas tímida que tinha visto na mansão de Andrew Farrell.

Mas Riley se perguntou - o que poderia ela fazer por alguém em suas atuais circunstâncias?

Na verdade, a última coisa no mundo que Riley precisava agora era outro problema para resolver.

A operadora perguntou, "Você quer que eu faça a ligação?"

Riley hesitou por um segundo e disse, "Sim, por favor."

Em um momento, ouviu o som da voz de uma mulher.

"Olá, estou falando com a agente especial Riley Paige?"

Agora ocorria-lhe - ela não conseguia se lembrar de Morgan ter dito uma única palavra enquanto lá estivesse. Parecia muito apavorada com o marido para falar.

Mas agora não parecia aterrorizada.

Na verdade, parecia bastante feliz.

Será apenas um telefonema de circunstância? Riley se perguntou.

"Sim, fala Riley Paige" Disse ela.

"Bem, eu apenas pensei que lhe devia um telefonema. Você foi muito gentil comigo naquele dia em que visitou nossa casa e me deixou seu cartão, e parecia estar preocupada comigo. Eu só queria que soubesse que já não precisa mais se preocupar comigo. Tudo vai ficar bem agora."

Riley ficou aliviada por saber.

"Fico feliz em ouvir isso" Disse ela. "Você o deixou? Está se divorciando?"

"Não" Disse Morgan alegremente. "Eu matei o filho da mãe."

CAPÍTULO DOIS

Riley sentou-se na cadeira mais próxima, sua mente cambaleando enquanto as palavras da mulher ecoavam na sua cabeça.

"Eu matei o filho da mãe."

Morgan realmente disse isso?

Então Morgan perguntou, "Agente Paige, ainda está aí?"

"Ainda estou aqui" Disse Riley. "Conte-me o que aconteceu."

Morgan ainda soava estranhamente calma.

"O problema é que não tenho a certeza. Tenho andado bastante dopada ultimamente e eu não lembro das coisas que faço. Mas eu matei ele. Estou olhando para o corpo dele deitado na cama e tem ferimentos de faca, e sangrou muito. Parece que o matei com uma faca de cozinha afiada. A faca está ao lado dele."

Riley se esforçou para entender o que estava ouvindo.

Ela se lembrava de como Morgan parecera doentiamente magra. Riley tinha certeza de que ela era anoréxica. Riley sabia melhor do que ninguém como era difícil esfaquear uma pessoa até a morte. Morgan seria fisicamente capaz de fazer uma coisa dessas?

Ouviu Morgan suspirar.

"Peço desculpa por incomodar, mas sinceramente não sei o que fazer a seguir. Será que me poderia ajudar?"

"Você contou a mais alguém? Chamou a polícia?"

"Não."

Riley gaguejou, "Eu vou ... eu vou tratar disso."

"Oh, muito obrigada."

Riley estava prestes a dizer a Morgan para ficar em linha enquanto ela fazia uma outra chamada a partir de seu celular. Mas Morgan desligou.

Riley ficou olhando para o espaço por um momento. Ouviu Jilly perguntar, "Mamãe, tem alguma coisa errada?"

Riley olhou e viu que Jilly parecia profundamente preocupada.

Disse, "Nada para se preocupar, querida."

Então ela pegou o celular e ligou para a polícia em Atlanta.

*

O policial Jared Ruhl sentia-se entediado e inquieto no banco do

passageiro ao lado do sargento Dylan Petrie. Era noite e eles estavam patrulhando um dos bairros mais ricos de Atlanta - uma área onde raramente havia atividade criminosa. Ruhl era novo na polícia e estava ansioso por um pouco de ação.

Ruhl tinha todo o respeito do mundo por seu parceiro e mentor afro-americano. O sargento Petrie estava na polícia há vinte anos ou mais, e era um dos policiais mais experientes da região.

Então, por que estamos nesse ritmo? Ruhl se perguntou.

Como se em resposta à sua pergunta não verbalizada, uma voz feminina insinuou-se no rádio...

"Quatro-Frank-Treze, ouve-me?"

Os sentidos de Ruhl se aguçaram ao ouvir a identificação de seu próprio veículo.

Petrie respondeu, "Ouvimos, fale."

A operadora hesitou, como se não acreditasse no que estava prestes a dizer.

Então disse, "Temos um possível um-oitenta-sete na casa dos Farrell. Vão para a cena."

A boca de Ruhl se abriu e ele viu os olhos de Petrie se arregalarem de surpresa. Ruhl sabia que 187 era o código para um homicídio.

Na casa de Andrew Farrell? Ruhl se perguntou.

Não podia acreditar no que ouvia e Petrie parecia também surpreendido.

"Repita" Disse Petrie.

"Um possível 187 na casa dos Farrell. Podem ir lá?"

Ruhl viu Petrie piscar os olhos com perplexidade.

"Sim" Disse Petrie. "Quem é o suspeito?"

A operadora hesitou novamente, depois disse, "A senhora Farrell."

Petrie ofegou em voz alta e meneou a cabeça.

"Uh ... isso é uma piada?" Perguntou.

"Não é brincadeira."

"Quem é o meu RP?" Petrie perguntou.

O que isso significa? Ruhl perguntou a si mesmo.

Ah sim...

Isso significava, "Quem denunciou o crime?"

A operadora respondeu, "Um agente da UAC ligou de Phoenix, Arizona. Eu sei o quão estranho isso soa, mas..."

A operadora ficou em silêncio.

Petrie disse, "Código Três resposta?"

Ruhl sabia que Petrie estava perguntando se usaria luzes intermitentes e uma sirene.

A operadora perguntou, "A que distância estão do local?"

"Menos de um minuto" Disse Petrie.

"Então é melhor não dar nas vistas. Isso tudo é..."

Sua voz se apagou novamente. Ruhl adivinhou que estava preocupada em não chamarem muita atenção. O melhor era manter a mídia de fora o máximo de tempo possível em relação ao que estivesse realmente acontecendo nesse bairro luxuoso e privilegiado.

Finalmente, a operadora disse, "Verifiquem, ok?"

"Certo," Disse Petrie. "Estamos a caminho."

Petrie carregou no acelerador e percorreram a rua tranquila.

Ruhl olhou espantado ao se aproximarem da mansão Farrell. Nunca tinha estado tão próximo do locale. A casa era enorme e parecia-lhe mais um country club do que a casa de alguém. O exterior estava cuidadosamente iluminado - para proteção, sem dúvida, mas também para mostrar seus arcos e colunas e grandes janelas.

Petrie estacionou o carro em frente da casa e desligou o motor. Ele e Ruhl saíram e foram para a imensa entrada da frente. Petrie tocou a campainha.

Depois de alguns momentos, um homem alto e magro abriu a porta. Ruhl deduziu pelo smoking que vestia e pela sua expressão austera que era o mordomo da família.

Pareceu surpreso ao ver os dois policiais - e nem um pouco satisfeito.

"Posso perguntar sobre o que é tudo isso?" Perguntou.

O mordomo não parecia ter nenhuma ideia de que poderia haver problemas dentro daquela mansão.

Petrie olhou para Ruhl, que percebeu o que seu mentor estava pensando...

Apenas um falso alarme.

Provavelmente uma brincadeira.

Petrie disse ao mordomo, "Podemos falar com o Sr. Farrell, por favor?"

O mordomo sorriu de maneira arrogante.

"Receio que isso seja impossível" Disse ele. "O patrão está dormindo e eu tenho ordens muito rigorosas..."

Petrie interrompeu, "Temos motivos para nos preocupar com sua segurança".

As sobrancelhas do mordomo se ergueram.

"De verdade?" Disse. "Já que insistem, vou ver se está bem. Vou tentar não

acordá-lo. Garanto-lhe que reclamaria de forma bastante vociferante.”

Petrie não pediu permissão para ele e Ruhl seguirem o mordomo até a casa. O lugar era vasto por dentro, com fileiras de colunas de mármore que conduziam a uma escada de carpetes vermelhos com corrimões curvos e elegantes. Ruhl achava cada vez mais difícil acreditar que alguém pudesse morar ali. Parecia mais um set de filmagem.

Ruhl e Petrie seguiram o mordomo pelas escadas e atravessaram um corredor largo até um par de portas duplas.

"A suíte principal" Disse o mordomo. "Espere aqui um momento."

O mordomo transpôs as portas.

Então o ouviram soltar um grito de horror no interior.

Ruhl e Petrie abriram as portas até uma sala de estar e de lá para um enorme quarto.

O mordomo já tinha acendido as luzes. Os olhos de Ruhl quase doeram por um momento do brilho da enorme sala. Então seus olhos viram uma cama coberta de dossel. Como tudo o mais na casa, também era enorme, como algo saído de um filme. Mas, por maior que fosse, era diminuída pelo tamanho do resto do quarto.

Tudo no quarto principal era dourado e branco - exceto o sangue espalhado na cama.

CAPÍTULO TRÊS

O mordomo estava encostado na parede, olhando com uma expressão vítrea. O próprio Ruhl sentiu como se o ar tivesse sido arrancado de seus pulmões.

Ali estava o homem deitado na cama - o rico e famoso Andrew Farrell, morto e coberto de sangue. Ruhl o reconheceu de vê-lo na TV muitas vezes.

Ruhl nunca tinha visto um cadáver assassinado antes. Ele nunca esperou que a visão parecesse tão estranha e irreal.

O que tornou a cena especialmente bizarra foi a mulher sentada em uma cadeira estofada ao lado da cama. Ruhl a reconheceu também. Era Morgan Farrell - anteriormente Morgan Chartier, uma famosa modelo agora aposentada. O homem morto havia transformado o casamento em um evento de mídia e gostava de desfilar em público.

Ela estava usando um vestido fino e de aparência cara, manchado de sangue. Ficou ali imóvel, segurando uma grande faca. Sua lâmina estava ensanguentada e sua mão também.

"Merda" Murmurou Petrie com uma voz atordoada.

Então Petrie falou em seu microfone.

“Operadora, aqui é quatro-Frank-treze ligando da casa dos Farrell. Nós temos aqui um um-oitenta-sete. Envie três unidades, incluindo uma unidade de homicídio. Contate também o médico legista. É melhor dizer ao chefe Stiles para vir até aqui também.

Petrie ouviu a operadora no fone, depois pareceu pensar por um momento.

"Não, não faça disso um Código Três. Precisamos manter isso em silêncio o máximo de tempo possível.”

Durante essa troca, Ruhl não conseguia tirar os olhos da mulher. Ele a achava linda quando a vira na TV. Estranhamente, continuava lhe parecendo bonita naquele momento. Mesmo segurando uma faca ensanguentada na mão, ela parecia tão delicada e frágil quanto uma estatueta de porcelana.

Ela também estava imóvel como se fosse feita de porcelana - tão imóvel quanto o cadáver e, aparentemente, inconsciente de que alguém tinha entrado no quarto. Mesmo seus olhos não se moviam enquanto continuava olhando para a faca em sua mão.

Quando Ruhl seguiu Petrie em direção à mulher, ocorreu-lhe que a cena não mais o lembrava de um set de filmagem.

É mais como uma exposição em um museu de cera, Pensou.

Petrie gentilmente tocou a mulher no ombro e disse, “Sra. Farrell...”
A mulher não pareceu nem um pouco assustada quando olhou para ele.
Sorriu e disse, “Oh, olá. Eu me perguntava quando a polícia iria chegar.”
Petrie colocou um par de luvas de plástico. Ruhl fez o mesmo. Então
Petrie, delicadamente, pegou a faca da mão da mulher e entregou a Ruhl que
cuidadosamente empacotou a arma.

Enquanto faziam isso, Petrie disse à mulher, "Por favor, me diga o que
aconteceu aqui".

A mulher soltou uma risada bastante musical.

“Bem, essa é uma pergunta boba. Eu matei o Andrew. Isso não é óbvio?”

Petrie se virou para olhar para Ruhl, como se perguntasse...

É óbvio?

Por um lado, não parecia haver qualquer outra explicação para essa cena
bizarra. Por outro lado...

Ela parece tão fraca e indefesa, Pensou Ruhl.

Nem conseguia imaginá-la fazendo uma coisa dessas.

Petrie disse a Ruhl, “Vá falar com o mordomo. Descubra o que ele sabe.”

Enquanto Petrie examinava o corpo, Ruhl foi até o mordomo, que ainda
estava agachado contra a parede.

Ruhl disse-lhe, "Senhor, você poderia me dizer o que aconteceu aqui?"

O mordomo abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.

"Senhor" Repetiu Ruhl.

O mordomo apertou os olhos como se estivesse em profunda confusão.
Disse: "Eu não sei. Você chegou e..."

Ficou em silêncio novamente.

Ruhl se perguntou...

Ele realmente não sabe de nada?

Talvez o mordomo estivesse fingindo seu choque e perplexidade.

Talvez ele fosse realmente o assassino.

A possibilidade lembrou Ruhl do velho clichê...

"O mordomo é o culpado."

A ideia podia até ser engraçada em diferentes circunstâncias.

Mas certamente não naquele momento.

Ruhl pensou rápido, tentando decidir que perguntas fazer ao homem.

Ele disse, "Tem mais alguém na casa?"

O mordomo respondeu com uma voz monótona, “Apenas as criadas
internas. Seis ao todo, além de mim, três homens e três mulheres. Certamente

você não acha...?”

Ruhl não sabia o que pensar, pelo menos não ainda.

Perguntou ao mordomo, “É possível que mais alguém esteja na casa em algum lugar? Um intruso, talvez?”

O mordomo abanou a cabeça.

"Não vejo como" Disse ele. "Nosso sistema de segurança é dos melhores."

Isso não é um não, Pensou Ruhl. De repente, ele se sentiu bastante alarmado.

Se o assassino era um intruso, ainda poderia estar em algum lugar da casa?

Ou poderia estar escapando naquele exato momento?

Então Ruhl ouviu Petrie falando no microfone, dando instruções a alguém sobre como encontrar o quarto na enorme mansão.

Poucos segundos depois, o quarto estava cheio de policiais. Entre eles estava o chefe Elmo Stiles, um homem volumoso e imponente. Ruhl também ficou surpreso ao ver o Procurador Distrital, Seth Musil.

O normalmente suave e polido PD parecia desalinhado e desorientado, como se tivesse acabado de sair da cama. Ruhl imaginou que o chefe havia entrado em contato com o Procurador, assim que ouvira as notícias, depois pegara-o e trouxera-o até ali.

O Procurador arquejou de horror pelo que viu e correu em direção à mulher.

"Morgan!" Disse.

"Olá, Seth" Disse a mulher, como se agradavelmente surpresa por sua chegada. Ruhl não ficou especialmente surpreso por Morgan Farrell e um político de alto escalão como o PD se conhecerem. A mulher ainda não parecia estar ciente de muita coisa que estava acontecendo ao seu redor.

Sorrindo, a mulher disse a Musil, “Bem, suponho que é óbvio o que aconteceu. E tenho certeza que você não está surpreso que...”

Musil interrompeu apressadamente.

“Não, Morgan. Não diga nada. Ainda não. Não até estarmos na presença de um advogado.”

O sargento Petrie já estava organizando as pessoas no quarto.

Disse ao mordomo, "Indique-lhes a disposição da casa, cada canto e recanto".

Então disse aos policiais, “Quero que procurem algum intruso ou qualquer sinal de invasão. E falem com a equipa de criados, certifiquem-se de que têm álibis para as últimas horas.”

Os policiais se reuniram em volta do mordomo que agora estava de pé. O mordomo lhes deu instruções e os policiais saíram do quarto. Sem saber mais o que fazer, Ruhl ficou ao lado do sargento Petrie, olhando para a cena horrenda. O Procurador agora estava de pé como que protegendo a mulher sorridente e salpicada de sangue.

Ruhl ainda estava lutando para aceitar o que estava vendo. Lembrou a si mesmo que esse era seu primeiro homicídio. Se perguntou...

Alguma vez estarei envolvido em um tão estranho quanto esse?

Também esperava que os policiais que procuravam na casa não retornassem de mãos vazias. Talvez eles voltassem com o verdadeiro culpado. Ruhl não suportava a idéia de que essa mulher delicada e adorável fosse realmente capaz de matar.

Longos minutos se passaram antes que os policiais e o mordomo retornassem.

Disseram que não tinham encontrado nenhum intruso ou qualquer sinal de que alguém invadira a casa. Encontraram o pessoal que estava no local dormindo em suas camas e não tinham motivos para pensar que algum deles fosse responsável.

O médico legista e sua equipe chegaram e começaram a tratar do corpo. O enorme quarto estava muito cheio agora. Finalmente, a mulher manchada de sangue parecia estar ciente da agitação em seu redor.

Ela se levantou da cadeira e disse ao mordomo, "Maurice, onde estão suas maneiras? Pergunte a essas pessoas boas se gostariam de comer ou beber alguma coisa."

Petrie caminhou em direção a ela, pegando suas algemas.

Ele lhe disse, "Isso é muito gentil da sua parte, mas não será necessário."

Então, num tom extremamente educado e atencioso, começou a ler os direitos de Morgan Farrell.

CAPÍTULO QUATRO

Riley não pôde deixar de se preocupar enquanto a sessão do tribunal se desenrolava.

Até ao momento, tudo parecia estar a correr bem. A própria Riley tinha testemunhado sobre o lar que estava a criar para Jilly, e Bonnie e Arnold Flaxman tinham testemunhado sobre a necessidade absoluta de Jilly ter uma família estável.

Mesmo assim, Riley sentiu-se desconfortável com o pai de Jilly, Albert Scarlatti.

Nunca tinha visto o homem antes daquele dia. A julgar pelo que Jilly lhe contara sobre ele, imaginara um ogre grotesco.

Mas a sua aparência real a surpreendeu.

Seu outrora cabelo preto estava fortemente manchado de cinza e suas feições escuras estavam, como ela esperava, devastadas por anos de alcoolismo. Mesmo assim, parecia perfeitamente sóbrio naquele momento. Estava bem vestido, mas não de forma dispendiosa, e era gentil e agradável com todos com quem conversava.

Riley também se perguntou sobre a mulher sentada ao lado de Scarlatti segurando a sua mão. Também parecia ter vivido uma vida difícil. De outra forma, sua expressão era difícil para Riley decifrar.

Quem é ela? Riley se perguntou.

Tudo o que Riley sabia sobre a esposa de Scarlatti e a mãe de Jilly era que tinha desaparecido há muitos anos atrás. Scarlatti costumava dizer a Jilly que provavelmente morreria.

Não poderia ser ela depois de todos esses anos. Jilly não mostrara nenhum sinal de conhecer essa mulher. Então quem era ela?

Agora era hora de Jilly falar.

Riley apertou a mão de Jilly tranquilizadamente e a jovem adolescente se preparou para testemunhar.

Jilly parecia pequena na grande cadeira de testemunhas. Seus olhos percorreram nervosamente o tribunal, olhando para o juiz, depois estabelecendo contato visual com o pai.

O homem sorriu com o que parecia ser uma sincera afeição, mas Jilly rapidamente desviou o olhar.

O advogado de Riley, Delbert Kaul, perguntou a Jilly como ela se sentia a respeito da adoção.

Riley podia ver todo o corpo de Jilly tremer de emoção.

"É o que eu mais quero na vida" Disse Jilly com uma voz instável. "Eu tenho sido tão, tão feliz vivendo com a minha mamãe..."

"Você quer dizer com a senhora Paige" Kaul disse, gentilmente interrompendo.

"Bem, ela é minha mamãe agora e é como eu a chamo. E a filha dela, April, é minha irmã mais velha. Até começar a viver com elas, não fazia ideia do que seria - ter uma família de verdade para me amar e cuidar de mim."

Jilly parecia estar contendo as lágrimas heroicamente.

Riley não tinha a certeza de que seria capaz de fazer o mesmo.

Então Kaul perguntou, "Você pode contar ao juiz um pouco sobre como era viver com seu pai?"

Jilly olhou para o pai.

Então olhou para o juiz e disse, "Foi horrível".

Disse ao tribunal o que dissera a Riley no dia anterior - como seu pai a trancara em um armário durante dias. Riley estremeceu quando ouviu a história mais uma vez. A maioria das pessoas no tribunal parecia profundamente afetada com aquele relato. Até o pai de Jilly baixou a cabeça.

Quando terminou, Jilly estava lavada e em lágrimas.

"Até minha nova mãe entrar na minha vida, todos que eu amava acabaram por me deixar. Não suportavam viver com o pai porque ele era tão ruim para eles. Minha mãe, meu irmão mais velho - até meu cachorrinho, Darby, fugiu.

A garganta de Riley se contraiu. Ela se lembrou de Jilly chorando quando falara do cachorrinho que tinha perdido há muitos meses atrás. Jilly ainda se preocupava com o que tinha acontecido com Darby.

"Por favor" Disse ela ao juiz. "Por favor, não me envie de volta para isso. Estou muito feliz com minha nova família. Não me leve para longe deles."

Jilly então sentou-se novamente ao lado de Riley.

Riley apertou a mão dela e sussurrou, "Você esteve muito bem. Estou orgulhosa de você."

Jilly assentiu e enxugou as lágrimas.

Em seguida, o advogado de Riley, Delbert Kaul, apresentou ao juiz todos os documentos necessários para finalizar a adoção. Ele estava enfatizando especialmente o formulário de consentimento assinado pelo pai de Jilly.

Tanto quanto Riley poderia dizer, Kaul estava fazendo um trabalho razoavelmente completo com a apresentação. Mas sua voz e seus modos eram pouco inspiradores, e o juiz, um homem robusto e carrancudo, com olhos

pequenos e redondos, não parecia nada impressionado.

Por um momento, a mente de Riley voltou ao telefonema bizarro que recebera no dia anterior de Morgan Farrell. Claro que Riley entrou em contato com a polícia em Atlanta imediatamente. Se o que a mulher dissera fosse verdade, então certamente ela já estaria sob custódia. Riley não pôde deixar de imaginar o que realmente acontecera.

Seria realmente possível que a frágil mulher que conhecera em Atlanta tivesse cometido um homicídio?

Não é hora de pensar em tudo isso, lembrou a si mesma.

Quando Kaul terminou sua apresentação, o advogado de Scarlatti se levantou.

Jolene Paget era uma mulher de trinta e poucos anos, cujos lábios pareciam ter um leve mas constante sorriso.

Ela disse ao advogado, "Meu cliente deseja contestar essa adoção".

O juiz assentiu e rosnou, "Eu sei que sim senhora Paget. É melhor que seu cliente tenha um bom motivo para querer mudar sua própria decisão."

Riley imediatamente percebeu que, ao contrário de seu próprio advogado, Paget não precisava de notas. Também ao contrário de Kaul, sua voz e comportamento exalavam autoconfiança.

Ela disse, "Sr. Scarlatti tem uma boa razão, Meritíssimo. Ele deu seu consentimento sob coação. Ele estava passando por um momento especialmente difícil e não tinha um emprego. E sim, ele estava bebendo naquela época. E estava deprimido."

Paget acenou com a cabeça na direção de Brenda Fitch, que também estava sentada no tribunal, e acrescentou, "Ele foi vítima fácil da pressão do pessoal dos serviços sociais, especialmente dessa mulher. Brenda Fitch ameaçou acusá-lo de crimes e delitos inteiramente inventados."

Brenda soltou um suspiro de indignação. Disse a Paget, "Isso não é verdade e você sabe disso."

O sorriso de Paget se alargou quando disse, "Meritíssimo, poderia impedir a senhora Fitch de interromper?"

"Por favor, silêncio, senhora Fitch" Disse o juiz.

Paget acrescentou, "Meu cliente também deseja acusar a senhora Paige de sequestro - com a Sra. Fitch como cúmplice".

Brenda soltou um gemido audível de desgosto, mas Riley se forçou a ficar quieta. Ela sabia que Paget iria seguir esse caminho.

O juiz disse, "Senhora Paget, não apresentou quaisquer provas de sequestro.

Quanto às ameaças e coação que mencionou, não ofereceu nenhuma prova ou evidência de sua concretização. Não disse nada que me convencesse de que o consentimento inicial do seu cliente não deveria permanecer."

Então Albert Scarlatti levantou-se.

"Posso dizer algumas palavras em meu nome, Meritíssimo?" Implorou.

Quando o juiz assentiu, Riley ficou preocupada.

Scarlatti baixou a cabeça e falou em voz baixa e calma.

"O que Jilly lhe contou agora sobre o que eu fiz com ela... sei que parece horrível. E Jilly, sinto muito por isso. Mas a verdade é que não é exatamente assim que aconteceu."

Riley teve que se impedir para não o interromper. Ela tinha certeza de que Jilly não mentira.

Albert Scarlatti riu um pouco tristemente. Um sorriso caloroso se espalhou por suas feições desgastadas.

"Jilly, com certeza você vai admitir que tem sido difícil de criar. Você pode ser um desafio, filhinha. Você tem um temperamento especial e às vezes fica completamente fora de controle, e eu não sabia o que fazer naquele dia. Do jeito que eu me lembro, eu estava simplesmente desesperado quando te coloquei naquele armário."

Encolheu os ombros e continuou, "Mas não foi como você disse. Eu nunca teria feito você passar por algo assim por dias. Nem mesmo por algumas horas. Eu não estou dizendo que você não está sendo verdadeira, apenas que sua imaginação às vezes leva a melhor. E eu entendo isso."

Então Scarlatti voltou sua atenção para os outros no tribunal.

Ele disse, "Muita coisa aconteceu desde que perdi minha pequena Jilly. Estive em reabilitação e frequento regularmente os AA, e não bebo há meses. Espero nunca mais beber para o resto da minha vida. E tenho um trabalho estável - nada realmente impressionante, apenas trabalho de zeladoria, mas é um bom trabalho, e posso lhe dar uma referência do meu patrão em como me estou saindo muito bem."

Então ele tocou no ombro da misteriosa mulher que estava sentado a seu lado.

"Mas houve outra grande mudança na minha vida. Eu conheci Barbara Long, a mulher mais maravilhosa do mundo, e ela é a melhor coisa que já me aconteceu. Estamos noivos e vamos casar no final deste mês."

A mulher sorriu para ele com olhos brilhantes.

Scarlatti falou diretamente para Jilly naquele momento.

“Isso mesmo, Jilly. Não há mais famílias monoparentais. Você vai ter um pai e uma mãe - uma mãe de verdade depois de todos esses anos.”

Riley sentiu como se uma faca tivesse sido cravada em seu peito.

Jilly acabou de dizer que sou a mãe dela de verdade, Pensou. Mas o que poderia dizer sobre essa falha monoparental? Estava divorciada de Ryan antes mesmo de encontrar Jilly.

Scarlati então dirigiu sua atenção para Brenda Fitch.

Disse, “Senhora Fitch, minha advogada acabou de dizer algumas coisas bem difíceis sobre você. Eu só quero que saiba que eu não guardo ressentimentos. Você tem feito o seu trabalho e eu sei disso. Eu só quero que saiba o quanto eu mudei.”

Então olhou Riley diretamente nos olhos.

"Senhora Paige, eu não guardo ressentimentos contra você também. De fato, sou grato por tudo que fez para cuidar de Jilly enquanto eu estava tentando me recuperar. Eu sei que não deve ter sido fácil para você, sendo solteira e tudo. E com uma adolescente sua para cuidar.”

Riley abriu a boca para protestar, mas Albert continuou falando calorosamente. "Eu sei que você se importa com ela, e não precisa se preocupar. Eu serei um bom pai para Jilly a partir de agora. E eu quero que continue fazendo parte da vida de Jilly.”

Riley ficou chocada. Agora percebia por que sua advogada ameaçara acusá-la de sequestro.

É um clássico bom policial, policial ruim.

Jolene Paget se apresentara como uma advogada preparada para fazer qualquer coisa para ganhar seu caso. Limpou o caminho para Scarlati ser o cara mais legal do mundo.

E ele fora muito convincente. Riley não pôde deixar de se perguntar...

Será que ele afinal é realmente um cara legal?

Estaria a passar realmente por um mau bocado?

Pior de tudo - estaria errada em tentar tirar-lhe Jilly? Será que estaria apenas a acrescentar um trauma desnecessário à vida de Jilly?

Finalmente Scarlati olhou suplicante para o juiz.

“Meritíssimo, peço-lhe, por favor, deixe-me ter minha filha de volta. Ela é minha carne e sangue. Não vai se arrepender da sua decisão. Eu prometo.”

Uma lágrima escorreu por sua bochecha quando se sentou de novo.

Sua advogada se levantou, parecendo mais orgulhosa e confiante do que nunca.

Falou com Jilly com um tom de falsa sinceridade.

“Jilly, espero que entenda que seu pai quer apenas o que é melhor para você. Eu sei que teve problemas com ele no passado, mas me diga a verdade agora – isso não é um padrão em você?”

Jilly pareceu intrigada.

Paget continuou, "Eu tenho certeza que você não vai negar que fugiu de seu pai e foi assim que Riley Paige encontrou você."

Jilly disse, "Eu sei, mas isso foi porque..."

Paget interrompeu, apontando para os Flaxman.

"E você também não fugiu desse belo casal quando eles te levaram?"

Os olhos de Jilly se arregalaram e assentiu silenciosamente.

Riley engoliu em seco. Ela sabia o que Paget ia dizer em seguida.

"E não fugiu da senhora Paige e sua família?"

Jilly assentiu e baixou a cabeça miseravelmente.

E é claro que era verdade. Riley lembrou muito bem o quão difícil tinha sido para Jilly se adaptar à vida em sua casa e, especialmente, como lutou com sentimentos de indignidade. Em um momento especialmente fraco, Jilly correu para outra parada de caminhões, pensando que vender seu corpo era a única coisa para que servia.

"*Eu não sou ninguém*" Jilly disse a Riley quando a polícia a trouxe de volta.

A advogada fizera sua pesquisa bem, mas Jilly mudara muito desde então. Riley tinha a certeza de que aqueles dias de insegurança tinham acabado.

Ainda mantendo um tom de profunda preocupação, Paget disse a Jilly...

“Cedo ou tarde, querida, você precisa aceitar a ajuda de pessoas que se preocupam com você. E agora, seu pai quer lhe dar uma vida mais do que qualquer outra coisa. Acho que você lhe devia dar uma chance de fazer isso.”

Voltando-se para o juiz, Paget acrescentou, "Meritíssimo, deixo o assunto para sua decisão".

Pela primeira vez, o juiz pareceu genuinamente comovido.

Ele disse, “Sr. Scarlatti, seus comentários eloquentes me forçaram a reconsiderar minha decisão.

Riley ofegou em voz alta.

Isso está realmente acontecendo?

O juiz continuou, “O estatuto do Arizona é muito claro em relação à separação. A primeira consideração é a aptidão dos pais. A segunda consideração é o melhor interesse da criança. Somente se o pai for considerado

inapto pode a segunda consideração ser posta em questão.”

Ele parou para pensar por um momento.

"A incapacidade do Sr. Scarlatti não foi estabelecida aqui hoje. Acho que, pelo contrário, ele parece estar fazendo tudo o que pode para se tornar um excelente pai”.

Parecendo alarmado, Kaul levantou-se e falou agudamente.

“Meritíssimo, eu me oponho. Sr. Scarlatti desistiu de seus direitos voluntariamente, e isso é completamente inesperado. Não havia qualquer motivo para trazer provas para estabelecer sua inaptidão”.

O juiz falou com uma nota de finalização e bateu o martelo.

“Então não tenho razão para considerar mais nada. A custódia é concedida ao pai, com efeito imediato.”

Riley não pôde deixar escapar um grito de desespero.

Isso é real, Pensou.

Eu estou perdendo Jilly.

CAPÍTULO CINCO

Riley estava quase hiperventilando enquanto tentava entender o que estava acontecendo.

Certamente eu posso contestar essa decisão, Pensou.

A agência e o advogado poderiam facilmente reunir alguma evidência sólida do comportamento abusivo de Scarlatti.

Mas o que aconteceria nesse meio tempo?

Jilly nunca ficaria com o pai. Ela fugiria novamente - e desta vez poderia realmente desaparecer.

Riley podia nunca mais ver sua filha mais nova.

Ainda sentado, o juiz disse a Jilly, “Mocinha, acho que deveria ir ter com seu pai agora”.

Para surpresa de Riley, Jilly parecia totalmente calma.

Ela apertou a mão de Riley e sussurrou...

"Não se preocupe, mamãe. Vai correr tudo bem."

Caminhou até onde Scarlatti e sua noiva estavam agora de pé. O sorriso de Albert Scarlatti parecia caloroso e acolhedor.

Assim que o pai estendeu os braços para abraçá-la, Jilly disse, "Tenho algo a dizer para você".

Uma expressão curiosa atravessou o rosto de Scarlatti.

Jilly disse, "Você matou meu irmão".

“O q-quê?” Scarlatti gaguejou. “Não, isso não é verdade e você sabe disso. Seu irmão Norbert fugiu. Eu já te disse muitas vezes...”

Jilly o interrompeu.

“Não, eu não estou falando do meu irmão mais velho. Eu nem me lembro dele. Estou falando do meu irmãozinho.”

"Mas você nunca teve um..."

“Não, eu nunca tive um irmãozinho. Porque você o matou.”

A boca de Scarlatti se abriu e seu rosto ficou vermelho.

Com a voz tremendo de raiva, Jilly continuou, “Parece que você acha que não me lembro da minha mãe, porque eu era muito pequena quando ela foi embora. Mas eu lembro. Eu lembro que ela estava grávida. Eu lembro de você gritando com ela. Você bateu no estômago dela. Eu vi você fazer isso muitas vezes. Então ela ficou doente. E depois já não estava mais grávida. Ela me disse que era um menino e ele seria meu irmão mais novo, mas você o matou.”

Riley ficou desconcertada com o que Jilly estava dizendo. Ela não tinha

dúvidas de que cada palavra era verdadeira.

Eu gostaria que ela me tivesse contado, Pensou.

Mas é claro que Jilly deve ter achado muito doloroso falar sobre isso até esse momento.

Jilly agora estava chorando. Ela disse, “Mamãe chorou muito quando me contou. Ela disse que tinha que ir embora ou você a mataria mais cedo ou mais tarde. E ela foi embora. E nunca mais a vi.”

O rosto de Scarlatti estava reduzido a uma expressão feia. Riley podia ver que ele estava lutando com sua raiva.

Ele rosnou, "Garota, você não sabe do que está falando. Você está imaginando tudo.”

Jilly disse, “Ela estava usando seu lindo vestido azul naquele dia. Aquele que mais gostava. Veja, eu lembro. Eu vi tudo.”

As palavras de Jilly eram uma torrente desesperada.

“Você mata tudo e todos, mais cedo ou mais tarde. Você não pode evitar. Eu aposto que até mentiu quando me disse que meu cachorrinho tinha fugido. Você provavelmente matou Darby também.”

Agora Scarlatti estava tremendo todo.

As palavras de Jilly continuavam fluindo, “Minha mãe fez a coisa certa fugindo e espero que esteja feliz, onde quer que esteja. E se ela está morta, bem, está melhor do que estaria com você.”

Scarlatti soltou um rugido de fúria. "Cale a boca, sua cabra!"

Ele agarrou Jilly pelo ombro com uma mão e lhe deu um tapa no rosto com a outra.

Jilly gritou e tentou se afastar dele.

Riley levantou-se indo na direção de Scarlatti. Antes de chegar junto a ele, dois seguranças agarraram o homem pelos braços.

Jilly se libertou e correu para Riley.

O juiz bateu o martelo e tudo ficou silencioso. Olhou ao redor do tribunal como se não pudesse acreditar no que acabara de acontecer.

Por um momento, limitou-se a respirar pesadamente.

Então olhou para Riley e disse, “Senhora Paige, penso que lhe devo um pedido de desculpas. Tomei a decisão errada agora e a anulo.”

Olhou para Scarlatti e acrescentou, “Volte a falar e coloque-o na prisão.”

Olhando para os outros na sala, o juiz disse com firmeza, “Não haverá mais audiências. Esta é a minha determinação final sobre essa adoção. A custódia é concedida à mãe adotiva”.

Ele bateu novamente o martelo, se levantou e saiu do tribunal sem dizer mais nada.

Riley se virou e olhou para Scarlatti. Seus olhos escuros estavam furiosos, mas os dois seguranças ainda estavam de pé ao lado dele. Ele olhou para sua noiva, que parecia horrorizada. Então Scarlatti baixou a cabeça e ficou ali em silêncio.

Jilly se jogou nos braços de Riley, soluçando.

Riley a abraçou e disse, "Você é uma garota corajosa, Jilly. Eu nunca te vou deixar, não importa o que aconteça. Pode contar com isso."

*

A bochecha de Jilly ainda estava ardendo enquanto Riley discutia alguns detalhes com Brenda e o advogado. Mas parecia um bom tipo de dor e ela sabia que logo iria embora. Ela dissera a verdade sobre algo que guardara para si mesma por muito tempo. Como resultado, estava livre de seu pai para sempre.

Riley, sua nova mãe, levou-a de volta ao quarto de hotel, onde fizeram as malas rapidamente e dirigiram para o aeroporto. Chegaram com tempo de sobra para o voo de volta para casa e checaram suas malas para que não tivessem que carregá-las. Depois foram juntas ao banheiro.

Jilly ficou olhando no espelho enquanto sua mãe estava fazendo suas necessidades.

Um ligeiro hematoma estava se formando na parte lateral de seu rosto, onde o pai a atingira. Mas tudo ficaria bem agora.

Seu pai nunca mais poderia machucá-la. E tudo porque ela contara finalmente a verdade sobre seu irmão perdido. Só fora preciso isso para transformar tudo em volta.

Ela sorriu um pouco quando se lembrou da mãe dizendo para ela...

"Você é uma garota corajosa, Jilly."

Sim, pensou Jilly. Eu acho que sou muito corajosa.

CAPÍTULO SEIS

Quando Riley saiu do banheiro, não viu Jilly em lado nenhum.

A primeira coisa que sentiu foi um lampejo de raiva.

Ela se lembrava de ter dito claramente a Jilly...

“Espere do lado de fora da porta. Não vá a lugar nenhum.”

E agora não a via.

Aquela garota, Pensou Riley.

Não estava preocupada em perder o voo. Tinham muito tempo antes de embarcare. Mas esperava fazer as coisas com calma depois de um dia tão difícil. Planejou que passassem pela segurança, encontrassem seu portão de embarque e depois um bom lugar para comer.

Riley suspirou com desânimo.

Mesmo depois das ações corajosas de Jilly no tribunal, Riley não pôde deixar de se decepcionar com essa nova demonstração de imaturidade.

Ela sabia que se fosse procurar por Jilly no grande terminal, provavelmente se desencontrariam outra vez. Procurou um lugar para sentar e esperar que Jilly voltasse, o que certamente faria mais cedo ou mais tarde.

Mas enquanto Riley olhava ao redor do grande terminal, teve um vislumbre de Jilly passando por uma das portas de vidro que levavam ao exterior.

Ou pelo menos ela achava que era Jilly - era difícil ter a certeza de onde Riley estava.

E quem era aquela mulher com quem a garota parecia estar?

Parecia Barbara Long, a noiva de Albert Scarlatti.

Mas as duas pessoas desapareceram rapidamente entre os viajantes que circulavam do lado de fora.

Riley sentiu um arrepio de apreensão. Seus olhos estavam a enganando? Não, ela agora tinha certeza do que tinha visto.

Mas o que estava acontecendo? Por que Jilly iria a algum lugar com aquela mulher?

Riley levantou-se. Ela sabia que não havia tempo para entender aquilo. Andando rapidamente, instintivamente tocou na arma que usava em seu coldre de ombro.

Foi parada por um segurança uniformizado que se colocou na frente dela.

Ele falou com uma voz calma e profissional. "Você está sacando uma arma, minha senhora?"

Riley soltou um gemido de frustração.

Disse, "Não tenho tempo para isso."

Poderia dizer pela expressão do segurança que só confirmou sua suspeita.

Ele sacou sua própria arma e se aproximou dela. Pelo canto do olho, Riley viu que outro segurança tinha visto a atividade e também estava se aproximando.

"Deixe-me passar" Disse Riley, mostrando as duas mãos. "Eu sou uma agente do FBI."

O segurança com a arma não respondeu. Riley calculou que ele não acreditava nela. E ela sabia que ele fora treinado para não acreditar nela. Estava apenas fazendo o seu trabalho.

O segundo segurança parecia prestes a abordá-la.

Riley estava perdendo tempo precioso. Dado seu treinamento superior, calculou que provavelmente poderia desarmar o segurança com a arma antes que ele pudesse disparar. Mas a última coisa que ela precisava agora era entrar em um desentendimento desnecessário com um par de seguranças bem-intencionados.

Forçando-se a ficar parada, ela disse, "Olhe, deixe-me mostrar-lhe minha identidade".

Os dois seguranças se entreolharam cautelosamente.

"OK" Disse o segurança com a arma. "Mas devagar."

Riley cuidadosamente retirou seu distintivo e mostrou para eles.

Suas bocas se abriram.

"Estou com pressa" Disse Riley.

O segurança à frente dela assentiu e guardou sua arma no coldre.

Grata, ela correu pelo terminal e correu pelas portas de vidro para o lado de fora.

Riley olhou ao redor. Nem Jilly, nem a mulher se avistavam.

Mas então viu o rosto da filha na janela traseira de um SUV. Jilly pareceu alarmada e suas mãos pressionavam o vidro.

Pior ainda, o veículo estava começando a se afastar.

Riley começou a correr desesperadamente.

Felizmente, o SUV parou. Um veículo à frente dele parou para os pedestres e o SUV ficou encurralado atrás dele.

Riley chegou ao lado do motorista antes que o SUV pudesse se afastar novamente.

E lá estava Albert Scarlatti no banco do motorista.

Ela pegou a arma e apontou pela janela, diretamente para a cabeça dele.

"Acabou, Scarlatti" Gritou.

Mas antes que ela percebesse, Scarlatti abriu a porta, batendo nela. A arma caiu de sua mão e ficou no chão.

Riley estava furiosa agora - não apenas com Scarlatti, mas com si mesma por julgar mal a distância entre ela e a porta. Pela primeira vez, deixou o pânico apoderar-se de si.

Mas recuperou sua audácia em uma fração de segundo.

Este homem não ia fugir com Jilly.

Antes que Scarlatti pudesse fechar a porta de novo, Riley enfiou o braço dentro para bloqueá-lo. Embora a porta batesse em seu braço dolorosamente, não pôde fechar.

Riley abriu a porta e viu que Scarlatti não se dera ao trabalho de apertar o cinto de segurança.

Ela agarrou-o pelo braço e o arrastou, amaldiçoando e lutando, para fora do carro.

Ele era um homem grande e mais forte do que ela esperava. Ele se soltou dela e levantou o punho para dar um soco no seu rosto. Mas Riley foi mais rápida. Ela bateu com força no plexo solar e ouviu o ar expelido de seus pulmões quando ele se curvou para a frente. Então ela bateu na parte de trás da cabeça dele.

Ele caiu de cara no chão.

Riley pegou sua arma e a colocou de volta em seu coldre.

Por essa altura, vários seguranças já estavam à sua volta. Felizmente, um deles era o homem que ela enfrentara dentro do terminal.

"Tudo bem" Gritou o homem para os outros seguranças. "Ela é do FBI."

Os seguranças preocupados obedientemente mantiveram a distância.

Agora Riley ouviu Jilly gritar de dentro do carro...

"Mamãe! Abra atrás!"

Quando Riley se aproximou do veículo, viu que a mulher, Barbara Long, estava sentada no banco do passageiro, parecendo apavorada.

Sem uma palavra, Riley tocou o botão de desbloqueio que controlava todas as portas.

Jilly saiu do carro.

Barbara Long abriu a porta do seu lado, olhando como se esperasse escapar. Mas um dos seguranças a deteve antes que ela pudesse se esgueirar.

Parecendo totalmente derrotado, Scarlatti tentava erguer-se.

Riley se perguntou...

O que devo fazer com esse cara? Prendê-lo? E ela?

Parecia uma perda de tempo e energia. Além disso, ela e Jilly podiam ficar presas ali em Phoenix durante dias para apresentar queixa contra ele.

Enquanto tentava se decidir, ouviu a voz de Jilly atrás dela...

"Mamãe, olha!"

Riley se virou e viu Jilly segurando um pequeno cão de orelhas grandes em seus braços.

"Você poderia deixar esse ex-pai ir" Disse Jilly, com um sorriso travesso. "Afinal, ele trouxe meu cachorro de volta. Não foi legal?"

"Isso..." Riley balbuciou espantada, tentando lembrar o nome do filhote de cachorro que Jilly tinha falado.

"Este é o Darby" Disse Jilly com orgulho. "Agora pode ir para casa com a gente."

Riley hesitou por um longo momento, então sentiu seu rosto se abrir em um sorriso.

Olhou para os guardas e disse, "Lide com esse cara como quiser. E com a namorada dele também. Minha filha e eu temos um avião para pegar."

Riley levou Jilly e o cachorro para longe dos seguranças perplexos.

"Vamos" Disse ela para Jilly. "Temos que encontrar uma transportadora de animais de estimação. E explicar isso para a companhia aérea."

CAPÍTULO SETE

Quando seu avião aterrou em DC, Riley estava sentada com Jilly aconchegada em seu ombro, cochilando. Até o cachorrinho, nervoso e chorão no início do voo, se acomodara rapidamente. Darby estava enrolado e dormindo em silêncio na transportadora que compraram apressadamente da companhia aérea. Jilly explicou a Riley que Barbara Long a abordara do lado de fora do banheiro e a convencera a ir com ela para pegar Darby, alegando que odiava cachorros e queria que Jilly ficasse com ele. Quando chegou ao carro, Barbara empurrou-a para dentro e trancou as portas, e arrancaram.

Agora que toda a provação acabara, Riley se viu pensando novamente sobre aquele telefonema estranho de Morgan Farrell na noite passada...

"Eu matei o filho da mãe" Dissera Morgan.

Riley ligou para a polícia de Atlanta imediatamente, mas não tinha notícias desde então e não teve tempo de checar e descobrir o que tinha acontecido.

Ela se perguntou – Estaria Morgan a dizer a verdade ou Riley tinha mandado a polícia a um alarme falso?

Morgan estava agora sob custódia?

Toda a ideia da mulher de aparência frágil matando uma pessoa ainda parecia muito difícil de acreditar para Riley.

Mas Morgan tinha sido muito insistente.

Riley lembrou-se dela dizendo...

"Eu estou olhando para o corpo dele deitado na cama, e ele tem ferimentos de faca, e sangrou muito."

Riley sabia muito bem que mesmo as pessoas mais amigáveis e improváveis poderiam ser levadas a extremos violentos. Isso geralmente acontecia por causa de alguma reviravolta em sua própria constituição, algo reprimido e oculto que explodia sob circunstâncias extremas, levando-os a cometer atos aparentemente desumanos.

Morgan também disse a ela, *"Eu tenho sido bastante drogada ultimamente"*.

Talvez Morgan tivesse apenas fantasiado ou alucinado a coisa toda.

Riley lembrou a si mesma...

O que aconteceu, não é da minha conta.

Era hora de se concentrar em sua própria família, que agora incluía duas filhas - e para surpresa de Riley, um cachorro.

E não era hora de voltar ao trabalho?

Mas Riley não pôde deixar de pensar que depois dos dramas de tribunais e aeroportos daquele dia, talvez merecesse um bom descanso. Não deveria tirar mais um dia de folga antes de voltar para Quantico?

Riley suspirou quando percebeu...

Provavelmente não.

Seu trabalho era importante para ela. Ela pensou que poderia ser importante para o mundo em geral. Mas então, pensar dessa maneira a preocupava. Que tipo de mãe trabalhava todos os dias perseguindo os monstros mais cruéis, às vezes encontrando mais do que um pouco de monstro em si mesma no processo?

Ela sabia que às vezes não conseguia evitar levar seu trabalho desagradável para casa, às vezes até da pior maneira possível. Seus casos algumas vezes colocavam a vida de pessoas que ela amava em perigo.

Mas é o que eu faço, Pensou.

E no fundo, ela sabia que era um bom trabalho que precisava ser feito. De alguma forma, ela devia às filhas continuar fazendo isso - não apenas para protegê-las dos monstros, mas também para mostrar como os monstros podiam ser derrotados.

Ela precisava continuar sendo um exemplo para elas.

É melhor assim, Pensou.

Quando o avião parou na pista, Riley deu uma pequena sacudida em Jilly.

"Acorde, dorminhoca" Disse ela. "Chegámos."

Jilly resmungou um pouco e depois seu rosto se abriu em um sorriso quando viu o cachorro. Darby tinha acabado de acordar e estava olhando para Jilly e abanando a cauda alegremente.

Então Jilly olhou para Riley com alegria em seus olhos.

"Nós conseguimos mesmo, não é mamãe?" Disse. "Nós ganhamos."

Riley abraçou Jilly com força e disse, "Claro que sim, querida. Você é realmente e verdadeiramente minha filha agora, e eu sou sua mãe. E nada vai mudar isso."

*

Quando Riley, Jilly e o cachorro chegaram a sua casa, April estava esperando por eles bem na porta. Lá dentro estavam Blaine, o namorado divorciado de Riley e sua filha de quinze anos, Crystal, que também era a melhor amiga de April. A governanta guatemalteca da família, Gabriela, ficou

observando por perto.

Riley e Jilly tinham relatado suas boas novas de Phoenix e tinham ligado novamente quando aterraram e estavam a caminho de casa, mas Riley não mencionara o cachorinho. Estavam todos lá para dar as boas-vindas a Jilly, mas depois de um momento, April se inclinou para olhar a transportadora que Riley tinha colocado no chão.

"O que é isso?" Perguntou.

Jilly apenas riu.

"É algo vivo" Disse Crystal.

Jilly abriu o topo da transportadora e lá estava Darby, com os olhos arregalados e um pouco preocupado com todos os rostos que o cercavam.

"Meu Deus, meu Deus, meu Deus!" Cristal gritou.

"Nós temos um cachorro!" April gritou. "Nós temos um cachorro!"

Riley riu ao lembrar como April parecia calma quando tinham conversado na noite anterior. Agora toda aquela maturidade adulta desaparecera de repente e April agia como uma menininha novamente. Era maravilhoso de ver.

Jilly tirou Darby da transportadora. Não demorou muito para o cachorrinho começar a aproveitar toda a atenção.

Enquanto as garotas continuavam se agitando ruidosamente sobre o cachorro, Blaine perguntou a Riley, "Como correu? Está tudo realmente resolvido?"

"Sim" Disse Riley, sorrindo. "Acabou mesmo. Jilly é legalmente minha."

Todo mundo estava muito animado com o cachorro para falar sobre a adoção no momento.

"Qual é o nome dela?" April disse, segurando o cachorro.

"Darby" Disse Jilly a April.

"Onde você conseguiu ela?" Crystal perguntou.

Riley riu e disse, "Bem, isso é uma história e tanto. Nos dê alguns minutos para nos acomodarmos antes de contar."

"De que raça é ela?" Perguntou April.

"Parte Chihuahua, acho" Disse Jilly.

Gabriela tirou o cachorro das mãos de April e examinou-a com cuidado.

"Sim, um pouco de Chihuahua, e tem outros tipos de cachorro nela" Disse a mulher corpulenta. "Qual é a palavra em Inglês para uma mistura de cães?"

"Um vira-lata" Disse Blaine.

Gabriela assentiu sabiamente e disse, "Sim, você tem um verdadeiro vira-lata aqui - autêntico, a coisa real. Um vira-lata é o melhor tipo de cachorro. Este

ainda tem um pouco a crescer, mas vai ficar bem pequena. *¡Bienvenidos! Darby ¡Nuestra casa es tuya también!* Esta é a sua casa também!”

Ela entregou o cachorrinho a Jilly e disse, “Ela precisará de um pouco de água agora e comida quando tudo se acalmar. Tenho algumas sobras de frango que podemos lhe dar mais tarde, mas teremos que comprar comida de cachorro de verdade em breve.”

Seguindo as instruções de Gabriela sobre como montar um canto para Darby, as meninas correram para o quarto de Jilly para arrumar uma cama e colocar jornais velhos para o caso de ela precisar ir ao banheiro durante a noite.

Enquanto isso, Gabriela colocava comida na mesa - um delicioso prato guatemalteco chamado *pollo encebollado*, frango com molho de cebola. Logo todos se sentaram para comer.

Ele próprio chef e dono de restaurante, Blaine elogiou a refeição e perguntou a Gabriela tudo sobre o prato. Então a conversa se voltou para tudo o que aconteceu em Phoenix. Jilly insistiu em contar toda a história. Blaine, Crystal, April e Gabriela estavam todos de boca aberta enquanto ouviam falar da cena selvagem no tribunal e depois da ainda mais selvagem aventura no aeroporto.

E, claro, todos ficaram encantados ao ouvir falar sobre o novo cão que tinha entrado em suas vidas.

Somos uma família agora, Pensou Riley. *E é ótimo estar em casa.*

Também seria ótimo voltar a trabalhar amanhã.

Após a sobremesa, Blaine e Crystal foram para casa, e April e Jilly foram para a cozinha para alimentar Darby. Riley serviu-se de uma bebida e sentou-se na sala de estar.

Ela se sentiu relaxando mais e mais. Realmente tinha sido um dia louco, mas agora tinha terminado.

O telefone dela tocou e viu que a ligação era de Atlanta.

Riley sentiu um choque. Poderia ser Morgan novamente? Quem mais estaria ligando de Atlanta?

Pegou o telefone e ouviu a voz de um homem. “Agente Paige? Meu nome é Jared Ruhl e sou policial aqui em Atlanta. Consegui seu número no quadro telefônico de Quantico.”

"O que posso fazer por você, policial Ruhl?" Perguntou Riley.

Com uma voz hesitante, Ruhl disse, “Bem, não tenho certeza, mas... acho que você sabe que prendemos uma mulher pelo assassinato de Andrew Farrell na noite passada. Era sua esposa, Morgan. Na verdade, você não foi a pessoa que

ligou?”

Riley estava se sentindo nervosa agora.

"Fui" Disse.

"Eu também ouvi que Morgan Farrell ligou para você logo após o assassinato, antes de ligar para qualquer outra pessoa."

"É verdade."

Um silêncio caiu. Riley sentiu que Ruhl estava lutando com o que queria dizer.

Finalmente disse, "Agente Paige, o que sabe sobre Morgan Farrell?"

Riley olhou com preocupação. Disse: "Policial Ruhl, não tenho certeza se é apropriado comentar. Eu realmente não sei nada sobre o que aconteceu e não é um caso do FBI."

"Compreendo. Desculpe, acho que não deveria ter ligado..."

Sua voz sumiu.

Então ele acrescentou, "Mas Agente Paige, eu não acho que Morgan Farrell seja culpada. Que tenha assassinado o marido, quero dizer. Eu sou novo neste trabalho e sei que tenho muito a aprender... mas não me parece que ela seja do tipo que poderia fazer isso."

Riley ficou surpresa com aquelas palavras.

Ela certamente não se lembrava de Morgan Farrell como sendo o "tipo" que poderia cometer assassinato. Mas tinha que ter cuidado com o que dizia a Ruhl. Não tinha certeza se deveria estar tendo aquela conversa.

Perguntou a Ruhl, "Ela confessou?"

"Disseram-me que sim. E todo mundo acredita em sua confissão. Meu parceiro, o chefe de polícia, o PD - absolutamente todo mundo. Exceto eu. E eu não posso deixar de me perguntar, você...?"

Não terminou sua pergunta, mas Riley o que ficara por dizer.

Ele queria saber se Riley acreditava que Morgan era capaz de matar.

Lenta e cautelosamente, ela disse, "Policial Ruhl, agradeço sua preocupação. Mas realmente não é apropriado para mim especular sobre nada disso. Presumo que seja um caso local e, a menos que o FBI seja chamado para ajudar na investigação, bem... francamente, não é da minha conta."

"Claro, minhas desculpas" Disse Ruhl educadamente. "Eu devia ter calculado. De qualquer forma, obrigado por atender minha ligação. Eu não vou incomodá-la novamente."

Terminou a ligação e Riley ficou olhando para o telefone, tomando sua bebida.

As garotas passaram por ela, seguidas de perto pelo cachorrinho. Estavam todos a caminho da sala da família para brincar, e Darby parecia muito feliz.

Riley observou-os a passar com um profundo sentimento de satisfação. Mas então as lembranças de Morgan Farrell começaram a se intrometer em sua mente.

Ela e seu parceiro, Bill Jeffreys, tinham ido à mansão dos Farrell para entrevistar o marido de Morgan sobre a morte de seu próprio filho.

Lembrou-se de como Morgan parecia quase fraca demais para ficar de pé, agarrada ao corrimão da imensa escada enquanto o marido a exibia como se ela fosse algum tipo de troféu.

Ela se lembrou do olhar de terror vago nos olhos da mulher.

Ela também se lembrava do que Andrew Farrell havia dito sobre ela assim que ela ficou fora do alcance da voz...

"Uma modelo bastante famosa quando me casei com ela - talvez você a tenha visto em capas de revistas."

E em relação à juventude de Morgan, acrescentou...

"Uma madrasta nunca deve ser mais velha que os filhos mais velhos do marido. Tratei disso com todas as minhas esposas."

Riley agora sentia o mesmo arrepio que sentira naquela época.

Morgan obviamente tinha sido nada mais do que uma bugiganga cara para Andrew Farrell se exibir em público - não um ser humano.

Finalmente, Riley lembrou o que acontecera com a anterior esposa de Andrew Farrell.

Ela tinha cometido suicídio.

Quando Riley tinha dado a Morgan seu cartão do FBI, estava preocupada que a mulher pudesse ter o mesmo destino - ou morrer sob outras circunstâncias sinistras. A última coisa que imaginara era que Morgan mataria seu marido ou qualquer outra pessoa.

Riley começou a sentir um formigueiro familiar - o tipo de formigueiro que sentia sempre que seus instintos lhe diziam que as coisas não eram o que pareciam.

Normalmente, esse formigueiro era um sinal para ela investigar o assunto mais profundamente.

Mas agora?

Não, não é da minha conta, Disse a si mesma.

Ou era?

Enquanto se interrogava, o telefone tocou novamente. Desta vez viu que a

ligação era de Bill. Mandou uma mensagem para ele dizendo que tudo estava bem e que estaria em casa naquele dia à noite.

"Oi, Riley" Disse ele quando ela atendeu. "Apenas checando. Então tudo deu certo em Phoenix?"

"Obrigada por ligar, Bill" Respondeu. "Sim, a adoção é final agora."

"Espero que tudo tenha corrido sem problemas," Bill perguntou.

Riley não pôde deixar de rir.

"Não exatamente" Disse ela. "De fato, longe disso. Houve alguma violência envolvida. E um cachorro."

Ouviu Bill rir também.

"Violência e um cachorro? Estou intrigado! Me conte mais!"

"Conto quando nos encontramos" Disse Riley. "É mais interessante se contar pessoalmente."

"Estou ansioso. Então nos vemos amanhã em Quantico."

Riley ficou em silêncio por um momento enquanto se sentia à beira de uma estranha decisão.

Disse a Bill, "Não me parece. Acho que vou tirar mais alguns dias de folga."

"Bem, você certamente merece isso. Parabéns novamente."

Terminaram a ligação e Riley subiu para o seu quarto. Ligou o computador.

Então reservou um voo para Atlanta para a manhã do dia seguinte.

CAPÍTULO OITO

No começo da tarde do dia seguinte, Riley estava sentada no escritório do chefe de polícia de Atlanta, Elmo Stiles. O homem grande e rude não parecia nada feliz com o que Riley lhe estava dizendo.

Ele finalmente rosnou, “Deixe-me ver se entendi, Agente Paige. Você veio até aqui de Quantico para entrevistar privadamente Morgan Farrell, que temos sob custódia pelo assassinato de seu marido. Mas nós não pedimos a ajuda do FBI. Na verdade, o caso agora está encerrado. Temos uma confissão. Morgan é culpada e pouco mais há a dizer. Então, o que a traz aqui?

Riley tentou projetar um ar de confiança.

"Eu já tinha dito" Disse ela. "Preciso falar com ela sobre um assunto completamente separado - um caso completamente diferente".

Stiles piscou os olhos com ceticismo e disse, "Um caso diferente sobre o qual não pode me dizer nada".

"Isso mesmo" Confirmou Riley.

Era mentira, claro. Pela milésima vez desde que ela voara de DC naquela manhã, ela se perguntava o que estava fazendo. Estava acostumada a contornar as regras, mas estava a ultrapassar os limites, fingindo estar ali em trabalho oficial do FBI.

Por que ela pensou que isso poderia ser uma boa ideia?

"E se eu disser não?" Perguntou Stiles.

Riley sabia perfeitamente bem que essa era a prerrogativa do chefe e se ele dissesse não, ela teria que obedecer. Mas não queria dizer isso. Teve que se preparar para fazer algum bluff.

Disse, "Chefe Stiles, acredite em mim, eu não estaria aqui se não fosse uma questão de extrema importância e urgência. Mas não posso dizer de que se trata".

O chefe Stiles tamborilou os dedos na mesa por alguns instantes.

Então disse, "Sua reputação precede você, Agente Paige."

Riley se encolheu um pouco.

Isso pode ser uma coisa boa ou ruim, Pensou.

Ela era bem conhecida e respeitada entre os seus pares por seus instintos aguçados, sua capacidade de entrar na mente de um assassino e seu talento para resolver casos aparentemente insolúveis.

Ela também era conhecida por às vezes ser um incômodo e as autoridades locais que tinham que trabalhar com ela muitas vezes não gostavam de seus

métodos.

Ela não sabia a qual dessas reputações o chefe Stiles poderia estar se referindo.

Gostaria de poder ler melhor a expressão dele, mas ele tinha um daqueles rostos que provavelmente nunca pareciam satisfeitos com muita coisa.

O que Riley realmente temia naquele momento era a possibilidade de Stiles fazer a coisa mais lógica - pegar o telefone e ligar para Quantico para confirmar que ela estava ali ao serviço do FBI. Se ele o fizesse, ninguém a cobriria. Na verdade, acabaria com muitos problemas.

Bem, não seria a primeira vez, Pensou.

Finalmente, o chefe Stiles parou de tamborilar e levantou-se da mesa.

Resmungou, “Bem, longe de mim ficar no caminho de questões do FBI. Vamos lá, vou levá-la para a cela de Morgan Farrell.”

Suprimindo um suspiro de alívio, Riley se levantou e seguiu Stiles para fora de seu escritório. Enquanto ele a conduzia pela movimentada delegacia, Riley se perguntou se algum dos policiais ao seu redor poderia ser Jared Ruhl, o oficial que lhe telefonara na noite anterior. Ela não o reconheceria se o visse. Mas poderia ele saber quem ela era?

Riley esperava que não, tanto pelo bem dele quanto pelo dela. Ela se lembrou de lhe contar pelo telefone sobre a morte de Morgan Farrell...

"Francamente, não é da minha conta."

Tinha sido exatamente a coisa certa a dizer e seria melhor para Ruhl se ele achasse que Riley estava se agarrando à sua decisão. Poderia ser um grande problema para ele se o chefe Stiles descobrisse que ele estava a fazer consultas fora do departamento.

Enquanto Stiles a levava para a parte feminina da prisão, Riley quase ensurdecia com o barulho. Prisioneiros estavam batendo em barras e discutindo em voz alta uns com os outros, e começaram a gritar com Riley enquanto ela passava por suas celas.

Finalmente, Stiles ordenou que um guarda abrisse a cela ocupada por Morgan Farrell e Riley entrou. A mulher estava sentada na cama olhando para o chão, aparentemente sem saber que alguém tinha chegado.

Riley ficou chocada com sua aparência. Morgan, como Riley lembrava, era extremamente magra e de aparência frágil. Ela parecia ainda mais agora, vestida com um macacão laranja que parecia grande demais para ela.

Também parecia estar profundamente exausta. A última vez que Riley a tinha visto, ela estava maquiada e parecia a modelo que tinha sido antes de se

casar com Andrew Farrell. Sem maquiagem, ela parecia chocantemente desleixada. Riley pensou que alguém que não sabia nada sobre ela poderia confundi-la com uma sem-abrigo.

Em um tom bastante educado, o chefe Stiles disse a Morgan, “Senhora, há uma visitante aqui para ver você. Agente Especial Riley Paige do FBI.”

Morgan olhou para Riley e fixou o olhar nela, como se não tivesse certeza se estaria sonhando.

O chefe Stiles então se virou para Riley e disse, "Avise-me quando você terminar."

Stiles saiu da cela e pediu ao guarda que fechasse a porta atrás de si. Riley olhou em volta para ver que tipo de vigilância a cela poderia ter. Não ficou surpresa ao ver uma câmera. Esperava que houvesse algum dispositivo de áudio também. A última coisa que queria naquele momento era que Stiles ou qualquer outra pessoa escutasse sua conversa com Morgan Farrell. Mas agora que estava ali, tinha que aproveitar essa chance.

Quando Riley se sentou na cama ao lado dela, Morgan continuou a olhar para ela incrédula.

Com uma voz cansada, disse, “Agente Paige. Eu não esperava você. É gentil da sua parte vir me ver, mas na verdade, não era de todo necessário.”

Riley disse, "Eu só queria..."

Sua voz sumiu quando deu por si a pensar...

O que eu quero exatamente?

Ela realmente tinha alguma ideia clara do que estava fazendo ali?

Finalmente, Riley disse, "Você poderia me dizer o que aconteceu?"

Morgan suspirou profundamente.

“Não há muito para contar, popis não? Eu matei meu marido. Eu não sinto muito, acredite em mim. Mas agora que está feito... bem, eu realmente gostaria de ir para casa agora.”

Riley ficou chocada com as palavras dela. A mulher não entendia a situação terrível em que estava?

Ela não sabia que a Geórgia era um estado com pena de morte?

Morgan parecia estar tendo problemas em manter a cabeça erguida. Estremeceu ao ouvir o som agudo de uma mulher gritando em uma cela próxima.

Disse, "Eu pensei que seria capaz de dormir aqui na cadeia. Mas ouça toda esse barulho! Isso acontece o tempo todo, vinte e quatro horas por dia.”

Riley estudou o rosto cansado da mulher.

Perguntou, "Você não dormiu muito, pois não? Talvez não o consiga fazer há muito tempo?"

Morgan sacudiu a cabeça.

"Já faz duas ou três semanas - antes mesmo de eu chegar aqui. Andrew entrou em um de seus humores sádicos e decidiu não me deixar sozinha ou me deixar dormir, noite ou dia. É fácil para ele fazer..."

Fez uma pausa, aparentemente percebendo seu erro, e então disse, "Foi fácil para ele. Ele tinha um metabolismo que alguns homens de poder têm. Ele podia sobreviver com três ou quatro horas de sono todos os dias. E ultimamente passava a maior parte do tempo em casa. Então ele me persegua por toda a casa, nunca me dando nenhuma privacidade, entrando no meu quarto a qualquer hora, me obrigando a fazer... todos os tipos de coisas..."

Riley se sentiu indisposta só de pensar o que essas "coisas" não ditas poderiam ser. Ela tinha a certeza de que Andrew tinha atormentado sexualmente Morgan.

Morgan encolheu os ombros.

"Acho que finalmente explodi" Disse ela. "E matei-o. Pelo que ouvi, eu o esfaqueei umas boas doze ou treze vezes."

"Pelo que você ouviu?" Perguntou Riley. "Você não se lembra?"

Morgan soltou um gemido de desespero.

"Temos que entrar no que eu lembro e não lembro? Eu beberei e tomara comprimidos antes de acontecer e é tudo uma névoa. A polícia me fez perguntas até eu me perder. Se você quiser saber os detalhes, tenho a certeza que eles vão deixar você ler minha confissão."

Riley sentiu um formigueiro estranho ao ouvir essas palavras. Ainda não tinha certeza do porquê.

"Eu realmente gostaria que você me contasse" Insistiu Riley.

Morgan franziu a testa, pensando por um momento.

Então ela disse, "Eu acho que decidi... que tinha que fazer alguma coisa. Esperei até que ele fosse ao seu quarto naquela noite. Mesmo assim, eu não tinha certeza se ele estava dormindo. Eu bati na porta dele levemente e ele não respondeu. Abri a porta e olhei para dentro, e lá estava ele em sua cama, dormindo profundamente."

Ela parecia estar a pensar com mais profundidade.

"Eu acho que devo ter procurado por algo para fazer isso - matá-lo, quero dizer. Acho que não vi nada. Então acho que desci a cozinha e peguei aquela faca. Então voltei para cima e - bem, acho que enlouqueci e esfaqueei-o, porque

acabei com sangue por toda a parte, inclusive em cima de mim.”

Riley tomou nota de quantas vezes ela estava dizendo essas palavras...

"Eu acho."

Então Morgan soltou um suspiro de aborrecimento.

“Que bagunça que foi! Espero que os empregados já tenham limpo tudo agora. Eu tentei fazer isso sozinha, mas é claro que não sou boa nesse tipo de coisa.”

Então Morgan respirou lenta e demoradamente.

“E então eu te chamei. E você chamou a polícia. Obrigado por cuidar disso para mim.”

Então ela sorriu curiosamente para Riley e acrescentou, “E obrigado novamente por vir me ver. Foi muito gentil da sua parte. Eu ainda não entendo o que é isso tudo.”

Riley estava se sentindo cada vez mais perturbada pela descrição de Morgan sobre suas próprias ações.

Algo não está bem, Pensou.

Riley parou para pensar por um momento e depois perguntou...

"Morgan, que tipo de faca era?"

Morgan franziu a sobrancelha.

"Apenas uma faca, eu acho" Respondeu ela. “Eu não sei muito sobre utensílios de cozinha. Eu acho que a polícia disse que era uma faca de corte. Era longa e afiada.”

Riley estava se sentindo cada vez mais desconfortável com todas as coisas que Morgan não sabia ou não tinha certeza.

Quanto a ela, Riley já não tratava das refeições da família, mas certamente sabia tudo o que tinha a sua cozinha e onde tudo se encontrava. Tudo era mantido em seu lugar especial, especialmente porque Gabriela estava no comando. A sua faca de corte era mantida em um suporte de madeira com outras facas afiadas.

Riley perguntou, "Onde exatamente você encontrou a faca?"

Morgan soltou uma risada desconfortável.

"Não acabei de o dizer? Na cozinha."

"Não, eu quero dizer onde na cozinha?"

Os olhos de Morgan se arregalaram.

"Por que você está me perguntando isso?" Disse com uma voz suave e suplicante.

"Não me consegue dizer?" Perguntou Riley com gentil insistência.

Morgan estava começando a parecer angustiada naquele momento.

“Por que você está me fazendo essas perguntas? Como eu te disse, tudo está na minha confissão. Você pode lê-la se ainda não o fez. Realmente, Agente Paige, isso não é gentil de sua parte. E eu realmente gostaria de saber o que você está fazendo aqui. De alguma forma, me parece que não é apenas por gentileza.”

A voz de Morgan tremeu com raiva silenciosa. “Eu já tive que responder a todos os tipos de perguntas - mais do que posso contar. Eu não mereço mais isso, e não posso dizer que gosto.”

Ela se endireitou e acrescentou, “Eu fiz o que tinha que ser feito. Mimi, sua esposa antes de mim, se suicidou, você sabe. Saiu em toda a mídia. Também o seu filho o fez. Todo o resto de suas esposas - eu não sei ao certo quantas foram - apenas esperaram até lhes aparecerem algumas rugas e ele decidir que elas já não prestavam para se exhibir, e então ele se livrou delas. Que tipo de mulher aceita isso? Que tipo de mulher acha que merece isso?”

Então, com um grunhido baixo, ela acrescentou...

"Eu não sou esse tipo de mulher. E acho que Andrew sabe disso agora."

Então o rosto dela ficou confuso de novo.

"Eu não gosto disso" Sussurrou. "Acho melhor você sair."

"Morgan..."

"Eu disse que quero que você saia agora."

“Quem é seu advogado? Você foi examinada por um psiquiatra?”

Morgan quase gritou, “Estou falando sério. Vai.”

Riley desejou poder fazer muito mais perguntas. Mas ela podia ver que não adiantava tentar. Chamou um guarda que a deixou sair da cela. Então voltou para o gabinete do chefe Stiles e olhou para dentro da porta aberta.

Stiles olhou para ela da sua papelada com uma expressão desconfiada.

"Você descobriu o que precisava saber?" Perguntou a Riley.

Por um momento, Riley não soube o que dizer.

Ela queria manter aberta a possibilidade de conversar com Morgan novamente.

Ela estava tentada a dizer...

"Não, e eu preciso voltar e falar com ela um pouco mais."

Mas isso podia levar o ceticismo de Stiles a um ponto de ruptura, e ele podia acabar ligando para Quantico.

Em vez disso ela disse...

“Obrigada pela sua cooperação. Vou andando.”

Quando saiu da estação, ela se lembrou da estranha conversa que tivera

com Morgan sobre a faca e como a mulher ficara defensiva sobre isso...

"Por que você está me fazendo essas perguntas?"

Riley tinha a certeza de uma coisa. Morgan não tinha ideia de onde a faca se localizava na cozinha. E se ela se tivesse dado ao trabalho de encontrá-la, teria sido capaz de dizer a Riley onde a tinha encontrado.

Ela também se lembrou do que Morgan lhe dissera no telefone...

"A faca está ao lado dele."

Naquele momento, Morgan certamente não sabia de onde tinha vindo.

Ela não é culpada, Riley percebeu quando entrou em seu carro alugado.

Ela sabia disso em seu íntimo, mesmo que a própria Morgan não acreditasse nisso.

E ninguém mais iria questionar sua culpa. Estavam todos felizes por ter o assunto resolvido.

Cabia a Riley resolver aquele enigma.

CAPÍTULO NOVE

Enquanto tomava um gole de café, Riley se perguntou...

O que faço agora?

Com a cabeça zumbindo com perguntas, foi levada a um restaurante de fast food e pediu um hambúrguer e café. Ela tinha encontrado um lugar para se sentar longe dos outros clientes para poder pensar em seu próximo passo.

Riley estava acostumada a contornar regras e trabalhar em circunstâncias estranhas. Mas esta situação era nova até para ela. Estava em território desconhecido.

Desejou poder ligar para Bill, seu parceiro de longa data. Ou poder conversar com Jenn Roston, a jovem agente que também for sua parceira em casos recentes. Mas isso significaria envolvê-los em uma situação em que nem ela deveria estar trabalhando.

Havia alguém com quem ela pudesse conversar localmente?

Não posso perguntar nada ao chefe Stiles, Pensou Riley.

Claro que havia algumas pessoas em outros lugares para quem ela às vezes se voltava em situações não convencionais. Uma delas era Mike Nevins, um psicólogo forense em DC que trabalhara como consultor independente em alguns casos do FBI. Riley pediu a ajuda de Mike em muitos casos, incluindo alguns mais insólitos. Ele também a ajudara e a Bill a ultrapassar fases de SPT. Mike sempre foi discreto e também era um bom amigo.

Ela abriu o laptop, colocou os fones de ouvido, abriu o programa de bate-papo com vídeo e ligou para o escritório de Mike. Imediatamente, ele apareceu em sua tela - um homem elegante, de aparência bastante exigente, vestindo uma camisa cara com um colete.

"Riley Paige!" Disse Mike em seu tom suave de barítono. "Que bom ver você. Faz algum tempo. Como posso ajudá-la?"

Riley ficou feliz em ver seu rosto. Mesmo assim, ela de repente se perguntou...

Como ele pode me ajudar?

O que ela deveria dizer a ele?

"Mike, o que você pode me dizer sobre falsas confissões?" Perguntou.

Mike inclinou a cabeça curiosamente.

"Hum, você poderia ser mais específica?" Questionou Mike.

"Eu não estou falando daquelas que aparecem depois de um assassinato e confessam pela publicidade. Falo daquelas pessoas que realmente acreditam que

são culpadas.”

"Você está em um novo caso interessante?"

Riley hesitou e Mike riu.

"Oh, Deus" Disse ele. "Você está contornando as regras novamente, não é?"

Riley riu nervosamente.

"Eu estou com medo, Mike" Respondeu Riley.

"Você está realmente indo contra a lei desta vez?"

Riley pensou por um segundo. Ela ficou um pouco surpresa ao perceber que não havia violado nenhuma lei - pelo menos não ainda.

Disse, "Não, não realmente."

Mike sorriu de forma reconfortante.

"Bem, nesse caso, não vejo por que você não deveria me contar tudo sobre isso. Se você está contornando as regras do FBI novamente, isso não é do meu interesse. Eu não sou seu chefe, você sabe. Eu não posso demitir você. E não tenho nenhum desejo particular de te entregar.”

Muito aliviada, Riley contou toda a história, desde o momento em que conhecera Morgan Farrell pela primeira vez em fevereiro. Descreveu o quão fortemente ela sentira naquela época que a mulher estava sendo abusada pelo marido. Finalmente, contou a Mike sobre sua viagem a Atlanta e a conversa que acabara de ter com Morgan.

Depois de ouvir atentamente, Mike perguntou, "E você tem certeza que Morgan é realmente inocente?"

"Eu sinto isso de forma convicta" Disse Riley.

Mike riu novamente.

"Bem, você tem um dos instintos mais confiáveis da área. Estou inclinado a acreditar em você. Mas ainda assim... não posso dizer que já ouvi falar de uma situação como essa. É bastante atípico. Uma confissão falsa geralmente se desdobra de maneira bastante diferente”.

"Como?" Riley perguntou.

Mike pensou por um momento.

Então ele disse, “Por um lado, Morgan Farrell parece ter estado ansiosa para confessar quando ligou para você, antes mesmo de a polícia chegar. Os suspeitos costumam fazer falsas confissões depois de serem submetidos a considerável coerção e grande coação”.

Riley entendeu onde Mike queria chegar.

Morgan confessou sem nenhuma coerção.

Mike continuou, “Por exemplo, o interrogatório médio da polícia dura de trinta a sessenta minutos. Para provocar uma confissão falsa, os policiais geralmente têm que martelar implacavelmente o suspeito por um longo tempo - até 14 horas. Eles têm que desgastar a vontade do suspeito. O suspeito confessa apenas para acabar com aquilo, imaginando que eles podem endireitar as coisas mais tarde. As circunstâncias não se encaixam exatamente no seu caso... no entanto...”

Mike fez uma pausa por um momento e depois disse, “Você mencionou que Morgan reclamou não ter permissão para dormir.”

"Isso mesmo" Disse Riley. “O marido estava atormentando-a, mantendo-a acordada. Ela disse que durava há duas ou três semanas.”

Mike acariciou o queixo e disse, “Você provavelmente já sabe que a privação do sono é uma técnica comum de tortura - ou como as pessoas gostam de chamá-lo hoje em dia, 'interrogatório intensificado'. Isso pode levar a terríveis confusões, até alucinações. O sujeito acaba não tendo ideia do que é real ou do que é imaginário. Eles dizem o que é suposto dizerem e podem acabar por acreditar em si mesmos. Eles podem até abrigar alguma ilusão de que vão ficar livres se apenas confessarem.”

Riley voltou para algo que Morgan havia dito...

"Eu realmente gostaria de ir para casa agora."

Por mais estranho que parecesse a Riley no momento, aquele comentário fazia sentido agora.

Riley disse, "O que você está dizendo é que Morgan foi submetida a procedimentos frequentemente usados para chegar a uma confissão, mesmo que não fosse para esse fim".

Mike assentiu e disse, "Isso mesmo. As drogas e o álcool que ela estava consumindo certamente aumentaram sua confusão. Você disse que ela lhe disse para ler sua confissão se você quisesse saber o que aconteceu. Para fazer essa confissão, ela provavelmente recebeu muitos treinamentos de policiais que não perceberam que estavam treinando ela. Eles estavam apenas conversando com ela através de uma série plausível de eventos. Quando ela assinou, todos acreditaram que era verdade, inclusive ela.”

Riley também se lembrou de Morgan dizendo...

"A polícia me fez perguntas até não poder mais."

Sua mente estava cambaleando agora.

“Mike, o que eu vou fazer sobre isso?” Ela perguntou. “Até Morgan acha que é culpada. O mesmo acontece com todo mundo. Além disso, eu nem deveria

estar aqui fazendo tudo isso.”

Mike encolheu os ombros.

“Se eu fosse você, começaria conversando com o advogado dela. Se ele é bom em seu trabalho, ele não se importará que você não esteja exatamente seguindo as regras. Só lhe importará fazer o melhor para sua cliente.”

Riley agradeceu Mike por sua ajuda e terminou a conversa.

Ela se lembrou de Morgan se recusando a dizer quem era seu advogado. Bem, não seria difícil descobrir.

Entrou na Internet e analisou a cobertura da mídia sobre o assassinato de Andrew Farrell. A morte causou uma sensação pública previsível e havia muita especulação sobre os motivos pelos quais Morgan enlouquecera e matara o marido. Até ao momento, o advogado de Morgan não se mostrara para dizer algo sobre sua cliente.”

Mas seu nome estava lá nas notícias: Chet Morris, sócio do escritório de advocacia de Atlanta, Gurney, Dunn e Morris. Riley pegou seu celular e ligou para o número da empresa. Quando uma recepcionista atendeu, Riley pediu para falar com Chet Morris.

"Posso perguntar do que se trata?" Perguntou a recepcionista.

Por um segundo, Riley não sabia o que dizer. Afinal, ela não estava em serviço oficial do FBI.

Mas então se lembrou do que Mike havia dito sobre o advogado de Morgan...

"Se ele é bom em seu trabalho, ele não vai se importar que você não esteja exatamente seguindo as regras."

Ela disse, "Eu sou a agente Riley Paige do FBI. Tenho algumas informações urgentes para ele sobre sua cliente, Morgan Farrell.”

A recepcionista colocou Riley em espera e, alguns momentos depois, ouviu a voz de um homem.

“Fala Chet Morris. Como posso ajudá-la?”

Riley se apresentou novamente.

Morris disse em voz baixa, “Ah, sim. O nome é familiar. Minha cliente não ligou para você logo depois que ela matou o marido? Eu acredito que você foi a pessoa que primeiro contatou a polícia.”

Riley disse, "Tenho boas razões para acreditar que sua cliente é inocente."

Um silêncio caiu. Por um momento, Riley se perguntou se a ligação havia sido desconectada.

Finalmente Morris disse, "Eu realmente não entendo o que é isso tudo,

Agente Paige. Tenho certeza de que você está ciente de que minha cliente confessou. Devido à sua ação sozinha, estou confiante de que posso impedi-la de ser condenada à morte.”

Riley ficou intrigada.

Ele não entende o que estou dizendo?

Decidiu ser mais direta.

Disse, “Eu conheci Morgan em fevereiro passado em sua casa quando o marido ainda estava vivo. Eu suspeitei na época que ele estava abusando dela e ofereci minha ajuda se ela quisesse. Como você sabe, ela me ligou logo depois que o marido foi morto. Então, ontem à noite recebi uma ligação de um policial de Atlanta. Eu prefiro não mencionar o nome dele, mas ele fazia parte da equipe que apareceu na cena do crime. Ele me disse que não acreditava que Morgan tivesse matado o marido.”

“E você acreditou nele?” Morris perguntou.

“Eu não sabia no que acreditar. Eu vim para Atlanta, estou aqui agora. Acabei de visitar Morgan em sua cela e conversei com ela.”

Morris soltou um grunhido de desânimo.

Ele disse, “Agente Paige, eu realmente prefiria que você não tivesse feito isso sem antes falar comigo. Francamente, eu não teria permitido se soubesse.”

Riley sentiu outro lampejo de confusão.

Ela disse, “Sr. Morris, não tenho certeza se você entende. Estou quase certa de que ela é inocente.”

“Foi isso que ela lhe disse?” Morris perguntou.

“Não mas...”

“Então por que você acha isso?”

Riley estava verdadeiramente perplexa agora. Aquela ligação não estava correndo como ela esperava.

Ela disse, “Acabei de falar com um especialista em psicologia forense. Ele explicou todas as razões pelas quais ela poderia ter dado uma falsa confissão. Olha, se eu pudesse ir ao seu escritório, poderíamos discutir...”

Morris interrompeu, “Acho que não, agente Paige. E eu realmente não gosto que tenha contato com minha cliente confundindo-a ainda mais. Ela já está traumatizada o suficiente pelo que fez. Agradecia que não se intrometesse mais nesse assunto. Se fizer isso, não terei outro remédio senão denunciar você e talvez até mesmo apresentar queixa.”

Antes que Riley pudesse dizer outra palavra, Morris terminou a ligação.

Riley ficou olhando para o telefone, espantada.

Ela se lembrou de outra coisa que Mike havia dito sobre o advogado de Morgan...

"Tudo o que lhe importará é fazer o melhor pela sua cliente".

Mas isso não parecia ser verdade.

Chet Morris parecia completamente indiferente à possibilidade de que sua cliente fosse inocente.

O que está acontecendo aqui? Interrogou-se Riley.

Tudo o que sabia com certeza era que precisava da ajuda de outra pessoa. Ela lembrou a si mesma que não poderia envolver nenhum de seus aliados habituais de Quantico. Mas ocorreu-lhe que conhecia alguém a quem poderia recorrer em situações como esta.

Em janeiro passado, quando estava resolvendo um caso em Seattle, conhecera um analista técnico do FBI muito inteligente. Desde então, ele estava disposto a ajudá-la e sob circunstâncias pouco ortodoxas.

Riley olhou para o número e discou, e logo ouviu a voz áspera e rouca de Van Roff.

“Agente Riley Paige. Que tipo de problema me vai criar hoje?”

Riley sorriu ao imaginar o técnico com excesso de peso, socialmente inepto, vendo seu nome em seu identificador de chamadas.

"Eu preciso da sua ajuda, Van" Disse ela.

"Nada a ver com o demônio que não vou nomear?"

Riley ficou surpresa. A única pesquisa que Roff havia se recusado a fazer para ela envolvia um mentor do crime chamado Shane Hatcher.

"Não, ele ainda está na prisão."

"É algo legítimo?"

"Não exatamente."

Van Roff soltou um suspiro de aprovação.

"Então, conte comigo" Disse ele. "As coisas têm sido muito chatas aqui ultimamente."

Riley contou-lhe toda a história até aquele momento. Quando terminou de contar a conversa com o advogado, ele disse, “Espere um minuto. Tem certeza de que não ligou para o promotor público por engano?”

"Tenho certeza" Disse Riley.

"O que há de errado com esse cara?"

“Eu estava esperando que você pudesse me ajudar a descobrir isso. Deve haver alguma razão pela qual Chet Morris está agindo dessa maneira.”

Van Roff ficou em silêncio por um momento. Então Riley ouviu os dedos

dele batendo no teclado.

Finalmente ele disse, "Huh. Isso é interessante."

"O que você tem?" Riley perguntou.

"O escritório de advocacia de Chet Morris - Gurney, Dunn e Morris - representava Andrew Farrell quando ele estava vivo. Todos os três advogados costumavam trabalhar em casos para ele. O que você acha disso?"

Riley sentiu um arrepio de interesse.

Ela disse, "Então, o advogado de defesa de Morgan Farrell costumava representar o próprio assassinado. Isso é meio estranho."

Riley ouviu os dedos de Roff baterem um pouco mais.

Então ele disse, "Aqui está outra coisa. O DA de Atlanta, Seth Musil, está processando o caso. Ele também costumava trabalhar com Gurney, Dunn e Morris. Enquanto ele estava lá, também trabalhou em casos para Andrew Farrell. Assim, o advogado de acusação tinha uma relação profissional acolhedora com o advogado defensor. Quão suspeito é isso? Você acha que talvez estejamos perante algum tipo de conspiração?"

Riley pensou por um momento.

"Não, duvido disso" Disse ela. "Não é completamente surpreendente que Morgan usasse o mesmo escritório de advocacia que seu marido. Não é de todo inteligente dela, no entanto. Pode haver muitas razões pelas quais Gurney, Dunn e Morris querem encerrar este caso sem muita confusão. Eles têm razão para estar perfeitamente felizes com a confissão de Morgan."

Sua mente se incomodou com a ideia. O destino de Morgan Farrell estava nas mãos de um bando de companheiros do marido dela. E um misógino como Farrell poderia muito bem ter desabafado sobre as frustrações de seu atual casamento. Eles não seriam as pessoas mais compreensivas na vida de Morgan.

Roff disse, "Parece que estamos lidando com uma séria incompetência profissional, se não imperícia."

"Claro que sim" Disse Riley. "Mas o que vou fazer sobre isso? Eu não estou exatamente na melhor das posições."

Roff soltou uma risada baixa e estridente.

"Heh. Eu não diria isso. Apenas conserte as coisas à moda antiga. Pegue o verdadeiro assassino. Então e se você não tiver permissão? Isso nunca te impediu no passado."

Riley ficou satisfeita. Ela ligara para o cara certo para ajudar.

Pensou por um momento e depois disse, "Van, eu tenho uma ideia..."

Roff interrompeu, "Sim, e acho que tenho a mesma ideia. Me dê só um

minuto.”

Ela ouviu os dedos dele batendo no teclado novamente.

Riley sorriu.

Era bom estar trabalhando com alguém em completa sintonia consigo.

Apenas alguns minutos depois, ela ouviu a risada triunfante de Van Roff.

CAPÍTULO DEZ

"Bingo!" Disse Roff.

Riley ficou emocionada com seu tom triunfante. Enquanto ele continuava digitando, ela esperava impacientemente para descobrir mais.

Riley sabia exatamente o que Roff estava fazendo. Ele procurava outros crimes recentes de natureza semelhante. Possivelmente, apenas possivelmente, o assassinato de Andrew Farrell era parte de um padrão que se repetia. E parecia que Van Roff tinha encontrado algo interessante.

Riley finalmente o interrompeu. "Diga-me o que você tem" Disse ela.

"Houve um assassinato com faca em Birmingham na última sexta-feira - outro cara rico, embora não tão conhecido quanto Andrew Farrell. Era Julian Morse, um herdeiro de uma família que fez sua fortuna nos bons tempos do aço de Birmingham. Ele acabou na banca."

"Então também foi esfaqueado até a morte?" Riley perguntou.

"Mais do que a morte, assim como Farrell. Múltiplas feridas. Muito sangue. Os policiais lá estão tratando isso como uma questão local. Mas parece uma coincidência, não acha? Dois caras ricos sendo mortos exatamente da mesma maneira, a cento e cinquenta quilômetros de distância e em poucos dias?"

Riley estava completamente intrigada.

"Não, não parece coincidência" Pensou.

Ela pediu a Van Roff que lhe enviasse os detalhes, agradeceu sua ajuda e terminou a ligação. Então se sentou à mesa perguntando-se o que fazer a seguir. Seria hora de ligar para o seu chefe da equipe, Brent Meredith, e ver se ele faria disso um caso oficial do FBI?

Não, ainda não, Pensou. Precisava descobrir mais sobre esse segundo caso.

Meredith era um aliado compreensivona UAC, mas também era rigoroso. O pouco que ela sabia no momento ainda era muito frágil para persuadi-lo. Tudo o que conseguiria seria ser chamada de volta a Quantico para ser repreendida.

Enquanto se sentava tentando decidir o que fazer, seu celular tocou. Viu que a ligação era da central telefônica de Quantico. Quando atendeu, a telefonista disse...

"Agente Paige, nós recebemos uma ligação do policial Jared Ruhl, da polícia de Atlanta. Penso que o conectamos com você antes. Você vai atender a ligação dele dessa vez?"

Riley reprimiu um suspiro. Lembrou-se de ter olhado ao redor da delegacia há pouco tempo e se perguntado se o policial Ruhl estaria por perto. Não queria que ele soubesse que ela estava ali em Atlanta - e continuava a não querer. Mas achou melhor descobrir por que ele estava ligando naquele momento.

"Eu vou falar com ele" Disse à telefonista.

Um momento depois, ouviu a voz de Ruhl. Ele não parecia nem um pouco feliz.

"Agente Paige, onde você está agora?"

"Hum... em um restaurante de fast food" Disse Riley.

"Não, eu quero dizer em que cidade."

Riley engoliu em seco e disse, "Atlanta".

Ouviu Ruhl soltar um suspiro de desânimo.

"Era o que eu pensava" Disse ele. "Um amigo meu me disse que tinha visto um agente da UAC na estação conversando com o chefe. Ele disse que reconheceu Riley Paige de fotos na mídia. Você é meio famosa entre os policiais, sabia? Ele estava se perguntando o que você está fazendo aqui. Eu também. Você se importaria de me dizer o que está acontecendo?"

"Não é nada de especial" Disse Riley.

"Raios se não é. Se trata do assassinato de Farrell, não é? É sobre o que eu te disse - que eu não achei que a esposa dele o matou. Você me disse que não era um caso do FBI e, de qualquer forma, você não estava interessada, não era da sua conta. Não gosto que me mintam."

"Eu não menti para você, policial Ruhl" Disse Riley.

E é claro que era verdade que ela não mentira. O assassinato de Farrell não era um caso do FBI na altura e continuava a não ser.

Ruhl continuou, "Eu lhe dei a dica. Você deveria ter-me mantido informado."

Riley não pôde deixar de admirar a ousadia desse jovem policial local por ter mordido a borda daquela forma uma prestigiada agente do FBI. Ainda assim, ela se sentia completamente despreparada para isso.

O que lhe posso contar agora? Interrogou-se.

Ela perguntou, "Você já falou com mais alguém sobre o que me contou? Quer dizer, sua ideia de que Morgan Farrell não é a assassina?"

Ela o ouviu soltar um suspiro desanimado.

"Sim, eu mencionei isso a alguns dos meus amigos. Eles apenas riem de mim. Todo mundo pensa que é um caso encerrado, e eles dizem que eu sou um idiota por pensar de outra maneira."

Agora Riley estava começando a entender por que Ruhl parecia tão bravo. Ninguém gostava de ser ridicularizado por seus pares. Ainda assim, para seu próprio bem, ela não queria envolvê-lo nisso.

Riley disse, "Policial Ruhl, lamento não poder discutir esse assunto".

"Não acredito nisso" Ruhl retrucou. "Se você não me contar, conheço alguém que o fará. Vou falar com o chefe Stiles. Já que se encontrou com ele, ele deve saber o que está acontecendo. Seja o que for, eu vou pedir a ele para me colocar no caso."

Riley sentiu um arrepio de alarme.

A última coisa que precisava agora era que Ruhl alertasse Stiles sobre o que ela realmente estava fazendo. E embora Ruhl não parecesse saber, seria ruim para ele também. Stiles não ficaria satisfeito com o novato por ter ido atrás de suas costas contatá-la.

Talvez lhe deva um pouco de honestidade, Pensou Riley. Fez uma pausa para considerar suas palavras com cuidado.

Então disse, "Policial Ruhl, você parece saber um pouco sobre mim. Como você disse, sou famosa no mundo policial. O que você sabe exatamente sobre mim?"

Ruhl falou devagar, "Bem... dizem que você é brilhante, e tem uma grande intuição, e pode realmente entrar na cabeça de um assassino e..."

"E?"

"E tem o seu próprio jeito de fazer as coisas. Gosta de contornar as regras. Às vezes até as quebra."

Riley respirou um pouco mais facilmente.

Ele parece compreender, Pensou.

Agora ela podia ouvir uma espécie de silencioso "a-ha" em sua voz.

"Oh. Então agora você está ..."

Riley interrompeu, "Policial Ruhl, quanto menos eu falar sobre isso, melhor para nós dois."

Um silêncio caiu.

Riley esperou, imaginando o que poderia dizer para afastar o jovem policial dessa... dessa situação que na verdade não era um caso.

Finalmente ele disse, "Agente Paige, me desculpe pelo jeito que eu falei com você antes. Foi rude e eu deveria ter mostrado mais respeito. E agora eu estou apenas perguntando a você, por favor... "

Ele ficou em silêncio. Riley sabia o que ele ia perguntar e não gostou muito.

Ele continuou, "Não estou trabalhando em nenhum outro caso agora. Estou de folga o resto do dia. Eu quero trabalhar nisso com você."

Riley quis contrariar o impulso de apenas dizer não.

Mas realmente não parecia justo.

Afinal, ele ligara para alertá-la de suas suspeitas. E ela tinha certeza de que seus instintos estavam certos sobre Morgan não ser a assassina.

E até agora, o único agradecimento que recebera fora ser ridicularizado por seus colegas.

Ela disse, "Olha, eu vou ser honesta com você. Isso pode acabar mal para mim. Como eu acho que você já sabe, estou acostumada a lidar com as consequências de ir contra a maré. Mas eu odiaria te meter em problemas. E é provável que isso aconteça, acredite em mim."

"Tudo bem" Disse Ruhl. "Conte comigo. O que fazemos a seguir?"

Riley pensou por um momento e depois disse, "Estou indo para Birmingham agora para checar uma pista. Onde posso te buscar?"

Ela podia ouvir excitação na voz de Ruhl.

"Fora da estação. Eu estarei lá esperando."

Ele terminou a ligação sem outra palavra.

Riley ficou olhando para o telefone por um momento.

Eu acho que tenho um novo parceiro, Pensou enquanto se dirigia para o carro.

Mas isso seria algo bom ou ruim?

Ela não sabia. A verdade era que não tinha ideia daquilo em que se estaria a meter juntamente com Ruhl.

Quando entrou em seu carro, pensou com um suspiro...

Acho que é o mesmo de sempre.

CAPÍTULO ONZE

Quando Riley se aproximou da delegacia em seu carro alugado, ela se perguntou...

Acabei de cometer um erro grave?

Não deveria ter dito ao policial Jared Ruhl para ficar de fora do caso e calado sobre tudo? Em vez disso, aqui estava prestes a se associar a um jovem policial desconhecido.

Na verdade, como o poderia reconhecer entre as várias pessoas que podia ver entrando e saindo do prédio de tijolos?

Mas isso não acabou por ser um problema. Lá estava ele - um sujeito magro, de aparência magricela, de uniforme da polícia, com as mãos nos bolsos, obviamente atento ao carro dela.

Riley não gostou da aparência dele. Não era tanto sua sobrancelha inclinada ou seu queixo subdesenvolvido. Não importava se lhe era agradável ao olhar. Mas havia algo de desconcertante em sua linguagem corporal - uma defensiva palpável em sua postura curvada e seus pés arrastados. Riley percebeu de relance que ele não inspirava exatamente a confiança da maioria das pessoas.

Ele a tinha visto, então Riley ignorou sua vontade de seguir em frente. Parou e Ruhl entrou no carro.

Ele confessou, "Puxa, estou feliz por sair daquele lugar por um dia".

Riley pensou que entendia por quê. Ao telefone, ele dissera que seus colegas riram de sua teoria sobre o assassinato de Andrew Farrell. Agora ela tinha um pressentimento de que o ridículo era uma parte rotineira de sua vida profissional.

Jared disse em uma voz estridente, "Então, você disse ao telefone que estamos indo para Birmingham. Acho que devemos checar o assassinato daquele outro cara rico lá, Julian Morse, acho que era esse o nome dele."

"É isso mesmo" Riley disse, um pouco surpresa por Ruhl já ter uma idéia do que iriam fazer.

Como se percebesse a perplexidade de Riley, Ruhl disse, "Quando você me disse para onde estávamos indo, imaginei que deveria ser esse o motivo. Outro cara rico, esfaqueado brutalmente até a morte, há apenas uma semana, e não tão longe assim - parece algum tipo de padrão, hein? Tenho que admitir que não me ocorrera até falar com você. Mas então, é por isso que você é a famosa agente Riley Paige e eu sou apenas um novato sem importância. Você pensa em tudo."

Então, com um grunhido de satisfação, ele acrescentou, "Ei, você acha que talvez a gente esteja lidando com um assassino em série de verdade? Uau, isso seria ótimo! Eu adoraria!".

Riley se encolheu um pouco. É claro que ela sabia que ele era um novato e que estava ansioso para se mostrar e, naturalmente, estava animado com a possibilidade de decifrar um caso de assassino em série. Mas ouvi-lo dizer em voz alta foi bastante irritante.

"Vamos ver" Disse ela. "Não vamos nos antecipar."

"Então, qual é o plano?" Ele perguntou. "Falamos com a polícia de Birmingham assim que chegamos lá?"

Riley percebeu que não tinha tido tempo para pensar no que pretendia fazer. Mas ela imaginou que tentar convencer outro policial a pensar que ela estava lá em trabalho oficial do FBI poderia ser estar forçando sua sorte.

"Não me parece" Disse.

Ruhl soltou uma gargalhada.

"Ah, acho que estou começando a entender" Disse. "Você está de licença novamente, não é? Sim, você é famosa por fazer as coisas fora do protocolo do FBI. Eu aposto que isso nem é um caso oficial do FBI. Eu aposto que você nem contou ao chefe Stiles o que você realmente queria. Eu simplesmente amo isso!"

Riley estava ficando irritada agora. Ela não gostou da alegria aparente de Ruhl sobre sua quebra de regras. Ainda assim, ela teve que admitir...

Ele adivinhou.

Ele parecia ser muito esperto, e ela se perguntou se talvez ele se tornasse útil afinal.

Riley disse, "Jared, posso chamá-lo de Jared?"

"Claro. Posso te chamar de Riley?"

Riley reprimiu um grunhido de aborrecimento.

"Não, agente Paige é melhor" Disse ela. "Deixe-me informar você. Eu conheci Morgan Farrell em fevereiro. Quando ela ligou para dizer que matara o marido, achei difícil acreditar. Então, quando você me ligou, isso realmente despertou minha curiosidade, então eu vim até aqui para ver o que estava acontecendo. Conversei com Morgan em sua cela de prisão há pouco tempo e agora estou quase certa de que ela é inocente. O problema é que ela não pensa assim, nem o promotor, nem o próprio advogado dela."

Jared assentiu e disse, "Então você quer encontrar o verdadeiro assassino de Andrew Farrell. E você está pensando que quem matou Farrell também matou Julian Morse. Mas... não podemos falar com os policiais de Birmingham sobre

nada disso, porque isso não é exatamente uma investigação legítima, pelo menos não ainda. O que é uma espécie de desvantagem”.

"É isso mesmo" Disse Riley. "Então, você tem alguma sugestão sobre como devemos proceder?"

Jared pensou por um momento.

Então ele disse, “Bem, sugiro que apenas vamos diretos para a cena do crime, a mansão de Morse, e vejamos o que podemos descobrir sozinhos. Podemos ter que blefar com quem quer que encontremos lá. Mas você é ótima nisso, certo? E eu aposto que posso ser muito bom nisso também!”

Riley reprimiu outro grunhido.

Ela estava achando Jared mais chato a cada minuto que passava.

E ainda assim ela não conseguia pensar em um plano melhor do que o que ele estava sugerindo.

Riley disse, “Você encontra meu laptop no banco de trás. Quero que fique online e descubra tudo o que puder sobre o assassinato de Morse - todos os detalhes que foram divulgados para a mídia. Precisamos saber o máximo que pudermos antes de fazer uma visita a sua casa.”

Jared obedientemente seguiu suas instruções e logo começou a relatar tudo o que descobriu sobre a morte de Julian Morse. O corpo do homem havia sido encontrado por um criado numa noite, brutalmente esfaqueado até a morte quando estava reclinado ao lado de sua piscina. Ninguém ainda estava sob custódia, mas a polícia de Birmingham parecia suspeitar de várias pessoas - membros da família, funcionários, parceiros de negócios...

Não parece que lhe faltassem inimigos, Riley pensou enquanto ouvia Ruhl.

Os policiais estavam considerando fortemente a possibilidade de que o assassinato tivesse sido cometido por um assassino contratado.

Finalmente, Ruhl conseguiu encontrar o endereço da casa de Morse.

Enquanto seguiam para o oeste, passando pelo vasto parque de diversões fora de Atlanta, Ruhl começou a fazer perguntas a Riley sobre sua própria carreira. No começo, ela deu-lhe respostas educadas, mas às vezes evasivas. Mas quando ele começou a fazer perguntas intrometidas sobre seus métodos não convencionais e seus problemas com a autoridade, suas respostas se tornaram concisas.

Ela estava preocupada que a viagem de duas horas e meia entre Atlanta e Birmingham se pudesse tornar combativa. Mas no momento em que cruzaram a fronteira para o estado do Alabama, não estavam sequer falando. Isso agradou a Riley. Jared Ruhl não estava exatamente crescendo para ela. E ela estava

apreciando a paisagem - longos trechos de floresta interrompidos por pequenas cidades e fazendas.

Ruhl estava dormindo no momento em que Riley entrou em Birmingham. Ela decidiu que era hora de ele começar a trilhar seu caminho.

"Acorde" Disse bruscamente. "Poderia dar-me algumas indicações."

Ruhl orientou-a pela cidade que ele parecia conhecer muito bem. Riley nunca tinha visitado Birmingham antes. Enquanto dirigia perto de uma enorme estátua de ferro que olhava para a cidade a partir de um pedestal alto, ela se perguntou se poderia ser de algum soldado confederado.

"Esse é Vulcano" Explicou Ruhl. "Deus romano da forja. Birmingham começou como um grande centro de aço."

Riley lembrou-se do que Van Roff dissera a ela sobre Julian Morse - que ele era o herdeiro de uma fortuna de aço. Até agora, as duas vítimas de assassinato pareciam ter pelo menos uma coisa em comum. Ambos tinham sido muito ricos.

Seguindo as instruções do jovem policial, Riley acabou dirigindo para um bairro muito sofisticado, onde casas enormes se aninhavam entre as árvores. Quando chegaram à casa de Julian Morse, Riley viu que era um pouco menor do que a mansão de Farrell em Atlanta. Quando visitou Farrell no inverno anterior, ela achou a ostentação repulsiva. Este não parecia ostentar menos a riqueza.

Como a casa de Farrell, esta não era fechada ou protegida de fora. Mas ambas estavam em bairros ricos, onde um intruso certamente atrairia atenção. Um assassino teria que se misturar bem com a comunidade ou ser muito habilidoso com o que estava fazendo.

Ela estacionou o carro na frente da casa, certa de que as câmeras de segurança estavam assistindo a sua chegada. Quando ela e Jared se aproximaram da entrada e tocaram a campainha, a porta foi aberta prontamente por um homem alto e idoso com uma barriga bastante grande. Vestido como ele estava em um terno preto elegante, a princípio Riley pensou tratar-se de um mordomo.

Exceto por um detalhe. Sua gravata borboleta estava ligeiramente torta, como se sugerisse deliberadamente uma certa despreocupação.

O homem os examinou cuidadosamente, sobretudo o uniforme de Jared.

"Posso ajudá-los?" Ele perguntou em um lento sotaque sulista.

Riley pegou seu distintivo e disse, "Sou a agente especial Riley Paige do FBI. Meu colega é o policial Jared Ruhl da polícia de Atlanta. Estamos aqui por causa do assassinato de Julian Morse."

Os olhos do homem se arregalaram.

"Oh, querida" Disse ele. "Você não está aqui para me prender, eu espero. Respondi a todas as perguntas dos policiais na semana passada e achei que eles aceitaram meu álibi. Veja, eu estava em minha própria casa jogando bridge quando meu irmão foi morto."

"Seu irmão?" Riley perguntou.

"Sim" Disse o homem. "Eu sou Roderick Morse, irmão mais velho de Julian."

Então ele piscou os olhos e acrescentou, "Mas eu pensava que você soubesse isso."

Riley se contorceu um pouco e se lembrou...

Nosso plano é blefar nessa situação.

Riley só esperava que ela e seu novo parceiro não estragassem tudo de alguma forma.

Roderick Morse estava olhando para para Riley e Jared.

"Devo dizer que isso é um pouco estranho" Disse Morse. "Você, senhor, é de Atlanta, e você, senhora, deve vir de - onde? O FBI está localizado na Virgínia, creio eu. Você não está longe dos seus terrenos habituais?"

Antes que Riley pudesse falar, Jared começou a falar. Riley não pôde evitar sustar a respiração, preocupada se ele poderia dizer algo grosseiramente inapropriado.

Ele disse, "Talvez você tenha ouvido que houve um assassinato semelhante em Atlanta - outro cara rico chamado Andrew Farrell".

"Oh!" O homem disse com um leve suspiro. "Bem, eu garanto a você que eu não tive nada a ver com esse assassinato também."

Riley disse apressadamente: "Os assassinatos foram bastante parecidos e achamos que podem estar conectados. É por isso que estamos aqui. Gostaríamos de dar uma olhada na cena do crime, se não houver problema."

"Bem, não vejo porque não" Disse Morse. "Venha comigo."

Enquanto Morse os conduzia para dentro da casa, Riley percebeu que, em vez da escadaria ridiculamente dramática e dos tapetes pálidos da mansão Farrell, esta tinha pisos de mármore cintilante, enormes janelas arqueadas e enormes candelabros de cristal. Ela achou tudo tão esmagador.

Como alguém poderia viver nesses lugares?

Morse continuou falando enquanto seguiam pela casa.

"Lamento dizer que meu irmão e eu nos separamos durante os últimos anos. Mas como ele não deixou um herdeiro, cabe a mim liquidar a propriedade, e é por isso que estou aqui. Todo esse lugar e tudo o que contém terá que ser

vendido.”

Ele soltou uma risada desdenhosa e acrescentou, "Eu não posso dizer que estou triste com isso. Os meus gostos e os do meu irmão eram bastante diferentes. Há um cheiro de pós-moderno neste conglomerado de estilos que não combina comigo. Minha própria casa reflete minhas inclinações para um bom e antiquado estilo antebellum”.

Ele olhou para Jared e disse em um tom arrogante, "Antebellum significa ‘antes da guerra’, a propósito. Espero que, como colega sulista, não tenha de dizer de que guerra estou falando.”

Riley podia ver Jared contrariado com sua condescendência.

"Sim, eu sei qual a guerra." Jared resmungou. “Mas seus pais não estavam no setor do aço quando esta cidade nasceu? Isso só aconteceu depois da Guerra Civil, se me lembro bem da história - quando os saqueadores se mudaram para cá.”

Riley ficou alarmada ao ver o rosto de Morse ficar vermelho de raiva. Ela poderia dizer que Jared realmente atingira um nervo. Ele provavelmente estava certo de que a família Morse não havia chegado ao Alabama até aos anos da Reconstrução depois da Guerra Civil. Eles nunca tinham sido pretensiosos proprietários de plantação, nunca tinham vivido como uma família de *Gone With the Wind*.

Jared estava se transformando em um observador afiado, mas ainda assim...

Dizer o que ele descobriu não é útil, Pensou Riley.

Ela queria poder dizer a ele para manter a boca fechada. Felizmente, o anfitrião parecia estar mantendo sua ira sob controle - pelo menos por enquanto.

Morse disse, "Suponho que você queira que eu mostre a localização real do crime".

Ele levou Riley e Jared pela casa e saiu pela porta dos fundos para uma área de recreação ao ar livre com uma piscina e uma série de cadeiras e mesas.

Riley sentiu um formigueiro profundo enquanto caminhava em direção a uma determinada cadeira, onde as almofadas haviam sido removidas.

Um instinto familiar estava surgindo. Era a sensação da mente do assassino.

Então, sem querer conscientemente, ela parou no meio do caminho.

Aconteceu bem aqui, Pensou.

Foi aqui que ele matou Julian Morse.

CAPÍTULO DOZE

Riley respirou devagar e deixou aquela sensação de formigamento crescer dentro dela.

Esse sentimento era, afinal de contas, talvez seu dom mais poderoso como investigadora.

Claro, durante a última semana, a cena do crime havia sido limpa de cada gota de sangue, de qualquer sinal de que o assassinato tivesse acontecido.

Mesmo assim, Riley estava começando a visualizar o que tinha acontecido.

Morse disse, "De acordo com a polícia..."

"Eu sei" Disse Riley, interrompendo-o.

Ela olhou para a cadeira reclinável e começou a relatar suas impressões para Morse e Jared...

"Era noite e Julian Morse estava sozinho curtindo alguns momentos de relaxamento tranquilo depois de nadar. Meio adormecido, ele não ouviu o intruso se arrastando atrás dele - exatamente onde eu estou agora."

Imaginando-se segurando uma faca grande, ela se agachou ao lado da cadeira.

"O assassino se inclinou e o apunhalou por trás - bem no meio do abdômen, se ele tinha alguma ideia do que estava fazendo. Para infligir deliberadamente múltiplas facadas, ele não queria que a faca ficasse presa entre as costelas da vítima."

Riley começou a representar os movimentos do assassino.

"Ele puxou a faca e Morse começou a se contorcer. Morse abriu a boca para gritar, mas o primeiro golpe o silenciou. Seu diafragma pode ter sido perfurado; nesse caso, ele não conseguia mais respirar. Só podia emitir um som horrível de asfixia. Ele começou a se contorcer e a agitar seus braços.

Ela respirou devagar, depois disse...

"A adrenalina do assassino já estava alta e, por um momento, ele ficou alarmado com os ferimentos de Morse. Eu não acho..."

Ela fez uma pausa para deixar o palpite se instalar.

"Eu não acho que ele tenha matado alguém antes. Ele pode ter tido um lampejo de insegurança. 'Posso terminar isso?', Ele deve ter-se perguntado. De repente, tudo parecia muito mais difícil do que alguns momentos antes."

Ela sentiu mais e mais fortemente o que o assassino devia ter sentido...

"Ele reuniu sua vontade e agarrou a vítima de alguma forma, provavelmente usando seu braço livre para agarrá-lo sob o queixo. Mergulhou a

faca em seu corpo repetidamente...”

Riley se sentiu um pouco incerta agora. Ela não tinha visto os relatórios de autópsia de qualquer dos assassinatos.

Ela sabia que ambas as vítimas tinham morrido de numerosas feridas de faca - mas onde aquelas feridas tinham sido infligidas? Apenas no abdômen ou em todas as áreas vizinhas, incluindo pernas e braços? Riley tinha um forte pressentimento de que o assassino tinha ficado louco quando começou a esfaquear, perfurando todo o corpo do homem.

Mas o que ele fez com a faca?

Fugiu com ela?

Esse era um detalhe que tinha sido deixado de fora das notícias.

Então ela se lembrou de algo que Morgan Farrell havia dito a ela pelo telefone enquanto olhava para o corpo do marido...

"A faca está ao lado dele."

Riley levantou-se e falou em voz alta novamente...

“Ele largou a faca bem aqui ao lado da cadeira. Pode ter ficado olhando para o corpo sem vida de Morse, mas apenas por um momento. Então fugiu.”

Riley se virou para olhar para Morse e Jared.

O rosto de Morse parecia pálido agora.

Ele disse baixinho, "Bem... isso é um detalhe mais sangrento do que eu ouvi da polícia."

Riley de repente se sentiu estranha e autoconsciente. Ela raramente realizava este exercício perturbador na presença de civis. Não era surpresa que Morse tivesse ficado chocado.

Jared soltou uma risada sombria perante o desconforto de Morse.

Disse, "Isso é porque esta não é uma policial comum. Esta é a Agente Especial Riley Paige da UAC."

Riley notou uma nota de orgulho na voz de Jared. Ele definitivamente parecia estar satisfeito consigo mesmo por trabalhar com ela.

É melhor não se acostumar com isso, Pensou.

Então Jared disse, "Mas como o assassino chegou aqui?"

Riley olhou para cima e notou várias câmeras de segurança apontando para a área da piscina.

Ela disse, “A primeira coisa que ele fez foi desconectar o sistema de segurança, incluindo aquelas câmeras. Provavelmente é só uma questão de cortar fios.”

Morse disse, “Sim, foi o que a polícia disse. Infelizmente, o sistema de

Julian parecia estar desatualizado e foi fácil desconectar. Um sistema sem fio teria sido muito melhor”.

Riley ficou parada e olhou ao redor do perímetro da propriedade. No lado mais próximo da piscina havia uma área arborizada. Ela podia ver uma cerca alta de arame entre as árvores.

Riley apontou e disse, “Ele saiu por cima da cerca, do mesmo jeito que entrou. vêm aquele galho pendurado na cerca? Chegando, ele subiu e entrou na área da piscina.”

Jared coçou a cabeça e perguntou, "Mas voltar do mesmo jeito não seria um problema?"

Riley caminhou em direção ao galho suspenso e olhou para o chão embaixo dele.

"Nem por isso" Disse ela. “Meu palpite é que ele é muito ágil, talvez até atlético. Olha, você pode ver que o solo está remexido aqui. Essas reentrâncias são de onde ele pousou. Saindo, provavelmente foi capaz de pular alto o suficiente para agarrar o galho.”

Ela se virou novamente para Morse e Jared.

Morse estava surpreso.

"Bem" Disse. “Foi um... estimulante exercício de raciocínio. Há mais alguma coisa em que possa ajudar?”

Riley deu outra olhada em redor. Ela sentiu como se tivesse conseguido tanta informação da cena do crime quanto a pura intuição permitiria. Para saber qualquer outra coisa, precisaria ter acesso aos registros de policiais e legistas - e isso não era possível, pelo menos não ainda.

Ela disse a Morse, “Obrigado por sua ajuda. Nós vamos agora.”

Morse levou Riley e Jared de volta pela casa novamente. Quando chegaram ao corredor da frente, Riley parou quando algo surpreendente chamou sua atenção. Era algo que não tinha visto antes porque estava do lado de fora, pairando sobre uma lareira ornamentada em uma área formal.

Era um retrato a óleo de uma linda mulher de idade indeterminada. Ela estava de pé em um elegante vestido sem alças, com uma das mãos apoiada em uma mesa de época de aparência cara. Era atraente e curvilínea, mas sua figura não era o que mais impressionava Riley.

Era a expressão nos seus olhos.

Isso a lembrou de alguém - e levou apenas um segundo para Riley perceber quem era essa pessoa.

Ela vira essa expressão no rosto de Morgan Farrell.

O retratista habilmente apanhou aquele olhar de desamparo.

CAPÍTULO TREZE

Riley ficou olhando para o retrato por um momento, estudando aquela expressão.

Era perturbador.

A verdade é que aquela mulher voluptuosa não tinha quase nenhuma semelhança com a magra e desgredada Morgan Farrell...

Exceto aqueles olhos, Pensou Riley.

Aquele olhar era exatamente o mesmo - implorativo, desesperado, aterrorizado.

Alguém decidira deliberadamente preservar aqueles olhos assustados em um retrato caro - alguém que realmente sentia prazer no olhar de medo da mulher.

Provavelmente não é um capricho do artista, Pensou.

Certamente aquela expressão tinha que ser exigida ou pelo menos aprovada por quem encomendara aquele retrato.

E Riley sabia quem essa pessoa deveria ser - o homem que fora assassinado ao lado de sua piscina.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som da voz de Roderick Morse.

"Eu vejo que você se interessou pelo retrato. Bastante adorável, não é?"

"Quem é ela?" Riley perguntou.

Morse disse, "Charlotte Morse, a esposa de Julian - ou viúva, devo dizer".

Riley lembrou-se da menção de uma esposa no clipe de notícias que Van Roff lhe enviara, mas sua impressão era de que ela já não estava presente.

"Ela não mora aqui, pois não?" Perguntou Riley.

"Oh, Deus, não" Disse Morse. "Charlotte e Julian se separaram há um ano ou mais. Ninguém nunca soube os motivos."

Ainda olhando para o retrato, Riley perguntou, "Onde posso encontrar Charlotte Morse?"

Roderick Morse pareceu intrigado com a pergunta de Riley.

"Ela se mudou para o Britomart Hotel, bem aqui em Birmingham."

Riley perguntou, "Você pode me dar suas informações de contato - telefone, email ou o que for?"

Morse encolheu os ombros e disse, "Além do nome do hotel, temo que não. A mulher se tornou uma reclusa. Ela e eu não tivemos quase nenhum contato ao longo dos anos, não me lembro de sequer ter conversado com ela. Eu

só a vi em eventos sociais. Ainda assim, sempre suspeitei que gostaria mais dela do que alguma vez gostei de Julian.”

Riley agradeceu a Morse por sua ajuda e ela e Jared deixaram a casa.

A caminho do carro, Jared perguntou, "O que fazemos agora?"

"Precisamos fazer uma visita a Charlotte Morse" Disse Riley.

"Por quê? Você acha que ela é suspeita?"

Riley não respondeu a sua pergunta enquanto entravam no carro. A verdade é que não tinha certeza do que estava pensando no momento. Duvidava muito que a mulher que tinha visto naquele retrato tivesse matado Julian Morse, muito menos Andrew Farrell ou qualquer outra pessoa. E no entanto...

Aquela expressão! Riley pensou.

Tinha que significar algo, embora Riley não soubesse o quê.

Jared pegou o celular e disse, "Vou ligar para o hotel, ver se eles me colocam em contato com ela".

Riley lembrou quão rápido Jared conseguira antagonizar Roderick Morse.

"Hum... acho que não" Disse Riley, pegando seu próprio telefone. "Eu vou tratar disso."

"Por que não posso fazer isso?" Jared perguntou ligeiramente contrariado.

"Porque eu não quero que você irrite ninguém" Disse Riley.

“Ah, então. Eu posso ser bom.”

Riley o ignorou e encontrou o número do Hotel Britomart. Quando atenderam na recepção, pediu para falar com Charlotte Morse.

O funcionário ronronou com uma voz elegante, "Receio que a Sra. Morse não esteja aceitando chamadas. Posso perguntar do que se trata?"

Riley se apresentou e explicou que queria conversar com Charlotte sobre a morte do marido.

"Vou ver se consigo conectar você" Disse o funcionário.

Riley foi colocada em espera e encontrou-se ouvindo música clássica por alguns momentos.

Em seguida, o funcionário voltou e disse, "Receio que ela não esteja atendendo o telefone. Ela raramente atende, na verdade.”

"Tem certeza de que ela está em seu quarto?" Riley perguntou.

"Oh, sim” Disse o funcionário. "Ela nunca sai nessa altura."

"Eu vou aí para vê-la" Disse Riley.

Riley terminou a ligação e ligou o carro.

Disse para Jared, "Eu preciso de indicações para o Britomart Hotel."

"Você vai me dizer o que é tudo isso?" Jared perguntou quando encontrou

as indicações em seu celular.

"Quando eu souber, você será o primeiro a saber" Disse Riley quando começou a dirigir.

*

Riley ficou impressionada com o Hotel Britomart quando chegou e estacionou em frente ao enorme prédio antiquado. Ela imaginou que deveria ter sido construído há mais de um século, no auge da indústria do aço de Birmingham.

Riley e Jared entraram no saguão e se aproximaram da recepção. O funcionário bem vestido falou com a mesma voz sofisticada que ela ouvira pelo telefone.

"Agente Especial Riley Paige, eu presumo."

Riley mostrou seu distintivo e o apresentou a Jared. O funcionário tentou ligar para o quarto de Charlotte, mas novamente não obteve resposta.

O funcionário disse, "Sinto muito, talvez possa vir em outra altura. Eu posso deixar uma mensagem para ela e ela poderá contatá-la de volta."

Riley se lembrou de algo que Roderick Morse havia dito sobre a esposa de Julian...

"A mulher se tornou reclusa."

Deixar que Charlotte ligasse a Riley estava fora de questão. Por um lado, Riley não esperava ficar em Birmingham muito mais tempo.

Ainda assim, ela sabia que não tinha autoridade para insistir.

Avança suavemente, Disse a si mesma.

Riley disse ao funcionário, "Receio que isso seja muito urgente para nossa investigação. E como se trata da morte do marido, acho que ela gostaria de falar conosco."

O funcionário olhou para Riley e Jared.

Riley susteve a respiração novamente, esperando que Jared não dissesse algo abrasivo.

Finalmente o funcionário assentiu. "Me siga. Eu vou te levar para o quarto dela. Vamos ver se ela estará disponível."

Riley e Jared seguiram o funcionário até um elevador, que os levou ao último andar do prédio. Quando saíram para o corredor, Riley viu que havia apenas duas portas do quarto. Ela imaginou que duas suítes enormes ocupavam o andar inteiro do edifício.

O funcionário bateu gentilmente na porta e anunciou, “Senhora Morse, sou Delaney da recepção. Lamento muito a incomodar, mas tem visitantes que eu acredito que vai querer ver.”

Riley ouviu uma voz tranquila de mulher atrás da porta.

"Quem é?"

“Dois policiais. Uma é do FBI.”

Riley ouviu a mulher exclamar, "Oh, meu Deus!"

A porta se abriu e no interior havia uma mulher surpreendentemente atraente usando um quimono. Ela sorriu de uma forma calorosa e encantadora.

Riley ficou surpresa. Essa era realmente a mesma pessoa que ela havia visto no retrato?

Essa mulher era marcadamente mais integral - pode-se até dizer que era robusta - mas, mesmo assim, muito bonita.

E Riley não viu nem mesmo o menor traço daquele medo em seus olhos.

Houve algum tipo de erro? Imaginou.

Seria a mulher errada?

Ela mostrou seu distintivo novamente e se apresentou e a Jared.

Em uma voz musical e acolhedora, a mulher disse, “Entrem. Estou curiosa para saber de que se trata.”

Riley e Jared a seguiram até a suíte, que era ainda maior e mais elegante do que Riley esperava. Charlotte Morse convidou-os a se sentarem em um sofá antigo, depois sentou-se em uma cadeira de frente para eles.

Riley levou um momento para observar o que a rodeava.

Aquela suíte de luxo não parecia tão proibitiva quanto as casas de Julian Morse e Andrew Farrell. Riley achou difícil acreditar que alguém pudesse morar em qualquer dessas mansões. Em contraste, este lugar parecia palpavelmente vivo. E, no entanto, ao mesmo tempo, parecia estranhamente triste e solitário.

Levou alguns momentos para entender o porquê.

Tudo ali era muito antigo - em excelente estado, mas obviamente com sinais de uso. A suíte também tinha um ligeiro odor a mofo - não um cheiro desagradável, apenas outro indício de sua idade. Inúmeras pessoas certamente tinham ficado ali durante os muitos anos desde que o Britomart Hotel fora construído. Riley quase podia sentir sua presença fantasmagórica no ar.

Ela se achou pensando...

Se esse lugar pudesse falar...

Aquela sala tinha visto muitos tipos diferentes de visitantes indo e vindo - recém-casados felizes, amantes em encontros clandestinos, ricos empresários em

negócios longe de casa. A maioria dessas pessoas compartilhava uma característica em comum - a transitoriedade.

Ricos como eram, estavam sempre a caminho ou vindo de algum lugar.

Aquela suíte nunca fora uma casa - apenas um refúgio temporário. Mesmo assim, era mais quente e acolhedora do que as mansões de família.

Ainda sorrindo, a mulher disse, "Penso que a vossa visita deve ter algo a ver com o assassinato do meu marido".

Riley acenou com a cabeça e disse, "Houve um assassinato muito parecido em Atlanta na noite anterior. A vítima era um homem rico chamado Andrew Farrell. Talvez você tenha ouvido falar disso."

A mulher sacudiu a cabeça ligeiramente.

"Receio que não" Disse ela. "Eu não presto atenção nas notícias. Mantenho-me à margem de tudo."

Riley olhou para a mulher de perto. Podia ver agora que esta era a mesma mulher que estivera no retrato. Simplesmente parecia ter passado por mudanças desde que o retrato fora pintado. Embora parecesse mais velha, agora parecia muito mais feliz.

Charlotte Morse inclinou a cabeça com curiosidade.

"Eu não tenho a certeza do que isso tem a ver comigo" Disse ela. "Tenho certeza de que a polícia local lhe disse que eu não sou suspeita do assassinato de Julian. Eu não saio desse lugar - bem, eu não sei há quanto tempo."

Riley não sabia o que dizer. Mas continuava pensando na expressão que tinha visto no retrato e no quanto aqueles olhos a haviam lembrado de Morgan Farrell.

Ela tinha certeza de que a semelhança devia ser significativa de alguma forma.

Riley perguntou, "Senhora Morse, posso perguntar o que levou à sua separação do seu marido?"

O sorriso de Charlotte desapareceu, mas só um pouco. Ela se inclinou levemente em direção a Riley e disse...

"Agente Paige, olhe bem para este rosto."

Riley fez isso, percebendo que Charlotte não estava usando maquiagem.

Ela parecia ter a mesma idade que Riley - e como Riley, ela tinha linhas em seu rosto que mostravam isso.

Depois de olhar Riley por alguns momentos, Charlotte disse...

"Isso parece o tipo de cara que agradaria a um homem rico e poderoso como Julian Morse?"

Riley ficou surpresa.

Charlotte Morse ainda era uma mulher bonita e agora parecia mais humana do que no retrato. Naquela época, ela obviamente tinha se esforçado muito para parecer impecavelmente jovem.

Charlotte soltou uma leve risada e disse, “Quinze anos de casamento monogâmico é muito tempo para um homem assim. Pode dizer que sobrevivi a minha data de validade por uma década ou mais! Julian estava mais do que pronto para seguir em frente, embora eu não tenha ouvido falar que ele tivesse encontrado uma substituta adequada no momento em que morreu.”

Então, com um suspiro, Charlotte simplesmente disse: “Bem...”

Então encolheu os ombros e ficou em silêncio.

Riley não sentiu a menor tristeza ou amargura naquele silêncio. Em vez disso, sentiu alívio - e até mesmo um leve traço de felicidade.

Mas porquê?

Escolhendo suas palavras com cuidado, Riley perguntou...

"Senhora Morse... o que pode me dizer sobre o seu casamento? Você era... feliz?"

Charlotte soltou uma risada musical.

"Feliz! Que ideia estranha! O que a felicidade poderia ter a ver com isso? Eu era um bom partido para ele e ele era um bom partido para mim. Mas isso foi há muito tempo. Ele estava no processo de se divorciar de mim quando... bem, você sabe."

Ela gesticulou à sua volta e acrescentou, “Isso era tudo o que eu ia conseguir dele - um bom lugar para morar. Seus advogados fizeram um acordo brutal quando nos casamos. Todo mundo disse na época que eu era uma tola em concordar. Eu não me importei então e não me importo muito agora. Pertences não importam para mim. Isso é o suficiente para mim.”

Então, olhando para sua própria figura completa, acrescentou com uma risada, “E como você pode ver, eu tenho muito para comer. Não tenho que me preocupar mais com a minha figura.”

Riley quase perguntou...

"Seu marido foi abusivo?"

Mas rapidamente percebeu que era uma pergunta tola. A expressão de medo naquele retrato já lhe dera a resposta.

E a expressão que Riley via agora confirmava isso.

Depois de quinze anos, Charlotte Morse estava livre de qualquer tirania terrível que sofrera em sua própria casa de seu próprio marido.

E ela estava perfeitamente feliz com isso.

Riley percebeu que Jared não tinha falado uma palavra desde que ali estavam. Ela ficou aliviada, é claro, por ele não ter dito nada rude ou insultuoso. Olhou para ele e viu que estava ouvindo arrebatadamente tudo o que estava sendo dito e estava olhando para Charlotte com completa simpatia. Parecia que Jared estava tão encantado com ela quanto Riley.

Talvez ele não seja um completo incômodo, afinal, Pensou Riley.

Então Charlotte disse, “Suponho que você queira saber se Julian tinha algum inimigo. Uma pergunta melhor seria: ele tinha algum amigo? Não, nenhum que eu tenha conhecido. Ele gostava de machucar e irritar as pessoas. Ele fez tudo o que pôde para manter todos ao seu redor desequilibrados e desconfortáveis. Ele não gostava de ver ninguém feliz, acho que porque ele estava tão infeliz no fundo. Eu não acho que ele tivesse alguma ideia do que era amizade. Ele certamente não sabia o significado do amor.”

Então, com um suspiro, acrescentou, "Acho que eu também não. Talvez nunca venha a saber.”

Riley ficou olhando para Charlotte, imaginando que outras perguntas fazer.

Mas realmente, o que poderia esperar que Charlotte lhe contasse? Essa mulher não sabia quem havia matado o marido ou Andrew Farrell.

Riley não estava conseguindo nada com essa visita, exceto se intrometer nas únicas coisas que Charlotte ainda tinha e valorizava - sua paz e privacidade.

Riley agradeceu a Charlotte, e ela e Jared deixaram o apartamento.

No elevador, descendo, Jared disse, "Eu não entendo, agente Paige. O que foi aquilo? O que a esposa de Morse teve a ver com o assassinato dele? Não estivemos apenas perdendo nosso tempo?”

Riley reprimiu um suspiro. Jared quebrara o silêncio. Ainda assim, era uma boa pergunta - e ela realmente não sabia a resposta.

Quando saíram, ela disse a Jared que estavam voltando para Atlanta, e que queria que ele dirigisse. Talvez ela pudesse fazer uma pausa e tentar pensar sobre as coisas.

Assim que Jared pegou o volante e saiu de Birmingham, o celular de Riley tocou.

Ela gemeu quando viu quem era o interlocutor.

Era seu chefe, Brent Meredith.

Oh, não, Pensou. *Isso não pode ser bom.*

CAPÍTULO CATORZE

Quando Riley atendeu, ouviu o familiar estrondo da voz de Meredith.

"Agente Paige, há algo que gostaria de me dizer?"

Ela estremeceu um pouco com a pergunta. Podia facilmente imaginar as feições sombrias de seu chefe de equipe, que eram assustadoras o suficiente quando ele estava de bom humor. E ele com certeza não parecia estar de bom humor naquele momento.

Ela gaguejou, "Senhor, eu... eu posso explicar... o que for..."

Riley não sabia exatamente o que deveria tentar explicar. Alguém com quem ela se cruzara devia ter reclamado sobre ela estar ali. Mas quem?

"Espero que possa" Disse Meredith. "Acabei de receber uma chamada de Elmo Stiles, o chefe de polícia em Atlanta. Ele disse que estava curioso sobre o tipo de investigação que o FBI estava conduzindo lá, e por que nós te mandamos lá para trabalhar nisso. Ele disse que você não tinha sido muito clara."

Então, com um grunhido, Meredith acrescentou, "Bem, o que deveria dizer a ele? Eu não tinha ideia do que ele estava falando."

Riley susteve um suspiro de desespero. Não tinha escolha, é claro, a não ser contar a verdade a Meredith. Embora muitas vezes ela tivesse contornado as regras, tentou nunca mentir para Meredith. Ele tinha sido seu fiel aliado através de alguns tempos profissionais bastante difíceis, quando as pessoas que tinham um nível mais alto do que ele queriam vê-la demitida ou pior.

Lentamente começou a descrever tudo, desde o momento em que conhecera Morgan Farrell em fevereiro. Também contou a ele sobre chegar a Atlanta e conversar com Morgan na cadeia, e sua crescente certeza de que a mulher era inocente.

Meredith grunhiu, "Um único assassinato não parece um caso para o FBI".

"Bem, parece que houve outro assassinato" Disse Riley.

Sem mencionar Van Roff, Riley explicou que soubera do assassinato de Julian Morse em Birmingham. O homem havia sido morto em circunstâncias surpreendentemente semelhantes, apenas uma semana antes do assassinato de Farrell.

Meredith interrompeu, "Não me diga. Você foi a Birmingham para dar uma olhada."

Riley engoliu em seco e disse, "Sim, é onde estou agora."

"Então... devo esperar um telefonema do chefe de polícia de Birmingham, perguntando o que diabos você está fazendo aí?"

"Oh, não" Disse Riley. "A polícia de Birmingham não tem ideia de que estou aqui."

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela percebeu o quão ruim aquilo soava.

Não estou a facilitar as coisas para o meu lado, Pensou.

Escolhendo suas palavras com mais cuidado, explicou que tinha ido à casa de Morse e também tinha feito uma visita a sua viúva. Também disse que estava convencida de que os dois assassinatos haviam sido cometidos pela mesma pessoa.

Então ela disse, "Então veja, talvez devêssemos tornar oficial este caso, afinal. Dois assassinatos em dois estados diferentes - isso não exige uma investigação federal?"

Meredith grunhiu novamente.

"Você sabe que não é bem assim, Agente Paige. O FBI é como o vampiro proverbial. Tem que ser convidado para entrar."

"Bem, você não poderia ligar para o chefe Stiles e..."

"A resposta é não, Agente Paige. O que você está me dizendo ainda é muito frágil para intervirmos. A propósito, quando Stiles me perguntou o que você estava fazendo lá, eu disse a ele que preferia não discutir o assunto. Como vê, eu cobri você. De nada."

"Eu, realmente aprecio isso, senhor."

"É bom que sim."

Um silêncio caiu. Riley se preparou para o que poderia vir a seguir.

Ele iria exigir que ela voltasse para Quantico imediatamente?

Finalmente Meredith disse, "Ouvi dizer que você resolveu seu caso de adoção. Parabéns. Deve sentir-se bem."

"Obrigada" Disse Riley.

"Então, eu suponho que você esteja tirando um tempo para descansar e celebrar."

Riley começou a respirar melhor. Ela tinha certeza de onde Meredith queria chegar com isso...

Ele vai ignorar isso.

"Isso mesmo" Disse ela. "Eu precisava de uma pausa."

Outro silêncio se seguiu.

Então Meredith disse, "Bem, não espere que o FBI lhe reembolse por quaisquer despesas. E eu não quero ouvir mais nada sobre suas atividades, a menos que você tenha algo que eu realmente queira saber. Espero que volte ao

seu gabinete depois de amanhã.”

Sem outra palavra, Meredith terminou a ligação.

Riley ficou olhando para o celular enquanto se deixava invadir por uma sensação de alívio.

Então Jared Ruhl perguntou, "Então, esse era o chefe, hein?"

"Sim" Disse Riley.

Com um leve gemido, Jared acrescentou, “Eu não mereço nenhum crédito? Eu não ouvi você mencionar meu nome uma vez.”

Riley soltou um suspiro profundo. A verdade era que estava tão focada em Meredith que não tinha pensado no jovem policial que estava dirigindo o carro.

Ela disse, "Acredite em mim, eu não estaria fazendo nenhum favor a você".

Enquanto Jared continuava dirigindo, Riley tinha certeza de uma coisa - ela tinha despertado o interesse de Meredith apenas o suficiente para lhe dar uma folga, dar a ela uma chance de saber mais sobre aquele caso.

Mas ela só tinha mais um dia para conseguir o que queria.

O que poderia fazer em apenas um dia?

CAPÍTULO QUINZE

Tisha Harter estava sentada na enorme sala de recreação olhando para o jogo que estava se desenrolando em uma enorme tela de vídeo.

Armas estavam em chamas e explosões rebentavam ao redor dela. Os bandidos surgiam em todo o lado. Normalmente, Tisha não tinha problema em lidar com aquilo.

Mas hoje, Tisha não pôde fazer nada além de se atrapalhar com os botões do controle remoto. Com um gemido impaciente, desistiu e saiu do jogo.

Por um momento, ela apenas ficou lá e olhou para a mão direita firmemente enfaixada. Dois dos dedos estavam enrolados juntos e a mão dela estava coberta com um suporte de espuma que se estendia até o pulso.

Ela pousou o controle remoto e estendeu a outra mão para o copo de bourbon que serviu para si. Tomou um gole, depois resmungou em voz alta...

"Aquele filho da mãe malvado."

Ela não estava pensando em nenhum dos vilões do jogo. Não estava pensando na enfermeira que enfaixou a mão também.

Estava pensando em seu marido.

Edwin tinha quebrado seu dedo mindinho ontem mesmo em uma de suas crescentes e frequentes explosões de crueldade sádica. Ele a fez gritar e é claro gostou. Ele gostava de infligir dor nas pessoas, especialmente nela. Ele a mantinha muito machucada ultimamente, embora até agora ele tivesse tido o cuidado de não deixar nenhuma marca que não pudesse ser escondida pela roupa.

Isso foi diferente - o primeiro osso que ele realmente quebrou. A enfermeira que passou a maior parte do tempo cuidando de Edwin tinha tratado o dedo de Tisha e enfaixado. Ela disse a Tisha que teria que ficar assim por mais quatro semanas.

Olhou para o outro pulso, com a pulseira de ouro que ele comprara depois de infligir essa última ferida. Ele sempre lhe comprava coisas boas depois de fazer coisas ruins. Não era seu jeito de se desculpar - ele nunca se desculpou com ninguém. Era mais uma transação - sua maneira de reembolsá-la por serviços prestados, por permitir que a machucasse.

Ela quase pensava que as bugigangas iam a dor, mas as coisas tinham piorado desde que ele se aposentara.

Por que eu aguento isso? Interrogou-se.

Ela não era fraca. Em sua curta vida, Tisha tinha sofrido a sua quota de

golpes duros e ela gostava de pensar em si mesma como sendo dura. Ela poderia reagir quando Edwin entrasse em um de seus feitiços - e às vezes ela o fazia. Mas nunca resultava. Edwin ligava para seus seguranças leais para segurá-la e trancá-la em algum lugar até que se acalmasse. Nem uma única pessoa na casa viria em sua defesa. Todos faziam exatamente o que ele mandava.

E agora...

Quatro semanas! Pensou miseravelmente.

Não poderia sair de casa todo aquele tempo, já que ninguém fora da mansão poderia ver seu ferimento. Normalmente, sua liberdade de sair e fazer o que gostava era a única coisa na vida que ainda lhe pertencia - uma liberdade preciosa que aproveitava com a maior frequência possível.

Sorriu um pouco enquanto pensava...

Se Edwin soubesse o tipo de coisa que eu faço quando estou fora.

Mas agora ela estava presa ali e ficaria entediada por quatro semanas inteiras - especialmente agora que nem conseguia libertar sua agressividade jogando aquele maldito jogo.

Nada disso era o que ela esperava quando se casara com Edwin há quatro anos.

Fizera de tudo para chegar a ele. Tinha apenas vinte e um anos na época, trabalhando como garçom em um dos clubes de country a que ele pertencia.

Ela sabia que Edwin era seu patrono mais rico. Também sabia que sua esposa, Claudia, era uma inválida nos últimos estágios do câncer. Então, mesmo enquanto lhe servia bebidas, Tisha tinha-se insinuado com zelo empreendedor. Entre assistir TV e observar as mulheres no clube, aprendera a se apresentar em público de maneira adequada, mas também ofereceu-lhe juventude, energia e beleza.

Ele não sabia, é claro, sobre seu passado esquisito, especialmente seus desentendimentos com a lei. Ele ainda não sabia sobre tudo isso e Tisha não pretendia lhe contar.

Foi fácil seduzi-lo, depois manter um caso até a morte da esposa.

Edwin tinha pedido Tisha em casamento no dia após a morte de Claudia e se casaram em uma cerimônia privada poucos dias depois.

Tudo corria bem para Tisha.

Mas desde então, suas esperanças haviam sido frustradas.

Tomando outro gole de uísque, ela se perguntou...

Quando diabos ele vai morrer?

Uma das razões pelas quais ela o escolhera para casar, fora o fato de ele já

ter tido três ataques cardíacos. Todos sabiam que ele odiava exercício e evitava qualquer coisa parecida com uma dieta saudável.

Na verdade, a equipe do country club onde ela trabalhava mantinha uma aposta para prever quando o velho ia bater a bota.

E era com isso que Tisha contava. Ela se certificou de que ele reescrevera seu testamento deixando de fora seus três filhos, deixando-a como sua única herdeira.

Assim que ele morresse, ela herdaria uma fortuna espetacular.

Por aqueles dias, sua pressão arterial era terrível e seus níveis de colesterol também. Mas ele simplesmente continuou vivendo. A pior parte era ele atribuir sua longevidade ao fato de ter Tisha em sua vida.

"Você é um tônico" Costumava lhe dizer. *"Você me mantém jovem."*

Sempre que ele dizia isso, ela queria bater nele com os punhos.

Na verdade, ela desejava poder bater nele naquele momento.

E por que não poderia?

Ela poderia encontrá-lo, onde quer que ele estivesse na casa e dar-lhe um soco na cara.

Então e se ela fosse punida por isso?

Na verdade...

...Por que não poderia fazer algo muito pior?

Ela estava se sentindo amarga o suficiente agora para não dar a mínima para quaisquer consequências.

Enquanto sua raiva se acentuou, ela pensou...

Ele não tem ideia do que eu fiz.

Ele não tem ideia do que eu sou capaz de fazer.

*

Edwin Gray Harter estava vagando pelos corredores de sua mansão, observando sua vasta coleção de belas pinturas - Picassos, Kandinskys, Braques, Klees, Pollocks e outras obras. Combinadas, essas pinturas valiam várias fortunas.

Depois de todos aqueles anos, ele finalmente estava se perguntando...

Será que eu gosto dessas coisas?

Todo esse modernismo - ele nem sentia como se entendesse a maior parte.

Afinal de contas, sua esposa morta, Claudia, tinha sido a amante de arte, não ele.

Era ela que dizia o que era bom, as coisas que ele gostaria de comprar. Não que ela tenha aprovado as compras dele, como ela sempre dizia quando ainda estava viva...

"É obsceno."

Edwin mantinha toda a coleção nos quartos e nos corredores da ala privada - parte da mansão em que ninguém, exceto seus criados pessoais, era autorizado a entrar, a não ser com permissão. Até mesmo Claudia raramente tinha permissão para vir aqui. Agora, o mesmo acontecia com Tisha.

Ele sorriu ao recordar o que Claudia costumava dizer...

"Essas pinturas deveriam pertencer ao mundo. Elas deveriam estar em um museu para todo mundo ver. Está tudo perdido em você. É uma obscenidade."

Ele nunca conseguiu fazer Claudia entender - o objetivo dessa coleção era ter coisas que o mundo queria, mas que ninguém mais poderia ter pela simples razão de que Edwin as possuía.

Ele ficou olhando para um abstrato especialmente caótico.

Não conseguia nem lembrar quem era o pintor, mas por algum motivo agora se sentia atraído por ele, sentia-se quase como se pudesse apreciá-lo.

As pinceladas selvagens pareciam ser deliberadamente sem sentido...

Quase como minha vida.

Uma amargura familiar estava rastejando sobre ele.

Mais uma vez pensou nos sonhos idealistas de sua juventude. Ele traía esses sonhos uma e outra vez. Para fazer sua fortuna, começou com investimentos em poços de petróleo e cassinos em Las Vegas - e quando a sorte não estava do seu lado, lavagem de dinheiro e outros empreendimentos duvidosos sempre ocupavam o vazio.

E agora era um bilionário há tanto tempo que mal conseguia se lembrar de alguma outra coisa.

Ele se cansou de olhar a pintura e foi até uma janela. Ficou olhando para a noite no campo de golfe iluminado que se estendia ao longe. Costumava gostar dessa vista, com sua sugestão de riqueza e privilégio. Também gostava de jogar golfe, de tudo o que acontecia no campo.

Mas seu interesse pelo golfe azedou, como tantas outras coisas.

E então apareceu Tisha...

Tisha tinha sido sua aquisição final, sua tentativa de impulsionar seu entusiasmo pela vida.

Quando as pessoas perguntavam por que um homem da idade dele se casara com alguém tão jovem, ele respondia...

“Quando você escolhe um cachorro, o que você procura? Um cãozinho! Quem quer um cachorro velho com suas manias? Você quer um cachorrinho!”

Ele achou que seria o mesmo com uma esposa. Ele poderia treiná-la para ser exatamente o que ele queria que ela fosse. Não tinha conseguido fazer isso com Claudia, que tinha trinta anos quando se casou com ela, e que sempre tivera muita personalidade para o seu gosto.

Mas agora a história se repetia e ele também não fora capaz de fazer isso com Tisha.

Algun cachorrinho, Pensou.

Na época em que a conhecera como garçõnete, ela o enganara, apresentando-se como alegre e ingênua e ansiosa para agradar.

Não que ela o tivesse enganado completamente. Naturalmente, ele a tinha investigado e sabia mais sobre seu passado duvidoso do que ela sabia. Ainda assim, tinha sido levado por aquela fantochada, que durara até ele reescrever seu testamento. Então ela começou a se revelar o lixo vulgar que realmente era.

Não era de admirar que ele gostasse de machucá-la, gostasse de ouvi-la gritar e gemer de dor.

Mas ele sabia que tinha ido longe demais, quebrando o dedo dela. De alguma forma, sentiu que ela se vingaria dele por isso.

Ela o odiaria por algum tempo, é claro. Não o incomodava muito saber que ela o queria morto.

Nem sequer o incomodava que ela já estivesse tentando matá-lo de suas próprias maneiras sutis. Ele a deixou no comando completo de seu cardápio e ela se certificou de que ele recebesse diariamente doses tóxicas de gordura, açúcar e colesterol - suculentos bifes vermelhos e sobremesas doces e extravagantes.

A verdade era que ele não se importava muito. Ele gostava da comida rica e tóxica, e depois de três ataques cardíacos, não achou que tivesse muito mais tempo para viver de qualquer maneira.

E não tinha nem um pouco medo de morrer. Na verdade, ansiava isso.

Afinal, para que vivia?

Enquanto ficou lá olhando pela janela, sentiu seus músculos doendo.

Envelhecer é para perdedores, Pensou.

Felizmente, ainda havia um prazer profundamente satisfatório para ele na vida, uma maneira de aliviar sua dor física. Atravessou seu quarto e entrou em seu vasto banheiro, onde a banheira de hidromassagem jazia fumegante. Ele sentiu a água com os dedos.

Perfeito.

Tirou os óculos, retirou o aparelho auditivo, colocou-os no balcão do banheiro e tirou a roupa.

Então ligou os jatos de massagem da banheira de hidromassagem e entrou na água quente.

Ele suspirou e respirou devagar enquanto o alívio inundava seu corpo.

Enquanto Edwin relaxava, se viu mergulhando em devaneios sobre o passado, quando era jovem e ainda não tinha feito fortuna e queria ser inventor. Ele estudou eletrônica e esperava mudar o mundo com suas idéias e inovações. Em vez disso, toda a revolução da informação, a grande era dos computadores e da comunicação, havia passado completamente por ele enquanto andava movimentando dinheiro, nunca fazendo ou criando nada útil.

Aquele jovem brilhante e talentoso que ele tinha sido agora parecia outra pessoa, um estranho que talvez ele gostaria de conhecer...

... Mas que não gostaria muito de mim.

Bem, não fazia sentido ficar nostálgico.

Ele sabia que ele tinha conseguido exatamente o que merecia na vida e não se sentia nem um pouco triste por si mesmo.

Fechou os olhos e deixou-se cair sob o feitiço calmante e hipnótico do calor borbulhante e do estrondo amigável da banheira de hidromassagem.

Então de repente...

Uma dor profunda e penetrante atingiu-o logo abaixo de sua caixa torácica.

Outro ataque cardíaco, Pensou quando a dor explodiu em seu abdômen.

Este doeu muito mais que os outros.

Então sentiu uma pressão súbita no peito e seu rosto caiu na água. Dores pontiagudas atingiram todo o seu abdômen.

Abriu os olhos, que ardiam dos produtos químicos na água, e viu o sangue se agitando na água borbulhante da banheira de hidromassagem.

Acenou com a mão como se quisesse limpar o sangue.

Tentou ordenar que a dor parasse, mas tossiu quando a água entrou em sua boca.

Edwin Grey Harter perdeu a consciência quando se afundou em água morna manchada com seu próprio sangue.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Na manhã seguinte, Riley não tinha ideia de que tudo estava prestes a mudar. Ela estava sentada na sala de jantar do hotel tomando café, mordiscando um bolo e sentindo-se bastante derrotada.

Tinha certeza de que os assassinatos de Andrew Farrell e Julian Morse estavam ligados, provavelmente cometidos pelo mesmo homem. Mas Meredith tinha deixado claro para ela ontem que ainda estava sozinha. Sem apoio oficial, como poderia trabalhar suas suspeitas?

Deveria falar com o chefe Stiles novamente, tentar persuadi-lo a contatar o FBI e fazer disso um caso oficial? Ele certamente sabia sobre o assassinato em Birmingham, mas nunca lhe havia mencionado isso. O que ele faria se Riley lhe falasse nisso?

Provavelmente apenas me lembrará que Morgan Farrell confessou,
Pensou.

Em relação à semelhança entre os dois assassinatos, Riley imaginou que Stiles iria atribuí-lo à coincidência ou teorizar que Morgan havia deliberadamente copiado o outro assassinato.

Além disso, entrar em contato com Stiles era uma má ideia por um bom motivo.

Eu menti para ele sobre a minha razão de aqui estar, Lembrou Riley. Por que deveria esperar que ele confiasse em mim agora?

Riley se perguntou se ela e Ruhl deveriam ter retornado a Atlanta de Birmingham tão apressadamente no dia anterior. Talvez devesse ter falado com o chefe de polícia de Birmingham, afinal. Talvez lhe pudesse ter dito a verdade sobre o porquê de estar lá, pedir-lhe para permitir que ela investigasse apenas por conta própria.

Talvez devesse regressar a Birmingham.

Ou...

Talvez devesse desistir e voltar para casa, Pensou.

Ela desejou que seu parceiro, Bill Jeffreys, estivesse ali.

Ele certamente saberia o que fazer.

Talvez devesse ligar-lhe. Ou talvez devesse ligar para sua outra jovem parceira, Jenn Roston.

Então ela suspirou enquanto pensava ...

E envolvê-los nessa bagunça?

Não, isso não seria justo. Meredith tinha mostrado considerável contenção

em deixar Riley continuar a seguir os dois casos. Ele ficaria furioso se Riley se voltasse para outras fontes do FBI, especialmente Bill ou Jenn.

Enquanto refletia sobre tudo isso, seu telefone tocou. Riley rosnou baixinho quando viu que a ligação era de Jared Ruhl.

Ela o deixou no seu apartamento na noite anterior depois de voltarem de Birmingham. Teve o cuidado de não dizer nada que sugerisse que sua "parceria" era outra coisa senão uma coisa de um dia.

Acho que ele não vê as coisas dessa maneira, Pensou.

Atendeu e ficou surpresa com a alegria da voz do jovem policial.

“Ei Agente Paige! Tenho ótimas notícias! Houve outro assassinato!”

"Do que você está falando?" Perguntou Riley.

Aconteceu em Monarch, a cerca de cinquenta quilômetros a leste de Atlanta. Um velho rico chamado Edwin Grey Harter foi morto em sua banheira de hidromassagem.”

Riley retrucou, "E você chama isso de boa notícia?"

Com uma risada alegre, Jared acrescentou, “Ele foi esfaqueado várias vezes. Isso faz com que três homens ricos tivessem sido assassinados da mesma maneira num raio de duzentos quilômetros. Agora não tente me dizer que tudo é uma coincidência!”

Riley tentou processar o que estava ouvindo.

Não, com certeza não parecia uma coincidência.

Ainda assim, ela se sentiu um pouco perturbada com a alegria de Jared perante outra morte.

"Quando isso aconteceu?" Riley perguntou.

“Ontem à noite. O corpo foi encontrado há menos de uma hora atrás.”

Riley mal podia acreditar no que ouvia.

Uma hora? Pensou.

O assassinato ainda não poderia estar a ser divulgado na internet. Riley duvidava que a mídia tivesse começado a cobri-lo.

“Como você descobriu tão rápido?” Perguntou.

"Eu tenho minhas fontes" Disse Jared.

"Fontes? De que diabos você está falando?”

Com um leve gemido, Jared disse, “Agente Paige, temos que conversar sobre tudo isso agora? Não temos muito tempo. Os policiais estão nos esperando.”

Riley ofegou em voz alta.

"O que você quer dizer com 'nos esperando'?"

“Naturalmente, entrei em contato com o chefe de polícia de Monarch. Eu disse a ele que estávamos a caminho, porque agora era um caso do FBI.”

"Mas não é um caso do FBI!" Riley quase gritou.

"Por que não? Com três assassinatos, não deveria ser? Ah, e eu disse ao chefe para manter a cena do crime intocada - especialmente o cadáver. Isso foi inteligente da minha parte, não lhe parece?"

Riley emudeceu.

"Jared, você não deveria ter ligado antes de falar comigo. Na verdade, você não deveria ter ligado. Você deveria ter me deixado fazer a ligação."

"Por quê? Eu calculei que o tempo era fundamental."

Riley não sabia o que dizer. A verdade era que provavelmente tinha sido bom ele ligar naquele momento, se isso significasse que a cena do crime ficaria intocada.

Ao mesmo tempo, Jared não podia continuar fazendo ligações e tomando decisões por conta própria.

Mas como pará-lo? Interrogou-se.

Soando mais e mais animado, Jared continuou, "Eu liguei para a delegacia aqui em Atlanta e disse que estava doente. Não se preocupe, tenho muitos dias por tirar. Então. Quem vai nos levar a Monarch? Eu tenho um carro, mas tenho tido alguns problemas ultimamente e não posso garantir que nos traga de volta. Você ainda tem o carro alugado, não é?"

"Sim" Disse Riley, cansada. "Eu vou buscá-lo agora."

Riley desligou a ligação. Quando terminou seu café e bolo, se perguntou...

Por que não posso simplesmente dizer a esse cara para desaparecer?

Não tinha a certeza. Mas a verdade era que ele não era totalmente inútil. Ele tivera alguns bons insights no dia anterior, e agora, de uma forma ou de outra, ele descobrira um novo assassinato. E a verdade é que Riley provavelmente não teria viajado até ali se não fosse pelo primeiro telefonema dele lhe contando suas dúvidas de que Morgan Farrell era uma assassina.

Então, apesar de o considerar irritante e problemático, Riley calculou...

Acho que é melhor não me livrar dele... ainda.

Quando saiu do hotel e entrou no carro, pensou...

Outro assassinato

Ela sempre estivera certa.

Mas não conseguia retirar satisfação disso. Agora tinha um novo caso para resolver. E se era ou não oficialmente um caso dela, tinha que resolvê-lo antes que qualquer outra pessoa fosse morta.

CAPÍTULO DEZASSETTE

Quando Riley parou no prédio de Jared, é claro que ele já estava na calçada esperando por ela. Ele entrou no carro e deu-lhe instruções para sair da cidade e seguir em direção a Monarch.

Enquanto dirigia, Riley disse com firmeza, "Agora quero que você me diga como descobriu sobre esse assassinato."

Jared riu e respondeu, "Você já ouviu falar de um site chamado CrimeWidth?"

Riley tentou se lembrar. Ela achou que tinha ouvido alguém mencionar esse nome - Bill, talvez.

Jared continuou, "É um serviço de transmissão de alerta de crimes violentos e se conecta a scanners da polícia em todo o país. Tem uma página de feeds de alerta que acompanha crimes violentos em tempo real. Eles nunca perdem nada. Foi aí que ouvi sobre esse novo assassinato em Monarch."

Ela disse, "Então você só estava ouvindo quando esse novo assassinato surgiu?"

Jared encolheu os ombros e disse, "Eu escuto quando não consigo dormir. E não conseguia dormir na noite passada. Foi bom eu estar no site, hein?"

Riley ficou incomodada com a ideia de um site público que reunia tantas informações em tempo real sobre crimes violentos. Ela se perguntou se era uma boa ideia civis terem acesso a essa ferramenta.

Ainda assim, teve que admitir que tinha sido útil nessa manhã.

E Jared também tinha sido útil.

*

Era uma viagem curta de Atlanta para Monarch. Quando entraram na cidadezinha, Riley praticamente sentiu o cheiro da riqueza no ar. Tudo era chique e bem cuidado, e a rua principal estava repleta de lojas extremamente sofisticadas. Era tudo tão brilhante e arrumado que dificilmente parecia real para Riley. A sensação de local de livro de histórias foi aumentada quando ela percebeu que algumas pessoas ali andavam em carrinhos de golfe em vez de carros.

Prosseguiram seu caminho passando por entradas de clubes de country com enormes campos de golfe. Na verdade, pareceu a Riley que toda a paisagem visível não tinha nada a não ser campos de golfe.

Depois, percorreram um rico bairro de grandes casas até chegarem ao final de um beco sem saída. Lá encontraram a moderna mansão de pedra onde Edwin Gray Harter havia morado. Embora o estilo fosse diferente, o tamanho dela lembrava Riley das casas das outras duas vítimas. Como os outros, essa propriedade cuidadosamente mantida não era fechada e podia ser acessada da rua.

Definitivamente um padrão, Riley pensou enquanto tentava visualizar como um intruso poderia ter entrado.

No momento, carros da polícia e a van de um médico legista estavam estacionados do lado de fora da entrada da frente. Quando Riley estacionou e ela e Jared saíram do carro, viu dois homens uniformizados em pé na porta aberta. Um deles estava fumando um cigarro quando se adiantou para ir ao seu encontro.

Ele disse a Jared, “Você deve ser o cara com quem eu falei no telefone.” Então ele acrescentou para Riley, “E você deve ser a mulher do FBI de que ele me falou. Eu sou Callum O'Neill e tenho o azar de ser o chefe de polícia aqui em Monarch.”

Riley imediatamente notou que ele tinha um sotaque bem acentuado de Nova Iorque. Era um homem baixo, moreno e de cabelos negros, quase comicamente compacto e robusto.

Mais ou menos como um atacante de futebol em miniatura, Pensou Riley.

Depois que Riley se apresentou, O'Neill disse, “Sabe, lá em Nova Iorque, eu tive que lidar com muitos assassinatos - guerras de gangs, ataques da máfia, assaltos à mão armada, cônjuges se matando, muito desse tipo de coisa. Aceitei esse trabalho aqui em Monarch para ficar longe de tudo isso.”

Com um grunhido de desânimo, acrescentou, “Parece que não me consegui afastar.”

Ele tirou o cigarro da boca, jogou no chão e apagou com o pé.

Disse, “Então isso agora é oficialmente um caso do FBI, hein? Eu acho que já se justifica. Talvez se você tivesse começado mais cedo, o cara ainda estivesse vivo. Não é de admirar que as pessoas por aqui não gostem muito de agentes federais.”

Riley se encolheu um pouco. Decidiu que talvez este não fosse o melhor momento para lhe dizer que este ainda não era um caso do FBI - que, na verdade, ele teria que ligar para Quantico para torná-lo oficial.

Ela simplesmente disse, “Mostre-nos a cena do crime”.

O'Neill os levou para dentro da casa. Riley ficou cada vez mais

impressionada com a semelhança geral com as casas das outras vítimas. Esta também parecia uma exposição gigantesca onde ninguém jamais havia vivido.

Notou especialmente um gosto comum por sofás brancos imaculados. Ela se perguntou por que alguém iria querer móveis que mostrassem qualquer desgaste tão facilmente. Em sua própria casa, uma coisa dessas não duraria um dia inteiro - não com duas filhas e agora um cachorro.

Quando Riley olhou em volta, imaginou quantos problemas a equipe de limpeza deveria ter para manter tudo tão polido e imaculado. Ela imaginou que eles deviam passar horas intermináveis limpando qualquer sinal de vida humana.

Eles se aproximaram de uma escadaria dramática que se estendia de um lado do hall de entrada até uma varanda saliente. Riley podia ver que as escadas continuavam até mais longe na parte superior da casa. Antes que Riley pudesse começar a subir as escadas, O'Neill disse...

"Eu não faria isso se fosse você. Eu cometi esse erro quando cheguei aqui. Acontece que ninguém nunca usa essas escadas. Eu queria que alguém tivesse me contado. Eu vou acordar dolorido amanhã de manhã."

Ele levou Riley e Jared para o elevador até ao terceiro andar. Quando saíram do elevador para um corredor, Riley viu que estavam cercados por pinturas. Embora ela não soubesse muito sobre arte, algumas delas eram inconfundíveis. Um par de Picassos especialmente chamou sua atenção.

Ficou admirada com o valor gasto para adquirir essa coleção.

Jared disse, "Parece que Edwin Gray Harter era amante de arte."

Embora Riley não o tenha dito, pensava de forma diferente. Ela percebeu que toda essa coleção escandalosamente cara era apenas uma questão de ostentar riqueza, não amor pela arte.

Estremeceu um pouco quando foi atingida por um forte pressentimento...

O amor pelo o que quer que seja não existe nesta casa.

Mesmo todas essas possessões materiais caras pareciam de alguma forma carentes de afeto.

Riley olhou para o corredor.

"Que tipo de segurança existe aqui?" Perguntou.

"Nenhuma" Disse O'Neill. "Eu sei, isso parece meio perverso. Mas as pessoas da equipe me dizem que todo esse andar era domínio privado de Harter e eu quero mesmo dizer privado. Nenhuma câmera de segurança ou vigilância de qualquer tipo."

É claro que Riley percebeu que a falta de qualquer gravação de segurança seria um problema. Mas também fez a coleção de arte parecer ainda mais

estranha para ela. Harter gastara enormes quantias de dinheiro colecionando quadros dos quais talvez nem gostasse especialmente, mas que ninguém, exceto ele, jamais poderia ver.

Ela achava que Harter devia ser um homem estranho e vazio - provavelmente arrogante e patético.

O'Neill levou Riley e Jared para um vasto quarto em direção a um quase igualmente vasto banheiro de azulejos brancos. Pessoas uniformizadas circulavam, a maioria delas pairando perto de uma enorme banheira de hidromassagem.

As primeiras coisas que chamaram a atenção de Riley foram uma bandeja e uma porcelana quebrada no chão. Então ela olhou para a banheira e viu o corpo do homem lá embaixo da água. A água ficara rosa do sangue. No fundo da banheira ao lado do corpo havia uma grande faca de cozinha - obviamente a arma do crime, novamente abandonada pelo assassino.

Uma mulher vestida de branco, rotunda mas notavelmente ágil veio em direção a Riley. O'Neill apresentou-a como Sage Ennis, a médica legista do condado.

"Então, podemos retirar a água agora?" Ennis perguntou com um sotaque agudo do sul. "Nos disseram para deixar tudo como achamos até você chegar aqui, mas esse cara já está meio maduro. Eu gostaria que ele não ficasse muito mal antes de eu fazer a autópsia."

Riley já sentia um cheiro desagradável. Ela sabia que ia piorar rapidamente.

Deu uma olhada em tudo.

"Tem fotos?" Perguntou.

"Claro que sim, querida" Respondeu a médica legista. "Vou mandá-las para você."

"OK" Disse Riley.

Um membro da equipe da médica legista abriu o ralo do lado da banheira e a água começou a escoar.

Riley perguntou a Ennis, "Que fatos você conseguiu determinar até agora?"

Ennis cruzou os braços e disse, "Você é a garota do FBI. O que me pode me dizer?"

Riley não gostou do seu tom de voz, mas a atitude não era nova para ela. Como O'Neill tinha acabado de sugerir, os funcionários federais de qualquer tipo não eram sempre especialmente bem-vindos nessa parte do país.

Ela está me testando, Riley percebeu.

Riley enfiou a mão na banheira para sentir a água drenada.

"Ainda está muito quente" Disse ela à médica legista. "O assassino deve ter deixado os jatos e o calor correndo. Meu palpite é que eles ainda estavam qligados uando seu pessoal apareceu e os desligou."

Ennis assentiu.

Riley olhou novamente para a bandeja e a porcelana quebrada. Ela supôs que um empregado tivesse entrado no quarto de Harter hoje cedo com o café da manhã. Não encontrou Harter na cama, mas ouviu os jatos da banheira de hidromassagem passando pela porta do banheiro. O criado calculou que Harter estava na banheira, depois entrou aqui e deixou cair a bandeja horrorizado ao ver o corpo.

Riley rapidamente revisou o que já sabia sobre a sequência do tempo.

Quando Jared ligou para ela, ele disse que o corpo havia sido encontrado não mais do que uma hora antes. Riley passou outra hora pegando Jared e dirigindo para ali.

Olhou para o relógio e disse, "Um dos criados de Harter encontrou o corpo por volta das 6h30 da manhã - um homem, já que se sentia à vontade para entrar no banheiro. Esse era o horário regular de Harter para o café da manhã."

Ennis inclinou a cabeça com interesse.

Riley olhou novamente para a banheira. A água estava se esvaindo do cadáver agora e ela podia vê-lo mais claramente.

Disse, "Seu corpo afundou e ficou no fundo da banheira. Isso significa que seus pulmões estavam cheios de água - ele se afogou enquanto lutava com seu agressor. Não que ele não tivesse morrido de suas feridas muito rapidamente. Mas se isso tivesse acontecido, haveria ainda mais sangue na água."

Riley cheirou o ar azedo novamente e olhou mais de perto o cadáver, que mostrava sinais de inchaço.

Ela não era treinada em medicina forense, mas já tinha visto e cheirado muitos cadáveres em diferentes condições - incluindo alguns que haviam sido submersos em temperaturas variadas.

Ela lembrou a si mesma...

Os jatos e o calor estavam correndo até que os policiais e a equipe da médica legista chegaram aqui.

O calor acelerou um pouco os processos de inchaço e putrefação. Então o cheiro e o inchaço deram a Riley uma boa ideia de quando o assassinato havia acontecido.

Ela olhou para Ennis e disse, “Eu diria que a hora de sua morte terá sido às onze e meia da noite passada. Qual é a sua estimativa?”

Ennis sorriu, parecendo bastante impressionada.

"Isso é praticamente o que eu imaginei também" Disse ela.

Riley ficou olhando em silêncio o corpo por um momento, tentando entender melhor o que havia acontecido. Ela não conseguia sentir os pensamentos reais do assassino naquele momento. Mas era fácil ver que Harter havia sido morto da mesma maneira que Julian Morse.

Harter provavelmente se acomodou na banheira de costas para a porta do banheiro. Viu um par de óculos e um aparelho auditivo em um balcão próximo. Sobre o estrondo dos jatos, ele não tinha ouvido seu agressor entrar. O assassino o atacara por trás, assim como fizera com Julian Morse.

Riley só podia ter certeza de uma coisa. Não havia mais a menor dúvida de que os três assassinatos eram obra do mesmo criminoso.

Riley olhou para Ennis e disse, "Seu time pode tirar o corpo agora".

Ennis começou a dar ordens para remover o cadáver.

Riley olhou ao redor do banheiro e viu que a equipe do Chefe O'Neill estava fazendo um trabalho cuidadoso e eficiente ao examinar a cena do crime. O'Neill obviamente aprendera bem suas técnicas forenses em Nova Iorque. Ela teve pena por sua experiência ainda estar provando ser tão útil.

O'Neill andou em sua direção e disse, "O que fazemos agora?"

Riley parou por um momento, depois pensou...

As esposas.

Lembrou-se novamente do olhar perseguido de Morgan Farrell e como a expressão de Charlotte era semelhante no retrato.

Embora ela ainda não soubesse porquê, Riley tinha a certeza...

Isso significa alguma coisa.

Riley olhou nos olhos de O'Neill e disse, "Harter era casado?"

"Sim" Disse O'Neill.

"Ela está na casa?"

O'Neill assentiu.

"Eu quero falar com ela agora" Disse Riley.

CAPÍTULO DEZOITO

Quando Riley começou a seguir o chefe O'Neill para fora do banheiro, notou que Jared estava encostado em uma parede, parecendo pálido. Sua boca estava aberta.

Ele obviamente nunca tinha visto um cadáver naquelas condições antes. Pelo menos o inchaço e a putrefação deviam ser novos para ele e aquela podia ser a primeira vez que sentira o cheiro.

Bem, Riley sabia que poderia ficar muito pior do que isso. Não se sentia com vontade de animar o jovem policial.

"Você vem com a gente, ou o quê?" Perguntou ela.

Jared saiu do choque e seguiu Riley e O'Neill.

Os três entraram no elevador e desceram para o segundo andar. O'Neill os conduziu a uma grande sala de recreação com uma mesa de sinuca, uma mesa de pingue-pongue e alguns outros jogos.

Uma jovem loira estava sentada no sofá olhando para uma tela de vídeo.

Para surpresa de Riley, ela estava jogando videogame, abatendo vilões virtuais. Ela pareceu notar a chegada de Riley, O'Neill e Jared, mas mal tirou os olhos da tela.

"Olhem para isto" Ela comentou com uma nota de satisfação. "Eu estou ficando muito boa com a minha mão esquerda, afinal."

Riley viu que a mulher segurava o controle remoto em sua mão esquerda e sua mão direita estava bem enfaixada.

De imediato, Riley teve uma boa ideia do que provavelmente acontecera com aquela mão.

O'Neill falou com ela sobre o crepitar de armas virtuais. "Sra. Harter, lamentamos incomodá-lo em seu..."

Sua voz desapareceu. Riley tinha a certeza de que ele ia dizer "seu momento de luto". Mas, considerando como a mulher estava agindo agora, isso não parecia adequado.

Em vez disso, O'Neill disse, "Um agente do FBI está aqui para a ver - Riley Paige."

A mulher parecia bastante entediada. Ela matou mais alguns dos atacantes do jogo e parou o programa. Riley, Jared e O'Neill sentaram-se em cadeiras de frente para ela.

Riley podia ver que, como as esposas das outras vítimas, essa mulher era incrivelmente bonita. Ao contrário das duas primeiras, ela estava

confortavelmente vestida com shorts e uma camiseta. E era extremamente jovem.

Havia algo mais sobre sua aparência que inquietava Riley. Ainda não percebia o que era.

Riley disse, "Não me disseram o seu nome."

A mulher cruzou os braços e recostou-se em uma almofada.

Ela disse, "Tisha Harter, anteriormente Brown".

Então, com um sorriso, ela acrescentou: "Ou *née* Brown, para o dizer corretamente. Eu sempre acho que é uma palavra engraçada, *née*. Como o som que um cavalo faz. Claro, sei que é francês para "nascer". Sei um pouco de francês, aprendi sozinha, sem ajuda de ninguém. Também algum italiano e espanhol."

Seu sorriso se alargou quando disse, "*¿Atraparon ustedes al asesino?*"

O espanhol de Riley era bastante bom, em parte devido a ter Gabriela em casa. Ela sabia que Tisha Harter estava perguntando se tinham apanhado o assassino.

"*Todavía no,*" Respondeu Riley. Ainda não.

Tisha encolheu os ombros e disse, "Bem, é como eu digo a todos – não fui eu".

Ela ficou sentada olhando de um lado para o outro, como se não pudesse imaginar o que mais poderia haver a dizer sobre o assunto.

Riley apontou para a mão enfaixada e disse, "Você se importa de me dizer como isso aconteceu?"

Com um olhar defensivo, Tisha tentou colocar a mão debaixo do outro braço.

"Sim, eu me importo" Disse ela. "Por que você quer saber?"

Riley não disse nada, apenas esperou que Tisha dissesse algo mais.

Tisha disse, "Sou desajeitada. Eu tropecei e caí."

Riley olhou por cima do corpo tenso e atlético da jovem.

"Você não é desajeitada" Disse Riley.

Os olhos de Tisha se estreitaram, mostrando um flash de raiva.

"Do que você está me acusando?" Ela perguntou.

"Quem disse que eu estou acusando você de alguma coisa?" Riley disse.

A mulher fixou Riley, como se quisesse testar qual delas iria piscar os olhos primeiro.

Eu posso jogar esse jogo, Riley pensou, devolvendo seu olhar firmemente.

A verdade era que Riley não precisava saber o que havia acontecido com a

mão de Tisha Harter.

A julgar pela maneira como fora enfaixada, seu dedo mindinho estava quebrado. E Riley não tinha dúvidas de que seu falecido marido havia infligido essa lesão. O que intrigou Riley no momento foi a atitude defensiva de Tisha sobre isso. Riley estava acostumada a mulheres vítimas de violência que, por uma razão ou outra, tentavam encobrir ou pedir desculpas pela crueldade de seus maridos. Mas algo diferente estava acontecendo ali.

Tisha Harter não queria admitir que alguém a tivesse machucado, fisicamente ou emocionalmente. Ela queria que o mundo pensasse que ela era muito dura para isso.

E Riley sentiu que sua dureza era muito, muito real.

Mais uma vez, Riley teve uma sensação estranha e desconfortável sobre essa jovem viúva, como se ela fosse de alguma forma familiar, alguém que ela já tivesse conhecido.

Riley continuou a fixar o olhar determinado da mulher e por um longo momento nenhuma delas vacilou.

Finalmente, Tisha desviou os olhos, parecendo um pouco envergonhada por ser a primeira a quebrar o contato visual.

Ela disse, "Eu posso provar que estive aqui ontem à noite quando aquilo aconteceu."

Ela apontou para câmeras de segurança nos cantos da sala de recreação e acrescentou, "Basta verificar as fitas de segurança. Você verá."

O Chefe O'Neill estava sentado, anotando todos os comentários. Ele não tinha nada a dizer, mas de repente Jared Ruhl falou.

"Você tem alguma idéia de quem podia querer matar seu marido?"

Riley se irritou um pouco, esperando que Ruhl não dissesse algo sem tato, mas decidiu não silenciá-lo.

A mulher sorriu e disse a Jared, "Além de mim, você quer dizer? Porque eu não vou mentir para você, eu realmente não gostava do filho da mãe."

Riley podia ver os olhos de Ruhl brilhando com interesse.

Ele perguntou, "Você vai beneficiar com a morte dele?"

Tisha soltou uma risada curta e aguda.

"Oh, pode crer que sim. Eu vou herdar tudo o que ele possuiu. Não sou idiota, sabia como lidar com ele no momento em que o conheci. E eu sempre saio por cima."

Tisha continuou falando, se gabando a Ruhl sobre sua desenvoltura. Enquanto ouvia Tisha, aquelas últimas palavras ecoaram na mente de Riley...

"Eu sempre saio por cima."

Com um ligeiro estremecimento, Riley percebeu de quem Tisha a lembrava.

De sua própria filha adotiva, Jilly.

A semelhança não era física - Jilly era morena, enquanto essa mulher era uma loira pálida.

A semelhança era muito mais profunda que a simples aparência.

Mais uma vez, Riley voltou para aquela noite chocante quando descobriu Jilly na cabine de um caminhão, pronta e disposta a vender seu corpo em vez de voltar para seu pai violento.

Se Riley não tivesse aparecido, o que teria acontecido com Jilly?

Ela teria sobrevivido, Pensou Riley. Ela é demasiado dura para não sobreviver.

Mas que tipo de vida teria passado a viver? Riley tentou não pensar sobre isso, mas às vezes não conseguia evitar.

Se Jilly realmente se tornasse uma prostituta, Riley sabia que drogas, violência e doenças teriam cobrado seu preço inevitável - assim como as cicatrizes psíquicas que acompanhariam tal vida.

Jilly poderia ter sobrevivido a curto prazo, mas teria vivido uma vida curta e feia.

Mas agora, enquanto Riley observava e ouvia essa jovem mulher, um cenário diferente começou a se desdobrar em sua mente - algo que realmente não lhe havia ocorrido antes.

Foi fácil adivinhar pelo menos alguns dos detalhes da história de vida de Tisha.

Como Jilly, Tisha certamente sofreu uma infância abusiva, talvez nas mãos de seu pai. Talvez, ainda adolescente, tenha tentado a prostituição. Provavelmente também foi pega em outras atividades criminosas de um tipo ou outro.

Mas um dia algo mudou. Talvez ela tenha se olhado no espelho e percebido como era bonita - ou pelo menos como poderia ser bonita se fizesse algumas mudanças.

Também como Jilly, Tisha sempre fora inteligente, aprendia rápido. Ela fizera um curso intensivo em se tornar atraente para homens ricos. Embora tenha abandonado a escola e não pudesse sonhar em ir para a faculdade, deve ter lido muitos livros para adquirir conhecimento e sofisticação, e achou fácil aprender idiomas diferentes. E observou as pessoas com cuidado.

Ela achou fácil se mover em círculos abastados e finalmente chamar a atenção de um homem rico e idoso como Edwin Gray Harter. Assim que se casou com ele, reivindicou sua fortuna, provavelmente para horror de seus familiares mais próximos, especialmente seus filhos.

Depois que Tisha fez isso, apenas restava que Edwin Grey Harter morresse em breve para ela atingir seus propósitos.

Riley sentiu um arrepio profundo ao pensar que Jilly poderia ter acabado assim como essa jovem esperta, inteligente, mas profundamente amarga, que não podia mais imaginar como seria ser feliz ou amada.

Enquanto Riley pensava em tudo isso, Tisha continuou tagarelando sobre suas esperanças de futuro, agora que era uma viúva rica. Jared estava ouvindo com desgosto óbvio, mas talvez também com um toque de fascinação.

Então Riley notou outra pessoa entrando na sala. Era uma mulher alta e imponente, vestindo um terno preto caro e uma gravata borboleta.

Riley perguntou ao chefe O'Neill, "Quem é?"

"Vou apresentá-la" Disse O'Neill.

Riley, Jared e o chefe se levantaram e foram até a mulher, que permaneceu firme na porta com os braços cruzados e uma expressão arrogante. Ela parecia ter trinta e poucos anos e projetou um ar de autoridade infalível.

O'Neill apresentou Riley e disse, "Esta é Vivian Bettridge, e ela é a chefe, uh, mordomo aqui."

Bettridge olhou para ele e disse desdenhosamente, "Acredito que lhe disse - meu título é majordomo."

Riley não ficou nada surpresa ao ouvir a mulher falar com sotaque inglês. Ela pareceu logo britânica a Riley.

Continuou falando com Riley em um tom frio e eficiente. "Eu sou - ou melhor, era - a criada mais confiável do Sr. Harter. Estou no comando da casa - a equipe, as finanças, os assuntos do dia-a-dia. "

Jared disse, "Então talvez você possa explicar o que aconteceu ontem à noite."

As sobrancelhas de Bettridge ergueram-se bruscamente quando olhou para Jared.

"Tenho certeza de que não posso" Disse ela. "Creio que esse é o trabalho da polícia."

Virando-se para Riley, acrescentou, "E o trabalho do FBI também."

Riley detectou uma nota defensiva em sua voz. Riley imaginou que Bettridge se importava pouco com o assassinato real de Harter. Tudo o que lhe

importava era que ela não fosse culpada por deixar isso acontecer. Sua reputação profissional estava em jogo - e não havia nada que ela valorizasse mais no mundo do que isso.

A não ser que...

Riley não podia descartar a possibilidade de que Bettridge fosse a única pessoa que realmente sabia o que tinha acontecido.

Riley virou-se para o chefe O'Neill e perguntou, "E quanto ao resto da equipe residente?"

O Chefe O'Neill disse, "Eu tive meu pessoal entrevistando-os desde que chegamos aqui."

Bettridge disse, "E como eu lhe disse antes, dificilmente acho isso necessário. Posso assegurar-lhe que ninguém sob minha autoridade jamais teria sonhado em fazer uma coisa dessas."

Riley inclinou a cabeça com interesse.

Ela disse, "Então, presumo que ninguém na equipe não gostava do Sr. Harter?"

Os lábios de Bettridge se curvaram em um sorriso arrogante.

"Que tipo de palavra estranha de se usar, Agente Paige. Gostar ou não gostar - é totalmente irrelevante para o trabalho que todos nós estamos aqui para fazer. Cada membro do meu pessoal é de uma integridade impecável. Eu escolhi todos eles pessoalmente. Fazemos nosso trabalho e o fazemos perfeitamente - nada mais e nada menos. A casa funciona como uma máquina bem lubrificada."

Com um grunhido desdenhoso, Jared disse, "Bem, algo não funcionou tão perfeitamente na noite passada."

A expressão de Bettridge ficou sombria.

Ela disse, "Como eu disse, acredito que é o seu trabalho determinar o que aconteceu."

Riley estudou seu rosto em silêncio por um momento. A mulher estava tão emocionalmente fechada que era difícil até para Riley lê-la. Ela também estava tendo um comportamento passivo-agressivo, desviando toda a responsabilidade para a polícia e para o FBI.

Então Riley perguntou, "E o sistema de segurança?"

"É o melhor, tecnologia de ponta."

"Não sujeito a pirataria?" Riley perguntou.

"Eu acho que sim" Disse Bettridge. "Eu pesquisei completamente, comparei com tudo o mais no mercado. É chamado de SafetyLinks. Talvez você tenha ouvido falar disso."

Riley não tinha ouvido falar, mas não disse.

"E agora, se você não se importar" Disse Bettridge, "gostaria de ver minha equipe. Isso tem sido uma provação para eles, como você pode imaginar."

Sem esperar pela permissão, Bettridge foi em direção ao elevador.

Jared grunhiu novamente e disse, "Bem, ela não é encantadora?"

Riley virou-se para o chefe O'Neill e disse, "Quero me encontrar com toda a equipe no andar de baixo em cinco minutos".

O'Neill assentiu e voltou para o banheiro.

"Então o que fazemos agora?" Jared perguntou.

"Dê-me um momento sozinha para pensar" Disse Riley.

Jared seguiu o chefe O'Neill.

A cabeça de Riley vibrou com idéias e suspeitas.

Ela estava especialmente curiosa sobre esse sistema de segurança supostamente inacessível e de última geração.

E sabia quem contatar para obter informações sobre isso.

Pegou no celular e digitou um número.

CAPÍTULO DEZANOVE

Depois de alguns toques, Riley ouviu a voz rouca de Van Roff atender o telefone.

“Ei Agente Paige. Tudo bem? Presumo que esteja em uma pequena cidade ensolarada e obcecada por golfe na Geórgia. Ou mais precisamente, na mansão falecido Edwin Gray Harter.”

Riley ficou surpresa.

“Como você sabia?” Ela perguntou.

"Oh, eu nunca revelo os segredos do meu ofício."

Riley pensou por um momento, depois sorriu ao lembrar como Jared tinha descoberto o assassinato de Harter.

Ela perguntou, "Pode ter algo a ver com um determinado serviço online chamado CrimeWidth?"

Ela ouviu Van Roff ofegar um pouco.

Ele disse, "Uh ... como você adivinhou?"

Riley riu e disse, “Eu nunca desvendo os segredos do meu ofício. Agora não me diga... você ouve CrimeWidth quando não consegue dormir.”

"OK, agora você está apenas fazendo um número assustador de leitura da mente."

"Sim, bem, sou conhecida por esse tipo de coisa."

Roff riu e disse, “Quando eu ouvi no alerta falar sobre um cara rico sendo esfaqueado até a morte em Monarch, Georgia, é claro que pensei, 'Hmmm... mesmo MO, provavelmente o mesmo assassino. Eu aposto que a agente Paige está a caminho da cena do crime agora.’”

"Você teria ganho essa aposta" Disse Riley.

Com um grunhido rouco, Roff disse, "Eu não acho que você me ligou diretamente de uma cena de crime porque adora o som da minha voz."

"Bem, é claro que você tem uma voz linda, mas..."

Riley fez uma pausa e pensou por um momento.

“Nosso assassino parece ter uma maneira muito ágil de contornar a segurança. Desta vez entrou na mansão apesar de estar equipada com um sistema supostamente inacessível chamado SafetyLinks. Eu me perguntei o que você poderia me dizer sobre isso.”

Roff ficou em silêncio por um momento.

Então disse, "Fazemos assim, deixe-me voltar a ligar para falarmos sobre isso."

Terminou a ligação sem dizer outra palavra.

Riley ficou olhando para o celular por um momento, sentindo-se um pouco confusa. Isso não parecia a forma de agir de Van Roff. Ela pensou que seu conhecimento de aparelhos de alta tecnologia de todos os tipos era bastante enciclopédico. Será que nunca tinha ouvido falar de SafetyLinks?

Percebeu que não fazia sentido ficar ali esperando que o geek de Seattle lhe ligasse. Esperava que ele surgisse com algo útil em breve.

Enquanto isso, pediu ao chefe O'Neill e sua equipe para se reunirem no andar de baixo. Era hora de ela se juntar a eles.

Riley pegou o elevador até o piso térreo e encontrou O'Neill e seu pessoal reunidos na imensa e intocada sala de estar formal. Jared também estava lá. Ela desejou que eles tivessem escolhido uma área de estar menor em outro lugar da casa, mas todo mundo já estava ali, esperando por ela. Não podia deixar de se sentir um pouco divertida ao ver policiais uniformizados tentando se sentir em casa com móveis brancos que pareciam nunca ter sido usados.

Todos pareciam distintamente desconfortáveis.

Riley ficou em pé. Ela disse ao chefe O'Neill e ao grupo, "Alguém aqui tem novas observações ou teorias?"

O'Neill ficou de pé. "Três pessoas do meu pessoal conversaram com toda a equipe residente e eu estive com eles. O local tem empregados, cozinheiros, pessoal de manutenção e até pessoal médico. Todos eles tinham álibis e a maioria afirmou ter estado em seus quartos quando o assassinato aconteceu. Mas são nervosos e alguns estão agindo de forma estranha."

Riley não o disse, mas o fato de que eles estavam "agindo de forma estranha" não a surpreendeu especialmente. Eles certamente estavam assustados - em parte por estarem perto quando um assassinato aconteceu, em parte por estarem sob suspeita.

O'Neill hesitou por um momento e depois disse, "Vamos precisar de alguns técnicos para olhar as fitas de segurança, verificar as idas e vindas de todos. Mas eu tenho uma sensação estranha sobre todos neste lugar - incluindo a esposa, e também aquela mulher Bettridge - o mordomo ou major-general ou o que ela se chama."

"Majordomo" Disse Jared.

"Certo. Isso pode soar estranho, mas... ninguém aqui me parece exatamente inocente. Eu acho que isso deve ter sido algum tipo de trabalho interno. Alguém nesta casa é um assassino ou pelo menos alguém de dentro deixa alguém de fora entrar sem ser visto."

Riley estava interessada, mas cética.

"Explique" Pediu Riley.

O'Neill fez outra pausa e disse, "Esta casa parece ter uma segurança rígida - pelo menos em todos os lugares, exceto no terceiro andar. Eu não vejo como alguém poderia ter quebrado isso do lado de fora. Seria preciso alguém que conhecesse o sistema - e isso teria que partir de alguém que viveu e trabalhou aqui."

As dúvidas de Riley estavam apenas aumentando. Mas ela aprendera com a experiência a lidar com policiais locais que não gostavam FBI. Era melhor ouvi-los o mais completamente possível.

O'Neill continuou, "Minha teoria é que mais de um membro da equipe esteve envolvido. Talvez fosse algum tipo de equipe ou conspiração ou algo assim. Edwin Gray Harter certamente não tinha amigos nesta casa."

Então Riley disse, "Você pode estar esquecendo que dois outros homens foram mortos em dois outros locais, aparentemente pelo mesmo assassino".

"Ou talvez assassinos" Disse O'Neill, começando a parecer um pouco defensivo agora.

Um dos policiais de O'Neill concordou com a cabeça e disse, "Não tivemos a chance de saber onde todos os funcionários estavam quando os outros homens foram mortos. Temos algum trabalho para fazer."

Enquanto O'Neill e o policial conversavam sobre isso, Riley se perguntou...

Isso faz sentido?

Era em parte uma questão de sistemas de segurança. Ela ainda não sabia nada sobre o sistema nesta casa. Sabia que a segurança não tinha sido um problema para quem matou Julian Morse. Apenas cortar os fios era o suficiente para desconectar as câmeras ao redor de sua piscina - não fora preciso nenhuma habilidade de hacker para conseguir isso. E a verdade era que ela não fazia ideia de quão difícil poderia ou não ter sido romper o sistema de Andrew Farrell.

Ela teve alguma experiência pessoal com esse tipo de coisa. No inverno passado, o sistema de segurança em sua própria casa havia sido neutralizado por um homem que atacou April, Gabriela e Blaine. Ela colocou um novo sistema depois disso, mas ainda não tinha a certeza se era impossível de romper.

Desejou que Van Roff lhe ligasse com informações sobre o SafetyLinks, para perceberem quão sofisticado era. Ainda parecia estranho para ela que ele tivesse desligado sua ligação tão abruptamente.

Enquanto isso, teve que admitir que não era impossível que uma ou mais

pessoas naquela casa estivessem envolvidas nos três assassinatos, mas mesmo assim...

Parece forçado.

Até ao momento, não havia conexões de qualquer tipo entre as vítimas, suas famílias, seus empregados ou seus negócios.

Finalmente o chefe O'Neill falou diretamente com Riley...

“Olha, agente Paige, para mim todas as pessoas que estiveram na casa ontem à noite - incluindo a esposa - são suspeitas plausíveis. Podemos verificar todos eles, mas isso vai levar algum tempo. Enquanto isso, cada um pode fugir. Acho que devemos deter todos.”

Riley mal podia acreditar no que ouvia.

Ainda não sabia o tamanho da equipe da casa, mas prendê-los a todos parecia-lhe uma idéia absurda. Ela podia ver pela expressão de Jared que ele sentia o mesmo.

Riley estava prestes a falar quando uma voz feminina sintetizada encheu a sala.

"Ninguém se move. O lugar está cercado.”

CAPÍTULO VINTE

Ao som da voz, Riley sentiu uma pontada de choque. Como todos à sua volta, ela estacou.

Então Vivian Bettridge entrou na sala com sua compostura britânica completamente ausente.

"Alguém poderia me dizer o que diabos está acontecendo?" Ela gritou. Todo mundo começou a tentar explicar.

"O quê?"

"Quem?"

Riley sorriu quando começou a perceber o que tinha acontecido.

Quando seu telefone tocou e ela atendeu, não ficou nem um pouco surpresa ao ouvir a voz rouca de Van Roff.

"SafetyLinks é penetrável".

"E você acabou de provar isso" Respondeu Riley.

"Exatamente."

Riley disse, "Posso colocar você no viva-voz para que possa tranquilizar meus colegas? Eles estão um pouco abalados".

Van Roff riu com vontade.

"Claro, deixe-me falar com eles."

Levou um momento para Riley chamar a atenção do resto das pessoas na sala. Quando finalmente anulou suas trocas de indignação e perguntas, explicou apenas quem tinha ao telefone - um assistente técnico do FBI baseado em Seattle.

Então Van Roff falou com todos eles. "Pessoal, não há motivo para alarme. Eu acabei de invadir o sistema de segurança SafetyLinks da casa. É claro que sou um gênio, mas acreditem, não foi necessário nenhum brilhantismo para fazê-lo. Na verdade, enquanto eu vasculhava o sistema, descobri algo interessante em seus registros. Alguém o invadiu a noite passada e o desativou por um curto período de tempo - alguém fora da casa, como eu."

Riley não pôde deixar de sorrir para Bettridge.

Ela disse, "Lá se foi seu sistema de segurança de última geração".

O rosto de Bettridge se avermelhou e ela olhou para o chão.

Riley disse a Roff, "Você pode me dar uma estimativa de que horas o sistema foi penetrado?"

Roff soltou uma risada estrondosa.

"Uma estimativa? Não, mas posso dizer exatamente quando isso

aconteceu. Foi às onze e quinze da noite e reiniciado às onze e quarenta e cinco.”

Riley viu os olhos do chefe O'Neill se arregalarem.

Claro que ela sabia o que ele estava pensando.

Riley e a médica legista determinaram a hora da morte por volta das 11:30.

O desligamento da segurança dera ao assassino tempo suficiente para entrar, cometer o assassinato, depois sair de novo e reiniciar o sistema de segurança na esperança de que ninguém notasse que ele havia sido desligado. E poderiam muito bem ter passado despercebidos.

Riley disse a Roff, “Obrigada, Van. Você tem sido uma grande ajuda.”

Roff riu de novo e disse, “Tudo bem. É sempre um prazer fazer algumas invasões eletrônicas.”

A ligação terminou e Riley disse para O'Neill, "Ainda quer seguir a sua teoria de que este foi um trabalho interno?"

Parecendo completamente envergonhado, O'Neill abanou a cabeça.

Ele disse, "Estou obviamente fora da minha zona de conforto. O FBI é bem-vindo.”

Riley ficou surpresa. Ela quase tinha esquecido que Jared tinha dito a O'Neill pelo telefone que este era um caso do FBI - e que deixaria O'Neill continuar acreditando nisso.

Um pouco envergonhada agora, disse a O'Neill, "Uh, podemos conversar em particular por um momento?"

O'Neill pareceu surpreso, mas acompanhou de bom grado Riley ao corredor adjacente.

Riley disse baixinho, "A verdade é que este ainda não é um caso do FBI - não oficialmente."

O'Neill parecia genuinamente intrigado agora.

“Então o que você está fazendo aqui?” Ele perguntou.

Riley reprimiu um suspiro. Não foi fácil explicar, mas ela fez o melhor que pôde e tentou ser razoavelmente honesta sobre isso. Contou a O'Neill sobre como Morgan Farrell lhe ligara depois do assassinato do marido e como viera para Atlanta depois de falar com Jared Ruhl. Explicou como Ruhl notara a semelhança do assassinato de Farrell com o assassinato anterior de Julian Morse em Birmingham. Finalmente, contou a O'Neill como tinham descoberto o assassinato daquela manhã e tinham ido diretamente para o local.

Riley não ficou surpresa ao ver um olhar de desânimo no rosto de O'Neill.

Ele disse, "Você não foi exatamente sincera comigo, não é?"

"Não e sinto muito" Disse Riley. "Eu estava apenas fazendo o melhor que

podia e seguindo meus próprios instintos."

O'Neill abanou a cabeça. "Bem, você tem bons instintos, isso tenho que reconhecer. O que temos que fazer para tornar isso oficial?"

"Você precisa ligar para Quantico e pedir a ajuda do FBI" Disse Riley.

Ela deu-lhe o número direto para o escritório de Brent Meredith e ele se afastou para fazer a ligação.

Riley sentiu-se aliviada por finalmente se resolver aquele assunto. Poderia investigar oficialmente e ainda obter alguma ajuda.

Enquanto O'Neill conversava com Meredith, Riley começou a processar o que acabara de saber. Ela já sabia pela forma como o assassino tinha entrado na propriedade de Julian Morse que era fisicamente ágil e tecnicamente experiente o suficiente para saber que fios cortar para desativar as câmeras de segurança. Mas agora ela sabia que ele era mais do que apenas experiente. Não achava que muitas pessoas seriam capazes de penetrar um sistema como o daquela casa.

Mas isso nem era o pior.

Acima de tudo, ele era implacável e sanguinário.

E não deixara nenhuma pista do motivo pelo qual estava matando esses homens em particular de uma maneira tão brutal.

Logo O'Neill voltou e lhe entregou o telefone.

"Ele diz que quer falar com você" Disse ele.

Riley não ficou surpresa. Colocou o telefone no ouvido e ouviu o distinto ruído da voz do chefe Meredith.

"Agente Paige, estou te designando para um caso oficial do FBI envolvendo três assassinatos nos estados da Geórgia e do Alabama."

Em seguida, acrescentou com uma nota de ironia em sua voz, "Preciso lhe dar detalhes?"

"Não, não é necessário" Disse Riley.

Afinal, ela já sabia muito, muito mais sobre os assassinatos do que Meredith - o oposto da situação usual quando ele a designava para um caso.

Meredith fez um som de escárnio, depois disse, "Vou entrar em contato com as autoridades em Birmingham e Atlanta para que saibam que você está no caso. Enquanto isso, que tipo de ajuda você precisa para começar?"

"Eu precisava de um parceiro ou dois" Disse Riley. "Agentes Jeffreys e Roston, se estiverem disponíveis."

"Roston está trabalhando em outro caso" Disse Meredith. "Mas Jeffreys está bem aqui em seu gabinete. Vou colocá-lo nesse caso. Sei que está perto de Atlanta. Jeffreys podia voar direto para o Aeroporto Hartsfield-Jackson, mas o

tráfego aéreo sempre fica complicado. Eu acredito que há um pequeno aeródromo ao norte da cidade que já usamos antes - o Aeroporto Simon Tanner. Eu vou dizer a ele que você o encontra lá.”

Meredith terminou a ligação e Riley e o chefe O'Neill se juntaram ao grupo na sala de estar. Riley deu instruções aos policiais e também aos moradores da mansão, dizendo-lhes para não irem a lugar nenhum por enquanto e ficarem disponíveis para interrogatório.

Quando finalmente disse a todos que tinha que ir ao encontro do avião de seu parceiro, notou Jared Ruhl olhando para ela com uma expressão bastante suplicante que parecia dizer...

"E eu?"

Por mais útil que Jared tivesse sido até ao momento, Riley queria se libertar dele por pelo menos um tempinho. Mas não queria ferir seus sentimentos.

Apontou para Jared e disse para o chefe O'Neill, "Estou deixando o policial Ruhl aqui para trabalhar com você. Ele tem muita experiência neste caso. Você vai achá-lo muito útil.”

Riley ficou aliviada ao ver o rosto de Ruhl se transformar em um sorriso por sua observação lisonjeira.

Isso vai mantê-lo feliz por um tempo, Pensou.

A reunião terminou e Riley foi para o seu carro alugado e pediu instruções GPS para o Aeroporto Simon Tanner. Quando começou a dirigir, sentiu-se um pouco melhor por saber que logo estaria trabalhando com Bill novamente. Ela sabia que Bill mantinha sua mala de viagem em seu gabinete e poderia estar embarcando no avião do FBI naquele exato momento. Ela o veria em apenas algumas horas.

Ao mesmo tempo, Riley não pôde deixar de se preocupar.

Eles não tinham nenhuma descrição do assassino que procuravam. Não sabiam se ele estava resolvendo problemas pessoais ou se tinha um ódio geral a homens extremamente ricos.

Este assassino parecia estar apertando o prazo para seus assassinatos e eles não tinham como adivinhar onde ele poderia atacar em seguida.

Como poderia saber onde começar a procurar por ele?

CAPÍTULO VINTE E UM

Quando Bill saiu do pequeno avião da UAC, Riley mal podia acreditar no quanto estava feliz por ver seu rosto largo, forte e saudável. Quando desceu os degraus, carregando sua mala e parecendo pronto para a ação, ela avançou para cumprimentá-lo.

Assim que seus pés tocaram a pista, Riley deu-lhe um grande abraço.

Bill riu e disse, "Ei, você age como se não nos víssemos há anos. Não passou assim tanto tempo."

"Parece que passaram meses meses" Disse Riley, levando-o para o carro alugado. "As coisas têm sido muito loucas por aqui nos últimos dias."

Bill olhou em volta e perguntou, "É sempre tão quente aqui?"

Riley lembrou que o tempo na Virgínia era mais ameno. E, claro, Bill estava experimentando o choque do calor depois de algumas horas no conforto do ar-condicionado.

"Quente e úmido" Ela respondeu. "E isso descreve muito bem o caso também. É uma bagunça."

Bill riu novamente enquanto colocava a mala no carro.

"Sim, pelo que Meredith me disse, eu adivinhei isso. Então você se rebelou de novo, não é? Deveria ter pedido minha ajuda."

"Não, não deveria" Riley disse, pensando novamente em como só tinha conseguido colocar Bill em apuros quando estava com ela. "Mas estou feliz que você esteja aqui agora. E de forma legítima."

"Espero poder ajudar" Disse Bill. "Acredite em mim, a pressão está de volta em Quantico."

Riley suspirou e disse, "Não me diga - Carl Walder está em cima disto."

Bill disse, "Sim, você sabe como ele fica quando caras ricos e importantes são mortos".

Riley certamente sabia como ele ficava. O incompetente, o Agente Especial Responsável com cara de bebê sempre fora contra ela. Ele a havia suspenso e até demitido em mais de uma ocasião. O fato de que ele sempre teve que ceder e colocá-la de volta no time da UAC não o deixou feliz.

Enquanto entravam no carro, Bill continuou, "Walder já ouviu falar de todas as três vítimas - até jogava golfe com uma delas, não lembro qual delas. Ele quer que o caso seja resolvido em breve - de preferência ontem. Ele está ameaçando enviar mais agentes da UAC se não conseguirmos algo rápido."

"Só espero que não venha ele próprio" Disse Riley, ligando o motor do

carro.

Bill disse, "Então, para onde estamos indo agora?"

"Para a delegacia de Atlanta. Eu preciso falar com o chefe de polícia lá. Só não espere que ele fique muito feliz em me ver."

Enquanto dirigia, Riley contou a Bill tudo o que acontecera durante o último dia e meio. Então começaram a discutir algumas idéias. Quando Bill perguntou se alguma das três viúvas tinha mencionado alguma coisa sobre suas famílias de nascimento, Riley percebeu que elas não haviam dito nada sobre o assunto. A ideia surpreendeu-a.

"Não é tão surpreendente" Disse Bill. "Há um certo tipo de cara rico que não se casa para conexões, apenas por controle. Eles nunca escolheriam uma esposa cuja família pudesse desempenhar algum papel em suas vidas. Eles também gostam de saber que suas esposas não têm nada para que voltar."

O que Bill estava dizendo fazia sentido para Riley. As três viúvas que ela conhecera eram muito diferentes em suas personalidades, mas tinham uma coisa em comum. Elas pareciam estranhamente perdidas e sem raízes.

Bill acrescentou, "É claro que as esposas fazem esse pacto com os olhos bem abertos. Acabam financeiramente melhor do que a maioria das pessoas, provavelmente em melhor situação do que jamais estiveram em suas vidas. É uma troca."

"Não parece uma troca muito boa para mim" Disse Riley. "Isso me faz sentir grata por ter uma família."

Riley percebeu que também se sentia grata por estar trocando pensamentos com Bill novamente.

Eles foram até a delegacia e entraram, indo direto para o escritório do chefe Stiles.

O chefe se levantou da mesa, parecendo frustrado e perplexo quando Riley o apresentou a Bill.

Ele disse, "Juro por Deus, vocês federais me deixaram em uma posição complicada. Eu não sei mais em que acreditar. Primeiro você vem aqui dizendo que quer falar com um suspeito encarcerado sobre Deus sabe o quê, e quando eu ligo a seu chefe para descobrir o que é isso tudo, ele hesita e se vira e fica vago sobre o que está acontecendo. Então, esta manhã ele me liga e me diz que a suspeita que estou segurando foi liberada e eu tenho que deixá-la ir, e também diz que agora faço parte de um caso do FBI envolvendo três assassinatos. Que mais vem aí?"

Essa é uma boa pergunta, Pensou Riley. Ela desejou ter alguma ideia.

Riley disse, "Você ainda tem Morgan Farrell sob custódia?"

"Você chegou aqui na hora certa" Disse Stiles. "Agora que ela está liberada, o advogado dela está aqui resolvendo as coisas com ela. Ela provavelmente vai sair a qualquer momento. Venha comigo."

Riley se sentiu apreensiva enquanto Stiles a levava e a Bill pelo corredor. Afinal, sua última conversa com Morgan Farrell não terminara bem.

Ela se lembrou da mulher dizendo em um tom amargo...

"Realmente, agente Paige, isso não é bondoso da sua parte."

As coisas correriam melhor dessa vez? Riley se perguntou.

Enquanto isso, ela tinha outra pergunta em sua mente.

Perguntou a Stiles, "Como o assassino de Andrew Farrell entrou em sua casa?"

"Ele penetrou o sistema de segurança" Disse Stiles. "Parece ser um filho da mãe muito inteligente."

Inteligente - e mortífero, Pensou Riley.

Stiles levou Riley e Bill para uma sala de conferências. Sentados em uma mesa grande estavam Morgan e seu advogado, um homem de meia-idade com cabelos recuados e queixo duplo.

Stiles apresentou Riley e Bill ao advogado Chet Morris. Riley lembrou seu nome de falar com ele no telefone ontem. A ligação não fora exatamente cordial.

Riley olhou para ele friamente e disse, "Penso que já nos conhecemos."

"De certa forma" Disse Morris. "Nós conversamos um pouco ontem, não é?"

"Sim" Disse Riley. "Eu liguei para lhe dizer que sua cliente provavelmente era inocente."

Ela conseguiu se impedir de adicionar...

"Você não escutou. Nem parecia se importar."

Com um sorriso falso, Morris disse, "Bem, acontece que você estava certa. Eu suponho que deveria agradecer pelo telefonema."

Riley perguntou, "Podemos nos sentar?"

Morris estava obviamente prestes a dizer não quando Morgan falou.

"Oh, por favor. Eu... bem, isso é tudo muito estranho."

Riley e Bill sentaram-se à mesa com eles.

Riley olhou para Morgan com mais cuidado agora. Em vez do macacão laranja, ela usava calça comprida, uma camisa bonita e sandálias - roupas que alguém deve ter trazido de casa. Mesmo assim, ela não parecia pronta para retornar a qualquer tipo de vida normal. Os círculos sob os seus olhos estavam

escuras e ainda parecia fraca e confusa. Riley adivinhou que a mulher ainda não tinha conseguido dormir e poderia não ter comido nada durante todo o tempo que passara na cadeia. Sua expressão no momento era de uma perplexidade entorpecida.

Chet Morris olhou por cima dos óculos de leitura para um maço de papéis legais e falou com Morgan.

“Como eu estava dizendo, a mansão do seu marido agora é propriedade de seus filhos - Hugh, Sheldon e Wayne Farrell. De acordo com a vontade do seu marido, algumas contas de investimento serão transferidas para você. Você será bem apoiada...”

Quando Morris entrou em detalhes sobre as contas, Riley percebeu que Bill estava olhando para o homem com desagrado.

Riley sabia como ele se sentia. Ela sentia o mesmo.

Em vez de vir aqui simplesmente para tirar sua cliente da cadeia, Morris aproveitou a oportunidade para lhe dizer que a vida que conhecera e a que se acostumara estava acabada. Ele estava claramente ansioso para acabar com tudo isso.

A crueldade era simplesmente desconcertante.

Mas Riley entendia melhor a situação do que Bill. Ela não tivera a chance de explicar o feio emaranhado de conexões - como Chet Morris trabalhava para o mesmo escritório de advocacia que representava a vítima do assassinato, como ele havia trabalhado pessoalmente para Farrell e como o próprio promotor havia feito parte da empresa. Ela ainda não tinha dito ao seu parceiro que este advogado havia ignorado completamente a possibilidade de que sua cliente fosse inocente de assassinato.

Riley não ficaria surpresa se Morris estivesse realmente desapontado por saber que sua cliente era inocente. Provavelmente fora algo bastante inconveniente para ele.

Riley não sabia muito sobre a lei, mas não podia acreditar que tudo isso fosse legítimo.

Mas lembrou a si mesma que nem ela nem Bill estavam ali para proteger Morgan Farrell da teia de manipulações legais que haviam sido tecidas ao redor dela.

Estamos aqui para resolver um caso de assassinato.

Chet Morris terminou de revisar as informações financeiras e passou para outro tópico.

"Tenho boas notícias" Disse ele a Morgan. "Os filhos do seu marido estão

preocupados com seus problemas atuais com álcool e tranqüilizantes. Então, eles adquiriram generosamente acomodações para você no Haverhill Dependency Center, uma excelente instalação nos arredores de Atlanta. Eles até pagaram pelos seus primeiros seis meses lá. ”

"O que acontece depois disso?" Morgan perguntou em uma voz monótona e apática.

Morris disse, “Bem, se você quiser ficar lá, deve poder pagar suas despesas com os retornos dos fundos de investimento que herdou. Se não, você pode fazer o que quiser.”

Morgan disse, "Em outras palavras, ficarei sozinha depois de seis meses".

Morris encolheu os ombros e disse, "Bem, se você quiser olhar dessa maneira."

Riley se perguntou...

Que outra maneira existe de olhar para a situação?

Ela tentou dizer a si mesma que o dinheiro que Morgan estaria recebendo provavelmente seria o suficiente para permitir que vivesse confortavelmente - possivelmente muito mais dinheiro do que a própria Riley jamais veria.

Mas merecia ouvir sobre isso assim? Riley se perguntou.

Aparentemente terminada a sua função, Chet Morris começou a colocar as coisas em sua pasta.

Ele disse, "Se você quiser, levo-a diretamente para Haverhill agora".

Morgan pareceu pensar por um momento.

Então ela disse, "Estou absolutamente proibida de pôr os pés em minha casa... a sua casa... agora?"

Recuando um pouco, Morris disse, "Certamente que não."

"Bem, então" Disse Morgan. “Eu gostaria de passar por lá, pelo menos. Algumas das coisas que lá estão, minhas roupas, na verdade, me pertencem. Pelo menos eu creio que sim. Não acho que meus... hum... enteados as queiram. Eu gostaria de pegar algumas coisas.”

O advogado balbuciou, “Certamente, minha querida. Ninguém vai impedir que você tire seus pertences pessoais. Na verdade, vou te levar lá agora mesmo.”

"Não, você não precisa se incomodar" Disse Morgan.

Então, para surpresa de Riley, Morgan se virou para ela e disse, "Agente Paige, você poderia por favor me levar lá?"

"Claro" Disse Riley.

Morris apressadamente entregou a Riley uma pasta e disse, “Bem, talvez você seja gentil a ponto de levar a Sra. Farrell para Haverhill depois. Esses

documentos serão tudo o que ela precisa.”

A reunião terminou e Morris saiu da sala. Quando Riley, Bill e Morgan saíram pelo corredor, Morgan disse a Riley, “Muito obrigada. Eu não conseguia suportar estar com aquele homem horrível por mais um minuto.”

"Nem eu" Rosnou Bill, com o rosto vermelho de raiva.

Riley percebeu que seu parceiro estava bem ciente de que Chet Morris não defendia os melhores interesses de sua cliente. Ela achou que fora uma sorte Bill não ter esmurrado o advogado.

Riley sentiu-se tentada a fazê-lo.

Mas ela estava feliz por Morgan ter feito essa escolha. Isso daria a ela e a Bill a chance de dar uma olhada na cena do segundo assassinato.

Morgan não tinha mais pertences para pegar, então Riley e Bill a acompanharam direto para fora do edifício.

Morgan ofegou e semicerrou os olhos quando saíram do interior frio para o dia quente e ensolarado. Mas ela não parecia perturbada pelo calor. Parecia ter entendido algo de repente.

Em uma voz abafada e espantada, ela disse...

"Eu estou livre. E eu sou inocente."

Riley percebeu que Morgan tinha acabado de entender esse fato pela primeira vez.

Enquanto os três caminhavam em direção ao carro, Riley pensou no verdadeiro assassino.

Ele estava livre em algum lugar, aproveitando a mesma liberdade, respirando o mesmo ar, olhando para a mesma luz do sol, e estava se preparando para matar de novo...

A menos que nós o encontremos e o paremos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Riley sentiu uma pontada desagradável de déjà vu quando parou o carro em frente à mansão Farrell. A última vez que ali estivera fora a entrevistar o próprio Andrew Farrell. Não foi uma experiência agradável.

E agora ele está morto, Riley lembrou a si mesma.

"Já tinha esquecido o quão grande é este lugar" Comentou Bill, olhando para os impressionantes arcos e colunas do edifício.

"Você pode estacionar o carro aqui " Disse Morgan no banco de trás. Ela parecia cansada, como se tivesse perdido o entusiasmo que tinha exibido fora da prisão.

Na porta da frente, foram recebidos por um mordomo alto e magro. Riley lembrava-se vagamente dele quando ali estivera em fevereiro. Ele tinha sido frio e importuno naquela altura, mas agora um sorriso caloroso se espalhava por seu rosto.

Ele pegou Morgan pela mão. "Estou muito feliz em ver você, senhora. Eu temia que não voltasse novamente."

"É bom ver você também, Maurice" Disse Morgan, dando-lhe um pequeno beijo na bochecha.

Maurice disse, "Eu quero que você saiba, nunca acreditei que era culpada de... você sabe."

Morgan riu suavemente.

"Que estranho" Disse. "Eu tinha certeza de que era culpada."

Então, olhando para Riley, acrescentou, "Felizmente para mim, não se confirmou ser verdade."

Ela se virou novamente para Maurice e disse, "Eu não vou ficar aqui por muito tempo. Só vim para pegar algumas coisas."

A expressão de Maurice entristeceu, mas não pareceu surpreso.

Ele disse-lhe, "Receio que encontre coisas aqui que estão em um... estado bem desagradável".

Ele levou Riley, Bill e Morgan para a enorme sala de entrada, com piso de mármore e uma larga escada de carpetes vermelhos. A sala era caótica, com empregados indo e vindo com caixas e vários pertences.

Agrupados perto da zona dos criados estavam três homens observando uma lista. Riley sabia que deveriam ser os três filhos de Andrew Farrell. Ela se lembrava dos traços aristocráticos e cinzelados do pai e de sua expressão arrogante. A semelhança desses homens com o pai era inconfundível, embora

seus rostos fossem fracos e sem caráter em comparação. Todos eles tinham a mesma expressão indelicada e egoísta.

A ruindade corre nas veias da família, Pensou Riley.

Quando Maurice anunciou a chegada dos visitantes, os homens levantaram os olhos de sua lista para Morgan. Seus lábios se contorceram em sorrisos desdenhosos. Não lhe disseram uma palavra.

Morgan parou e sorriu bravamente. Ela disse a Bill e Riley, "Estes são os três filhos do meu marido - Hugh, Sheldon e Wayne".

Então ela disse para os filhos com uma voz alegre, "Não se sintam incomodados. Estou aqui para pegar apenas algumas coisas. Não se preocupem, eu não vou roubar nada que não seja meu. Podem verificar quando eu sair. Bom saque!"

Embora os três voltassem rapidamente às suas listas, Riley podia jurar ter ouvido pelo menos um deles rindo com desdém.

Quando ela, Bill e Morgan chegaram ao corredor no topo da escada, Riley disse cautelosamente para a viúva...

"Eu sei que isso é difícil, mas meu parceiro e eu precisamos dar uma olhada na cena do crime."

O sorriso corajoso de Morgan desapareceu e parecia estar reunindo forças.

"Claro" Disse ela. "Eu te levo lá."

Passaram por portas duplas que Riley sabia levarem ao escritório de Andrew Farrell. Ela o entrevistara lá em fevereiro.

Riley estremeceu quando se lembrou de como ele tinha se gabado de provocar cruelmente seu filho mais novo a cometer suicídio, atirando em si mesmo naquele escritório, bem na frente dele. Ele não tinha sido culpado de assassinato real, mas Riley tinha conhecido verdadeiros assassinos menos malvados do que Andrew Farrell.

Um homem tão terrível, Pensou.

E pelo que Riley sabia, as outras vítimas, Julian Morse e Edwin Gray Harter, tinham sido homens terríveis também.

Era uma coisa que eles compartilhavam - além de serem muito ricos.

Parecia um pouco estranho procurar justiça para três homens pelos quais ela não sentia simpatia.

Morgan abriu uma porta e levou-os para uma sala de estar, e de lá para um enorme quarto. Riley viu imediatamente que não havia indício de que um crime já tivesse sido cometido ali. Tudo estava cintilante, limpo e arrumado.

Só então Riley sentiu a mão de Morgan em seu ombro. Então o corpo

inteiro de Morgan começou a cair contra o dela.

Ela está prestes a desmaiar, Riley percebeu.

"Ajude-me com ela" Disse Riley para Bill.

Cada um deles segurou um dos braços de Morgan e a levou de volta para a sala de estar. Eles a ajudaram a sentar em uma cadeira, onde a sentaram e abaixaram a cabeça.

Morgan murmurou em um gemido, "Eu devo ter feito isso. Se não eu, então quem...?"

Riley murmurou de volta, "Você é inocente, Morgan. Você não matou ninguém."

Percebendo o olhar confuso no rosto de Bill, Riley sussurrou para ele, "Ela está a regressar ao momento do assassinato. Ainda está tentando entender o fato de que é inocente."

Bill assentiu.

Riley e Bill ficaram na frente de Morgan por alguns momentos até que ela estivesse forte o suficiente para levantar a cabeça.

"Sinto muito" Disse ela. "Eu não acho que... eu não posso entrar lá."

"Você não precisa" Disse Riley.

Um breve silêncio caiu.

Então Morgan disse, "Eu ainda quero pegar algumas das minhas coisas".

Quando ela se levantou trêmula, Riley pegou no seu braço de novo.

"Eu vou com você" Disse Riley.

"Não precisa" Disse Morgan.

Preciso, sim, Pensou Riley.

A mulher estava obviamente muito frágil para ir a qualquer lugar da casa sozinha.

Bill disse para Riley, "Vá em frente. Eu vou cuidar das coisas aqui."

Riley desejou poder ficar e examinar a cena do crime com Bill. Mas ela sabia que ele tinha tantas probabilidades de descobrir qualquer evidência quanto ela.

Ajudou a ainda instável Morgan a se levantar e voltar para o corredor. Continuaram pelo corredor largo e ao redor de um canto para os próprios aposentos de Morgan.

*

Bill ficou olhando em volta do quarto principal por alguns instantes. O

espaço era vasto e tudo era dourado e branco, inclusive as cortinas que envolviam uma enorme cama com dossel.

Então foi aí que o homem morreu, Pensou. Apunhalado até a morte entre seus lençóis e travesseiros de seda.

Quando ele olhou ao redor da sala, Bill começou a sentir uma sensação desconfortável em seu estômago. Ele sabia que não era porque um assassinato havia ocorrido ali. Ele já tinha visto muitas cenas de crime para se intimidar com isso.

Em vez disso, era uma sensação de nojo com a ideia de que alguém já tivesse morado ali - na verdade dormira ali.

Nenhum ser humano real de carne e osso, de qualquer forma, Pensou Bill.

Como o resto da casa, o quarto atingiu Bill como um cenário onde apenas algum tipo de autômato, uma elaborada réplica de uma pessoa, poderia realmente pertencer.

Que tipo de cara se sentiria confortável ali? Interrogou-se.

Como ele poderia dormir?

A decoração deu a Bill uma sugestão distinta sobre a personalidade de Andrew Farrell.

O sono não era o propósito daquele quarto. Nem o conforto.

O objetivo era estar cercado de tantas provas de riqueza quanto possível. Para um homem assim, a ostentação substituíra o conforto.

Pelo que Bill sabia sobre o caso até ao momento, pensou que Andrew Farrell provavelmente não dormia muito de qualquer maneira.

E aparentemente não deixava as pessoas que lhe eram mais próximas dormir muito.

Ele gostava de manter as pessoas acordadas, exaustas e desequilibradas.

Quando Bill se embrenhou mais no quarto, perguntou a si mesmo...

Estou procurando exatamente o quê?

Claro, ele tinha certeza que saberia quando encontrasse.

Embora a polícia tivesse certamente examinado a sala com cuidado logo após o assassinato, ele sabia que os policiais locais geralmente deixavam escapar alguma coisa - algum tipo de pista que um experiente agente do FBI, como ele, captaria.

Ele tinha um palpite de que isso era verdade ali e naquele momento...

Tudo o que tenho que fazer é olhar.

Riley e Morgan continuaram no quarto privado de Morgan - um quarto enorme e luxuoso pelos padrões de Riley, mas visivelmente menor e mais modesto do que a suíte master de Andrew Farrell. Como o resto da casa, o quarto era ao mesmo tempo chique e impessoal, com tudo arrumado como se fosse uma foto de revista.

Morgan parecia ter recuperado sua determinação.

"As coisas que eu quero estão aqui" Disse ela, indo direto para um par de portas. Quando Morgan abriu as portas, Riley quase se engasgou.

O armário era uma sala separada por si só - tão grande quanto o próprio quarto de Riley. Estava cheio de uma vasta gama de roupas penduradas e também com prateleiras, armários e espelhos. No centro havia uma mesa com cadeiras.

Riley ficou observando quando Morgan começou a dedilhar várias roupas.

Morgan disse, "É estranho pensar que tudo isso, pelo menos, me pertence. Até agora, eu sempre tinha pensado em tudo isso como sua propriedade, como se eu estivesse apenas pegando emprestado. Eu acho que é porque eu sempre pensei em mim como sua propriedade, apenas algum tipo de manequim para mostrar todas essas roupas maravilhosas."

Riley ficou estarecada com a imensidão do guarda-roupa. Mas ela entendeu o que Morgan estava dizendo: um manequim não possui nada. Mas agora essa mulher que desempenhara o papel de manequim possuía muitas coisas.

Ela disse, "Morgan, como você vai levar tudo isso? Você precisará de uma van ou caminhão ou..."

"Oh, não" Disse Morgan com uma leve risada. "Vou ser seletiva. Eu não quero levar muito. Os filhos de Andrew podem vender o resto se quiserem. A verdade é que ficarei feliz por me libertar da maioria. Eu sempre tive que me vestir de acordo com o gosto de Andrew, não o meu, e não há muito aqui de que eu realmente goste. Vai ser estranho, no entanto, decidir essas coisas sozinha novamente. Eu quase esqueci como se faz isso."

Morgan encontrou uma grande mala de rodas e abriu-a sobre a mesa. Quando ela começou a colocar as coisas lá dentro, Riley gentilmente fez perguntas sobre o marido. Ele passou algum tempo em Birmingham? Ele jogou golfe em Monarch? Morgan sabia de alguma conexão entre Andrew e as outras duas vítimas?

Morgan ignorou todas essas perguntas e finalmente disse...

“Honestamente, por que você esperaria que eu soubesse algo sobre ele? Ele nunca me contou muito e a verdade é que eu nunca quis saber muito. Nunca lhe fiz muitas perguntas. Eu tentava atrair a atenção dele o mínimo possível. Minha vida sempre foi melhor quando ele me deixava em paz.”

Morgan terminou de encher a mala com algumas das roupas mais simples, várias jaquetas e alguns pares de sapatos. Então foi até um grande cofre e digitou a combinação para abri-lo.

Dentro havia uma incrível variedade de joias.

Morgan riu alto e disse, "Deus, eu não posso acreditar que costumava usar essas coisas! Tão extravagante e vulgar! E Andrew sempre agia como se estivesse sendo tão generoso em comprar para mim, e eu fiz o melhor que pude para parecer grata. Bem, é meu e venderia por dinheiro rápido se eu acabasse precisando - o suficiente para me sustentar por um tempo.”

Sem sequer olhar para eles, pegou um punhado de objetos de valor e os jogou em um bolso da mala. Riley ficou incomodada com o valor daquele punhado.

O suficiente para comprar uma casa, apostou, Pensou.

Morgan fechou a mala e virou-se lentamente. Sua expressão era de assombro enquanto olhava ao redor do quarto.

Então ficou na frente de um espelho de corpo inteiro, olhando para seu reflexo.

"Acabou" Ela sussurrou para seu reflexo. "Está tudo acabado."

Riley sentiu um mundo de significado ambivalente nessas palavras. Muitas coisas tinham acabado para Morgan Farrell - a tirania de seu casamento terrível, o abuso emocional e físico do marido, o dever de servir como seu brinquedo perfeito, mas também sua vida de luxo e segurança.

Ela estava realmente sozinha agora.

E Riley não pôde deixar de se perguntar...

Estará pronta para isso?

Ela tem alguma noção de como viver sozinha?

Riley tinha certeza de que Morgan vivera uma vida de privilégio por um longo tempo. Seu casamento havia sido apenas mais um capítulo. Agora Morgan levava consigo bastantes bens materiais - os retornos dos fundos de investimento e o dinheiro que as jóias deviam valer. Riley podia imaginar viver o resto de sua vida com esse dinheiro. Ou pelo menos, usá-lo para mandar as filhas para uma faculdade realmente boa.

Iria Morgan sair-se bem?

Riley sabia que Morgan era uma modelo bem conhecida antes de seu casamento. Quão fácil seria para ela voltar àquela cena se quisesse? Se não pudesse, quanto tempo duraria uma pequena fortuna?

Os pensamentos de Riley foram interrompidos pelo som da voz de Bill no quarto.

"Ei, Riley, estás por aqui?"

Riley podia ouvir uma nota de excitação em sua voz.

"Sim" Respondeu Riley. "Você encontrou algo?"

"Eu acho que sim" Disse Bill. "Venha dar uma olhada."

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Riley sentiu seu coração acelerar quando saiu do enorme armário para ir ao encontro de Bill. Ele estava de pé na porta do quarto, segurando algo na mão.

“O que você tem?” Ela perguntou.

"Isso" Disse Bill. “Eu chequei o resto da sala, mas está limpa. Nenhuma impressão.”

Ele entregou-lhe um simples cinzeiro feito de vidro azul-acinzentado. Em seu fundo estava a imagem prateada de um homem segurando uma lança em uma mão levantada. Ela reconheceu o deus romano Vulcano, mas ficou intrigada com o círculo de mulheres seminuas dançando em volta do homem de prata.

“Onde você achou?” Ela perguntou.

"À vista" Disse Bill, sorrindo. "Em uma cômoda ao lado de um ovo Fabergé."

Morgan saiu do guarda-roupa e colocou-se ao lado de Riley. Sua expressão ficou intrigada quando olhou para o objeto que Riley segurava.

"Eu não entendo" Disse Morgan. "Isso é importante?"

"Talvez sim" Disse Riley.

"Mas é apenas um cinzeiro" Disse Morgan.

Riley sabia perfeitamente bem por que Bill tinha pegado no objeto, mas o deixou explicar.

“Precisamente. Apenas um cinzeiro de vidro comum colocado ao lado de um ovo Fabergé e cercado por todos os tipos de outros objetos caros. Diga-me, Sra. Farrell - o seu marido era o tipo de homem que normalmente manteria algo assim entre uma coleção de coisas de valor inestimável?”

Morgan olhou para o cinzeiro. "Não" Ela respondeu. "Agora que o menciona, não me parece."

"Você tem alguma idéia de onde veio?" Riley perguntou.

"Não. Não é uma antiguidade e não se parece com nenhum tipo de item de colecionador. Eu suponho que poderia ser de qualquer loja comum."

Riley não conseguia imaginar nenhuma das compras dos Farrell em uma "loja comum". E, no entanto, o cinzeiro estava aqui, entre seus pertences luxuosos. Era uma coisa sem valor, exceto pelo significado especial que tinha para Andrew Farrell. Ou para o assassino. Não estaria onde Bill o encontrou, a menos que significasse algo para alguém.

Ela não se surpreendeu, porém, que a polícia não tivesse reparado naquilo. Para eles, aquele era apenas outro objeto em uma casa cheia de objetos.

Ela estava feliz que o olho afiado de Bill tivesse visto a incongruência. Bill disse, “Mas não há nada no objeto que nos revele de onde veio. Nenhuma mensagem. Nenhuma marca registrada.”

Riley apontou para a imagem central e disse, "Bem, posso lhe falar sobre ele - é uma enorme estátua de Vulcano que fica em uma colina em Birmingham".

Os olhos de Bill se arregalaram.

"Birmingham!" Ele disse. "E o primeiro assassinato foi em Birmingham."

Riley perguntou a Morgan, "Isso significa alguma coisa para você?"

Morgan sacudiu a cabeça silenciosamente. Riley notou que seu rosto novamente mostrou aquele olhar de esgotamento entorpecido.

Riley disse a ela, "Talvez devêssemos tirar você daqui."

Morgan assentiu e disse, "Sim, se não se importarem. Eu tenho tudo que preciso... tudo o que eu vou querer deste lugar."

Bill tirou a mala grande do armário e Morgan os levou até o elevador de carga. Quando chegaram ao primeiro andar, fizeram o caminho de volta pela sala da frente. Os filhos de Andrew Farrell não estavam à vista. Riley imaginou que estavam pilhando outro lugar da mansão.

Maurice, o mordomo, correu na direção deles, tirou a mala a Bill e levou-a até o carro.

Com a mala no carro, Riley tirou o cinzeiro de vidro da bolsa e o mostrou para ele.

"Você sabe o que é isso?" Perguntou.

O mordomo abanou a cabeça.

"Meu parceiro encontrou no quarto principal."

Com um sorriso arrogante, Maurice respondeu, “Posso garantir que não fazia parte da decoração.”

"Mas sabe de onde veio?"

"Não" Maurice retrucou. Então ele suavizou um pouco. “A verdade é que eu raramente fui para... os aposentos do patrão. Ninguém estava autorizado a perturbar nada lá. É claro que as empregadas do dia limpavam o quarto, mas todas foram liberadas.”

"Tudo bem" Disse Riley. “Provavelmente não é nada. Entraremos em contato com você se precisarmos falar com elas.”

Maurice deu um breve aceno cortês e virou-se para Morgan. Os dois ficaram olhando um para o outro sem jeito. Morgan deu um passo à frente como se fosse lhe dar outro beijo na bochecha, mas ele acenou para ela. Seus lábios estavam tremendo e Riley percebeu que o homem estava tentando não chorar.

Ele apertou a mão de Morgan e conseguiu dizer, “Adeus, senhora. Foi uma honra e um prazer servi-la.”

Morgan sorriu e disse, “Não vou ter saudades desse lugar, Maurice. Mas sentirei sua falta.”

Este comentário pareceu ser demais para o mordomo.

Ele sufocou um soluço quando assentiu, depois se virou e caminhou silenciosamente de volta para a casa.

Bill ficou ao volante e ligou o carro. Riley ajudou Morgan a se sentar no banco de trás, depois entrou na frente ao lado de Bill. Conversou-se pouco enquanto percorriam Atlanta até o Centro de Dependência de Haverhill, fora da cidade.

Quando chegaram, Riley ficou surpresa ao ver que o lugar parecia um tipo de resort de luxo, com várias casas grandes aninhadas em uma paisagem primorosamente mantida.

Os três entraram, Morgan carregando a pasta que seu advogado lhe dera e Bill puxando a mala de rodas. O saguão tomou o fôlego de Riley - uma grande sala com teto alto e enormes janelas emolduradas por painéis de madeira. Quando Morgan foi dar entrada, Riley pegou um folheto e o leu.

Ela podia ver que os tratamentos oferecidos pelo local eram todos holísticos, incluindo yoga, meditação, caminhadas, acupuntura, massagem shiatsu e outros com nomes exóticos que Riley nunca tinha ouvido falar. A cozinha oferecia o tipo de menu gourmet que se poderia esperar encontrar em um restaurante caro. E, claro, havia uma piscina.

Coisas da moda, Pensou Riley.

Não havia vestígios de nada parecido com um programa de doze passos.

Ela se perguntou se todos esses recursos realmente contribuía para um tratamento eficaz do vício.

Por outro lado...

Talvez esteja apenas com inveja.

Ela com certeza não se importaria de passar algum tempo ali sozinha. Talvez tivessem algo que diminuísse o vício de trabalhar.

Dali a pouco Morgan já estava despachada. Funcionários da clínica pegaram sua mala e a levaram. Antes que ela desaparecesse em um corredor, a mulher magra e elegante se virou e acenou silenciosa e agradecida a Riley.

Riley sentiu uma inesperada pontada de tristeza pela expressão em seu rosto.

Ainda havia algo perdido e abandonado em relação a Morgan - algo que

Riley duvidava que todos os tratamentos no mundo pudessem curar. E naquele ocorreu a Riley que a maioria, senão todos os clientes daquele lugar, estavam certamente tão perdidos e tristes quanto Morgan.

Era estranho sentir pena de uma mulher que tinha os recursos para passar meses de cada vez em um lugar como aquele.

Talvez eu não a inveje, Pensou Riley.

Riley e Bill voltaram ao carro alugado e encontraram um lugar para comer hambúrgueres. Riley tirou o cinzeiro da bolsa e virou-o, olhando como se pudesse encontrar algum significado oculto.

"Você sabe" Disse Bill, "essa coisa pode não ter nada a ver com o caso."

"Eu acho que você fez um bom trabalho" Disse ela. "Precisamos acompanhar isso."

Riley percebeu que, se outros como esse aparecessem nos outros locais, teriam alguma coisa. Ela passaria a foto pelos chefes de polícia em Monarch, Atlanta e Birmingham. Também veria se Flores e sua equipe em Quantico poderiam revelar de onde a coisa vinha. Fotografou o cinzeiro e mandou as fotos.

Terminaram seus hambúrgueres, voltaram para o hotel onde Riley estava hospedada e Bill deu entrada em um quarto próprio. Riley enviou mensagens de texto alegres para April e Jilly. Elas já haviam lhe enviado uma série de mensagens acompanhadas de fotos fofas do cachorrinho. Aparentemente, Darby estava se dando bem.

Tinha sido um longo dia - com um novo assassinato naquela manhã, depois a chegada de Bill, depois a saída de Morgan da cadeia, a verificação da cena do assassinato de Farrell e finalmente conduzir Morgan até seus novos aposentos.

Estavam ambos cansados e pretendiam dormir cedo, mas primeiro desceram ao bar do hotel para tomar uma bebida. Estavam sentados em uma cabine silenciosa quando o telefone de Riley tocou. Ela não ficou totalmente satisfeita em ver que o interlocutor era Jared Ruhl.

Atendeu e perguntou, "O que está acontecendo em Monarch?"

Ouviu Jared soltar um grunhido de irritação.

"Eu não estou mais em Monarch. Estou de volta a Atlanta. Depois que terminamos a cena do crime, os policiais locais só me deixaram sozinho, nem sequer me deram uma carona. Então eu tive que pegar um ônibus para Atlanta. Você pode acreditar nisso? A coragem daqueles caras, me jogando assim!"

Riley não conseguiu sentir muita pena de Jared pela inconveniência de

uma curta viagem de ônibus para Atlanta. Ela podia muito bem imaginar por que a polícia local em Monarch estaria ansiosa para se livrar do policial novato que era capaz de ser bem desagradável, mas não disse isso.

"Alguém achou algo novo lá?" Riley perguntou.

"Nada. Foi um desperdício do meu tempo. E você e seu parceiro?"

Riley ficou tentada em dizer que não tinham encontrado nada. Talvez então pudesse livrar-se dele.

Mas então percebeu...

Não tenho saída.

Jared certamente iria encontrar algum jeito de importuná-la até que ela lhe desse outra coisa para fazer.

Além disso, ela se lembrou de que ele era útil de vez em quando. Na verdade, provavelmente não estaria ali investigando aquele caso se não fosse por ele.

Ela disse, "Jared, vou enviar-lhe uma imagem. Veja se pode me dizer de onde veio essa coisa."

Riley enviou-lhe a foto do cinzeiro de vidro.

Houve um silêncio, e então Jared disse, "Você deveria reconhecer isso. Mostrei a estátua de Vulcano em Birmingham."

"Eu sei" Riley concordou. "Mas o que são as meninas dançando?"

Outro silêncio se seguiu.

Finalmente Jared disse, "Uh ... ninfas".

"Ninfas?"

Jared soltou uma gargalhada.

"As Ninfas de Vulcano" Disse ele. "É um clube privado de cavalheiros em Birmingham - você sabe, com dançarinas exóticas e garotas de programa e tudo mais, mas realmente elegante, realmente de alta classe, com clientela estritamente privada, fora da minha faixa de preço."

Então ele gaguejou desajeitadamente, "Não que eu... bem, você sabe. A única razão pela qual eu sei é que ouço caras conversando, e eles falam coisas sobre..."

"Sim, eu entendo" Disse Riley.

A informação de Jared deixou-a curiosa. Se Andrew Farrell pertencesse a um clube de cavalheiros em Birmingham, talvez também Julian Morse. Não era difícil imaginar que Edwin Harter pudesse ter visitado o mesmo clube. Se tudo isso fosse verdade, seria a primeira conexão que eles encontrariam entre as vítimas desse assassino.

Jared também soava animado agora.

"Então, por que você está interessada nesse lugar? Tem alguma pista nova que leva até lá? Você vai lá? Quando?"

Riley reprimiu um suspiro. Não havia sentido em tentar manter Jared fora disso.

Perguntou, "Você pode ir conosco a Birmingham amanhã?"

"Com certeza que posso. Como eu te disse, tenho muitos dias de folga para gozar."

"Este é um caso oficial do FBI agora" Riley disse. "Tenho certeza que o Capitão Stiles concordará em colocar você ao nosso serviço."

"Eu vou dizer a ele que você me pediu."

"Ok" Disse Riley. "Nós vamos buscá-lo em seu apartamento amanhã de manhã."

Quando terminou a ligação, Bill perguntou. "Quem era esse?"

Riley suspirou e disse: "Aquele garoto que eu lhe falei - aquele que me ligou sobre Morgan Farrell, o cara com quem tenho trabalhado desde que voei até aqui".

"Então ele vai se juntar a nós amanhã, hein?" Disse Bill. "Estou ansioso para conhecê-lo."

Riley quase disse...

"Você não vai gostar dele."

Mas pensou melhor. Por tudo o que sabia, Bill e Jared poderiam acabar se dando bem. Em vez disso, contou a Bill o que Jared acabara de dizer sobre o cinzeiro.

"As Ninfas de Vulcano" Disse ele. "Bem, nós definitivamente precisamos ver isso pessoalmente."

*

Na manhã seguinte, Riley e Bill decidiram que Riley iria dirigir o carro até Birmingham. Eles foram ao apartamento de Jared e o pegaram, mas nem tinham saído de Atlanta antes que se tornasse evidente para Riley que Jared estava a enervar Bill. Tal como fizera com Riley, o jovem policial fez todos os tipos de perguntas sobre a carreira investigativa de Bill. Finalmente, Bill cruzou os braços e caiu em um silêncio sombrio, ignorando o som da voz de Jared.

O caminho pareceu interminável e Riley deu um suspiro enorme de alívio quando a estátua de Vulcano que se erguia sobre Birmingham finalmente

apareceu. Eles dirigiram para o norte do distrito comercial até chegarem ao clube de cavalheiros das Ninfas de Vulcano.

Quando estacionaram e caminharam em direção ao lugar, Riley ficou surpresa com sua aparência. Ela esperava que o chamado clube de cavalheiros fosse cafona e possivelmente degradado. Mas esse edifício era uma peça nova e atraente de arquitetura, com paredes de ardósia azul-cinza e desenhos elegantes que sugeriam as ninfas de seu nome.

Riley e seus colegas não ficaram surpresos ao descobrir que o estabelecimento estava fechado pela manhã. Eles bateram na impressionante e ornamentada porta da frente até que um homem alto, de aparência nórdica, pálido e louro platinado veio e os deixou entrar. Seu rosto parecia tão plástico e não poroso que parecia mais um manequim masculino do que um ser humano real.

Quando o homem perguntou como poderia ajudá-los, Riley e Bill mostraram seus distintivos e se apresentaram e a Jared.

Riley disse ao homem, "Estávamos nos perguntando se você já teve um cliente chamado Andrew Farrell".

O homem abanou a cabeça e obviamente estava prestes a dizer não quando Riley ouviu a voz de uma mulher falando de dentro do clube.

“Lars, quem é que pergunta sobre Andrew Farrell? Faça-os entrar.”

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Riley sentiu uma explosão de antecipação enquanto seguia o homem alto chamado Lars para o clube, com Bill e Jared logo atrás dela. Quem quer que tivesse falado, parecia ter reconhecido o nome de Andrew Farrell.

Talvez eles estivessem prestes a descobrir algo.

No interior, o clube era espaçoso. Era ainda mais impressionante do que o exterior, com as mesmas superfícies lisas cinza-azuladas. Havia uma galeria alta que se erguia acima do bar e das mesas, e um palco e uma pista com postes se projetavam de uma parede. Erguendo-se da parte de trás do palco havia uma escada majestosa que estranhamente lembrava a Riley a da casa dos Farrell - exceto que esta era menor e mais elegante.

O lugar estava escuro agora, mas Riley podia facilmente imaginar como seria com luzes dançantes e mulheres girando em torno desses postes. Ou talvez dançando nuas em torno de alguém vestido como o deus Vulcano.

Riley rapidamente avistou um flash de cor naquele mar de escuro, cinza-azulado monocromomático. Uma mulher jovem vestindo um quimono de seda brilhante estava sentada a uma mesa com um computador na frente dela.

A mulher levantou-se da mesa para cumprimentá-los.

"Eu sou Brynn Montgomery" Disse ela. "Terei ouvido que são do FBI?"

Com uma risada, acrescentou, "Espero que não estejam aqui para uma rusga! Se for essa a intenção, talvez queiram voltar quando houver mais movimento."

Brynn era uma jovem incrivelmente atraente que Riley tinha a certeza ser muito admirada pelos homens que entravam ali. Tinha olhos azuis brilhantes e um sorriso ligeiramente assimétrico que projetava um sentimento de ironia alegre e mundana. Em seu quimono e chinelos, parecia extremamente confortável e em casa. Riley também sentiu um ar distinto de confiança e autoridade nela.

Aparentemente, Jared também notou isso. Ele perguntou-lhe, "Esse lugar é seu?"

"Meu? Deus, não. Mas estou lisonjeada por achar que seria possível."

Ela apontou para o computador. "Eu acho que poderia dizer que eu sou o cérebro por aqui, pelo menos hoje em dia. Eu faço a contabilidade e sou responsável pela publicidade, a maior parte do trabalho gerencial. E é claro que eu tenho..."

Ela fez uma pausa e piscou o olho sugestivamente.

"Pode dizer que tenho outros deveres."

Riley podia imaginar quais "deveres" ela poderia significar.

Riley também percebeu que o que Brynn dissera sobre cérebros era bem verdade. Talvez ela não tivesse muita educação formal, mas provavelmente aprendera muito sozinha. Ela provavelmente era muito mais inteligente que o dono daquele lugar e do que a maioria dos clientes também.

Brynn convidou Riley e seus colegas para se sentarem com ela na mesa. Então perguntou...

"Então você estava perguntando sobre Andrew Farrell. O que se passa com esse filho da puta sem coração frio, afinal?"

Riley pensou ter ouvido uma nota estranha de afeto mesmo naquele insulto.

"Sinto muito ter que dar a notícia" Disse ela. "Ele foi assassinado há duas noites atrás."

Os olhos de Brynn se arregalaram e ela ofegou ligeiramente.

"Oh meu Deus! Que terrível! Eu não sabia. Como isso aconteceu?"

Riley contou-lhe o que sucedera sem entrar em detalhes. Também lhe disse que dois outros homens haviam sido mortos em circunstâncias semelhantes.

Então ela perguntou, "Por acaso você conhece os outros dois homens - Edwin Harter e Julian Morse?"

Brynn sacudiu a cabeça. Seu sorriso irônico sumira e ela ficou olhando para o vazio.

Bill perguntou, "Você era próxima do Sr. Farrell?"

O sorriso de Brynn surgiu novamente quando acendeu um cigarro.

"Próxima? Sim, acho que você poderia dizer isso. Na verdade, eu sempre tive esperanças de que as coisas ficassem sérias entre nós - ou pelo menos tão sérias quanto possível. Mas então ele se interessou por essa modelo, Morgan Chartier, e se casou com ela."

Ela riu baixinho. "Eu não pude competir com um pedigree como o dela. Eu vivi uma espécie de... vida bem colorida, se você entende o que quero dizer. Não que eu não tivesse ficado ressentida quando ele ficou com ela. Mas de um jeito ou de outro, eu sabia que não ia durar. De tudo que eu sabia sobre Morgan, ela não era um bom partido para Andrew. Ela simplesmente não era..."

Brynn parecia estar procurando a palavra certa.

"Suficientemente forte para ele?" Riley disse.

Brynn assentiu.

"Sim" Disse. "Ele tinha... a sua forma de estar, nem sempre agradável."

Uma mulher tinha que o enfrentar, retribuir o melhor possível.”

Sua voz desvaneceu e sua expressão escureceu. Ela jogou uma cinza do cigarro em um cinzeiro idêntico ao que tinham encontrado na mansão de Farrell.

Riley sentiu uma certa admiração por essa mulher inteligente e versátil - provavelmente tão habilidosa com dinheiro e números, como com entretenimento adulto e sedução. Era provável que Brynn tivesse sofrido abusos ao longo dos anos. Mas a autopiedade não era seu estilo. Não que ela fosse implacável e cínica como Tisha, a viúva de Harter. De alguma forma, Brynn parecia ter passado por tudo sem perder seu espírito.

Uma verdadeira sobrevivente, Pensou Riley.

Riley também teve a sensação distinta de que Brynn estava a pensar em algo não verbalizado naquele momento.

Riley perguntou, "Você tem alguma ideia de quem pode ter matado Farrell?"

Brynn franziu a testa ansiosamente enquanto dava mais uma tragada no cigarro.

Então ela disse, "Eu podia meter-me em confusões por dizer isso..."

Seu rosto sumiu.

Jared disse com uma nota de rispidez em sua voz, "Tudo será mais fácil para você se nos contar."

Riley lançou-lhe um olhar zangado que dizia...

Você não está ajudando.

Jared encolheu-se um pouco sob o olhar de Riley. Riley esperava que talvez ele ficasse de boca fechada por um tempo. Ameaças não iriam funcionar com aquela mulher.

Tudo ficou em silêncio enquanto Riley esperava por uma resposta.

Finalmente, Brynn disse, “Temos um membro regular aqui, Harrison Lund. Talvez vocês tenham ouvido falar dele.”

"O nome parece meio familiar" Disse Bill.

Riley também achou que conhecia o nome, mas não conseguiu situá-lo.

Brynn continuou, “Harrison é um cara legal - pelo menos com as garotas. Mas nossos clientes - homens - não gostam dele. Na verdade, acho que têm medo dele, embora nunca digam exatamente isso. De vez em quando ele entra em uma discussão com um de nossos membros e fica feio. Mas ele mantém sua voz muito baixa, então as garotas e eu não conseguimos ouvir sobre o que é a discussão. E depois...”

Ela parou por um momento, depois disse...

“Bem, as pessoas com quem discute geralmente deixam de vir aqui completamente. Até desistem de ser membros.”

Riley estava começando a ter uma ideia do que poderia estar na mente de Brynn.

Ela disse, "Presumo que ele teve uma discussão com Andrew Farrell".

Brynn assentiu e sacudiu outra cinza do cigarro.

"Sim e foi apenas algumas noites antes da morte de Andrew."

A pele de Riley se arrepiou com interesse enquanto esperava que Brynn continuasse.

Brynn disse, “Bem, eu perguntei a Andrew sobre o que fora a discussão e ele não me contou. Mas me disse que não ia deixar o filho da mãe importuná-lo. Ele parecia mais zangado do que assustado. Ele também queria que Harrison fosse barrado do clube. Mas... bem, não estamos exatamente em posição de fazer isso.”

"Por que não?" Perguntou Bill.

Brynn encolheu os ombros. "Bem, ele tem privilégios especiais, devido ao fato de ser o arquiteto que projetou este lugar. O dono o admira e fala dele sempre que tem a chance.”

Riley olhou ao redor, novamente impressionada com a elegância do lugar.

Brynn sacudiu a cabeça e disse, “Talvez eu não devesse ter contado a você. Não, eu provavelmente não deveria. Realmente, não teve importância, tenho certeza - o que quer que tenha deixado Andrew tão bravo. Apenas esqueçam que eu mencionei isso.”

Riley tentou tranquilizá-la. "Não precisamos dizer a Lund que ouvimos algo de você. Poderíamos ter descoberto sobre ele de qualquer um dos seus clientes.”

Brynn estremeceu um pouco.

Como se achasse que ele saberia de qualquer maneira, Pensou Riley.

Riley disse com uma voz gentil, “Brynn, quais são suas impressões sobre Harrison Lund?”

Brynn inspirou e expirou bruscamente.

“Como eu disse, ele dá-se bem com as garotas e elas realmente gostam dele. Mas...”

Engoliu em seco e disse, “Ele me dá arrepios. Eu não sei porquê. Eu geralmente consigo ficar longe dele.”

Riley sentiu um mundo de medos não pronunciados em sua voz.

Riley agradeceu Brynn por sua ajuda e lhe deu um cartão do FBI.

Quando ela e seus colegas deixaram o clube, Bill comentou, "Então, isso era uma ninfa?"

"Bem, por que não?" Riley perguntou. "Uma ninfa é um espírito da natureza, não é?"

Bill riu. "Eu diria que essa mulher é mais do que você chamaria de força da natureza."

"A natureza nem sempre é dócil" Respondeu Riley.

Então ela se virou para Jared e disse, "Eu preciso que você localize Harrison Lund para mim."

Jared procurou em seu celular enquanto entravam no carro. Quase imediatamente encontrou o endereço da empresa de Lund, a Lund Architects. Encontrava-se apenas a uma curta distância de carro.

Quando Riley começou a dirigir, ela se lembrou das palavras de Brynn...
"Ele me dá arrepios."

Riley não tinha dúvidas de que Brynn era extremamente intuitiva e inteligente. Se ela sentia algum medo profundo de Harrison Lund, devia haver um bom motivo.

Preciso descobrir que motivo é esse, Pensou Riley.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Riley não gostou do jeito que Harrison Lund sorriu. O homem se levantou de sua mesa enquanto seu assistente escoltava Riley, Bill e Jared até seu escritório. O assistente já lhe havia dito quem eram os visitantes via interfone.

Lund falou de maneira suficientemente amigável. “Então, FBI? Eu estava imaginando quando vocês apareceriam.” Mas seu sorriso era absolutamente reptiliano.

Ele estava realmente nos esperando? Riley se perguntou.

Se estivesse, o que isso poderia significar?

Lund disse, “Sentem-se, por favor. Estejam à vontade.”

Ele tinha um sotaque sulista que lembrou Riley do irmão de Julian Morse, Roderick. Mas a voz de Lund era mais suave, mais escura e, de alguma forma, mais sinistra. Ele teria a idade de Riley e tinha um ar sardônico. Usava um terno caro e tinha o cabelo grisalho penteado para trás de forma elegante.

Riley e seus colegas sentaram-se em frente à mesa, e Lund sentou-se na grande poltrona atrás de sua mesa. Riley olhou ao redor do enorme gabinete, com sua janela do tamanho de uma parede com vista para o centro de Birmingham. As paredes escuras de ardósia e as superfícies lisas e largas, definitivamente pareciam a Riley como o trabalho do mesmo arquiteto que projetara o clube de cavalheiros das Ninfas de Vulcano.

Lund juntou os dedos e olhou para cada um de seus visitantes com uma expressão de curiosidade fria, mas vagamente divertida.

“Então,” Disse, “o que planeiam fazer por mim?”

Riley ficou surpresa com a pergunta e tinha a certeza de que seus colegas se sentiam da mesma maneira.

"O que quer dizer?" Perguntou ela.

Lund inclinou a cabeça no que pareceu a Riley uma maneira zombeteira.

Ele disse, "Bem, suponho que você esteja aqui por conta dos três assassinatos recentes, não é? Andrew Farrell, Julian Morse e Edwin Gray Harter - e há um padrão, não é? Um padrão que vos trouxe até mim."

Riley soube imediatamente que ele estava brincando com eles. E não gostou muito disso.

Jared falou.

"Se tem algo para nos dizer, por que não o diz logo?"

Riley estava prestes a lançar outro olhar silencioso para ele. Mas Bill antecipou-se com um grunhido de desaprovação.

Lund riu do comentário de Jared.

"Oh, meu Deus" Disse ele. "Isso soa um pouco hostil. Não tenho certeza se devo confiar minha vida em suas boas mãos. Porque é por isso que você está aqui, não é? Para se certificar de que estou bem protegido? Tenho certeza de que estou em uma pequena lista de possíveis vítimas nesta área."

Rindo mais alto, acrescentou, "A verdade é que eu me sentiria um pouco magoado se não estivesse em tal lista. Parece que o vosso assassino - seja ele quem for - tem gostos bastante exigentes em vítimas de assassinato. Apenas a elite e os ricos. E eu faço parte dos dois."

Riley disse, "Não estamos aqui para lhe oferecer proteção, Sr. Lund. Eu acho que você já tem isso sob controle. No caminho pelo edifício, vi que já tem muitos seguranças à paisana em serviço, carregando armas escondidas. Tenho certeza de que você tem segurança semelhante em sua casa, embora eu deva avisá-lo que nosso assassino é bastante eficiente em invadir dispositivos eletrônicos."

Lund se inclinou para eles.

Disse, "Então, não tenho certeza se entendi – o que querem comigo hoje?"

Bill disse, "Só queremos lhe fazer algumas perguntas".

"Por exemplo?" Perguntou Lund.

Riley olhou diretamente para ele.

Ela disse, "Gostaríamos de saber onde você estava no momento dos assassinatos".

Bill então informou-o dos horários e locais exatos dos assassinatos.

Lund se inclinou para o interfone e chamou sua assistente. Quando a mulher entrou, Lund disse, "Claudia, você poderia informar essas pessoas sobre minhas idas e vindas durante as últimas duas semanas?"

Cláudia recitou com eficiência rotineira um itinerário elaborado que incluía Zurique, Berlim, Paris e Londres.

Quando terminou, Lund disse para Riley e seus colegas, "Gostariam que Claudia imprimisse minhas reservas e recibos de hotel?"

"Isso não será necessário" Disse Riley.

Não foi porque Riley estivesse convencida de que Lund era inocente. Na verdade, ela estava cada vez mais desconfiada dele. Mas também tinha a certeza de que seus álbis se mostrariam herméticos. Seria fácil para o Flores verificar. Além disso, ela já havia considerado a possibilidade de que os três assassinatos tivessem sido contratados.

Riley continuou a fixá-lo por um momento, depois disse, "Sr. Lund,

conheceu pessoalmente a primeira vítima - Andrew Farrell?"

"Oh, sim" Disse Lund. "Conheciamo-nos bem."

Riley perguntou, "Não tiveram uma discussão recentemente?"

Lund sorriu aquele seu sorriso reptiliano.

"Agora que o menciona, suponho que sim. Foi na noite antes de ir para Zurique - e, se não me engano, duas noites antes de Andrew ser morto. E suponho que você saiba exatamente onde aconteceu essa discussão."

Riley cuidadosamente manteve seu silêncio.

Lund olhou para ela inquisitivamente.

"O que eu gostaria de saber é como você obteve essa informação?"

A questão fez Riley se sentir desconfortável.

Lembrou-se do olhar cético e preocupado de Brynn quando Riley prometeu que Lund não precisava saber quem lhe havia falado na discussão.

Teria Lund adivinhado a verdade - que Riley tinha falado com Brynn?

Riley se acalmou. Ela sabia que quase tudo o que esse homem dizia era calculado para manter ela e seu time desequilibrados.

Não deixe ele passar por cima, Disse a si mesma.

Riley disse, "Gostaria de saber qual foi o motivo de sua briga com Farrell?"

Lund estalou a língua desaprovadamente. "Eu não gostei de como Andrew tratou as mulheres em... certo estabelecimento, suspeito que sabe a qual me refiro. Eu sou um pouco antiquado – sou um calhareiro anacrônico, da velha escolha sulista. Eu acredito em tratar as senhoras com cortesia e respeito. Não importa quem elas sejam."

Riley se lembrou de algo que Brynn havia dito sobre Lund...

"Harrison é um cara legal para as meninas."

Lund parecia ser uma contradição viva - um misógino com inclinação para dançarinas exóticas e garotas de programa que acreditava em tratar essas mesmas mulheres com algum tipo de falsa galanteria.

Lund girou ligeiramente na cadeira e acrescentou, "Eu disse a Andrew que não permitiria que o comportamento dele continuasse".

Riley sentiu um calafrio perante suas palavras.

"Então você o ameaçou?" Ela perguntou.

Lund riu. "Oh, Agente Paige, agora você está ficando muito pessoal. Foi uma pequena briga feia e eu logo esqueci tudo sobre isso. Podemos mudar de assunto, por favor?"

Riley sentiu-se frustrada. Suas perguntas pareciam estar levando-a a lugar

nenhum. Lund a achou inteligente e escorregadia - e também perigosa.

Felizmente, Bill falou. “Você e Farrell compartilhavam quaisquer outras atividades em comum - além daquele 'determinado estabelecimento’?”

Lund encolheu os ombros e disse, "Bem, nós jogamos golfe juntos de vez em quando."

"E onde faziam isso?" Perguntou Bill.

"No Cedar Creek Country Club em Monarch."

A atenção de Riley despertou com a menção do nome da cidade ...

Monarch!

Riley lembrou do campo de golfe que era visível da casa de Edwin Grey Harter.

Podia ser exatamente o mesmo clube, Pensou.

Lund continuou, “Qualquer golfista que puder pagar vai para um ou outro dos clubes de Monarch. Andrew não era membro lá, mas eu sou. Em tempos mais felizes, deixei Andrew jogar lá.”

Então, com um suspiro, ele acrescentou, "Uma pena o que aconteceu com ele."

Com essas palavras, Lund deu a Riley um longo olhar penetrante.

Ela conseguiu reprimir um estremecimento profundo.

"Eu acho que é tudo" Disse Riley. "Obrigado pelo seu tempo e ajuda."

Lund pareceu surpreso e talvez até decepcionado por sua pequena cena ter acabado. Enquanto Riley e seus colegas saíam do edifício, Jared perguntou, “Então, o que você acha? Descobrimos alguma coisa?”

Bill não respondeu e Riley também não.

Mas o instinto de Riley dava-lhe uma certeza...

Nós estávamos conversando com um assassino de sangue frio.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quando Riley e seus colegas saíram do edifício em direção ao seu carro alugado, ela refletiu sobre suas impressões de Harrison Lund.

Que ele era um homem malvado, ela não tinha dúvidas.

Mas tinha alguma evidência concreta contra ele?

Não até agora, Pensou.

A astúcia e a inteligência de Lund a preocupavam ainda mais do que sua natureza maligna palpável.

Quando chegaram ao carro, Jared comentou, "Nós não comemos nada desde que saímos de Atlanta".

"Eu vou dirigir" Disse Bill. "Apenas me guie para a lanchonete de hambúrguer mais próxima."

Jared consultou seu celular e os direcionou para um pequeno café. Eles encontraram um lugar distante dos ouvidos dos outros clientes e se sentaram para conversar baixinho.

"Então, o que você achou de nossa entrevista?" Perguntou Bill a Riley enquanto esperavam por seus sanduíches.

Riley parou por um momento, depois disse, "Estou certo de que ele é um assassino."

Os olhos de Jared se arregalaram de surpresa.

"Uau" Disse ele. "Como você chegou a essa conclusão?"

Antes que Riley pudesse responder, Bill disse a Jared, "Instintos. Ela tem bons, os melhores do ramo."

Então Bill disse a Riley, "Também tive um mau pressentimento. Fico feliz por não ter sido só eu."

"Então o que fazemos agora?" Jared perguntou.

Antes que pudessem começar a discutir a questão, uma garçonete veio e anotou seus pedidos. Então o telefone de Riley tocou e ela viu que a ligação era de Brent Meredith.

Riley olhou ao redor. Seu canto do café ainda estava longe de outros clientes, então ela atendeu e colocou Meredith no viva-voz.

Meredith soou ainda mais rude do que o habitual.

"Diga-me que você está fazendo progresso."

"Podemos estar" Disse Riley. "Não estamos apenas certos ainda."

"Bem, tenha certeza e rápido. Eu estou suportando o inferno aqui em Quantico. O Agente Especial Responsável Walder está respirando no meu

pescoço o tempo todo agora. Ele está furioso porque esses assassinatos estão recebendo tanta atenção da mídia, e ele acha que parecemos incompetentes. Para piorar as coisas, ele conhecia um dos caras assassinados.”

Riley se lembrou de Bill dizendo que Walder tinha jogado golfe com um deles.

"Qual deles?" Riley perguntou.

“Julian Morse, o milionário de Birmingham. Eles costumavam se reunir para tomar bebidas sempre que estavam na mesma área.”

Riley e Bill trocaram olhares. Riley sabia que ambos estavam se perguntando a mesma coisa.

Bill disse, "Walder mencionou ter jogado golfe com ele?"

"Na verdade, sim."

Riley respirou fundo. "Walder por acaso disse para qual campo de golfe eles iam jogar?"

“O Scofield Country Club, aqui perto de DC. Por que você pergunta?"

Riley não sabia como responder a essa pergunta. Em vez disso, ela e Bill deram a Meredith um resumo verbal de tudo o que acontecera desde que Bill chegara. Ela também apresentou Meredith a Jared Ruhl, que parecia estranhamente apavorado por estar conversando com um chefe real da equipe do FBI.

Finalmente, Riley disse, “E acabamos de entrevistar um possível suspeito. Ele é arquiteto aqui em Birmingham...”

Riley parou quando a garçonete apareceu com seus cafés.

"Espere um momento" Riley disse a Meredith.

"Aqui tem" Disse a garçonete alegremente. “O açúcar está na mesa. Algum de vocês quer natas?"

Riley podia ouvir o grunhido de surpresa de Meredith.

"Onde você está?" Ele rosnou.

"Almoçando" Respondeu Bill. "O lugar tem pouco pessoal."

A garçonete colocou os cafés e os deixou sozinhos novamente.

"Tudo bem agora" Disse Riley.

"Não diga outra palavra" Meredith estalou. "Tire-me do viva-voz".

Imaginando o que Meredith ia dizer, Riley desligou o alto-falante e colocou o telefone no ouvido.

Meredith perguntou, “O homem que você acabou de entrevistar é Harrison Lund?"

"Como sabia?"

Meredith ficou em silêncio por um momento.

“Eu preciso que você seja muito discreto com o que estou prestes a lhe dizer. Não compartilhe isso com ninguém além de seus dois colegas ” Disse ele. “Uma de nossas unidades está investigando Harrison Lund há alguns anos. Estamos à beira de provar que ele pessoalmente contratou os assassinatos de cinco homens em três países diferentes.”

Riley respirou com dificuldade perante as palavras de Meredith.

Ela perguntou, "Quais foram os motivos?"

“Três parecem ter sido sobre questões de negócios - problemas com permissões de zoneamento, contratos quebrados, esse tipo de coisa. Mas dois deles parecem ter sido puramente pessoais, pequenas brigas possivelmente. De fato, todos eles eram provavelmente pessoais em algum nível. Acreditamos que ele simplesmente gosta de contratar matadores de aluguel e escapar. Ele não parece saber que estamos nos aproximando dele. Queremos continuar assim.”

Riley se lembrou de algo que Lund havia dito...

"Eu não gostava de como Andrew tratava as mulheres..."

Pode ter sido motivo suficiente para Lund querer que Andrew Farrell morresse?

Riley distanciou-se, tentando entender essa nova informação.

Ela perguntou a Meredith, "Qual foi o MO para os cinco assassinatos?"

Meredith disse, “Foram executados da maneira antiga - bala no coração, outro na cabeça. Olha, Walder está esperando que eu atualize ele agora, então eu tenho que ir. Também preciso notificar a equipe que está trabalhando no caso de Lund sobre sua interação com Lund. Eles precisam saber disso. Mantenha-me atualizado, ok? E feche seu caso rapidamente.”

A ligação terminou assim que os sanduíches foram servidos. Riley pensou que seu sanduíche de queijo demasiado tostado ajudava a explicar por que o café estava tão vazio. Viu que Bill deu uma olhada cética em seu hambúrguer, mas ele e Jared os devoraram avidamente.

Enquanto eles comiam, Riley informou-os sobre o que Meredith havia dito sobre Lund.

Jared mal conseguia manter a voz baixa de excitação.

"Então Lund é o nosso assassino" Disse ele. "Tudo o que precisamos fazer é apanhá-lo."

Bill abanou a cabeça e disse, "Não é tão simples assim."

"Por que não?" Jared perguntou.

Riley reprimiu um suspiro e disse, "Bill está certo. Os MOs do nosso

assassino não correspondem aos casos de Lund. Eu não estou dizendo que Lund não é o nosso assassino. Não podemos ter certeza de que não é. Mas teria que haver uma boa razão para ele começar a ordenar aos seus capangas que esfaqueassem suas vítimas brutalmente, em vez de apenas atirar nelas.”

Jared parecia mal acreditar no que ouvia.

“Lund é um idiota sádico. Isso não é motivo suficiente? Ele ficou entediado, não lhe bastavam os homicídios comuns. Então ordenou matanças mais desagradáveis. Isso não faz sentido?”

Nem Bill, nem Riley responderam.

A verdade era que isso não fazia muito sentido para Riley e ela sabia que não fazia muito sentido para Bill também.

Pelo menos meu pressentimento sobre Lund não era errado, Pensou Riley.

Lund definitivamente era um assassino. Mas se ele não fosse o assassino que eles estavam procurando, ela sabia que seria melhor deixar a outra equipe do FBI apanhá-lo. Embora Riley não pudesse descartar a possibilidade de que Lund tivesse contratado os últimos assassinatos, não parecia provável. Ela e sua equipe precisavam expandir sua pesquisa.

Jared disse, "A verdade é que eles são todos idiotas. Lund é um idiota e Morse, Harter e Farrell também. Se Lund não é o assassino, então eu sinto vontade de torcer por quem quer que seja o assassino. Ele está fazendo um serviço à sociedade. Por que não deixamos as coisas em paz? Não temos pessoas mais dignas para proteger e servir? ”

Bill olhou para Jared com aborrecimento.

Ele disse, “Todos nós nos sentimos assim sobre alguns casos. Mas é uma coisa estúpida de novo falar sobre isso.”

Jared ficou chocado.

"Bill está certo" Disse Riley. “Nosso trabalho é fazer cumprir a lei, não tentar ser juiz e júri. Nós temos um caso para resolver. E um assassinato afeta muito mais pessoas do que apenas as vítimas”.

Ela deu a Jared um olhar duro e acrescentou, “E se você não está com a gente, é melhor nos contar agora. Bill e eu podemos nos dar bem sem você.”

Jared parecia magoado agora.

"Conte comigo" Murmurou.

Comeram em silêncio por um momento, meditando sobre o que fazer em seguida.

Finalmente, Riley disse, "Estou interessada na conexão do golfe. Sabemos que Farrell jogou golfe com Lund no Cedar Creek Country Club em Monarch.

Julian Morse também jogou golfe. Como ele morava nas proximidades de Birmingham, provavelmente jogou em algum lugar da Monarch também. Toda a área é composta de campos de golfe. A casa de Edwin Earl Harter ainda tem vista para um deles - e pode bem ser o Cedar Creek Country Club.”

Bill disse, “Parece que você está sugerindo que a gente vá lá e faça algumas perguntas. Eu não tenho certeza de quão bem isso funcionaria, no entanto. Os caras ricos vão para esses lugares para fugir de suas vidas normais. Eles mantêm as coisas realmente insulares em clubes como esse. Não gostam de falar com pessoas de fora, muito menos agentes do FBI.”

Riley de repente sentiu uma ideia se formando em seu cérebro.

Ela disse, "Você está certo. Mas acho que sei como fazer isso.”

"Como?" Perguntou Bill.

Riley sorriu para ele e disse...

"De forma furtiva."

CAPÍTULO VINTE E SETE

Riley respirou lenta e demoradamente. Ela percebeu que Bill poderia não gostar da ideia que estava prestes a explicar. Mas tinha certeza de que era uma boa ideia e ela realmente precisava convencê-lo.

Bill perguntou, "De forma furtiva? O que você quer dizer com isso?"

Ela disse, "Você acabou de me dizer que esses clubes são insulares e que um agente do FBI não seria exatamente bem-vindo, especialmente fazendo muitas perguntas".

"Isso mesmo" Disse Bill.

Riley encolheu os ombros e disse, "Então você poderia ir disfarçado."

Os olhos de Bill se arregalaram de surpresa.

"Disfarçado de quê?" Ele perguntou.

Riley disse, "Como um golfista, apenas mais um dos caras lá."

Bill franziu a testa.

Não, Riley pensou. Ele realmente não gosta dessa ideia.

Riley continuou, "Olha, não seria a primeira vez que você se disfarçava."

"Sim" Disse Bill. "Mas a última vez foi há anos, infiltrado em uma família da máfia. Eu estava fazendo o papel de um aspirante a procura de emprego como assassino."

"Então?" Riley disse.

"Isso é diferente" Disse Bill. "Eu não acho que posso me passar como..."

Riley riu e acrescentou, "Como respeitável?"

Bill se contorceu um pouco e disse, "Bem, tão rico, de qualquer maneira. E eu realmente exporia meu disfarce se realmente tivesse que jogar golfe."

"Você não sabe jogar?" Riley perguntou.

"Eu já joguei, mas nunca fui muito bom nisso. E com certeza não tenho tempo agora para aprimorar minhas habilidades."

Jared estava olhando para Bill com interesse.

"Eu não sei" Disse ele. "Você pode sair-se bem."

Bill sorriu sarcasticamente. "Bem, obrigado pelo voto de confiança."

Bill olhou para o que restava de seu hambúrguer e acrescentou, "Além disso, eu não sou membro de nenhum dos clubes de golfe de Monarch. Teríamos que falar com a gerência de um desses lugares para me darem entrada. Isso levaria tempo."

Jared estava começando a parecer entusiasmado.

"Você não precisa ser um membro" Disse ele. "Você nem precisa jogar

golfe. Tudo o que você precisa fazer é andar em um carrinho de golfe.”

Bill soltou uma gargalhada.

"Um carrinho de golfe?" Perguntou.

Riley instantaneamente entendeu onde Jared estava chegando.

Lembrou-se de como Monarch parecia quando ela e Jared lá tinham ido - como a paisagem toda parecia não ser nada além de campos de golfe. Ela viu quase tantos carros de golfe quanto carros na cidade.

Riley pensou...

Esse cara chato pode estar certo - de novo!

Jared continuou, "Os caminhos de carrinhos de golfe da cidade vão por toda parte".

Ela disse para Bill, "Jared tem razão, Bill. Você pode ir a qualquer lugar em Monarch em um carrinho de golfe, falar com alguém que você quer desse jeito. Você só precisa... bem..."

Bill zombou de novo.

"De um conjunto de tacos de golfe?" Ele disse. "E um disfarce? Boa sorte com isso!"

Riley tinha que admitir, essa parte era uma tarefa difícil.

Mas Jared parecia pensar de forma diferente.

"Eu tenho uma ideia" Disse ele para Riley. "Agente Paige, eu sei que fiquei um pouco enjoada quando vi o corpo de Edwin Harter naquela banheira de hidromassagem. Mesmo assim, dei uma boa olhada em seu cadáver, especialmente quando a equipe do médico legista o estavam levando embora."

Mais uma vez, Riley percebeu o que queria dizer instantaneamente.

Ela disse a Bill, "Edwin Harter era quase exatamente de seu tamanho e constituição".

"Então?" Disse Bill.

Riley disse, "Então, um cara rico como Harter morando naquela área deve ter sido um golfista. Ele certamente tem equipamentos e roupas - e um carrinho de golfe também, aposto."

Jared soltou uma risada aguda e cínica e acrescentou, "Sim, e ele com certeza não vai precisar deles agora. Você bem pode fazer uso deles."

Bill olhou para Riley e Jared.

Com um suspiro profundo, disse, "Então acham que podemos pegar nessas coisas?"

"Só há uma maneira de descobrir" Disse Riley.

*

Alguns minutos depois, Bill estava dirigindo Riley e Jared para fora de Birmingham e de volta para Atlanta. Mesmo que pudessem contornar a cidade para chegar a Monarch, levaria mais de duas horas para chegar lá.

Durante a viagem, discutiram seus planos e concordaram em não incomodar Callum O'Neill, chefe de polícia de Monarch. Eles realmente não tinham novas provas para oferecer à polícia local e nada para discutir com eles. E não queriam explicar o que iam fazer.

Foi outra viagem tediosa com Jared conversando ainda mais do que o habitual. Bill estava especialmente rabugento e taciturno naquele momento. Riley adivinhou que ele ainda não estava totalmente convencido de seus planos.

Logo depois que entraram em Monarch, Bill ficou boquiaberto diante de uma série de carrinhos de golfe que percorriam um largo caminho ao longo da rua. No centro da pequena cidade, um estacionamento perto das lojas estava completamente cheio de carrinhos de golfe. Bill riu alto com a visão.

Está fazendo mais sentido para ele agora, Pensou Riley.

Estacionaram o carro alugado em frente à mansão Harter, depois foram até a porta da frente, onde foram recebidos por Vivian Bettridge.

Riley lembrou a si mesma para não cometer um erro...

Lembre-se, ela se chama um majordomo, não um mordomo.

Bettridge cumprimentou Riley e seus colegas com seu sorriso costumeiro.

"Nossos amigos do FBI novamente" Disse ela. "O que posso fazer por vocês?"

Antes que Riley ou seus colegas pudessem dizer qualquer coisa, ouviram a voz de uma mulher vinda de dentro.

"Eu ouvi você dizer FBI, Vivian? Mande-os entrar. Estou curiosa para saber o que querem."

Bettridge levou-os para o interior deslumbrante com seus sofás brancos imaculados. Por um momento, Riley mal reconheceu a mulher que os chamara. Era Tisha Harter, mas estava muito mudada.

Riley se lembrou da jovem atrevida e insolente de short e uma camiseta que ela conhecera antes. Agora Tisha estava vestida de forma casual, mas elegantemente em calça confortável e uma blusa solta. Até suas sandálias pareciam caras. Sua linguagem corporal inteira era diferente de quando Riley a tinha visto vagarosa e insolentemente na sala de recreação. Agora parecia relaxada, mas equilibrada, madura, sofisticada e muito no comando - e muito

feliz consigo mesma.

Riley pensou...

É um novo papel para ela desempenhar - a "dama da mansão".

Era óbvio que a jovem viúva estava gostando do papel.

Riley também notou que a atadura incômoda que Tisha estava usando em sua mão direita já havia desaparecido, sendo substituída por uma cor de carne muito menos evidente em seu mindinho.

Riley duvidou que o dedo quebrado estivesse realmente curado. Tisha provavelmente não achava que o curativo combinava com sua nova imagem e decidiu passar sem ele.

Com graciosidade elaborada, Tisha convidou Riley e seus colegas para se sentarem e perguntou se queriam que Bettridge trouxesse chá ou café. Quando recusaram educadamente, ela perguntou, "Diga-me - estão fazendo algum progresso para encontrar o assassino do meu marido?"

Riley disse, "Estamos fazendo tudo que podemos. Tinhamos esperança de que talvez nós pudéssemos ajudar."

"Oh, certamente. Qualquer coisa que eu possa fazer."

Tisha estava sutilmente flertando com Jared desde que tinham entrado em casa. Agora ela olhava diretamente para o jovem policial, claramente esperando que ele - e não Riley ou Bill - explicasse o que queriam. Aparentemente caindo sob seu feitiço, Jared o fez, gaguejando de vez em quando como um garoto tímido.

Tão manipuladora como sempre, Riley pensou quando Jared descreveu o que eles tinham em mente.

Riley não tinha gostado muito de Tisha anteriormente e não gostou dela naquele momento.

E não confiava nela.

Tisha brilhava com prazer pueril quando Jared terminou de explicar seu plano. Riley novamente vislumbrou aquela garota menos madura que ela conhecera na última vez que ali estivera.

"Oh, isso soa... bem, parece divertido".

Olhando agora para Bill, acrescentou...

"E tenho certeza que o agente Jeffreys vai parecer muito arrojado nas roupas de golfe do meu marido."

Riley se encolheu um pouco com seu tom de voz.

Tisha se virou para Bettridge, que permanecera de pé por perto.

"Vivian, não se importa de ajudar este jovem a buscar o equipamento de

golfe de Edwin - e seu carrinho de golfe também?"

Quando Bettridge levou Jared para longe, Tisha olhou para Bill novamente. "Venha comigo e vamos prepará-lo."

Riley seguiu Tisha e Bill para o elevador até ao terceiro andar. Bill pareceu surpreso ao entrar no corredor cheio de pinturas incrivelmente valiosas.

Com o que Riley considerou ser fingida melancolia, Tisha disse...

"É estranho estar livre para vir aqui sozinha, sem a permissão de Edwin. Este andar inteiro era seu domínio privado."

Tisha suspirou e acrescentou, "Bem, os tempos certamente mudam".

Ela levou Riley e Bill para o vasto quarto do homem morto. Claro que Bill queria ver a cena do crime em si, então Riley levou-o para o banheiro adjacente e mostrou-lhe a banheira de água quente, que agora estava limpa e vazia.

Então Tisha segurou o queixo de Bill e virou o rosto de um lado para o outro.

"Seu cabelo devia ser cortado. É demasiado ao estilo classe trabalhadora."

Por mais que não gostasse de Tisha, Riley tinha que concordar. Tisha encontrou um par de tesouras de barbeiro numa gaveta. Riley fez sugestões enquanto Tisha aparava levemente o cabelo recortado de Bill nas pontas e penteava de maneira diferente. Ela tentou não rir enquanto Tisha aprimorava os resultados com um gel.

Então os três entraram no armário de Harter. Não era tão grande quanto o armário de Morgan Farrell em Atlanta e não tinha móveis. Mas ainda era muito maior do que Riley achava que um armário devia ser, com filas e mais filas de prateleiras exibindo centenas de roupas.

Tisha estava se divertindo muito enquanto folheava as roupas penduradas até encontrar as roupas esportivas do marido morto. Ela tirou uma camisa polo branca e calça branca e encontrou um par de sapatos brancos de golfe. De relance, pareceu a Riley que tudo se ajustaria a Bill - até os sapatos.

Bill então saiu para o banheiro enquanto Riley e Tisha esperavam no quarto. Quando Bill surgiu depois de alguns minutos, Riley ficou espantada com o que viu e pensou...

Oh meu Deus!

Bill realmente se transformara e estava incrivelmente bonito em sua roupa toda branca.

Riley sentiu seu rosto ficar vermelho quando de repente se lembrou do quão atraente Bill realmente era. Ele era forte, magro e sólido, e ela pensou que ele poderia ser um modelo profissional do jeito que ele exibia essas roupas. Até

mesmo o toque de cinza em seu espesso cabelo escuro ajudou a dar-lhe um ar de sofisticação experiente.

Riley lembrou o quão atraída se sentira por Bill quando tinham começado a trabalhar juntos e como sua atração aumentava de vez em quando desde então, às vezes com consequências embaraçosas. E Bill às vezes demonstrava sentir o mesmo por ela.

Naquele momento, Bill estava demasiado ocupado consigo próprio e não pareceu notar que Riley estava corando. Ele tinha um boné de golfe branco em uma mão, mudando-o de uma mão para a outra, indeciso se devia ou não colocá-lo.

Felizmente, Tisha parecia muito feliz com a transformação de Bill para reparar em Riley.

Riley tentou controlar-se. Bill se divorciara recentemente e ela também - mas estava numa relação com Blaine Hildreth, um homem perfeitamente adorável. Ela não ousava estragar o que estava acontecendo entre eles. Para não falar das possíveis complicações quando parceiros do FBI se envolviam romanticamente.

Calma, Disse a si mesma. *Seja profissional.*

Ela se virou e foi para o elevador. Bill e Tisha a alcançaram e todos pegaram o elevador de volta ao andar de baixo, onde Vivian Bettridge estava esperando por eles. A majordomo parecia muito feliz consigo mesma.

"Venham " Disse ela. "Tenho algo para mostrar."

Bill, Tisha e Riley seguiram Bettridge para fora da casa. Na entrada do lado de fora, um carrinho de golfe elétrico vermelho andava em círculos. Apesar da sacola de tacos de golfe, o veículo parecia mais um carro esportivo do que um carrinho de golfe. Riley calculou que provavelmente custaria mais do que alguns carros comuns.

Jared Ruhl estava a dirigir, obviamente se divertindo muito.

Vivian Bettridge comentou, "O Sr. Harter não jogava há anos, mas manteve seu equipamento atualizado e em excelentes condições."

Quando os viu, Jared encostou perto e parou o pequeno veículo.

Disse para Bill, "Ei, agente Jeffreys! Não está nada mal! Vamos, temos que ir andando."

Bill franziu a testa e disse, "O que você quer dizer com nós?"

Jared encolheu os ombros e disse, "Bem, eu vou ser seu caddie, não vou?"

Riley não pôde deixar de se divertir com a sugestão - e pela carranca que provocou em Bill. O fato era que Jared realmente se enquadrava no papel. Junto

com suas roupas normais de verão, estava vestindo um babador vermelho brilhante de caddie que Bettridge aparentemente havia encontrado com o resto do equipamento de golfe.

Bill rosnou, “Por que eu preciso de um caddie? Eu já tenho um carrinho de golfe.”

Tisha disse, “Na verdade, agente Jeffreys, ter um caddie pode ser uma boa ideia. Os golfistas de luxo por aqui gostam de ter um caddie e um carrinho.”

Jared acrescentou, “E eu sei o que estou fazendo. Eu trabalhei como caddie alguns verões enquanto estava na escola.”

“Mas eu nem estou planejando jogar golfe” Disse Bill.

Jared encolheu os ombros e disse, “Bem, mesmo assim. Você precisa parecer que pode jogar golfe”.

Riley cutucou Bill com o cotovelo e sussurrou para ele, “Leve-o junto, só por causa das aparências. Além disso, você nunca sabe quando ele pode ser útil.”

Bill abanou a cabeça e caminhou em direção ao carrinho.

“ESTÁ BEM. Mas passe para lá, garoto. Eu vou dirigir.”

Jared resmungou, mas se moveu para o banco do passageiro, e Bill ficou atrás do volante. Riley ficou lá assistindo enquanto o pequeno veículo zumbia para longe. Ela esperava que não estivesse enviando Bill em uma excursão inútil. Enquanto isso, ela precisava passar algum tempo revisando suas próprias anotações e informações sobre esse caso frustrante.

Quando se virou para seguir Tisha e Bettridge de volta para a casa, Riley pensou...

Três homens, todos muito ricos, todos cruéis - e todos mortos.

Por que o assassino selecionou esses homens em particular?

A conexão de golfe era tênue e possivelmente sem sentido, mas até agora era tudo o que tinham para trabalhar. Ela esperava que o disfarce de Bill os ajudasse a encontrar algo mais sólido antes que outro homem acabasse morto.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Antes de Bill ter ido muito longe pelos caminhos bem cuidados, começou a sentir uma pontada de culpa. Ele tinha que se lembrar que tinha um trabalho a fazer e que estava lidando com um caso de assassinato.

Eu estou gostando muito disso, Percebeu.

Na verdade, ele se sentia como um garoto da faculdade dirigindo um novo carro esportivo. A única coisa que o incomodava era a tagarelice infundável de Jared. Dali a pouco, Bill disse a ele...

"Eu acho que um caddie deve ficar quieto até que alguém lhe dirija a palavra."

Jared imediatamente caiu em um silêncio sombrio. Bill não podia ficar muito preocupado se ele poderia ter ferido os sentimentos do garoto. Ele realmente gostou do silêncio do motor elétrico do carrinho enquanto percorriam um caminho sob árvores que se arqueavam acima de suas cabeças.

Enquanto olhava em volta, viu que muitas outras pessoas estavam desfrutando da sombra no dia quente de verão. Outros carros passavam por eles da direção oposta e havia alguns atletas correndo nos caminhos.

Dali a nada, Bill percebeu que alguns dos golfistas em carros e um corredor ocasional, estavam olhando para ele e para Jared com curiosidade.

O que há com isso? Bill se perguntou.

Ele realmente não queria atrair muita atenção. O oposto seria melhor para seus propósitos. Começou a se perguntar se estaria a desempenhar bem o papel.

Então, três homens em um carrinho de lona fizeram sinal para parar e pararam ao lado dele. A julgar por seus rostos avermelhados e sorrisos patetas que dois ostentavam, Bill imaginou que já deviam ter bebido bocado.

Um dos caras disse a Bill, "Para qual clube você está indo hoje?"

Bill entrou um pouco em pânico. Ele se sentiu estúpido por não estar preparado para responder a essa pergunta. Mas a verdade era que esse não era o tipo de trabalho infiltrado que ele pensava fazer.

Felizmente, Jared falou.

"Estamos a jogar no Cedar Creek Country Club".

Bill deu um suspiro de alívio. Jared se lembrava do clube de golfe que Harrison Lund havia mencionado quando o entrevistaram. Desempenhando seu papel como caddie de Bill, ele lembrara-se do nome do clube.

Bill pensou...

Riley estava certa - o garoto é de alguma utilidade, afinal.

Ainda assim, Bill se preocupou - e se esses caras estivessem indo para o mesmo campo?

Um cara que parecia ter a idade de Bill disse, “Boa sorte com Cedar Creek. É bem montanhoso para o meu gosto. Você realmente tem que manter a bola na sua frente e em jogo.”

O mais novo dos caras disse, “Hilly? Buster, você só diz merda. Não há nada de errado com esse campo.”

O mais velho disse, “Há muita água no Cedar Creek. Eu não gosto muito disso.”

O cara mais novo disse, "Para o raio com vocês."

O mais velho abanou a cabeça e disse a Bill, “Esse cara me dá muita pena. Eu sou Zack Slattery e acho que você poderia dizer que sou uma espécie de "estadista mais velho" aqui.”

O mais jovem bufou. “Estadista mais velho”? Que brincadeira.”

Acenando para o mais novo, Zack disse, "Esse idiota é Louie Frazier".

O cara que tinha mais ou menos a idade de Bill disse, "Eu sou Buster Eades".

Bill percebeu rapidamente...

Eu não preciso mentir sobre o meu nome.

"Eu sou Bill Jeffreys" Disse ele. "E Jared aqui é meu caddie hoje."

Louie olhou para Jared e disse, “Um caddie, hein? Não me lembro de ter visto você em Cedar Creek ou em qualquer outro lugar por aqui.”

Soando caracteristicamente defensivo, Jared respondeu, "Eu tenho andado por aí".

Zack olhou para Bill com curiosidade e disse, “Acho que você não é daqui, Bill. De onde você é?"

É melhor não dizer Quantico, Pensou Bill. Eles certamente iriam assumir que estava envolvido com o FBI ou talvez os Marines.

“Da área de DC” Disse ele.

Zack perguntou, "O que te traz por aqui?"

Ele rapidamente decidiu que seria estratégico trazer a morte de Harter para a conversa.

Ele disse, “Eu sou o primo de Ed Harter. Acho que provavelmente já ouviram falar que ele faleceu “.

Louie soltou um riso, obviamente divertindo-se com o eufemismo.

“Sim, já ouvi qualquer coisa” Disse ele.

Zack olhou para Louie e disse, “Não aja como um idiota, OK?”

Em seguida, voltando-se para Bill novamente, Zack disse, “Sinto muito por sua perda. Este deve ser um momento difícil para você.” Ele acenou para o carro e acrescentou, “Bem me parecia que estava a reconhecer esse carrinho. Harter costumava dirigir por aqui muito, mas já não o via há muito tempo.”

Agora Bill percebia por que as pessoas tinham olhado para o carrinho. Também o tinham reconhecido. Bill interrogou-se se talvez as pessoas também reconhecessem as roupas que estava usando.

Suspirou e disse, “Sim, ouvi dizer que Ed praticamente parara de jogar golfe. Bem, não posso dizer que ele e eu éramos próximos. Mas me pediram para vir cá e ajudar a resolver seus negócios. É tudo uma bagunça, se você quer saber a verdade. Eu pensava que viria desfrutar do ar livre.”

Buster e Zack assentiram com simpatia.

Então Zack disse, “Ei, Bill... estamos indo para o Estes Golf Club para beber umas cervejas. Nós somos membros lá. Quer se juntar a nós, antes de ir para Cedar Creek?”

Bill sorriu. Esse era exatamente o tipo de contato que ele estava esperando.

“Claro, obrigado” Disse.

Bill seguiu seu carrinho de cerca de uma milha em direção ao Estes Golf Club, onde eles estacionaram em um parque apenas para carrinhos de golfe. Em seguida, foram para o edifício principal para uma agradável sala de refeições com um teto aberto com vista para o campo. À medida que os homens começaram a sentar-se à mesa, Bill olhou para Jared, avisando-o para não se juntar a eles. Bill sabia que caddies estavam excluídos destes encontros.

Jared obedientemente se afastou para uma mesa no limite da área de refeições.

Um garçom veio e Buster pediu um caneco de cerveja e três copos. Bill se perguntou quanta cerveja os caras já teriam bebido naquele dia.

A cerveja foi entregue e enquanto bebiam, Buster perguntou a Bill, “Então, qual é o seu handicap?”

Bill sentiu-se novamente despreparado. A verdade era que ele um bogey. Mas será esses caras iriam se fechar com ele se dissesse isso?

Lembrou a si mesmo que não planejava jogar golfe hoje. Ele não precisava ser honesto.

Um handicap médio é suficiente, Pensou.

“Quatorze ponto sete” Disse Bill.

Quando os caras falaram de seus handicaps, Bill ficou contente por ter mentido. Eles pareciam ser jogadores excepcionais.

A menos que também estejam a mentir, Pensou.

Então Zack disse, “Terrível coisa o que aconteceu com Harter. E eu ouvi que dois outros caras foram mortos, provavelmente pelo mesmo homem. A polícia está perto de encontrar quem fez isso?”

“Penso que não” Disse Bill, satisfeito com a abertura na conversa. “Alguém de vocês era amigo dele?”

Louie encolheu os ombros. “Eu nunca o conheci.”

Buster disse, “Nem eu.”

Zack disse, “Falei com ele algumas vezes. Mas nunca fomos próximos.”

Bill perguntou, “Conhecem alguém que tenha sido próximo dele?”

Zack pensou por um momento.

“Ninguém de que me lembre. Harter não era muito de fazer amigos. Ele era uma espécie de... não sei...”

Buster zombou e disse, “Ele na verdade era um filho da puta imbecil e superior”.

Zack riu. “Sim, era mais ou menos isso. Não gosto de falar mal dos mortos. Mas você não encontrará muitas pessoas por aqui chorando por ele.”

O interesse de Bill aumentou.

Ele perguntou, “Conhecem alguém que o pudesse querer morto?”

Zack inclinou a cabeça e disse, “Não consigo pensar em ninguém que se importasse o suficiente com ele para se incomodar”.

Louie bateu com os dedos na mesa e disse, “Sabe de uma coisa? Eu acho que sei quem o matou. Foi aquela bonita esposa jovem. Eu dei uma olhada nela algumas vezes. Raios, era uma brasa.”

Buster piscou o olho. “É mesmo. E aposto que ela é uma viúva alegre comum. Eu me pergunto se ela está procurando por... bem, um pouco de ação. Eu não me importaria de me disponibilizar.”

Louie riu. “Cuidado com o que você deseja. Pode ter o mesmo destino que Harter. Além disso, você é um homem casado.”

Buster grunhiu e disse, “Não me lembre. Além disso, isso nunca foi impedimento para mim.”

Zack olhou para Buster e perguntou, “Como estão as coisas entre você e Marilou?”

Buster engoliu um grande gole de cerveja e disse, “Nada bem. Eu ficaria feliz em me livrar dela, mas ela iria encontrar um advogado para me tirar tudo.”

Zack perguntou, “Você é um homem casado, Bill?”

Bill engoliu em seco. Ele realmente não estava preparado para a conversa

se tornar pessoal.

"Divorciado" Disse ele.

Buster soltou um grunhido de aversão.

"Homem de sorte" Disse ele. "Está melhor assim."

Louie disse, "Aposto que é uma espécie de Casanova".

Bill sentiu uma pontada aguda de tristeza. Ele considerou resumidamente cobrir seus sentimentos gabando-se de conquistas sexuais que nunca tinham acontecido.

Afinal, estar infiltrado pressupunha mentir.

Mas de alguma forma, ele não conseguia fazer isso.

Em vez disso, disse muito sinceramente, "As feridas ainda estão frescas demais. Prefiro ficar sozinho por um tempo."

Mas ele se perguntou se o que acabara de dizer era realmente verdade. Estava começando a gostar de trabalhar com Riley um pouco mais do que deveria? Às vezes parecia que a antiga atração ainda estava lá, mas então pensou que talvez estivesse apenas se lisonjeando.

De qualquer forma, Riley tinha um namorado - um cara realmente bom, na verdade - o que a colocava fora dos limites no que dizia respeito a Bill.

Entretanto, os caras estavam observando seu rosto, esperando que ele dissesse mais.

Bill tomou um gole de cerveja e disse, "Acho que Maggie não se sentia da mesma maneira - sobre feridas recentes, quero dizer. Ela já se casou novamente. Levou nossos filhos para outro estado. E eu..."

Sua voz sumiu.

Por que eu me deixei entrar nessa conversa? Ele se perguntou.

Ficou feliz em ouvir Buster falar.

"Marilou ainda vai para aquele maldito grupo dela."

Louie zombou de novo.

"LifeGrasp, você quer dizer?" Ele disse. "Deus, eu odiei quando Jenny estava indo para lá."

Zack balançou a cabeça e disse, "Fiquei muito feliz quando Roberta desistiu."

Bill ficou interessado.

"Vocês estão falando sobre algum tipo de grupo de apoio?" Ele perguntou.

Louie riu cinicamente e disse, "Sim, as esposas por aqui se juntam a esse grupo sempre que decidem que estão descontentes com seus maridos - ou seja, nós. Parece que todos nós temos que lidar com isso mais cedo ou mais tarde."

Bill não pôde deixar de se perguntar...

Poderia Maggie conseguir algum apoio desse tipo de grupo?

Poderia talvez ter salvado nosso casamento?

Zack explicou, "LifeGrasp é uma moda New Age. Por nós podia acabar o mais rápido possível. Seu lema é algo como "Toda crise é uma oportunidade para o crescimento espiritual". Roberta continuava voltando para casa com todo tipo de idiotice quando ia para lá."

Buster disse com um grunhido de desânimo, "Tudo o que está fazendo por Marilou é fazê-la se sentir mais superior. Eu não sou bom o suficiente para ela - não "evolui" o suficiente, ela diz."

Louie riu asperamente e disse, "Você tem a vantagem de ser uma espécie de homem das cavernas, Buster".

Buster olhou para Louie. "O que isso significa?"

Ainda rindo, Louie disse, "Bem, talvez ela achasse que você fosse mais 'evoluído' se não lhe tivesse batido tanto".

O rosto de Buster avermelhou ainda mais do que já estava.

Ele rosnou para Louie, "Você tem uma grande lata."

Louie encolheu os ombros. "Só estou falando" Disse ele.

Buster disse, "Não me diga que você nunca bateu em Jenny".

"Só quando ela realmente merece" Louie disse. "Para você, é como um esporte."

Parecendo bastante bêbado agora, Buster levantou-se, franzindo o cenho. Praguejando, ele levantou um punho para trás.

Louie saltou também com os dois punhos levantados.

Antes que os dois pudessem começar a lutar, Bill instintivamente se levantou e se moveu entre eles, separando-os.

Buster voltou sua fúria para Bill e deu um soco nele.

Bill habilmente agarrou o braço de Buster e torceu-o pelas costas.

Vendo isso, Louie recuou e sentou-se, parecendo completamente intimidado.

Zach riu e disse, "Ei, Bill, você tem uns bons movimentos. Onde você aprendeu essas coisas?"

Bill de repente se sentiu confuso.

Porra, eu quase estraguei meu disfarce.

Então ele disse, "Eu sou um ex-fuzileiro".

"Obrigado por seu serviço" Disse Zach. "Sente-se, vamos todos relaxar."

Ainda parecendo mal-humorado, Buster voltou a se sentar, mas Bill ficou

de pé.

Ele sentiu um formigueiro estranho.

Tudo isso significa alguma coisa, Pensou.

Finalmente disse, “Escutem, pessoal, obrigado pela cerveja. Eu deveria ir.”

Zack pareceu envergonhado.

"Sinto muito como os caras estão agindo" Disse ele. "Eles já ficam melhores. Não deixe que eles te afastem."

"Oh, não é isso" Disse Bill. "É apenas..."

É apenas o quê? Ele se perguntou.

Tirou alguns dólares da carteira e colocou na mesa.

Então disse "Aqui está para a gorjeta. Talvez eu veja vocês por aí."

Bill se encaminhou para a mesa onde Jared estava sentado a observar o grupo.

Bill disse-lhe, "Vamos, estamos indo embora".

Jared ficou de pé. "Ei, não recebo uma gorjeta?"

"Não" Disse Bill.

Sua cabeça estava zumbindo depois da conversa sobre o grupo de apoio.

“O que está acontecendo?” Jared perguntou enquanto trotavam em direção ao parque onde o carrinho estava estacionado.

Bill não respondeu.

A verdade era que ainda não sabia.

Mas ele certeza de uma coisa...

Tenho que ligar para Riley agora.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

O sentimento era familiar e Riley sempre odiava isso - especialmente quando mais vidas poderiam estar em jogo.

"Estamos chegando a lugar nenhum" Disse em seu celular.

"Sim" Respondeu Van Roff.

Ela estava sentada sozinha na enorme sala de estar dos Harter, conversando com o nerd de computador de Seattle. Eles estavam discutindo possíveis conexões entre as vítimas e também entre as esposas das vítimas. Van fez algumas buscas improdutivas.

Por fim, ele disse, "Escute, é melhor eu voltar ao trabalho. O chefe pode chegar a qualquer momento."

"OK" Disse Riley. "Me diga se você tiver alguma idéia."

Ela desligou e sentou-se em silêncio por um momento.

Então, em um sussurro, ela repetiu o que dissera a Roff...

"Estamos chegando a lugar nenhum."

Naquele momento o celular tocou. Riley ficou animada por ver que a ligação era de Bill.

"Você tem alguma coisa?" Perguntou quando atendeu.

"Eu não sei. Talvez você possa me dizer. Estive bebendo cerveja com três caras que reclamavam sobre seus casamentos e como suas esposas tinham ido para um grupo de apoio chamado LifeGrasp. Muitas esposas irritadas por aqui parecem ir para lá. Pelo menos dois dos caras com quem falei pareciam maridos abusivos. Então estou me perguntando..."

A voz de Bill sumiu e Riley terminou seu pensamento.

"Talvez essa seja a conexão que estamos procurando."

"É um tiro no escuro " Disse Bill.

"Talvez não" Disse Riley.

"Mas o que significa?" Perguntou Bill.

Riley pensou por um momento.

Duas palavras que Bill acabara de dizer realmente chamaram sua atenção...

"... *esposas irritadas* ..."

Ela disse, "Bill, estou pensando se talvez..."

Sua voz sumiu, mas Bill terminou seu pensamento...

"Você está se perguntando se talvez o assassino possa ser uma mulher."

Riley hesitou, então disse, "Eu acho que parece meio louco..."

"Não é tão louco assim" Disse Bill. "Ela teria que ser forte, mas não

extremamente forte."

Riley pensou em como o assassino havia caído habilmente de uma árvore para entrar na área da piscina de Julian Morse e como também tinha desativado com sucesso dois sistemas de segurança.

"Ela teria que ser excepcionalmente ágil" Disse Riley. "E teria que ter excelentes habilidades de hacker".

Bill disse, "Uma mulher pode ter essas habilidades tão facilmente quanto um homem".

Riley começou processando essa nova ideia.

Ela disse, "Bill, você deveria ter visto e ouvido Morgan Farrell quando eu falei com ela na cadeia. Ela estava absolutamente convencida de que havia assassinado o marido. Ela tinha certeza de que o esfaqueara. Estava desesperada o suficiente para matar. Não poderia ter matado os outros dois e eu nunca acreditei que ela tivesse matado o marido, mas ela tinha certeza que o poderia ter feito."

Bill disse, "Talvez outra mulher pudesse ter sido perturbada e tivesse raiva suficiente para matar Farrell e as outras duas vítimas. Mas você realmente acha que esse grupo de suporte, o LifeGrasp, pode ser algum tipo de conexão? Talvez até fornecesse algum tipo de encorajamento para um assassino?"

"Não tenho certeza. Os homens foram mortos em diferentes locais. Ligá-los a um único grupo pode ser forçado. Mas mesmo assim..."

Sua voz sumiu novamente.

Então ela disse, "Deixe-me checar algumas coisas. Você continua fazendo o que está fazendo. Ainda pode encontrar uma pista sólida. E é melhor entrar em contato com o chefe O'Neill, informá-lo que há pelo menos dois agressores domésticos em Monarch que ele precisa investigar."

"Eu farei isso" Disse Bill.

Terminaram a ligação e Riley ficou pensando por um momento.

Ela se lembrou de novo do que Bill havia dito sobre o LifeGrasp...

"Muitas esposas irritadas parecem ir para lá."

Um tempo atrás, Vivian Bettridge disse a ela para ligar se precisasse de alguma coisa. Riley chamou seu nome e logo a majordomo entrou na sala.

Riley disse a ela, "Eu realmente preciso falar com Tisha novamente."

Bettridge assentiu e foi embora. Depois de alguns momentos, voltou com Tisha que se sentou perto de Riley.

Riley perguntou a Tisha, "Você conhece um grupo de apoio de mulheres chamado LifeGrasp?"

Tisha encolheu os ombros e disse, "Claro, é realmente uma coisa popular por aqui. Acredite em mim, não há falta de mulheres em Monarch que precisam desse tipo de ajuda."

"E você?" Riley perguntou.

Tisha sorriu ressentida.

"Eu pareço com o tipo de mulher que precisa de terapia de grupo? Eu não sou uma perdedora como elas. Esse tipo de coisa não é para mim, obrigada. Eu posso cuidar de mim mesma. Sou dura."

Riley sentiu um lampejo de desânimo.

Bem posso esquecer esse possível elo entre as três esposas, Pensou.

Mas mesmo assim, não podia descartar a ideia de que estava finalmente a descobrir algo.

Riley perguntou, "O que mais você pode me dizer sobre o LifeGrasp?"

Tisha encolheu os ombros novamente.

"Só o que ouço. Eu sei que há mais do que apenas uma clínica aqui em Monarch. É uma espécie de franchise. Eu sei que existem clínicas em outros locais."

Riley sentiu um renovado interesse.

Perguntou, "Como talvez em Birmingham? Ou até mesmo em Atlanta?"

Tisha disse, "Não vejo porque não. Mas a clínica principal está bem aqui em Monarch. Podemos chamar-lhe a sede da empresa."

Sem outra palavra, Riley se levantou e correu para fora da casa para ficar sozinha. Então enfiou a mão na bolsa e encontrou o folheto que pegara no Centro de Dependência Haverhill. Encontrou seu número de telefone e ligou. Disse à recepcionista seu nome e pediu para falar com Morgan Farrell. A recepcionista chamou Morgan que parecia ansiosa para atender a ligação."

"Agente Paige! Não esperava ter notícias suas tão cedo - ou talvez nunca mais! Como você está? O que está acontecendo?"

Andando de um lado para o outro na entrada da mansão, Riley disse, "Morgan, preciso que você me diga uma coisa. Você já pertenceu a um grupo de suporte ligado a uma empresa chamada LifeGrasp?"

Riley ouviu Morgan ofegar um pouco.

"Sim. Como você sabia?"

Riley perguntou, "Onde era a clínica onde você foi?"

"Aqui mesmo em Atlanta, claro. Mas não chamamos isso de 'grupo de apoio'. É um 'grupo de processo', uma maneira de atingir metas positivas mesmo quando se passa por momentos traumáticos. Aprendemos maneiras de

lidar com a depressão e a ansiedade. Mas era mais do que isso. O objetivo era encontrar auto-realização. O lema do LifeGrasp é, ‘Toda crise é uma oportunidade para o crescimento espiritual’.”

"Quando você foi lá?" Riley perguntou. "Por quanto tempo?"

“Oh, por cerca de seis ou sete meses, no final do ano passado e no início deste ano. Adoraria ter ficado lá. Mas Andrew pôs um fim nisso. Ele não gostou do que estava fazendo por mim - não gostava das idéias e noções que recebia lá, ele disse.”

Morgan suspirou e acrescentou, "Ele simplesmente não conseguia lidar com a possibilidade de eu me tornar autônoma".

Riley agradeceu Morgan e terminou a ligação.

Então encontrou o número do Hotel Britomart. O funcionário que atendeu se lembrava da recente visita de Riley, então a passou diretamente ao quarto de Charlotte Morse. De imediato, Riley perguntou a Charlotte se ela fazia parte de um grupo de processo do LifeGrasp.

Charlotte disse, “Ah, sim, e isso me fez muito bem. Foi a razão pela qual eu fui forte o suficiente para deixar Julian. Ele estava furioso, claro, mas nessa altura eu não me importava.”

"Você ainda vai lá?" Riley perguntou.

"Ah não. Todo o grupo concordou que eu estava fazendo um progresso maravilhoso por conta própria. Era hora de cortar o cordão, por assim dizer. Realmente, não sei o que teria feito sem o LifeGrasp.”

Riley agradeceu Charlotte e terminou a ligação.

Ela estava formigando agora, mais e mais certa de que estava no caminho certo. Havia alguma conexão entre essa organização e os assassinatos.

Riley foi direto para o carro. Ela sabia onde precisava ir e com quem precisava conversar.

CAPÍTULO TRINTA

As esperanças de Riley estavam subindo ao estacionar em frente à casa com a placa digna que dizia LIFEGRASP COUNSELING, INC.

Pode ser isso, Pensou. Essa pode ser a pista que eu estava procurando.

Na verdade, ela tinha a certeza de que estava no caminho certo.

Saiu do carro e caminhou em direção à casa. Além do sinal, não parecia um negócio. Era apenas uma atraente casa de madeira de três andares num bairro com casas muito parecidas.

Quando Riley atravessou a porta da frente, um pequeno sino tilintou para anunciar que alguém tinha chegado.

Encontrou-se em um espaço quase assustadoramente pacífico. O que outrora fora uma grande sala de estar estava pintado em tons pastéis, com pinturas levemente surrealistas penduradas nas paredes. Havia um cheiro de incenso no ar e música monótona que continha sinos de vento tocava baixinho.

Uma mulher se levantou da recepção quando Riley entrou.

"Como posso ajudá-la?" Perguntou a mulher, sorrindo de forma agradável.

Riley mostrou seu distintivo e se apresentou.

"Eu preciso falar com o responsável" Disse.

De repente, a mulher pareceu preocupada.

Pegou no telefone, apertou um botão e disse, "Eleanora, está aqui uma mulher para falar com você."

Ela olhou para Riley e acrescentou em nervoso sussurro, "Ela diz que é do FBI."

Alguns momentos depois, outra mulher surgiu no local. Tinha mais ou menos a idade de Riley e vestia um vestido colorido e fofo. Ela tinha mãos grandes que pareciam adorar fazer grandes gestos. Ela também tinha um sorriso enorme e brilhante e olhos verdes profundos.

Riley imediatamente teve uma sensação de desagrado.

Riley voltou a apresentar-se e a mulher disse...

"FBI! Oh meu deus! Isso deve ser sério!"

"Receio bem que sim" Disse Riley.

"Bem, sou Eleanora Oberlander, fundadora e CEO da LifeGrasp Counselling. Venha, vamos encontrar um lugar onde possamos conversar."

Riley seguiu-a para uma sala enorme que parecia ter sido duas ou três salas menores quando pessoas moravam ali. A mesma música estava sendo tocada e aquela sala também cheirava a incenso.

No piso de madeira estavam espalhadas esteiras de yoga enroladas e cadeiras estavam empilhadas contra as paredes. Foi fácil para Riley perceber que aquele era o lugar onde pelo menos alguns dos grupos de processo se reuniam.

A mulher desenrolou um par de esteiras e convidou Riley para se sentar com ela.

Riley estava acostumado a entrevistar pessoas que afirmavam seu domínio de uma forma ou de outra, muitas vezes colocando-se fisicamente acima dela. Riley tinha certeza de que Eleanora estava fazendo a mesma coisa agora do seu próprio jeito, fazendo Riley se sentar no chão ao invés de pegar em duas cadeiras.

Quando Riley se sentou de pernas cruzadas no tapete, percebeu que seu sentimento de desagrado estava começando a se transformar em suspeita.

Eleanora disse, "Agora me diga de que se trata."

Riley disse, "Estou trabalhando em um caso de assassinato".

Embora a expressão da mulher tenha mudado um pouco, Riley não conseguiu ler a reação dela.

"Oh - assassinato. Que terrível! Isso tem a ver com aqueles três homens proeminentes que foram assassinados recentemente?"

"Sim" Disse Riley.

"Mas o que isso pode ter a ver com o LifeGrasp?"

Riley considerou suas palavras com cuidado.

Então disse, "Estamos começando a pensar que o assassino poderia ser uma mulher. Uma mulher abusada, possivelmente, ou alguém que sabia que eram abusadas. Alguém que está com muita raiva."

Os olhos de Eleanora se arregalaram e também seu sorriso desarmante.

"Certamente, você não acha que o LifeGrasp é algum tipo de fator de conexão" Disse ela. Então seus olhos verdes se estreitaram e acrescentou: "Isso me parece totalmente sem sentido."

As suspeitas de Riley estavam aumentando. Algo sobre Eleanora Oberlander realmente a incomodava.

É possível que ela seja a assassina? Riley se perguntou.

Ou suas suspeitas persistentes foram desencadeadas por algo completamente diferente? Ela tinha certeza de que algo estava errado.

Riley disse, "Duas das viúvas dos homens assassinados participaram das sessões de sua empresa. Morgan Farrell frequentou sua clínica em Atlanta. Charlotte Morse frequentou a de Birmingham. Você conheceu alguma dessas duas mulheres?"

Eleanora inclinou a cabeça com curiosidade.

"Agente Paige, você está me acusando de alguma coisa?" Perguntou.

"Eu só gostaria que você respondesse a minha pergunta" Disse Riley.

Um silêncio caiu entre as duas mulheres.

Finalmente Eleanora disse, "Sabe que existe uma coisa chamada confidencialidade entre terapeuta e cliente. Você tem um mandado para investigar tais assuntos?"

"Ainda não" Disse Riley. "Mas poderia conseguir um muito rapidamente."

Era um blefe, claro. E Riley conseguia ver pela expressão de Eleanora que ela não estava acreditando.

Eleanora levantou-se.

"Bem, acho que você deveria fazer isso" Disse ela. "E, enquanto isso, se você não se importar, tenho muitos negócios importantes para resolver."

De repente, as suspeitas de Riley tomaram uma forma muito mais clara.

Agora sabia exatamente o que criara desconfiança em relação a Eleanora.

Ela se levantou e ficou de frente para a mulher.

Perguntou, "Diga-me, Eleanora - esse seu negócio está devidamente certificado, não é?"

"Mas é claro. Eu própria sou uma psicóloga clínica certificada. Posso te mostrar os certificados se você quiser."

Riley notava um desconforto crescente no rosto de Eleanora.

Agora é ela que está blefando, Percebeu.

Riley perguntou, "Onde você tirou seu doutorado, Eleanora?"

Riley Eleanora engolindo em seco.

"Na Universidade de Thiebert" Disse ela.

"Nunca ouvi falar dessa universidade" Disse Riley.

"Estou surpresa" Disse Eleanora. "É uma instituição muito prestigiada."

"Eu tenho certeza que é" Disse Riley, mantendo um tom de polidez calculada. "Eu deveria procurá-la, apenas por curiosidade pessoal."

O sorriso de Eleanora desapareceu inteiramente - e Riley tinha certeza de que sabia porquê.

A Universidade Thiebert não passava de uma fábrica de diplomas.

E o LifeGrasp não estava legitimamente certificado para exercer nenhum tipo de prática terapêutica.

Riley sabia que Eleanora agora estava completamente bloqueada.

"Por que não nos sentamos, Eleanora?" Propôs Riley.

Ela e Eleanora sentaram-se novamente nos tapetes de yoga.

Riley disse, "E agora eu gostaria que você respondesse a minha pergunta - você conheceu Charlotte Morse ou Morgan Farrell?"

"Não" Disse Eleanora. "Mas isso não é incomum. Embora eu frequentemente participe de sessões em grupo, faço muito pouca terapia prática e estou constantemente viajando entre nossas clínicas. Eu sou responsável pela qualidade do programa geral. Meus funcionários cuidam das pessoas que nos procuram para serem ajudadas."

Riley tinha certeza de que Eleanora estava dizendo a verdade agora.

"Além disso" Eleanora acrescentou, "nossos clientes raramente usam seus nomes reais".

"O que você quer dizer?" Riley perguntou.

Eleanora encolheu os ombros ligeiramente. "Uma das primeiras coisas que fazemos quando um cliente aparece é... bem, toque em sua identidade mítica, como gostamos de dizer. Nós damos a ela uma lista para escolher e ela adota um nome de alguma deusa ou figura mítica feminina - Ariadne, Freya, Niobe, Ísis, Ishtar, Kuan Yin entre outras. E esse é o nome pelo qual é conhecida em nossas sessões."

Riley disse, "Mas certamente você mantém um registro dos nomes verdadeiros das mulheres."

Eleanora corou um pouco.

"Hum, às vezes sim, às vezes não. Receio que estejamos um pouco descuidados com isso. Além disso, algumas de nossas mulheres chegam, pagam em dinheiro e apenas frequentam algumas sessões, depois desaparecem novamente. Nossos registros são bastante... irregulares."

Riley sentiu uma onda de desânimo.

Como ela conseguiria alguma informação difícil em um lugar tão mal organizado?

Pensou por um momento, depois disse, "Certamente sua equipe de terapeutas lhe informa sobre o que está acontecendo em seus grupos".

"É claro" Disse Eleanora.

"Algum deles mencionou..."

Riley fez uma pausa para considerar...

O que é que eu quero perguntar exatamente?

Finalmente, disse, "Algum dos seus terapeutas mencionou clientes que adotaram recentemente identidades bélicas? Deusas da destruição, talvez?"

Eleanora disse, "Temos algumas dessas em nossa lista. Minha equipe mencionou alguns clientes recentes que escolheram esses tipos de nomes. Uma

mulher se chamava Anut, como a deusa guerreira egípcia. Uma escolheu o nome da guerreira hindu Durga. Ah, e eu me lembro de uma das poucas sessões em que me sentei bem aqui. Uma mulher se chamava Brunilda - você sabe, a donzela nórdica das Valquírias.”

"Valquírias?" Riley perguntou.

"Sim. As Valquírias escolhiam quais os guerreiros machos que viveriam e morreriam em batalha”.

O interesse de Riley despertou.

“O que você pode me dizer sobre ela?” Perguntou.

Eleanora riu e disse, “Bem, era uma jovem dura - bonita, mas dura. Seu marido era abusivo, mas ela se recusava a ficar toda chorosa com autopiedade, como tantas outras clientes. ‘Eu sempre saio por cima’, ela gostava de dizer.”

Riley teve um flash de reconhecimento.

Eu ouvi alguém dizer essas mesmas palavras recentemente, Pensou.

Então Eleanora piscou os olhos e disse, “Por outro lado, talvez ela não fosse tão durona. Ou pelo menos não muito honesta. A última vez que veio aqui, tinha um dedo quebrado. O terapeuta tinha certeza de que o marido o tinha quebrado e eu também. Mas ela negou. Disse que era desajeitada, que tropeçou e caiu.”

Riley quase engasgou em voz alta.

Ela sabia perfeitamente quem era essa “Brunilda”.

Mas Tisha havia negado categoricamente que alguma vez tivesse frequentado o LifeGrasp.

Ela mentiu para mim!

CAPÍTULO TRINTA E UM

Riley ficou furiosa consigo mesma enquanto voltava para a mansão dos Harter.

Eu deveria saber, Pensou.

Eu devia ter prestado atenção aos meus instintos.

Afinal, ela tinha sido cautelosa com a astúcia amoral de Tisha desde que a conheceu. Também tinha consciência da inteligência da jovem, da sua enorme capacidade de aprender coisas sozinha. Riley não tinha dúvidas de que se Tisha estivesse interessada em desativar os sistemas de segurança, ela poderia ter aprendido as habilidades de hacking necessárias. Ou pelo menos, poderia ter descoberto onde aprender o que precisava saber.

A julgar pela aparência de Tisha, também poderia ser ágil o suficiente para ter entrado na área da piscina de Julian Morse. Era certamente forte o suficiente para esfaquear alguém várias vezes. E Riley também acreditava que Tisha poderia ter a raiva suficiente para realizar os assassinatos.

Riley estava preocupada enquanto dirigia. Estaria Tisha Harter ainda na mansão?

Ela poderia muito bem ter percebido que Riley estava a caminho do LifeGrasp para fazer perguntas. Tisha já teria fugido, temendo a prisão?

Riley sabia que Tisha era perspicaz e camaleônica.

Se ela escolhesse desaparecer, quão difícil seria encontrá-la novamente?

E como poderia ser impedida de matar de novo?

Eu já a devia ter prendido, Pensou Riley.

Mas para que? Até agora, não havia uma causa provável.

Seria melhor telefonar agora e garantir que a mulher ainda estava em casa? E que ficaria lá?

Não, decidiu Riley. Estava apenas a poucos minutos de carro. Não havia motivo para alarmes.

Quando Riley chegou e tocou a campainha, Vivian Bettridge abriu a porta, e Riley entrou logo depois dela.

"Onde está Tisha Harter?" Perguntou.

Bettridge ficou visivelmente alarmada com a agitação de Riley.

"Ela disse que não quer ser incomodada o resto do dia" Disse Vivian.

Riley sentiu uma pontada de alívio.

Parecia que Tisha não tinha fugido da mansão.

Riley falou com firmeza para Bettridge, "Eu perguntei, onde ela está? Eu

preciso vê-la agora mesmo.”

Bettridge parecia prestes a protestar, mas a expressão no rosto de Riley a impediu. Parecendo verdadeiramente intimidada agora, ela disse, “Lá em cima na sala de recreação. Mas...”

Riley não esperou para ouvir as objeções fracas da majordomo. Apressou-se para dentro da casa e pegou o elevador para o segundo andar.

Quando Riley chegou à sala de recreação, encontrou Tisha vestida de forma tão casual como quando a conheceu, novamente matando os adversários no videogame violento. Ali não havia sinais da pessoa mais madura e sofisticada de há pouco. A "dama da mansão" tinha-se transformado na jovem caprichosa e hostil que realmente era.

Tisha olhou por cima do jogo quando Riley entrou na sala.

“Agente Paige! Que diabos? Eu disse a Vivian que queria...”

Ignorando os protestos, Riley ordenou, "Levante-se".

Com um olhar atordoado, Tisha se levantou do sofá. Ela parecia não saber se deveria lutar ou correr.

Riley disse, "Tisha Harter, você está presa por mentir para um agente do FBI - e também por suspeita de assassinato em primeiro grau".

Riley pegou suas algemas e leu os direitos a Tisha.

Tisha protestou quando Riley lhe colocou as algemas.

“Isso é estúpido. Você não tem nada contra mim. Eu não fiz nada de errado. E você não pode provar que fiz alguma coisa de errado.”

Riley estava levando-a para fora da sala de recreação em direção ao elevador.

“Sim, posso provar que você fez algo errado. Você mentiu para mim, violando a Seção 1001 do Título 18 do Código dos EUA. Martha Stewart foi presa por isso. Você acha que pode se safar com algo que ela não conseguiu?”

Quando pegaram o elevador, Tisha ainda estava praguejando e reclamando. Então ficou em silêncio e parecia que estava pensando muito, formando várias possibilidades em sua mente.

Finalmente, perguntou docilmente, "Sobre o que eu menti?"

Quando chegaram ao andar térreo, Riley disse “Venha” e levou Tisha para a sala de estar.

Então ouviu a voz de Bill.

“Riley! Que diabos...?”

Riley viu que Vivian Bettridge estava acompanhado Bill e Jared para a mansão. Os dois ainda estavam em seus trajes, mas aparentemente haviam

terminado suas investigações por hoje.

Riley disse, "Estou prendendo Tisha Harter".

"Por que motivo?" Perguntou Bill.

"Por mentir para mim, para começar. Isso vai segurá-la por um tempo. Mas não se preocupe, não teremos problemas para provar que ela também é uma assassina."

Bill disse, "Riley, não, por favor, ouça..."

Riley interrompeu, rapidamente contando a Bill sobre sua visita a LifeGrasp e como soubera que Tisha Harter deliberadamente lhe mentira.

Finalmente, Bill a interrompeu, quase gritando.

"Riley, pare! Ela não é a pessoa que procuramos. Tisha não é uma serial killer!"

Riley ficou surpresa. Ficou sem fala.

Bill disse, "Lembra quando você me disse para ligar para o chefe O'Neill sobre esses dois abusadores domésticos? Enquanto eu o tinha no telefone, ele me contou como sua equipe investigativa estava progredindo. Eles estão fazendo um bom trabalho. Ele me disse que estudaram as fitas de segurança do interior desta casa."

Riley gaguejou, "Mas... mas o sistema de segurança aqui foi hackeado quando Harter foi morto. Não haveria nenhum registro de vídeo"

"Não para o assassinato de Harter, não" Disse Bill. "Mas as fitas mostram que Tisha Harter estava definitivamente aqui em casa quando os outros dois assassinatos ocorreram. Ela não poderia ter matado aqueles homens, Riley."

Riley emudeceu.

Que tipo de erro eu acabei de cometer?

Tisha estava olhando para ela agora.

Ela disse, "Você é louca, Agente Paige. Sabe disso?"

Riley percebeu que não tinha escolha a não ser tirar as algemas da mulher. Prendê-la agora seria apenas um desperdício de tempo valioso.

Ao fazê-lo, ela disse, "Eu sei que você mentiu para mim sobre o LifeGrasp. Isso foi você sendo louca, não eu."

"Então, e se eu tivesse mentido?" Tisha disse.

"Então o quê?" Riley estalou. Mas então se sentiu amolecendo. Aquele não fora o primeiro ou último erro que essa jovem cometeria, e certamente não era o maior deles. Não valia a pena levá-la.

Riley disse, cansada, "É um crime, Tisha. O que você estava pensando, mentindo para um agente do FBI? Porque você fez isso?"

Tisha encolheu os ombros e disse, "Eu estava envergonhada, OK? Eu estava me sentindo fraca e desamparada quando fui lá. E não gosto de me sentir assim. Eu gosto de pensar que posso lidar com qualquer coisa, não importa o quão más as coisas sejam. Eu não queria admitir que tinha ido lá. Especialmente não para uma mulher durona como você."

Riley se sentiu completamente mortificada naquele momento. Ela não tinha dúvidas de que Tisha estava dizendo a verdade - pelo menos sobre isso. E pelo que Bill acabara de dizer, Tisha obviamente não era a assassina.

Quando foi libertada das algemas, Tisha esfregou os pulsos.

"Eu podia processá-la pelo que você acabou de fazer" Disse ela.

Riley reprimiu um grunhido de aborrecimento.

Ela queria dizer...

Vá em frente e tente.

Ela sabia que tinha Tisha na mão por ter mentido para um agente do FBI, pelo menos. Tisha não poderia criar um caso contra ela por tentar uma prisão falsa.

Mas agora que ela sabia a verdade, as perguntas começaram a se amontoar na mente de Riley.

Tentando se acalmar, Riley disse, "Tisha, você pode ter informações importantes. Alguém no grupo LifeGrasp se destacou? Alguém especialmente zangado? Alguém que tivesse interesse especial em sua situação?"

Tisha retrucou, "Se você acha que eu tenho mais alguma coisa para dizer a você, ainda é mais louca do que eu já pensava."

Tisha se virou e foi embora. Riley deu alguns passos para segui-la, mas a voz de Bill a impediu.

"Não adianta, Riley. Você não vai receber nenhuma resposta dela, pelo menos não agora. Vamos. Vamos voltar para Atlanta."

Sentindo-se completamente derrotada, Riley seguiu Jared e Bill para fora da casa.

Acabei de estragar tudo, Pensou. Fiz merda.

Enquanto isso, ela sabia que eles estavam perdendo um tempo valioso.

Havia um serial killer à solta que poderia já ter atingido outra vítima.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Durante a curta viagem de Monarch para Atlanta, Riley debatia-se com desespero e vergonha.

Ela imaginou...

Quando vou fazer algo certo nesse caso?

Bill estava dirigindo, informando-a com o que ele e Jared tinham feito desde a última vez que haviam conversado. Ele disse que o resto de sua pequena missão secreta fora improdutivo. Tinham percorrido vários campos na área, questionando as pessoas praticamente aleatoriamente. Mas não tinham conseguido nada melhor do que as pesquisas de computador mais organizadas que o FBI vinha fazendo. Ninguém havia encontrado nenhuma conexão entre as vítimas que apontasse para um assassino.

Na verdade, não receberam nenhuma informação útil.

Riley, em seguida, compartilhou mais detalhes sobre o uso que fizera da informação que Bill havia passado para ela - que muitas esposas locais participaram de sessões de grupo no LifeGrasp. Essa pequena vantagem só resultou em sua tentativa desastrosa de prender Tisha Harter.

Quando terminou, Jared quis entrar na conversa.

Ele perguntou, "Ainda não é possível que uma ou mais viúvas sejam culpadas? Ou até todas elas? Talvez tenham se encontrado no LifeGrasp e tenham acabado conspirando juntas, concordando em matar seus maridos exatamente da mesma maneira, para que os assassinatos parecessem o trabalho de um único assassino."

Jared mal parou para respirar antes de tomar outro rumo.

"Ou talvez eles até tenham trocado assassinatos. Você sabe, como naquele filme de Hitchcock, *O Desconhecido do Norte-Expresso*".

Isso soou improvável para Riley, mas não o descartou.

Mas Bill derrubou essa teoria.

"As mulheres parecem ter ido todas a clínicas LifeGrasp diferentes" Disse ele. "Não temos motivos para pensar que elas se conheceram."

Riley acrescentou, "Além disso, estou certa de que nem Morgan nem Charlotte têm o tipo de conhecimento em informática necessário para hackear sistemas de segurança. E meus instintos me dizem que nenhuma delas tem o perfil de uma assassina."

Jared soltou uma gargalhada.

"Seus instintos, huh? Seus instintos estavam funcionando bem quando

você algemou Tisha Harter?”

Riley sentiu-se picada e zangada.

Ela disse, "É melhor você ter cuidado com o que diz, Jared".

Jared parecia completamente indiferente ao comentário dela.

Ele disse, “Ou talvez as mulheres sofressem uma lavagem cerebral para matar com essa coisa New Age do LifeGrasp. Você sabe, como em *O Candidato da Verdade*...”

Enquanto Jared discorria sobre os efeitos hipnotizantes do incenso e da música monótona, suas ideias saíram dos trilhos da plausibilidade. Riley e Bill ficaram aliviados quando o deixaram em sua casa e seguiram para o hotel. Cada um foi para seus quartos para se refrescar antes de se reunirem para o jantar.

Enquanto estava sozinha em seu quarto, Riley aproveitou a oportunidade para ligar para Van Roff novamente. Ela queria que o nerd dos computadores invadissem os registros comerciais do LifeGrasp. É claro que ele disse que ficaria feliz em fazer isso.

Ela então pediu a ele para verificar os pagamentos com cartão de crédito para ver se poderia localizar qualquer cliente que pudesse ter ido a mais de uma das clínicas LifeGrasp. Roff não encontrou nada, o que não surpreendeu Riley. Afinal, Eleanor Oberlander havia dito que muitas clientes pagavam em dinheiro. Se o assassino realmente tivesse sido uma cliente do LifeGrasp, ela nunca deixaria um rastro de cartão de crédito que os levasse a ele.

Riley agradeceu a Roff e terminou a ligação.

Sentou-se na beira da cama imaginando...

Há mais alguma coisa que eu possa fazer agora?

O dia tinha corrido tão mal. Havia algo que pudesse fazer para ter alguma esperança de resolver aquele caso?

Seu celular tocou e ela viu que a ligação era de casa.

Atendeu e ouviu a voz chorosa de Jilly.

"Mãe, a April vai fazer algo horrível! Você precisa fazer com que ela pare!"

Riley reprimiu um suspiro. A última coisa com que queria lidar naquele momento era uma briga de irmãs.

"O que há de errado?" Riley perguntou, tentando parecer paciente. "O que April fez?"

“Ela quer um gatinho! Eu continuo dizendo a ela que não podemos, mas ela não ouve.”

De repente, a cabeça de Riley doeu.

Quase perguntou, "Por que April não consegue um gatinho?"

Mas se conteve.

Até aquele momento, ninguém falara com ela sobre um gatinho. E certamente não tinha tempo para pensar na possibilidade. Se não fosse cuidadosa, poderia concordar com algo de que se iria arrepender mais tarde.

Riley gemeu e disse, "Sua irmã está aí?"

"Sim, eu vou chamá-la."

Ela ouviu Jilly se afastando, depois o som das duas garotas falando asperamente uma com a outra.

Finalmente, April foi ao telefone.

Riley perguntou, "April, o que está acontecendo com você e sua irmã?"

"Oh, mamãe, Jilly é louca e egoísta."

"O que é isso que ela disse sobre você querer um gatinho?"

April parecia estar à beira das lágrimas.

"Minha amiga Addie tem um gato que acabou de ter uma ninhada. Addie deu todos os gatinhos, exceto um. Se eu não aceitar, a mãe de Addie vai levá-lo ao lago. E você sabe o que pode acontecer! Eles vão matar o pobrezinho!"

A dor de cabeça de Riley estava piorando a cada segundo que passava.

Ela disse, "April, eu realmente preciso que vocês as duas..."

April interrompeu, "Mãe, se você pudesse ver esse gatinho, é tão fofo e adorável! Ela é preta e branca e fofa, e ronrona tanto quando você a acaricia! Ela quebra meu coração! Olha, vou te enviar uma foto."

"Não" Riley respondeu apressadamente. "Apenas me dê um minuto."

Riley ficou em silêncio, tentando pensar sobre essa nova crise.

Finalmente decidiu que tinha que fazer a pergunta óbvia...

"April, por que Jilly acha que você não deve ter um gatinho?"

"Por causa do novo cachorrinho! Jilly tem essa ideia idiota de que você não pode ter um cachorro e um gato na mesma casa. Ela diz que eles nunca se darão bem. Mas realmente, eu só acho que ela não quer que eu tenha um animal de estimação. Ela quer que Darby seja o único animal de estimação da casa. Ela está apenas sendo egoísta."

Riley estava começando a sentir-se zangada com as duas garotas agora.

Ela disse, "April, você tem sido tão responsável e madura ultimamente. Você não consegue descobrir uma maneira de lidar com isso sozinha? Ou espera até eu voltar?"

"Não pode esperar, mãe. É hoje ou nunca. Eles levarão o gatinho até ao lago amanhã."

Riley tentou perceber o que estava ouvindo.

Por que isso parece tão difícil? Interrogou-se.

Claro, ela sabia que ter outro animal de estimação era uma grande decisão.

E aquele não era definitivamente o melhor momento.

Riley soltou um longo suspiro. "Chame Jilly de volta ao telefone."

"Mas mãe..."

"Apenas faça isso, ok?"

Jilly ainda chorava quando voltou ao telefone.

Riley disse, "Jilly, de onde você tirou a idéia de que gatos e cães nunca se dão bem?"

"Eu não sei. Todo mundo diz isso."

"Bem, isso não é verdade - pelo menos não o tempo todo. Às vezes, se eles começam a viver juntos como cachorros e gatinhos, crescem e se tornam melhores amigos. Isso não é legal?"

Riley ouviu Jilly engolir um soluço.

"Acho que sim" Disse ela.

Talvez esteja conseguindo alguma coisa, Pensou Riley.

"Jilly, você ficou muito, muito feliz em receber Darby de volta, não foi?"

"Sim."

"April ficou chateada quando você chegou em casa com Darby?"

"Não. Ela também estava feliz."

Riley respirou fundo. "Bem, seria tão difícil para você ficar feliz por April ter um gatinho? Isso não parece justo?"

Um silêncio caiu. Riley susteve a respiração e esperou.

Será que Jilly ia ter um ataque típico de adolescente sobre isso, acusar Riley de sempre tomar o lado de April?

Finalmente, Jilly disse, "Eu acho que é justo".

Riley deu um suspiro de alívio.

"OK então. Quero que você diga a April que está muito feliz por ela ter um gatinho. Você pode fazer isso por mim?"

"Claro", disse Jilly.

"E diga a ela que eu amo vocês duas e sinto a vossa falta."

"Eu farei isso. Também te amo mãe."

A ligação terminou e Riley se sentou na beira da cama tentando perceber o que tinha acabado de acontecer.

Ela compreendeu...

Eu acabei de dizer às garotas que podiam ter um gato.

Como isso acontecera, ela realmente não sabia.

Riley foi ao banheiro para se preparar para encontrar Bill para o jantar.

*

Enquanto Bill estava em seu quarto sozinho, usou seu celular para encontrar um restaurante local. Ele estava preocupado com Riley desde o episódio com Tisha Harter. Ela parecia mais chateada do que o costume perante um contratempo. Bill percebeu que os dois mereciam o conforto de um jantar melhor do que a média.

Bill levou Riley até uma pequena e agradável steakhouse que encontrou online. Pediram bifes e vinho tinto, e conversaram sobre o caso. Quando a comida chegou, Bill teve que concordar com Riley que estavam realmente em um impasse.

Riley disse, "Eu não posso acreditar que fui tão estúpida, tentando prender Tisha Harter assim".

"Pare de se culpar, Riley" Disse Bill. "Pelo menos sabemos agora que havia alguma conexão entre as três viúvas. Pode ainda significar alguma coisa. Talvez o assassino seja realmente uma mulher."

Riley apenas soltou um grunhido de desânimo.

Bill se atrapalhou tentando pensar em algo encorajador para dizer.

"Talvez as mulheres tenham contratado um assassino" Disse ele.

"Aqueles assassinatos não foram profissionais e você sabe disso."

Bill não respondeu. A verdade era que ele sabia que Riley estava perfeitamente certa.

Ele nunca lidara com uma assassina tão violenta e nunca tinha ouvido falar de um assassino contratado que matasse daquela forma.

Ele e Riley conversaram sobre mais idéias ao jantar, depois desistiram completamente. No momento em que terminaram de comer, Riley quis ir até o bar do restaurante.

Bill começou a se preocupar. Riley já tinha bebido algumas taças de vinho e ele sabia que ela poderia exagerar de vez em quando. Mas não queria fazê-la se sentir pior falando nisso.

No bar, ambos pediram bourbon. Beberam em silêncio por alguns momentos até que Bill disse, "Sabe, é realmente minha culpa. Eu não deveria ter dado grande importância aqueles caras reclamando de suas esposas. Eu deveria saber que aquilo não queria dizer nada."

Riley abanou a cabeça e suspirou.

"Não, eu não entrei no jogo desde o começo" Disse ela. "Continuo tendo sensações que nos levam a lugar nenhum. Primeiro suspeitei do arquiteto, Harrison Lund. Agora cometi esse erro estúpido com Tisha Harter. E por alguns instantes na sede da LifeGrasp, eu quase acreditei que Eleanora Oberlander era a assassina. Como poderia estar tão consistentemente errada?"

Quando Riley pediu ao empregado outro bourbon, Bill disse, "Mas Riley, você não estava realmente errada sobre qualquer uma dessas coisas. Seu instinto estava certo sobre Harrison Lund. O FBI já está investigando ele por assassinato, mesmo que não seja o nosso assassino. E você tinha bons motivos para suspeitar da mulher Oberlander - ela é uma terapeuta falsa que está administrando um negócio não certificado. E Tisha Harter realmente mentiu para você. Você não estava errada sobre isso também."

Riley estava olhando amargamente para o vazio.

"Estou perdendo minhas capacidades, Bill. Meus instintos estão todos dispersos. Não consigo mais me concentrar Estou me esgotando."

Bill se mexeu desconfortavelmente em seu banco.

Ele disse, "Riley, não há um agente na UAC que não se sinta assim de vez em quando. Você já se sentiu assim antes e não me diga que não. Eu também já passei por isso, então eu sei."

Começou a aperceber-se de algo...

Eu estou me sentindo do mesmo jeito agora.

Bill sempre dependera tanto dos instintos de Riley que se esquecera de ouvir os seus próprios...

Ou talvez os instintos que já tive sejam rasos.

Ele respirou longa e lentamente.

A última coisa que Riley precisava agora era que ele concordasse com suas próprias preocupações.

Em vez disso, disse, "Isso passa. Isso sempre acontece. Você sabe disso."

Riley engoliu o resto de seu uísque e pediu outro.

É melhor certificar-me de que é o último que bebe, Bill decidiu.

Riley tomou sua nova bebida. "Sim, eu acho que você está certo, Bill. Sabe, às vezes acho que dúvidas e desespero fazem parte do processo. Eles acontecem em todos os casos, depois vão embora. Por que você acha que isso acontece?"

Bill encolheu os ombros novamente.

"Talvez seja assim que nos mantemos competentes. Isso nos impede de

ficar excessivamente confiantes. Isso nos faz trabalhar mais duro”.

Riley riu um pouco.

"Bem, é algo que eu dispensava" Disse ela.

Bill riu também.

"Com certeza que sim" Ele concordou.

Ambos ficaram em silêncio por alguns momentos.

Então Riley disse, "Você sabe, talvez eu tenha resolvido um problema há pouco..."

Começou a contar a Bill sobre como lidara com a discussão entre suas duas filhas sobre um gatinho e se a família poderia ter um gatinho junto com um filhote de cachorro.

Quando terminou, Bill riu novamente.

"Você é uma ótima mãe, Riley."

"Eu não sei" Disse Riley. "A verdade é que eu acho que talvez me tenham passado a perna."

"O que você quer dizer?"

"Você sabe. Enganada. Vigarizada. Se tivesse sido April a ligar para perguntar se poderia ter um gatinho, eu provavelmente teria dito não, e isso seria o fim. Mas as duas choramingando assim realmente me colocaram sob pressão. Talvez tenham planejado a coisa toda. Talvez me tenham pregado uma partida."

Bill riu mais.

"Bem, ou você está apenas sendo paranóica, ou suas meninas estão se dando muito bem juntas. Você deveria ficar feliz com isso. E há algo tão ruim em ter um gatinho?"

"Não, eu gosto de gatos."

Bill de repente sentiu uma onda de melancolia.

"Riley, quem me dera ainda ter problemas assim."

Riley olhou para ele com intensa simpatia. Ela estendeu a mão e pegou a mão dele.

"Sinto muito, Bill. Eu continuo esquecendo. Não deveria falar sobre família assim."

Bill disse, "Eu quero que você fale sobre isso. Eu quero saber sobre o que está acontecendo em sua vida."

Quando ele apertou a mão dela, sentiu novamente uma atração familiar. Estava sempre lá, no fundo, e surgia de vez em quando.

E ele tinha absoluta certeza de que ela se sentia da mesma maneira.

É melhor ter cuidado, Disse a si mesmo.

Com esforço considerável, soltou a mão dela.

Riley estava enrolando as palavras um pouco.

"É só que... Bill, estou tão confortável com você. É tão fácil conversar com você. É tão fácil rir com você. Você faz tudo parecer bem. E eu posso te dizer absolutamente qualquer coisa."

Bill sentiu-se tenso. Ele sabia que era melhor não dizer que ele sentia exatamente o mesmo que ela.

Ele disse, "Tenho a certeza que é o mesmo com Blaine".

Riley parecia quase surpresa com a menção do nome de Blaine. Então ela franziu a testa.

Bill esperava que ela não dissesse que não era o mesmo com Blaine.

Se ela o dissesse, ele não saberia o que fazer ou dizer.

Mas Riley ficou em silêncio e ele finalmente disse, "Eu acho que devemos ir descansar."

Riley assentiu. Bill a ajudou a sair do banco e saíram em direção ao carro. Quando voltaram para o hotel, ele a acompanhou até a porta do quarto. Ela pegou a mão dele novamente e olhou em seus olhos.

Riley disse, "Bill..."

Ao devolver o seu olhar, Bill relembrou um terrível incidente que ocorrera no ano passado.

Riley tinha telefonado para ele em um estado de desespero bêbado e ele ainda podia ouvir suas palavras como se fosse ontem...

"Eu penso em você, Bill. E não apenas no trabalho. Você não pensa em mim também?"

Riley queria começar um caso enquanto Bill ainda estava lutando para manter seu casamento e família.

Esse telefonema quase arruinou seu relacionamento com Riley - tanto profissionalmente quanto como amigo.

Não podemos ir por essa estrada novamente, Ele pensou.

Bill soltou a mão dela e deu um tapinha no seu ombro.

"Vamos apenas dormir um pouco, ok?" Ele disse.

Riley acenou com a cabeça novamente, pegou a chave e entrou em seu quarto.

Depois que a porta se fechou, Bill se dirigiu para seu próprio quarto.

Esse caso está realmente afetando Riley, Percebeu.

Tentou se livrar de sua preocupação enquanto entrava em seu quarto.

Lembrou a si mesmo...

Existem coisas que eu simplesmente não consigo resolver.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Riley estava sentada de pernas cruzadas em uma esteira de yoga em um piso de madeira em uma sala muito grande.

Ela estava em um círculo de talvez vinte mulheres que estavam sentadas da mesma maneira.

Ou são mulheres reais? Riley se perguntou.

Todas pareciam estar absolutamente imóveis. Riley viu que nenhuma delas parecia estar respirando. Pareciam mais manequins do que pessoas reais.

De repente, o ar foi perfurado por um grito de desespero.

Riley se virou e viu que a mulher sentada ao lado dela tinha ganhado vida e chorava.

"Ele é um monstro" Disse ela. "Meu marido é um monstro."

Ela continuou soluçando e a mesma coisa aconteceu com a mulher sentada no outro lado de Riley...

"Ele é um monstro" Ela lamentou. "Meu marido é um monstro."

Em questão de segundos, tristeza e angústia tomaram conta do círculo de mulheres.

Elas estavam todas chorando, não em uníssono, mas em uma cacofonia caótica...

"Ele é um monstro. Meu marido é um monstro."

Os olhos de Riley rapidamente pousaram sobre uma mulher que não estava chorando.

Ela estava sentada diretamente em frente a ela, mas Riley não podia vê-la claramente. De todas as mulheres, só ela parecia estar na sombra.

Mas uma leve luz revelou que os lábios da mulher estavam se movendo.

Ela estava dizendo alguma coisa, mas Riley não podia ouvir no meio de todo o choro.

Uma a uma, as mulheres do círculo pareceram dar conta da mulher nas sombras.

Uma por uma, as outras ficaram em silêncio.

Todas olhavam para a mulher nas sombras.

Todos ouviram.

"Está tudo bem" Ela sussurrou. "Eu posso resolver isso..."

Pouco a pouco, as palavras que ela dizia ficaram mais claras...

"Eu posso tornar tudo melhor... Apenas confiem em mim... Apenas esperem... Vocês verão... Tudo ficará melhor..."

*Agora as mulheres estavam todas ouvindo-a em um silêncio extasiado.
Elas pareciam estar se consolando com essas palavras.
E, de fato, a voz era suave e gentil.
Mas Riley estremeceu ao som daquela voz. Ela ouviu algo que nenhuma
das outras mulheres podia ouvir.
Era ódio - insano, ódio assassino e fúria.
Ela queria alertar as outras para não confiar na mulher...
Eu tenho que fazê-las entender.
Riley abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu.*

*

Os olhos de Riley se abriram.
Onde estou?
Olhou em volta e viu que estava deitada na cama em um quarto de hotel.
A maioria das roupas que usara na noite anterior estavam espalhadas no
chão. Dormira com roupa interior.
Tentou lembrar-se. Ela sabia que tinha bebido muito na noite passada.
Recordava-se de sentir aquela velha atração por Bill.
Eles tinham...?
Não. Lembrou-se de que Bill a levava de volta a seu quarto, mas a deixara
lá.
Riley sentiu uma onda de gratidão por ele ter lidado com as coisas tão
bem. Ela tinha certeza de que não seria capaz de lidar com as terríveis
complicações de um caso com seu melhor amigo e seu relacionamento em
desenvolvimento com Blaine.
*Por que, Ela se perguntou, eu não posso ter apenas um relacionamento
feliz?*
Seria porque era tão boa em seu trabalho?
Mas agora ela não estava fazendo um grande trabalho. Receava que este
assassino ainda não tivesse acabado.
Sentou-se na cama. A luz do sol espiava através da fenda entre as cortinas
fechadas.
Teve que se levantar. Todo mundo estaria esperando que ela lhes dissesse o
que fariam em seguida. Mas ela não sabia o que fazer em seguida.
Não podiam simplesmente esperar por outra morte.
Antes que Riley pudesse acordar completamente, sons e imagens

começaram a atravessar a sua mente. Ela se lembrava de mulheres chorando. Ela se lembrou de alguém dizendo, "Eu posso resolver isso..."

Riley percebeu que tivera um pesadelo. E como muitos de seus pesadelos, tinha um significado.

Estremeceu. Mas se forçou a lembrá-lo.

Havia um círculo de mulheres sentadas em esteiras de yoga...

Uma mulher estava falando...

Foi isso!

Ela tinha que deixar de lado sua dúvida.

Tinha que confiar em seus instintos...

O assassino é realmente uma mulher.

Vai às reuniões do LifeGrasp.

E de alguma forma, LifeGrasp era a chave para encontrar e parar o assassino.

Riley saiu da cama e foi para o banheiro. Precisava de um banho rápido, de se vestir e ligar para Bill.

Ela sabia o que ia fazer hoje.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Riley teve uma forte sensação de déjà vu. Ela estava sentada de pernas cruzadas no tapete de yoga com os olhos fechados, exatamente como em seu sonho na noite anterior. Desta vez, foi tudo muito real.

Aquele era o terceiro encontro em que participava naquele dia. Suas narinas se sentiam positivamente saturadas pelo cheiro de incenso e tinha a certeza de que nunca esqueceria aquela música monótona New Age.

Deu por si se lembrando de algo que Jared tinha dito no dia anterior...

"Talvez as mulheres tenham sofrido uma lavagem cerebral para matar com essa coisa New Age do LifeGrasp."

Riley se perguntava se aquela teoria seria assim tão ridícula. Ela sabia que alguns tipos de meditação poderiam ser úteis para os agentes, especialmente para aliviar o estresse. Ela usou uma forma de meditação para entrar em contato com suas próprias idéias. Mas este programa era muito floreado para funcionar com ela. As direções elaboradas, a música persistente e os cheiros pungentes estavam se tornando uma distração e não uma ajuda.

Ela deveria estar visualizando a si mesma em seu próprio refúgio ou santuário de sonhos - sentada ao lado de uma correnteza ou caminhando por uma praia enevoada, ou isolada na segurança de uma caverna iluminada pela luz do fogo...

Ou algum lugar assim.

Em vez disso, continuou tentando visualizar um serial killer. Sua mente estava focada no caso e nada mais.

Então, reconheceu para si mesma, o problema com tudo isso posso ser apenas eu.

Ela esperava que assistir a essas reuniões não seria perda de tempo.

Mas estava começando a ter suas dúvidas.

Depois do pesadelo da noite anterior, tinha a certeza de que o assassino deveria ser um visitante frequente nessas reuniões. Quando conversou com Bill sobre isso no café da manhã, ele apontou que as mulheres cujos maridos tinham sido mortos tinham ido a três dos quatro centros da LifeGrasp.

Isso deixou um centro do LifeGrasp inexplorado - aquele localizado em Marshfield, um rico subúrbio de Atlanta.

Riley e Bill concordaram que o assassino certamente deveria ir à clínica de Marshfield em seguida, procurando sinais de que o marido de uma mulher merecia morrer.

Bill aprovara o plano de Riley de se disfarçar para todas as reuniões daquele dia em Marshfield. Agora, Bill e Jared estavam estacionados a uma curta distância na rua, não muito pacientemente esperando que Riley saísse e lhes contasse o que havia encontrado.

Se eu descobrir alguma coisa.

As duas primeiras reuniões tinham sido um fracasso.

Algumas das mulheres presentes se queixaram de casamentos infelizes, mas nenhuma indicou o tipo de abuso físico ou emocional que poderia atrair o assassino. Algumas estavam a lidar com questões sérias, como doenças fatais. Algumas estavam lidando com problemas sérios, como opiáceos ou alcoolismo ou transtornos alimentares. Mas a maioria dessas mulheres parecia estar lutando com sentimentos gerais de mal-estar e enfado.

Como Eleanora Oberlander havia explicado a Riley, todas as mulheres haviam adotado nomes de mitos e lendas. A própria Riley escolheu o nome Penélope simplesmente porque foi o primeiro nome mítico de que se lembrou.

Riley ainda não tinha nada a dizer nas reuniões e esperava não precisar. Preferiu ficar o mais discreta possível para que pudesse se concentrar no que as outras mulheres relatavam. Se fosse obrigada a falar, poderia compartilhar alguns de seus próprios problemas da vida real - uma adoção confusa, um divórcio de um marido infiel e a tarefa aparentemente sem esperança de fazer malabarismo entre trabalho e família.

A solução one-size-fits-all do LifeGrasp era adequada a todas as situações. Essa solução era um longo processo de auto-compreensão e transformação interior.

Riley, claro, era cética - especialmente sabendo que a CEO e fundadora da LifeGrasp não era uma terapeuta certificado.

Mas não podia negar que a maioria das mulheres estava a beneficiar da experiência do LifeGrasp...

Ou pelo menos acham que estão beneficiando disso.

Algumas das que falaram foram eloquentes sobre suas vitórias. E talvez isso fosse tudo o que importava.

Talvez para algumas delas o LifeGrasp realmente tenha sido tudo o que anunciava ser.

É bom que seja, Pensou ela.

Ela mesma pagou por cada uma das sessões em dinheiro e eram muito caras. Riley não podia imaginar gastar tanto dinheiro em algo assim regularmente. Estava feliz por ser reembolsada pelo FBI.

Por fim, a terapeuta encarregada dessa reunião, que se chamava Minerva, falou ao grupo com voz suave, persuadindo as mulheres a sair de seus santuários visualizados e voltando à realidade da grande sala de reuniões.

Como todo mundo, Riley abriu os olhos perante a ordem final de Minerva.

Então ela se sentou olhando ao redor da sala. Escurecia lá fora, por isso a sala estava iluminada por velas.

Como nas reuniões anteriores, Riley se sentiu um pouco desorientada.

Houvera algumas mudanças desde que ela fechara os olhos.

Ainda havia cerca de trinta mulheres sentadas no círculo. Mas algumas já tinham partido, enquanto outras acabavam de chegar. As reuniões do LifeGrasp pareciam ser um algo permeáveis. As mulheres iam e vinham sempre que queriam.

Minerva disse...

"Agora quem gostaria de compartilhar primeiro?"

Uma mulher do lado oposto do círculo de Riley levantou a mão. Ela se chamava Demeter. Começou a falar sobre seus sentimentos de abandono por seus filhos crescidos.

Riley conteve um suspiro...

Ainda sem sorte.

Quando Deméter terminou de falar, a líder encorajou o resto do grupo a opinar. As mulheres ronronavam gentilmente pensamentos e desejos, assegurando a Demeter que ela era forte e auto-suficiente. Dali a pouco Demeter estava chorando - lágrimas de felicidade, Riley tinha certeza.

Então uma mulher latina que se chamava Mayahuel começou a falar sobre seus sentimentos de culpa por ter se casado em prosperidade, enquanto outros em sua família permaneciam pobres e lutando pela sobrevivência. Ela tentou ajudá-los como podia, disse, mas nunca parecia o suficiente.

A pedido de Minerva, as mulheres asseguraram a Mayahuel que ela era uma bela alma que merecia plenamente sua boa sorte e que não tinha nada com que se sentir culpada.

Outra mulher falou sobre como desistira de seu sonho de se tornar uma pianista de concerto e ainda outra sobre como ela e seu marido eram incapazes de ter filhos, e...

Isso é inútil, Pensou Riley.

Ela estava prestes a se levantar e sair da reunião quando uma mulher que se chamava Hecate estendeu o braço e mostrou um longo arranhão no pulso.

"Isso aconteceu esta manhã" Disse ela, sua voz tremendo de emoção.

“Harlan fez isso comigo. Ele está ficando cada vez pior. Ele me machuca e me queima e me corta e faz todo tipo de coisas terríveis. Ah, ele sempre pede desculpas depois, mas tenho certeza de que não faz ideia... o quanto me machuca profundamente”.

Riley ouviu com grande interesse.

Talvez seja isso que eu estava esperando, Pensou.

A voz de Hecate começou a ficar mais estridente e desesperada.

"Eu não sei... se eu deveria dizer isso..."

Minerva disse gentilmente...

“Você pode falar conosco sobre qualquer coisa, Hecate. Você sabe disso.”

Tremendo muito, Hecate disse, "Estou com muita raiva. Eu quero fazer algo terrível. Eu acho que quero..."

Ela sufocou um soluço enquanto o resto do grupo esperava que ela continuasse.

"Se ele fizer algo assim novamente, eu vou matá-lo. Eu não vou conseguir evitar. Alguns homens ricos foram assassinados ultimamente. Eles provavelmente eram cruéis com suas esposas, assim como Harlan é para mim. Suas esposas provavelmente fizeram isso. Eu não as culpo. Na verdade, eu..."

A mulher ficou em silêncio, demasiado destruída para continuar.

Então Riley ouviu uma voz próxima.

“Ah, Hecate, sei que isso é difícil e você se sente impotente. Mas você não ficará presa nessa dor para sempre. Na verdade, essa agonia não vai durar muito mais tempo. As coisas vão melhorar muito em breve. Eu prometo. Eu sei.”

Riley olhou e viu que a mulher era a quarta sentada à sua esquerda. Ela devia ter chegado enquanto os olhos de Riley estavam fechados.

Riley a reconheceu imediatamente.

Se chamava Eris e apareceu nas duas reuniões anteriores. Riley tinha ficado com curiosidade suficiente para procurar esse nome e descobrir que Eris era uma deusa grega de luta e discórdia.

Mas além de se apresentar nas outras reuniões, Eris não dissera uma palavra.

Até agora, Pensou Riley.

Eris estava vestida com uma roupa que combinava com o seu cabelo ruivo. Ela tinha um sorriso caloroso que lembrou Riley de Eleanor Oberlander, exceto que Eris parecia muito mais sincera.

Eris continuou a falar palavras de conforto para Hecate, com uma voz quase misteriosa, assegurando-lhe que de alguma forma, como por mágica, seus

problemas logo acabariam e ela não estaria mais presa.

Minerva, a líder do grupo, ficou do lado de fora do círculo sorrindo, aparentemente satisfeita com as palavras de conforto e otimismo de Eris. Quanto à própria Hecate, sua raiva pareceu se dissipar e ela sorriu com lágrimas de alegria.

Então outra mulher falou. Ela se chamava Aura e Riley havia notado anteriormente que o braço dela estava em uma tipóia.

Ela olhou para Eris e disse, “Oh, eu acredito em você, Eris. Você é uma alma tão sábia. Eu sinto que posso acreditar em qualquer coisa que você diga.”

Algumas das outras mulheres murmuraram em concordância. Parecia que Eris não era uma estranha para esse grupo e que muitas das mulheres que ali iam estavam encantadas com ela.

A mulher que se chamava Aura apontou para o braço machucado.

"Eu tenho mentido para as pessoas sobre isso" Disse ela a Eris. “Eu tenho dito que escorreguei e caí. Mas meu marido, Emil, fez isso comigo. Estou com medo de suas fúrias, mas não ousou falar sobre isso com ninguém fora desse grupo. Por favor, me diga, Eris - eu deveria continuar mentindo? O que mais eu posso fazer?"

Eris sorriu para Aura. Quando ela falou, suas palavras tiveram um toque alegre e triunfante.

“Confie em mim, Aura, você não terá que mentir para ninguém por muito mais tempo. Você estará livre de tudo isso muito em breve. Eu prometo.”

Riley sentiu um arrepio de compreensão quando Eris continuou falando palavras de conforto.

Eris é a assassina, Pensou.

Tem que ser.

E a assassina pretendia resolver os problemas dessas duas mulheres - assassinando seus maridos.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Riley mal podia conter durante o resto da reunião. As outras mulheres que falaram se queixaram de questões não violentas, como os desafios da criação dos filhos e seu desespero geral com o estado do mundo.

Eris não demonstrou interesse por aquelas outras mulheres ou por seus problemas. Não disse outra palavra.

Quando a reunião terminou, as mulheres se misturaram em grupos enquanto saíam da casa. Riley tentou chegar perto o suficiente de Eris para falar com ela, mas ela era bastante popular, com um aglomerado de mulheres reunidas em torno dela.

Não que isso importasse...

O que eu lhe diria, afinal?

Que eu sei que ela é uma assassina?

Riley estava longe de provar algo do tipo. Precisava encontrar algo sólido para agir.

Quando Riley saiu, ficou de olho em Eris e nas duas mulheres que Eris tinha consolado, Aura e Hecate. Aura, a mulher com o braço quebrado, dirigiu-se para um BMW onde um motorista a aguardava. Hecate caminhou em direção a um Audi e Eris em direção a um Mercedes.

Riley não queria que as mulheres notassem ela escrevendo nada, então olhou para os três números das placas e fez uma anotação mental de cada uma. Ela treinou sua memória de curto prazo para manter essa informação em sua cabeça, pelo menos por breves intervalos. Então, enquanto se afastava da casa em direção ao local onde Bill e Jared estavam estacionados, pegou o caderno e anotou os números.

Sentou-se no banco atrás de Bill e Jared e apontou para a rua.

"Siga aquele Mercedes" Disse ela. "Eu já explico."

Quando Bill começou a dirigir, Riley ligou para Van Roff em seu celular. Como de costume, o mago técnico parecia satisfeito em ouvir notícias dela.

Riley lhe disse, "Eu preciso que você localize os proprietários de três veículos e depois me diga quem são. Aqui estão suas matrículas..."

Ela leu os números para Roff, depois disse que estava mais interessada em quem fosse o dono da Mercedes.

Quando terminou a ligação, Bill olhou para ela. "Com quem você estava falando?"

Riley lembrou a si mesma que Bill não sabia sobre seu uso clandestino de

Roff como fonte de informação.

Agora não há tempo para contar a ele, Pensou.

Ela simplesmente disse, "Um amigo".

Bill abanou a cabeça e suspirou. Riley sabia que ele detetara imediatamente que ela estava quebrando as regras novamente.

Ele me conhece muito bem, Pensou.

Felizmente, ele também sabia que não devia fazer perguntas intrometidas.

Bill estava habilmente seguindo o Mercedes a uma distância segura. Ele sabia o que estava fazendo. O motorista não perceberia que ela estava sendo seguida.

Enquanto dirigiam, Riley explicou o que estava acontecendo - que ela acreditava ter detetado a assassina e as esposas de duas potenciais vítimas.

"Então, qual é o nome do suspeito - a mulher que estamos seguindo?"

Perguntou Bill.

"Ela se chama Eris. Eu não sei o nome real dela."

Jared disse, "O que você quer dizer com você não sabe o nome verdadeiro dela? O que você sabe sobre ela, afinal? Só que parece suspeita? Você está nos levando para outro beco sem saída?"

Riley resfolegou. Ela estava prestes a dizer a Jared para calar a boca quando viram o Mercedes estacionar na entrada de outra residência elegante - uma pretensiosa mansão pseudo-clássica com colunas brancas. Bill passou pela casa como se continuasse descendo a rua. Então virou uma esquina e estacionou onde podiam ver a casa através de uma cerca de ferro.

Já tinha escurecido completamente e Riley tinha certeza que seu carro não seria notado da casa. A frente do edifício estava bem iluminada e Riley e seus colegas observaram a mulher sair do carro, caminhar entre as colunas brancas e entrar pela porta da frente.

Jared estava reclamando novamente. "Então o que diabos fazemos agora? Apenas nos sentamos aqui esperando que ela faça... bem, o quê, exatamente? Agente Paige, temos algum tipo de plano?"

Riley reprimiu um grunhido de raiva. Mas a verdade era que ela sabia que Jared tinha razão.

Ela não tinha um plano - ainda não.

O que fariam?

O telefone de Riley tocou novamente e ela ficou aliviada ao ver que a ligação era de Roff.

"Eu tenho alguns nomes e informações para você" Disse Roff. "O nome da

mulher do BMW é Victoria Slattery, casada com um advogado de Marshfield chamado Emil Slattery. Parece que ela recebeu tratamento recente por alguns ferimentos misteriosos...”

Riley disse, "Mais recentemente, um braço quebrado, eu aposto."

"Você ganharia essa aposta" Disse Roff. "A mulher do Audi é Nora e o marido dela é um autor de best-seller de que você pode ter ouvido falar - Harlan Ford."

Riley sentiu-se sem fôlego.

O nome era familiar. Ela pensou que poderia ter lido algum de seus livros.

"E a última mulher?" Ela perguntou a Roff.

"Bem, isso é realmente interessante. O nome dela é Adrienne McKinney - um nome que não é totalmente desconhecido para nós na minha área de especialização. Seu marido foi um brilhante engenheiro de software e empresário chamado Knox McKinney."

Riley ficou agitada ao ouvir Roff falar no passado.

"Foi?" Ela perguntou.

"Sim, ele foi assassinado há alguns anos atrás. Causou bastante agitação na comunidade geek. Eu fiquei chocado com isso."

Riley já não conseguia conter a excitação.

"Assassinado? Por quem?"

"Bradley Cruickshank, um empregado descontente que alegou que McKinney havia roubado uma ideia dele. Ele acabou entrando no gabinete de McKinney e atirou nele. Da última vez que ouvi, Cruickshank ainda estava no corredor da morte na prisão de diagnóstico e classificação da Geórgia, no condado de Butts. Adrienne herdou a fortuna de McKinney, naturalmente. Ela não se casou novamente."

Riley ouviu Roff respirar fundo.

Ele disse, "Veja o que acho que você vai achar mais interessante.

Adrienne já foi uma promissora programadora, embora tenha desaparecido sob a sombra do marido depois que se casaram. Ela também tinha a reputação de ter habilidades de hacker."

Riley já não conseguia conter o entusiasmo.

Habilidades de hacker!

Isso significava que Adrienne poderia ter hackeado os sistemas de segurança das vítimas.

"Mas ela não matou o marido?" Riley perguntou.

"Aparentemente não. Não havia dúvida de quem o matou. E não há sinal

de que ela ou qualquer outra pessoa tenha contratado o cara para isso.”

A mente de Riley despertou. O que significou para Adrienne que seu marido tivesse sido morto? Ficara devastada? Ou o assassinato de algum modo a libertara?

Ela se lembrava muito claramente da calma misteriosa da mulher quando disse...

“As coisas vão melhorar. Eu prometo. Eu sei.”

Riley ainda estava certa de que a mulher que se chamava de "Eris" era a assassina, mas não estava mais perto de ser capaz de provar isso.

Riley agradeceu a Roff, que disse, "Há mais alguma coisa que eu possa fazer?"

Riley não conseguia pensar em mais nada, mas não queria deixar de contar com a ajuda do hacker talentoso.

Finalmente disse, "Seja criativo".

Roff soltou uma gargalhada.

"Eu posso fazer isso" Disse ele.

Riley terminou a ligação. Não ficou surpresa por ver Bill e Jared olhando para ela com interesse.

Jared perguntou, "Com quem diabos você continua falando?"

Antes que Riley pudesse dizer qualquer coisa, Bill estalou, “Cala a boca, Jared. Não é da sua conta.”

Mais uma vez, Riley ficou agradecida por Bill entender que quanto menos se falasse sobre isso, melhor.

Jared ficou sentado com a boca aberta.

Então ele perguntou baixinho, "O que fazemos agora?"

Riley disse, “Acabei de saber que Adrienne McKinney tem habilidades de hacker. Isso é motivo suficiente para visitá-la.”

Então apontou para Jared e acrescentou bruscamente, “Mas você vai ficar de boca fechada e deixar Bill e eu conversarmos. Caso contrário, você espera aqui mesmo no carro.”

Jared assentiu, parecendo completamente intimidado.

"Entendi" Disse ele.

Riley e seus colegas saíram do carro e caminharam até a entrada da frente. Quando tocaram a campainha, foram recebidos por uma jovem vestida com um uniforme preto e branco de empregada.

"Em que posso ajudá-los?" A empregada perguntou, parecendo surpresa ao ver os visitantes.

Riley e Bill mostraram seus distintivos e se apresentaram.

Os olhos da empregada se arregalaram.

"Oh, meu Deus!" Ela disse.

Bill disse, "Precisamos conversar com Adrienne McKinney".

A empregada sacudiu a cabeça.

"Sinto muito, mas ... a senhora McKinney não está aqui."

Riley sentiu uma explosão de alarme.

Ela tinha certeza de que tinha visto a mulher sair do carro e entrar em sua própria casa.

Bill disse, "Minha Senhora, é ilegal mentir para agentes do FBI".

"Estou dizendo a verdade" Disse a empregada.

"Então, onde está a Sra. McKinney?" Jared perguntou, desobedecendo a ordem de Riley para manter a boca fechada.

A empregada encolheu os ombros.

"Eu não sei" Disse ela. "Ela acabou de me dizer que estava saindo para dirigir."

Riley retrucou, "Mas o carro dela ainda está na frente da casa."

"Ela pegou sua van, como sempre faz" Disse a empregada. "Ela mantém na garagem nos fundos. Há uma saída para outra rua. Ela gosta de dirigir na van à noite."

Riley perguntou, "Você pode descrever a van? Você sabe o número da matrícula?"

A empregada gaguejou, "Sim, mas... eu não tenho certeza se deveria..."

Bill falou vigorosamente. "Senhora, isso é extremamente urgente. Um assunto do FBI. Para o seu bem e para o da Sra. McKinney, é melhor cooperar."

A empregada descreveu a van rapidamente - um Ford branco comum - e disse o número da placa.

Bill pegou o celular e anotou as informações. Riley sabia que ele estava encaminhando a informação para Quantico. Mas quanto tempo levaria para o FBI mobilizar a polícia local para procurar o carro?

Enquanto Riley estava intrigada sobre o que fazer em seguida, seu celular tocou.

Mais uma vez, viu que a ligação era de Van Roff.

Quando atendeu, Roff disse...

"Eu tenho algo explosivo para você."

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Quando Adrienne entrou suave e silenciosamente pela casa, ela reconheceu uma mudança familiar a sobrevir-lhe.

Ela não se sentia mais como a gentil mulher que se chamava Eris, aquela parte de si mesma que confortava outras mulheres que sofriam nas reuniões da LifeGrasp.

Seus sentimentos de conforto e boa vontade estavam dando lugar a...

Fúria, Percebeu.

Ela sentia a ira começando a inundar seu corpo.

Pensou que se tornava algo diferente quando se sentia assim.

Tinha certeza de que se tornara um daqueles espíritos míticas gregos de vingança chamadas Fúrias - mulheres selvagens e violentas que vingavam os erros terríveis.

Diziam que elas tinham cabelos de cobra, como Medusa, e asas como morcegos.

Ela sabia que a palavra grega para tal criatura era *Erínias*.

É o que eu sou agora, Ela disse a si mesma.

Uma Erínia.

Uma Fúria.

Como uma verdadeira Fúria, ela teve que sublimar sua raiva apenas o suficiente para manter a cabeça limpa. O importante era realizar a tarefa em mãos.

Para fazer isso, tinha que ficar quieta e passar despercebida, então se moveu lentamente pela casa silenciosa.

Embora aquela pobre mulher que se chamava de Hecate não tivesse falado muito até a reunião de hoje, Adrienne notara seus muitos pequenos ferimentos. Ela não tinha dúvidas de quem os infligira.

Adrienne estava se preparando para a tarefa daquela noite há vários dias.

Ela havia hackeado registros municipais para encontrar as plantas da casa, então conhecia bem o interior. E, claro, estava totalmente preparada para invadir o sistema de segurança da casa a partir de sua van.

SafetyLinks! Pensou com desprezo.

Assim como a casa do Harter!

As pessoas não sabiam como esse sistema era fácil de desativar, mesmo à distância?

Ela estava satisfeita com o quão habilmente frustrara o sistema. As portas

tinham sido destrancadas no comando. Ela achou fácil entrar e localizar uma faca apropriada na cozinha bem equipada.

Agora concederia a outra mulher a liberdade que as Fúrias lhe haviam concedido. Aquele jovem que matou o marido não percebeu que estava libertando-a. Ele pensou que estava agindo por seus motivos. Mas tinha certeza de que Bradley Cruickshank tinha sido apenas uma ferramenta das Fúrias, uma Erínia masculina inconsciente que a havia libertado de seu tormento.

Depois que Knox morreu, Adrienne percebeu que tinha para com às Fúrias uma dívida de gratidão. Ela tinha que fazer por outras mulheres o que aquele jovem tinha feito por ela.

Atravessou a sala de estar aberta até as escadas e começou a se mover para cima.

*

Riley agarrou-se à vida vida enquanto Jared dirigia loucamente pelas ruas. Ela podia ver que Bill estava igualmente nervoso sentado no banco do passageiro.

Ele estava agora ao telefone, notificando a polícia local que um crime violento provavelmente estava em andamento.

Jared insistiu em dirigir e por um bom motivo.

Conhecia bem as ruas de Marshfield para encontrar o endereço que procuravam.

E tinham que lá chegar o mais rapidamente possível.

Talvez já seja tarde demais, Pensou Riley.

Ela tentou afastar o pensamento de sua mente...

Não pode ser. Não pode ser tarde demais.

Alguns momentos atrás, Van Roff disse a ela o que ele tinha feito para ser "criativo". Tinha invadido os sistemas de segurança das outras duas casas - não para desativá-las, mas para monitorá-las.

E como previsto, o sistema de segurança em uma das casas estava desativado.

Roff tinha absoluta certeza de que era o trabalho de um hacker habilidoso.

Riley tinha tentado ligar para a casa para avisar seus ocupantes, mas deparou-se com atendedor de chamadas.

Ela brigou com Jared...

"Dirija mais rápido!"

Jared retrucou...

"Você quer chegar lá viva ou o quê?"

Quando se aproximaram do endereço, Riley viu que a casa não era tão grande quanto as outras mansões, mas era impressionante e de bom gosto. Como seria de esperar, uma van Ford branca estava estacionada na rua perto da casa.

Ainda não havia sinal de polícia.

Riley tentou lutar contra sua preocupação, mas não podia deixar de se perguntar...

Os policiais levaram a chamada de Bill a sério?

Ela também sabia que os policiais suburbanos às vezes demoravam a responder a emergências, especialmente à noite. Mas achava que responderiam tratando-se de um bairro de alto nível como esse.

Quando Jared estacionou, Riley disse a ele, "Verifique a van, veja se ela ainda está lá."

Jared disse, "OK, mas o que você vai fazer?"

Enquanto o carro ainda estava em movimento, Riley saltou para fora.

Ela ouviu Bill chamando por ela...

"Riley!"

Mas Riley já estava correndo para a entrada da frente. Empurrou a porta, que abriu facilmente. Ela se viu em um interior moderno, mal iluminado e aberto. Ninguém estava à vista.

Onde devemos procurar? Questionou-se.

Então viu um lance de escadas.

*

Adrienne desceu o amplo corredor do andar de cima até onde ela sabia que dois grandes quartos estavam localizados. As portas estavam em lados opostos do corredor.

Parou por um momento.

Hecate havia mencionado algumas reuniões atrás que ela e o marido estavam dormindo em quartos separados. A Erínia tinha a certeza de que tanto o marido quanto a esposa estavam dormindo em seus quartos...

Mas qual quarto é qual?

Em qual deles ele está?

Ela sorriu, bastante divertida com seu pequeno enigma.

Não era nada para se preocupar, afinal.

Se ela espiasse pela porta errada e encontrasse a mulher dormindo, simplesmente se esgueiraria para o outro quarto.

Pegou a maçaneta da porta à esquerda e suavemente a girou.

*

Harlan Ford não tinha sono profundo, então foi facilmente acordado pelos passos leves se movendo pelo chão do quarto.

Ficou satisfeito com o som.

Nora dorma no quarto do outro lado do corredor, mas...

Deve ter repensado a situação hoje à noite.

Devia ter vindo para se juntar a ele.

Ele estava deitado de lado, de costas para a porta. Quando os passos pararam na beira da cama, ele se virou para cumprimentá-la.

"Nora" Disse ele em uma voz acolhedora e estendendo a mão. "Junte-se a mim."

Mas a silhueta levantara o braço e algo metálico brilhava em sua mão.

Então o braço caiu rapidamente e ele sentiu uma dor aguda.

Ela ficou louca! Pensou ele.

Ela quer me matar!

*

Droga! Adrienne pensou ao aterrissar uma facada desajeitada nos músculos do ombro do homem.

Ela não tinha contado em ter sua presa bem acordada.

Os outros homens estavam dormindo profundamente ou profundamente relaxados quando ela deu os primeiros golpes que os tinham incapacitado e subjugado.

Ela puxou a faca de volta e subiu na cama, preparada para atacar novamente.

"Nora!" Disse o homem. "O que você está fazendo?"

Adrienne lhe disse, "Eu não sou Nora. Eu sou uma Erínia. Eu sou a vingadora de Nora."

O homem estava se contorcendo e lutando descontroladamente agora.

Seus braços se agitaram, interceptando os golpes de faca e, embora soubesse que ele já devia estar sangrando muito, ela estava descontente com a

forma como aquilo se desenrolava.

No entanto, disse a si mesma...

Daqui a pouco ele estará morto.

É isso que importa.

*

Nora acordou com o som de seu próprio nome sendo gritado...

"Nora!"

... seguido por palavras que ela não conseguia entender.

Era o marido dela. Gritando do outro lado do corredor em seu quarto.

Então ela ouviu a voz de uma mulher rugindo de raiva.

O que está acontecendo? Nora se perguntou.

Ela saiu da cama e correu para fora do seu quarto para o corredor. Abriu a porta que levava ao quarto de Harlan e acendeu a luz.

Por um momento teve a certeza de que estava alucinando. Seu marido costumava dizer que ela imaginava as coisas.

Também seu terapeuta.

O que ela via agora estava realmente acontecendo?

Harlan havia caído da cama. Ele estava se contorcendo no chão, sangrando muito.

Uma mulher empunhando uma faca estava debruçada sobre ele como se estivesse pronta para atacar, o rosto selvagem de ódio.

Nora reconheceu aquela cabeleira ruiva.

De repente, soube que era real.

"Eris!" Nora gritou.

A mulher olhou para cima, distraída pela voz de Nora.

Parte do ódio desapareceu de seu rosto e foi substituído por pura confusão.

Então ela apontou a faca para Nora.

"Fique onde está" Adrienne disse. "Eu não sou Eris agora. Estou fazendo isso por você."

O olhar de ódio retornou quando ela levantou a faca novamente.

"Não!" Nora gritou. "Eris, pare!"

A mulher parou e olhou para ela.

Nora sentiu o enorme choque da compreensão.

De repente, ela entendeu algo terrível e comovente.

O abuso que ela achava ter sofrido nas mãos do marido - ele não tinha feito

nada disso.

Ele estava tentando convencê-la da verdade o tempo todo e o Dr. Ridge também.

As contusões, queimaduras, cortes e arranhões...

Eu fiz isso a mim mesma!

E apesar de tudo, apesar de sua própria dor e confusão, Harlan não parou de lhe dar seu amor e apoio.

Essa percepção a deixou com um sentimento de vergonha e tristeza.

Ela começou a chorar e gritou...

“Harlan nunca me machucou. Ele nunca me machucou uma vez desde que o conheci. Ele é a alma mais gentil que eu já conheci.”

Eris ficou perplexa.

Olhou para Harlan e depois novamente para Nora.

"Você ou está mentindo ou é estúpida" Disse ela.

Nora se jogou contra a mulher que conhecia como Eris antes que a faca pudesse descer novamente.

*

Riley ouviu um barulho quando subia as escadas.

Assim que chegou ao corredor, viu a luz de uma porta aberta.

Correu para o quarto e ficou perplexa com o que viu.

Um homem jazia sangrando e quase inconsciente no chão, e duas mulheres lutavam.

Uma mulher usava uma camisa de noite e a outra estava vestida de preto.

Riley reconheceu as duas.

Ela sabia perfeitamente bem quem era a assassina.

Mas nesse emaranhado selvagem de corpos, não se atreveu a usar sua arma.

Em vez disso, correu para a frente e forçou as mulheres a se separarem.

A mulher de preto tinha a faca na mão.

Ela sabe como manejar uma faca, Riley percebeu.

Em uma luta, os movimentos cortantes causariam o maior dano.

Mas Riley sabia como frustrá-la. Ela mergulhou bruscamente contra as pernas da mulher, derrubando-a no chão.

Riley e a mulher rolaram juntas várias vezes até Riley conseguir segurar os braços dela. Riley olhou para cima a tempo de ver Bill agachado sobre o corpo

do homem, tentando impedir que suas feridas sangrassem.

Nora estava chorando, tentando ajudá-lo.

Ofegando, Riley disse para a mulher que estava segurando...

"Adrienne McKinney, você está presa."

Quando Riley leu os direitos a Adrienne e a algemou, finalmente ouviu as sirenes se aproximando.

Já era tempo, Pensou.

Viu Jared entrar na porta. Ele olhou ao redor da sala com os olhos arregalados e a boca aberta.

"Droga" Disse Jared.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Riley se juntou ao riso geral de como o cachorro e o gatinho preto e branco estavam lidando um com o outro.

April disse, "Pelo menos o Marbles não está a assanhar-se contra o Darby hoje."

Jilly acrescentou, "E pelo menos o Darby não está tentando se esconder debaixo da mobília".

Estavam todos nas traseiras da casa de Riley com Blaine e sua filha, Crystal. Bill, que estava tirando uma merecida licença do trabalho, também estava lá. E é claro que Gabriela servira a todos deliciosos petiscos, desta vez bolas de massa frita chamadas *buñuelos*.

Eles estavam todos curtindo os confrontos entre os dois pequenos animais. Embora ainda fosse um cachorrinho, Darby era maior que o gatinho a que April dera o nome de Marbles. No entanto, Darby estava completamente assustado com seu pequeno companheiro de casa - pelo menos até aquele momento.

Agora a situação parecia estar mudando. Darby não estava recuando perante a abordagem de perseguição de Marbles.

Estava marcando seu terreno.

E agora, quando Marbles levantou sua pata para golpear o rosto de Darby, Darby fez algo que não tinha feito antes.

Levantou a própria pata e empurrou-a contra a cabeça de Marbles.

A gatinha caiu para trás.

Todos se riram.

"Muito bem, Darby!" Gritou April com alegria.

E em outro instante, os dois animais brigavam de brincadeira, obviamente desfrutando de suas batalhas simuladas.

Jilly olhou para Riley com um sorriso.

"Uau, você tinha certeza, mamãe!" Ela disse. "Eles são grandes amigos agora!"

Como todo mundo, Riley já havia rido até a exaustão.

Mas quando o riso diminuiu, um sentimento de melancolia começou a se infiltrar.

Ela e Bill haviam voltado da Geórgia no dia anterior e ela não tinha certeza de qual das duas mulheres ela mais gostava - a assassina, Adrienne McKinney, ou a mulher problemática de Harlan Ford, Nora.

A verdade era que Riley quase podia entender a loucura de Adrienne,

especialmente agora que sabia mais sobre sua terrível história. Quando ela era um prodígio de computador jovem e imatura, havia se casado muito apressadamente e percebeu tarde demais que o marido tinha sido atraído por ela por sua juventude e beleza, não por sua mente. Muito pior, o homem era um abusador depravado - por todos os relatos, mais cruel do que Harter, Farrell ou Morse, todos os quais haviam sido assassinados por suas crueldades.

Quando seu marido foi morto por um funcionário descontente, algo na mente de Adrienne finalmente se rompeu. Ela imaginou-se um tipo de flagelo justo contra homens abusivos. Riley se perguntou se esse era um assassino que poderia montar uma defesa de insanidade bem-sucedida. Em qualquer caso, ela nunca mais seria livre.

Nora Ford, por outro lado, não tinha sido vítima de um homem, mas de alguma doença misteriosa que devastou seu cérebro. Uma terapeuta que tratou a mulher depois de sua provação disse a Riley que Nora teve algum tipo de iluminação quando viu a vida de seu marido em perigo. Mas essa iluminação foi apenas o começo terrível de uma longa luta para recuperar sua saúde mental. Será que se recuperaria da culpa de saber que suas próprias ilusões quase mataram o homem que mais a amava e se importava com ela?

Riley suspirou e pensou...

Pelo menos tudo acabou.

Riley não tinha dúvidas de que as três viúvas, Morgan, Charlotte e Tisha, iriam ficar bem. Eram todas jovens e bonitas e tinham muitos recursos agora que seus maridos estavam mortos.

E com certeza não iriam sofrer muito.

As coisas também correram bem para Jared, que se tornou uma espécie de celebridade entre os policiais de Atlanta pelo papel que desempenhara na resolução do caso. Riley teve que admitir que ele fizera um excelente trabalho.

Não que eu vá sentir falta do cara desagradável.

As três garotas estavam agora no chão brincando com o gatinho e o cachorrinho. Bill e Blaine estavam mergulhados em uma conversa amável.

Riley deu um suspiro de alívio por Bill ter gentilmente rejeitado seus avanços naquela noite quando ela se sentiu tão deprimida.

Finalmente Bill olhou para Riley e disse, "É melhor eu ir."

"Você não precisa" Disse Riley.

Bill olhou para Blaine e depois para Riley.

Sorriu como se dissesse...

"Sim, eu tenho mesmo que ir."

Assim que Bill saiu de casa, Riley colocou a cadeira ao lado de Blaine e segurou sua mão.

Blaine disse a ela, "O que você quer para o seu aniversário?"

Riley ficou surpresa. Ela quase se esquecera de que faria quarenta e um em apenas alguns dias.

"Qualquer coisa" Ela disse, "mas sem surpresas."

Blaine parecia um pouco envergonhado. Então ele assentiu silenciosamente para as crianças.

Riley imediatamente percebeu o que ele estava tentando dizer. As crianças e Gabriela estavam planejando uma festa surpresa - e não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-las.

"Oh, não" Disse Riley para Blaine.

"Oh, sim" Disse Blaine.

Riley riu um pouco com seu próprio desconforto.

Tudo está bem, Pensou enquanto observava a cena feliz. Riley sabia que nem sempre gerenciava tudo bem, mas às vezes fazia tudo bem.

Ela se importava e todas essas pessoas sabiam que ela se importava.

Então, por que ela sentiu uma pontada de tristeza?

Riley sabia perfeitamente bem o motivo.

Muitas vezes ela achava que uma felicidade como essa deveria ser terrivelmente frágil em um mundo tão cruel e violento.

Mas então ela se perguntou...

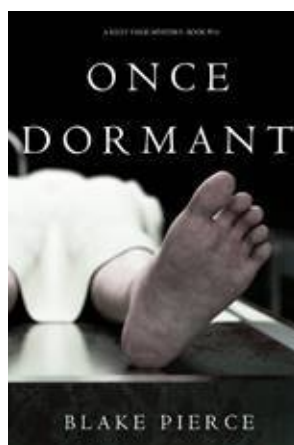
Era mesmo?

Ou era possível que a alegria que ela estava testemunhando agora fosse mais forte do que ela acreditava?

Riley esperava que sim do fundo de seu coração...

Se eu pudesse saber.

JÁ DISPONÍVEL PARA PRÉ-ENCOMENDA!



ADORMECIDO

(Um Mistério de Riley Paige—Livro 14)

“Uma obra-prima de thriller e mistério! O autor fez um trabalho magnífico no desenvolvimento das personagens com um lado psicológico tão bem trabalhado que temos a sensação de estar dentro das suas mentes, sentindo os seus medos e aplaudindo os seus sucessos. A história é muito inteligente e mantém-nos interessados durante todo o livro. Pleno de reviravoltas, este livro obriga-nos a ficar acordados até à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (re Sem Pistas)

ADORMECIDO é o livro #14 da série de mistério de Riley Paige que começou com o bestseller SEM PISTAS (Livro #1) – um livro que pode descarregar gratuitamente com mais de 1000 opiniões de cinco estrelas!

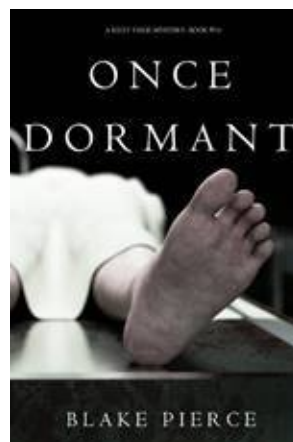
Depois de permanecer inativo durante 10 anos, um esquivo serial killer ataca novamente, deixando poucas pistas – e a única forma de a Agente Especial Riley Paige do FBI o apanhar no presente, é resolvendo os enigmas do passado.

Mulheres estão aparecendo mortas e nesse thriller psicológico negro, Riley Paige percebe que está numa corrida contra o tempo. Os assassinatos do passado eram demasiado complexos para terem sido resolvidos. Será que Riley conseguirá resolver casos não resolvidos passados 10 anos? E ligá-los aos crimes que estão a ocorrer no presente?

Quando Riley vê a sua vida pessoal em risco, jogar ao gato e ao rato com psicopata brilhante pode se revelar demasiado para ela. Especialmente porque há algo de errado com esse caso...

Um thriller pleno de ação com suspense de cortar a respiração, **ADORMECIDO** é o livro #14 de uma nova série alucinante – com uma inesquecível nova personagem – que o obrigará a não largar o livro até o terminar.

O Livro #15 da série de Riley Paige estará disponível em breve.



ADORMECIDO
(Um Mistério de Riley Paige—Livro 14)

JÁ DISPONÍVEL!

UMA NOVA SÉRIE!



ALVOS A ABATER

(Os Primórdios de Riley Paige—Livro 1)

“Uma obra-prima de thriller e mistério! O autor fez um trabalho magnífico no desenvolvimento das personagens com um lado psicológico tão bem trabalhado que temos a sensação de estar dentro das suas mentes, sentindo os seus medos e aplaudindo os seus sucessos. A história é muito inteligente e mantém-nos interessados durante todo o livro. Pleno de reviravoltas, este livro obriga-nos a ficar acordados até à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (re Sem Pistas)

ALVOS A ABATER (Os Primórdios de Riley Paige – Livro Um) é o primeiro livro de uma nova série de thrillers psicológicos escrito pelo autor de sucesso Blake Pierce, cujo best-seller gratuito Sem Pistas (Livro #1) recebeu mais de 1,000 opiniões com cinco estrelas.

Riley Paige, uma especialista em psicologia de 22 anos – e aspirante a agente do FBI – luta pela vida quando os amigos mais próximos do campus são raptados e mortos por um assassino em série. Ela pressente que também é um alvo – e que, para sobreviver, tem que fazer uso da sua mente brilhante para parar o assassino.

Quando o FBI não consegue avançar no caso, ficam impressionados com a aguçada percepção que Riley demonstra para entrar na mente do assassino e permitem que ela os ajude. Contudo, a mente do assassino é um lugar sombrio, perverso, demasiado diabólico para compreender, ameaçando abater Riley emocionalmente. Neste jogo mortífero do gato e do rato, conseguirá Riley sobreviver sem cicatrizes?

Um thriller pleno de ação com suspense de cortar a respiração, **ALVOS A ABATER** é o livro #1 de uma nova série alucinante que o obrigará a não largar o livro até o terminar. Os leitores vão recuar 20 anos até ao início da carreira de Riley – e é o complemento perfeito para a série **SEM PISTAS** (Um Mistério de Riley Paige) que já conta com 13 livros e continua. O Livro #2 da série **OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE** estará disponível em breve.



ALVOS A ABATER
(Os Primórdios de Riley Paige—Livro 1)

Sabia que escrevi vários romances no gênero de mistério? Se ainda não leu todas as minhas séries, clique numa das imagens abaixo para fazer o download do primeiro livro de uma das séries!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho); da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright© 2018 Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto como permitido sob o Copyright Act dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meios, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação sem a autorização prévia do autor. Este ebook está licenciado apenas para seu usufruto pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se gostava de partilhar este ebook com outra pessoa, por favor compre uma cópia para cada recipiente. Se está a ler este livro e não o comprou ou não foi comprado

apenas para seu uso, por favor devolva-o e compre a sua cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação do autor ou usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é uma coincidência. Jacket image Copyright Photographee.eu i, usado sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)